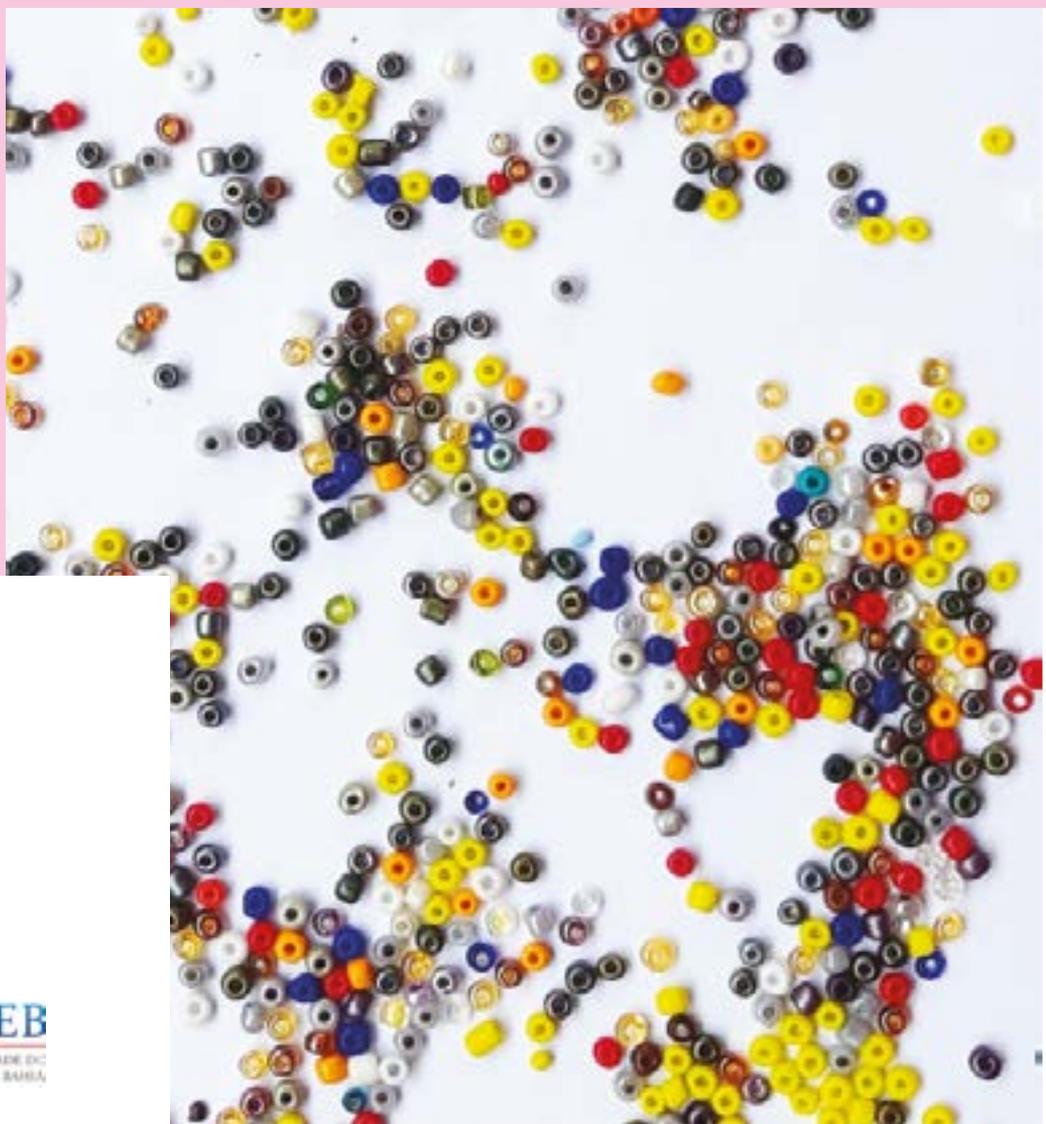


# MISSANGAS

ESTUDOS EM LITERATURA E LINGUÍSTICA



ANO 4  
NÚMERO 7  
JAN - JUN  
2023



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDIÇÃO  
COM TEMA LIVRE

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**

Reitora: Adriana Marmorì

Vice-Reitora: Dayse Lago

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS X**

Diretor: Ariosvaldo Alves Gomes

**Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras: Literatura e Linguística.**

Coordenadora: Crysna Bomjardim da Silva Carmo

**Editor-Chefe**

Prof. Dr. Celso Kallarrari de Souza Silva (UNEB, Campus X)

**Editores**

Prof.ª Dr.ª Ivana Teixeira Figueiredo Gund (UNEB, Campus X)

Prof.ª Dr.ª Karina Lima Sales (UNEB, Campus X)

Prof. Dr. Volker Karl Lothar Jaeckel (UFMG)

**Conselho Editorial Nacional**

Prof.ª Dr.ª Adriana Santos Batista (UFBA)

Prof. Dr. André Rezende Benatti (UEMS)

Prof.ª Dr.ª Bruna Fontes Ferraz (CEFET-MG)

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze (UFGD)

Prof. Dr. Carlos Ribeiro (UFRB)

Prof.ª Dr.ª Crysna Bomjardim da Silva Carmo (UNEB/Campus X)

Prof. Dr. Décio Bessa (UNEB/Campus X)

Prof.ª Dr.ª Fabiana Carneiro da Silva (UFPB)

Prof. Dr. José Alonso Torres Freire (UFMS)

Prof. Dr. José Mario Botelho (FFP-UERJ, Brasil)

Prof.ª Dr.ª Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres (UNEB/Campus X)

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP)

Prof. Dr. Marcos Bagno (UNB)

Prof.ª. Dr.ª Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU)

Prof.ª Dr.ª Maria Isaura Rodrigues Pinto (UEMS)

Prof. Dr. Pedro Mota Perini-Santos (UFVJM)

Prof. Dr. Ricardo Nascimento Abreu (UFS)

Prof.ª. Dr.ª. Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)

Prof. Dr. Urbano Cavalcante Filho (IFBA/UESC)

Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto (USP)

Prof. Dr. Wellington Furtado Ramos (UFMS)

**Conselho Editorial Internacional**

Prof. Dr. Alberto Bejarano (Instituto Caro y Cuervo), Bogotá, Colômbia.

Prof.ª Dr.ª Carla Maria Ataíde Maciel (UPM), Moçambique

Prof. Dr. Fabio Esposito (Universidad Nacional de La Plata), Argentina

Prof.ª Dr.ª Fabiola Cecere (Ca'Foscari – University of Venice), Itália

Prof. Dr. João Muteteca Naeuge (Universidade Lueji A'Nkonde), Dundo, Angola

Prof. Dr. Márcio Undolo (Universidade Lueji A'Nkonde), Angola

Prof. Dr. Marco Thomas Bosshard, Europa-Universität Flensburg, Alemanha

Prof.ª Dr.ª Maria Alexandra A. Guedes Pinto (Universidade do Porto), Portugal

Prof. Dr. Rolf Kailuweit (Heinrich Heine Universität Düsseldorf), Alemanha

Prof.ª Dr.ª Rosa Pérez Zancas (Universitat de Barcelona), Espanha

Prof.ª Dr.ª Vanessa Castagna (Ca'Foscari – University of Venice), Itália

**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS - PPGL - UNEB - Campus X**

Setor de Publicações

Missangas: Estudos em Literatura e Linguística

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/missangas>

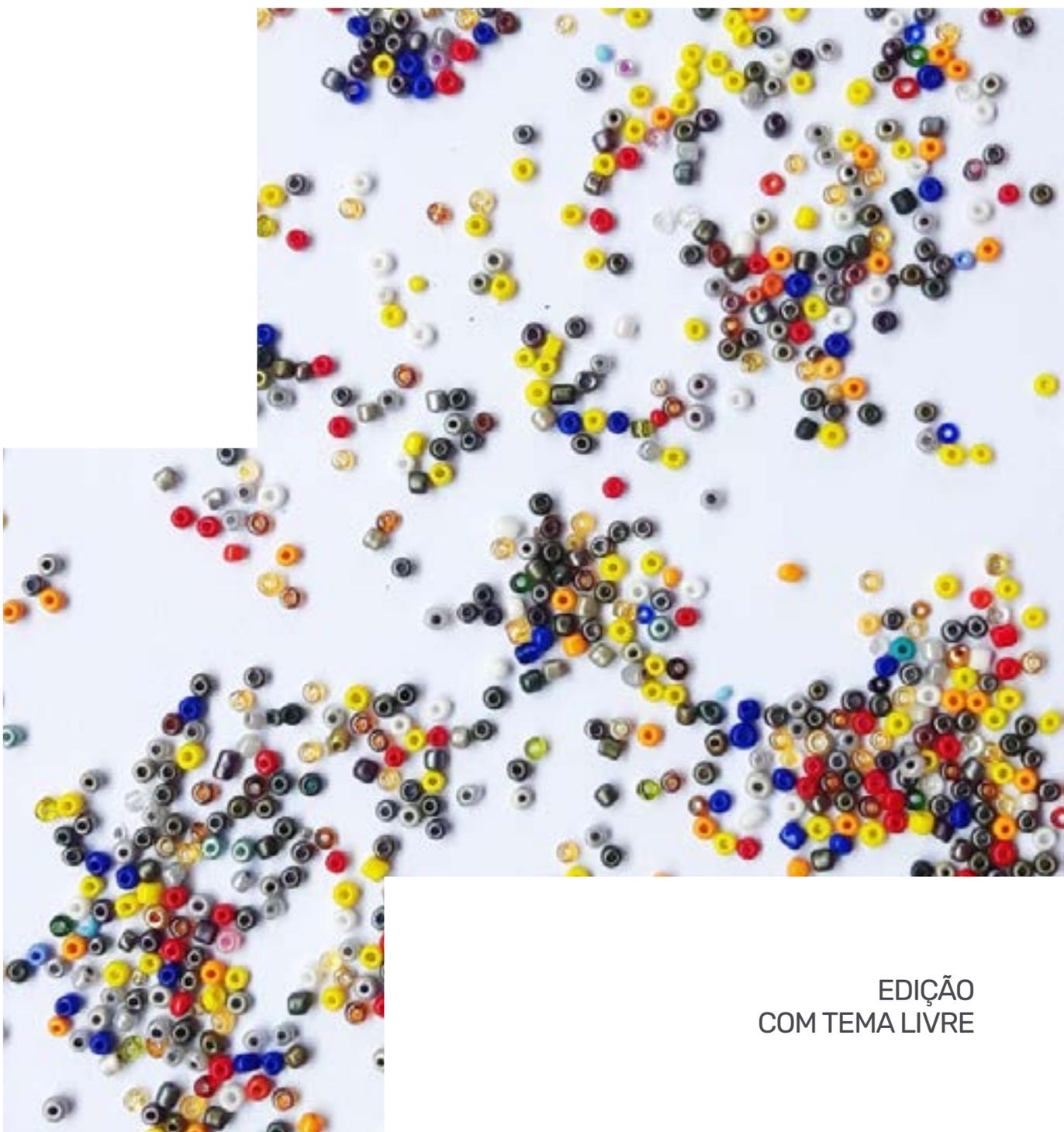
Av. Kaikan, s/n, Bairro Kaikan Sul – Teixeira de Freitas, Bahia

CEP 45.992-255 - BRASIL

Tel. (73) 3263-8054/8055

# MISSANGAS

ESTUDOS EM LITERATURA E LINGUÍSTICA



EDIÇÃO  
COM TEMA LIVRE

Copyright ©

Todos os direitos reservados aos autores dos artigos. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

<b>Editores</b>	Prof. Dr. Celso Kallarrari de Souza Silva (UNEB, Campus X) Prof.ª Dr.ª Ivana Teixeira Figueiredo Gund (UNEB, Campus X) Prof.ª Dr.ª Karina Lima Sales (UNEB, Campus X) Prof. Dr. Volker Jaeckel (UFMG)
<b>Revisão e Normalização</b>	GridCom Soluções
<b>Projeto Gráfico e Diagramação</b>	Fernanda Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA BIBLIOTECAS UNEB

Missangas: estudos em literatura e linguística [Recurso eletrônico] / Literatura baiana e outras artes. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação. Campus X - v. 4, n. 7 (jan./jul., 2023) - Teixeira de Freitas: UNEB, 2023-

ISSN 2763-5279 (eletrônico)

1. Literatura. 2. Linguística 3. Tema livre  
I. Universidade do Estado da Bahia. II. PPGL III. Título.

Maura Icléa Cardoso de Castro CRB-5/708

CDD 800  
CDU 82 + 81

Indexadores e base de banco de dados:



**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS - PPGL - UNEB - Campus X**  
Setor de Publicações  
Missangas: Estudos em Literatura e Linguística  
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/missangas>  
Av. Kaikan, s/n, Kaikan Sul - Teixeira de Freitas, Bahia  
CEP 45.992-255 - BRASIL  
Tel. (73) 3263-8054/8055

# SUMÁRIO

8

## APRESENTAÇÃO

*Celso Kallarrari de Souza Silva*  
*Ivana Teixeira Figueiredo Gund*  
*Karina Lima Sales*  
*Volker Karl Lothar Jaeckel*

13

## ARTIGOS

### ANCESTRALIDADE BANTU NA FICÇÃO DE LÍLIA MOMPLÉ E DE PAULINA CHIZIANE: FATORES DE LEGITIMAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO

*Cristiano Adalberto Paipo Mavangu*

31

### A SISTEMÁTICA DO RACISMO E DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DA CONSCIÊNCIA E MEMÓRIA DE RESISTÊNCIA EM POEMAS DE AROLDA FIGUERÊDO E ELIZA METZKER

*Aline Santos de Brito Nascimento*  
*Juciene Silva de Souza Nascimento*

51

### A TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR COMO ELEMENTO DA REMARCAÇÃO PARAMÉTRICA DO SUJEITO NULO

*Jacson Badoino Silva*  
*Norma Lucia Fernandes de Almeida*



**73** DESOBEDIÊNCIAS ESTÉTICAS E RECONFIGURAÇÕES DOS MODOS DE VIDA: NOTAS DO UIVO POÉTICO DE ALLEN GINSBERG

*Pedro Lucas Nascimento Carneiro  
Manoel Barreto Júnior*

**90** ENTRE A RASTEIRA E LA BARRIDA: DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NO CONTO "TANGO", DE DIRCEU LEAL E NA CANÇÃO "DOMINGO NO PARQUE", DE GILBERTO GIL

*Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres*

**108** ESCOLHAS LEXICAIS E PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO: QUINCAS BORBA EM MATERIAL DIDÁTICO

*Lilian Barros de Abreu Silva*

**125** "ONTEM EU NÃO SAIR": O GRAFEMA R FINAL EM VERBOS FLEXIONADOS COMO MARCADOR DE TONICIDADE

*Luisa Andrade Gomes Godoy  
Pâmella Alves Pereira  
Valéria dos Santos Fernandes*

**144** ISOLAMENTO FINAL: ENVELHECIMENTO E MORTE EM DOIS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

*Benjamin Rodrigues Ferreira Filho  
Emily Victoria Moreno de Amorin  
Yasmin Resende de Arruda Chagas*

**165** PROCESSOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO SEMÂNTICO-LEXICAL DA REGIÃO OESTE DA BAHIA

*Zoraide Magalhães Felício*

**181** RETRATOS DE LINGUAGEM, REPERTÓRIO E *SPRACHERLEBEN*: A VIVÊNCIA LINGUÍSTICA TRANSCULTURAL DE IMIGRANTES BRASILEIROS NA ALEMANHA

*Juliana Neves-Müller  
Rolf Kailuweit*



## ENSAIOS

202

ALEJANDRA PIZARNIK – LA POESÍA, ESA VIAJERA ERRANTE:  
PROHIBIDO OLVIDARSE DE ALEJANDRA

*María Pugliese*

214

LA POESÍA DE LUIZ CORONEL

*María Ascensión Rivas Hernández*



# APRESENTAÇÃO

A Revista **Missangas: estudos em literatura e linguística**, vinculada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (DEDC-X), ao divulgar produções de autores nacionais e internacionais sobre temas e problemas literários e linguísticos, tem como propósito acolher a pluralidade de diversos olhares sobre as múltiplas dimensões das ciências humanas em tempos e espaços variados, contribuindo para o debate científico neste momento de intensificação das relações internacionais no campo da produção acadêmica brasileira.

A Revista **Missangas** torna-se, portanto, um instrumento capaz de possibilitar — num mosaico de multiculturalidades — a construção de “nossos colares de contas amigadas”, aproximando e ligando mundos distintos pela via da publicação acadêmica, a fim de dar maior evidência às diferentes filiações teóricas e metodológicas de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que vêm desenvolvendo conhecimento nas linhas de investigação relacionadas à literatura e linguística presentes no Programa de Mestrado em Letras do Campus X da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e em outros Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* no país.

Esta é a sétima edição da Revista **Missangas: estudos em literatura e linguística**, composta por trabalhos dos mais diversos pesquisadores de universidades do país e do exterior: Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique. Universidade do Estado da Bahia, *Campus X* (UNEB), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade

Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf, Alemanha, e Universidade de Salamanca, Espanha.

Abrimos este número com o artigo *Ancestralidade Bantu na ficção de Lília Momplé e de Paulina Chiziane: fatores de legitimação da desigualdade de gênero*, de autoria de Cristiano Adalberto Paipo Mavangu (Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique). Trata-se de refletir sobre os usos e costumes da ancestralidade bantu reinterpretados em duas obras literárias, quais sejam, *Os Olhos da Cobra Verde*, de Lília Momplé e *Balada de Amor Ao Vento*, de Paulina Chiziane. Nestas obras, “as duas escritoras caricaturam realidades sociais bantu, dando a entender que certos valores da visão pedagógica ancestral africana entram em flagrante conflito, quer com o pluralismo de modelos fragmentados da pós-modernidade, quer com o projeto da emancipação da mulher moçambicana, facto que torna alguns valores daquela pedagogia em fator de resistência à igualdade de gênero.”

*A sistemática do racismo e da democracia racial a partir da consciência e memória de resistência em poemas de Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker* é o artigo de Aline Santos de Brito Nascimento (UNEB) e Juciene Silva de Sousa Nascimento (UNEB). De acordo com as autoras, trata-se, pois, de um estudo desenvolvido a partir das discussões no Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade. No artigo, as autoras objetivam reconhecer como a afirmação e ressignificação da identidade negra na contemporaneidade se manifestam nas representações metafóricas dos poemas das duas autoras que desempenham papéis político-sociais relevantes. “Uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo (estudo de caso), através de narrativas de episódios de uma vivência afro-brasileira, em diálogo com estudo bibliográfico de epistemologias pós e decolonialistas de autores como Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Frantz Fanon (2020), Kabengele Munanga (2016) e Abdias Nascimento (2016 e 2019).”

O artigo *A transmissão linguística irregular como elemento da remarcação paramétrica do sujeito nulo*, dos autores Jacson Baldoino Silva (UEFS) e Norma Lucia Fernandes de Almeida (Unicamp), busca discutir, conforme elucidam os autores, “como a Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009) pode ser vista como um elemento propulsor que impulsionou o processo de remarcação paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro, visto que se configura como uma situação não prototípica de aquisição de linguagem.” Ainda segundo os autores, a TLI é um parâmetro sócio-histórico que possibilita um maior entendimento da variação em determinados traços linguísticos, principalmente aqueles que dizem respeito a uma gramática internalizada e/ou variedade bastante (pensando-se em uma Língua-E) alterada, quando comparada com a dos falantes nativos do território no qual a língua é utilizada (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

Pedro Lucas Nascimento Carneiro (UNEB) e Manoel Barreto Júnior (UNEB) são os autores do artigo *Desobediências estéticas e reconfigurações dos modos de vida: notas do Uivo poético, de Allen Ginsberg*, que consiste em refletir como a expressão lírica dos versos de Irwin Allen Ginsberg (1927-1997) apropria-se de desobediências estéticas e subjetividades capazes de traduzir as reconfigurações dos modos de vida e padrões comportamentais, como promoção do lento e contínuo processo de humanização. Trata-se de uma pesquisa bibliográfico-documental a partir de leituras e análises contextuais dos poemas representativos de Allen Ginsberg que retratam os aspectos da desobediência estética como forma de expressão humana.

*Entre a rasteira e la barrida: descrições imagéticas no conto “Tango” de Dirceu Leal e na canção “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil* é o artigo de Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres (UFSB). Nele, o autor objetiva, a partir de um olhar teórico-crítico, identificar e descrever, amparado na concepção teórica de fanopeia, os aspectos imagéticos internos e externos de ambas criações. Para tal propósito, o autor utilizou-se das contribuições de Ezra Pound (1976; 2006) acerca de fanopeia e imagens poéticas; Ruth Finnegan (2008,) para tratar da canção e Tânia Carvalhal (2006), para lidar com a comparação entre linguagens artísticas, dentre outros. Em termos conclusivos, para o autor, “é possível ler as obras a partir das informações imagéticas, de modo a chegar nos seus respectivos significados.”

Em *Escolhas lexicais e produção de efeitos de sentido: Quincas Borba em material didático*, de Lilian Barros de Abreu Silva (USP), tem-se o objetivo de discutir, a partir do aporte teórico-metodológico dos estudos filológicos e da concepção de campos léxico-semânticos, como as escolhas lexicais, presentes no romance em estudo, transmitidos em material didático, interferem no estilo machadiano e na interpretação do texto. De acordo com a autora, este estudo busca “contribuir para a compreensão da construção de escolhas lexicais e campos léxico-semânticos em texto literário, para a elaboração de material didático de língua portuguesa e literatura brasileira e para os estudos lexicais e machadianos em sala de aula.”

O sétimo artigo, “*Ontem eu não sair*”: O grafema R final em verbos flexionados como marcador de tonicidade, de Luisa Andrade Gomes Godoy (UFMG), Pâmella Alves Pereira (UFMG) e Valéria dos Santos Fernandes (UFVJM), discorre sobre a ocorrência do grafema R no final de verbos flexionados, a partir de dados coletados (2018) com 92 participantes de uma comunidade digital *online*. Diferentemente, os estudiosos observam que “o grafema R, em exemplos como *Ontem eu não sair*, pode estar sendo usado como um diacrítico marcador de tonicidade, à semelhança do acento gráfico. Na revisão da literatura sobre o tema, vimos, inclusive, que o fenômeno ocorre em palavras oxítonas de outras classes gramaticais, além do verbo, como *olar, vocer, sofar e cafer*.”

O artigo *Isolamento final: envelhecimento e morte em dois contos de Clarice Lispector*, desenvolvido a partir do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), e do Grupo de Pesquisa

“Poder, Fronteira, Estratificação e Memória”, é dos autores Benjamin Rodrigues Ferreira Filho (UFR), Emily Victoria Moreno de Amorim (UFR) e Yasmin Resende de Arruda Chagas (UFR). Nele, os autores discutem sobre o envelhecimento humano, de modo especial, questões acerca da memória e relações familiares, a partir de dois contos de Clarice Lispector.

No artigo *Processos metodológicos para a construção do atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*, de Zoraide Magalhães Felício (UFMT), busca-se descrever a metodologia utilizada pela autora, no desenvolvimento da pesquisa de doutorado, qual seja, “Atlas Linguístico Semântico-Lexical da Região Oeste da Bahia”, cuja pesquisa é de caráter bibliográfica e de campo. Na sequência, apresenta-se os teóricos e a metodologia baseada nas etapas da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, como um fazer teórico-metodológico. São escolhidos para a pesquisa oito (08) informantes por localidade da rede de ponto (05), o que perfaz um total de quarenta (40) inquiridos. Trata-se de uma pesquisa ainda não concluída, ou seja, em andamento, uma vez que não se apresentam quaisquer resultados e conclusões de caráter definitivo.

Em *Retratos de linguagem, repertório e spracherleben: a vivência linguística transcultural de imigrantes brasileiros na Alemanha*, de Juliana Neves-Müller e Rolf Kailuweit, ambos da Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf (Alemanha), os pesquisadores examinam, com base na técnica de retrato de linguagem (NEUMANN, 1991; KRUMM & JENKINS 2001; BUSCH, 2012), o repertório linguístico e a vivência de imigrantes brasileiros na Alemanha. Segundo os autores, têm-se como principal objetivo “analisar a experiência vivida da linguagem no meio urbano e transcultural da cidade alemã de Düsseldorf, além de discutir a correlação entre processo migratório, identidade e mudança de práticas linguísticas em ambiente marcado pela mobilidade global, pelo contato entre línguas e entre variedades linguísticas.”

O primeiro ensaio que compõe esta coletânea é *Alejandra Pizarnik: A poesia, essa viajante errante: proibido esquecer-se de Alejandra*, da pesquisadora María Pugliese. Neste trabalho, busca-se, a partir da perspectiva sócio-histórica, investigar os processos percorridos pela autora, Alejandra Pizarnik (Argentina, 1936-1972), bem como os resultados na elaboração de seus escritos. Todo o trabalho investigativo se dá com base nos textos da primeira fase da produção poética, considerando que neles já aparecem marcas de estilo. Para a pesquisadora, “Pizarnik converte sua linguagem interna em escritos nos quais reconhecerá o sentido das palavras, o sentido renovador dos escritos em diferentes línguas e, portanto, o sentido da própria vida, da existência humana. A linguagem interna consiste no ato de pensar com significados essenciais, é a linguagem do silêncio, intraduzível... ela flutua entre o pensamento e a palavra.”

O segundo ensaio, e último texto, trata-se de *La poesia de Luiz Coronel*, de María Ascensión Rivas Hernández, professora da Universidade de Salamanca (Espanha). Luiz Coronel é um autor brasileiro de relevantes livros em prosa. De acordo com a

pesquisadora, a poesia de Coronel é profundamente brasileira e recorre, ao sentir do escritor em versos, que são facilmente compreensíveis pelos leitores, além de apresentar temáticas como infância e ternura, amor carnal e dor social, convidando-nos a adentrar num mundo de sons e de vida sob a luz de um domingo de sol, atemporal e aberto tanto aos prazeres da vida como a seus dissabores.

Neste quarto ano da **Missangas**, gostaríamos de agradecer a confiança dos nossos colegas, da coordenação do Programa de Mestrado em Letras – PPGL, da direção acadêmica do DEDC-X e das outras universidades parceiras. Saudamos a todos que, na função de autores/pesquisadores, pareceristas, revisores e editores, têm contribuído para fazer deste periódico científico um instrumento importantíssimo na divulgação dos estudos literários e linguísticos de referência na pesquisa em nosso país. Agradecemos, sobretudo, à reitoria da UNEB pelo apoio financeiro para a continuidade e manutenção desta e das futuras edições, através do Programa de Apoio à Publicação de Periódicos associados aos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UNEB (PROEP-PÓS), em parceria intersetorial Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG) e Secretaria de Relações Internacionais (SERINT).

### ***Editores***

Prof. Dr. Celso Kallarrari de Souza Silva (UNEB, Campus X)  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivana Teixeira Figueiredo Gund (UNEB, Campus X)  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina Lima Sales (UNEB, Campus X)  
Prof. Dr. Volker Karl Lothar Jaeckel (UFMG)

# ANCESTRALIDADE BANTU NA FICÇÃO DE LÍLIA MOMPLÉ E DE PAULINA CHIZIANE: FATORES DE LEGITIMAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÉNERO<sup>1</sup>

*Cristiano Adalberto Paipo Mavangu<sup>2</sup>*

**Resumo:** Com o presente artigo, objetivamos refletir em que medida alguns usos e costumes da ancestralidade bantu, reinterpretados em *Os Olhos da Cobra Verde*, de Lília Momplé e *Balada de Amor Ao Vento*, de Paulina Chiziane, funcionam como fatores de resistência à igualdade de género em Moçambique. O *corpus* das duas obras literárias, extraído por meio de leitura exploratória e metodologia indutivo-explicativa, é constituído por discursos proverbiais, cuja finalidade é formatar as mentes dos jovens, visando à reprodução da cosmovisão africana. Nos referidos discursos, transparece uma intenção que tende a advogar as relações assimétricas entre o homem e a mulher. No fim da análise das linhas de orientação dos vários posicionamentos discursivos, concluímos que as duas escritoras caricaturam realidades sociais bantu, dando a entender que certos valores da visão pedagógica ancestral africana entram em flagrante conflito, quer com o pluralismo de modelos fragmentados da pós-modernidade, quer com o projeto da emancipação da mulher moçambicana, facto que torna alguns valores daquela pedagogia em fator de resistência à igualdade de género.

**Palavras-chave:** Discurso; Resistência; Igualdade de Género; Lília Momplé; Paulina Chiziane.

## Introdução

As sociedades pós-coloniais africanas, das quais tomamos como amostra para esta reflexão a sociedade moçambicana ficcionada em *Os Olhos da Cobra Verde* e *Balada de Amor Ao Vento*, de Lília Momplé e Paulina Chiziane, respetivamente, são culturalmente híbridas. Este hibridismo cultural deriva de situações decorrentes

---

1 O artigo segue a ortografia da Língua Portuguesa falada em Moçambique, país de origem do autor.

2 Doutorando em Ciências de Linguagem aplicadas ao ensino de Línguas pela Faculdade de Ciências de Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica de Maputo. Mestre em Ensino de Português como Língua segunda pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Licenciado em Ensino de Português pela Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica e Bacharel em Ensino de Português pela Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica - Delegação de Nampula, Moçambique. Assistente Universitário actuando em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Rovuma – Norte de Moçambique. *E-mail:* cma-vangu.mz@gmail.com

dos contactos com as sociedades orientais, com os regimes coloniais ocidentais, com os valores da pós-modernidade e com as tecnologias de comunicação e informação, cujos modelos culturais mais difundidos são de matriz euro-americana.

Esta situação permite-nos perceber que, na cultura bantu, hoje, coexistem simbioticamente os valores culturais resultantes da convergência de diferentes dimensões endógenas e exógenas. Neste processo de contatos multiculturais, diluiu-se qualquer suposta originalidade africana e propagam-se entre nós os valores multiculturais facilitados pela globalização e pelas TIC's.

A porosidade das fronteiras permite a fluidez de massas humanas dos países do Sul para os do Norte, em busca de estabilidade económica. A convergência de povos num mesmo espaço de acolhimento deu como resultado a necessidade de convivência multicultural, a tolerância intercultural, e a necessidade de inclusão do diferente como plataforma para o alcance da igualdade de direitos, em geral, e de género, em particular (HABERMAS, 2002, p. 164-166).

Esta fonte refere que, nas últimas décadas, os cidadãos mais jovens das ex-colónias estão se afastando do seu passado ancestral, deixando de serem fiéis à herança cultural das gerações que os precederam, instaurando na família africana conflitos inter-geracionais. Essa mudança de paradigma é consequência da natureza dogmática dos métodos de transmissão dos valores endógenos, bem como do maior fluxo de informação, de marcas de produtos, estilos de vida vindos do Norte, cuja propagação e consumo são assegurados pela pós-modernidade, pelos *midia* e pelas TIC's, gerando, deste modo, um novo africano culturalmente híbrido.

Apesar da força avassaladora dos meios modernos da difusão cultural, de ascendência euro-norte-americana, a maior parte das sociedades bantu, permanece intacta, por se localizar longe das zonas urbanas. Nas zonas rurais africanas não há muita contaminação dos *modi vivendi* ocidentais. O contexto rural, por ser muito permeável à reprodução de modelos culturais africanos, é a principal fonte de alguns valores da tradição ancestral bantu, que se configuram como fatores de resistência à igualdade de género.

Optamos por uma pesquisa bibliográfica e uma metodologia indutivo-expliativa, em conformidade com a natureza qualitativa do estudo. A leitura exploratória das duas obras literárias permitiu-nos fazer o rastreamento de fatores da resistência à igualdade de género, tais como as expressões proverbiais, frases e discursos de personagens dos universos ficcionais, que constituíssem um indício de alinhamento com a pedagogia bantu de reprodução dos modelos sociais das gerações ancestrais para as mais novas. Com o discurso rastreado, constituímos um *corpus* representativo de cada uma das obras literárias que, depois de codificarmos cada unidade discursiva, frase ou expressão proverbial, passamos a analisá-las ao nível semântico, de harmonia com o contexto do seu emprego em cada texto específico.

## 1 Concepções Teóricas

As nossas concepções teóricas incidem, principalmente, sobre as noções de memória (MALLINDA, 2001; SARLO, 2007), ancestralidade bantu (MACHADO, 2014), modernidade e pós-modernidade (ARAUJO, 2007; BAUMAN, 2008; HALL, 2006), identidade (SILVA, 2017; LIMA, 2012; DUQUE, 2003; TIMBANE, 2016) e provérbio (BRAGANÇA JR., 2002; XATARA & SUCCI, 2008; LOPES, 1992).

Enquadramos a noção de *memória* no âmbito geral da escola tradicional bantu, a qual utiliza a pedagogia da oralidade, em que as lições são transmitidas pelos mais velhos aos mais novos através de sentenças, máximas, provérbios, mitos, lendas, canto e dança (folclore), veiculando, simbolicamente, códigos e matrizes das formas normativas de comportamento ético e moral. Vivemos o nosso presente, hoje, que foi o futuro dos homens e mulheres que nos antecederam, e nós temos o papel de prepararmos o futuro dos que viverão nos próximos tempos.

Sobre esta matéria, Mallinda (2001, p. 100) afirmou que “O que me faz buscar o passado é o presente, que foi a projecção anterior do futuro. O presente do sujeito, não sendo forma-Mãe, reúne o tempo presente, o tempo passado em que se inspira e o futuro em que se projecta”.

Tanto nos contos da Lília Momplé quanto no romance da Paulina Chiziane, a revisitação significativa do passado dos moçambicanos é feita por intermédio de personagens investidas de capacidades de lembrar. As lembranças que parecem pessoais, na verdade, têm o valor coletivo. O narrador das memórias não é neutro, ele identifica-se ideologicamente com a comunidade de destino, e o resgate dos valores da ancestralidade visa evitar a descontinuidade da cultura do grupo (MALLINDA, 2001).

O trabalho de Sarlo (2007) explica que as gerações mais velhas de africanos são depositárias de vários passados experienciados por elas próprias e recebidos das suas antecessoras: contactos com os povos orientais, com os colonizadores europeus e o recente passado da descolonização. A reativação oral desses passados é totalmente parcial. Baseando-se no passado de regimes ditatoriais na América Latina, Sarlo (2007, p. 45) explica que “lembrar foi uma atividade de restauração dos laços sociais e comunitários perdidos no exílio ou destruídos pela violência de Estado”.

O conceito de memória permite-nos compreender que as vidas literariamente ficcionadas, nas referidas obras, solicitam a nossa atenção e aceitação crítica, enquanto ecos que denunciam as agruras sofridas por um “eu” feminino configurado como porta-voz do sentimento coletivo das moçambicanas. Se algumas delas carecem de lucidez suficiente quanto à sua situação de pessoas, preconceituosamente, supostas de “segunda categoria”, pelo menos as vozes ficcionais são de mulheres conscientes da realidade social discriminatória em que vivem e, por isso, propõem vias que as conduzam à emancipação cultural, económica e política.

Na expressão *ancestralidade bantu*, o adjetivo bantu naquele sintagma desempenha a função delimitativa do termo *ancestralidade*, enquanto foco de reflexão

crítica, evitando assim a generalização. O estudo abarca apenas os aspectos culturais do passado do grupo linguístico bantu, o qual habita a região africana a Sul do Equador, de onde Moçambique é parte integrante.

Ancestralidade é vista também como uma categoria explicativa do pensar e do fazer de um determinado povo, regendo, enquanto fundamento estruturador da cultura, tanto os ritos e as relações sociais, passando a constituir-se como um paradigma legitimador das relações humanas no quadro de cada família, linhagem ou etnia (MACHADO, 2014, p. 54).

Funcionando como reservatório de tradições fundacionais, a ancestralidade reequipa, no nosso caso, as novas gerações com os valores identitários da africanidade. A importância viabilizada por esta função faz da ancestralidade um paradigma inspirador de diferentes modalidades educativas e formas de transação de conhecimentos, abrangendo diferentes dimensões da experiência humana.

A abordagem da dicotomia *Modernidade/Pós-Modernidade* é importante neste estudo, pois pode ajudar a compreender a razão da hibridização cultural e do conflito intergeracional. O conceito de *Pós-Modernidade* é posterior ao da *Modernidade* e, por isso, a *Pós-Modernidade* só pode ser explicada e compreendida se enunciarmos primeiro o conceito de *Modernidade*. Assim, esta deve ser definida como

estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. A época moderna surge com a descoberta do Novo Mundo, o Renascimento e a Reforma (século XV e XVI); desenvolve-se com as Ciências Naturais no século XVII, atinge seu clímax político nas revoluções do século XVIII, desenrola suas implicações gerais após a Revolução Industrial do século XIX e termina no limiar do século XX (ARAUJO, 2007, p. 25-26).

Bauman (2008) diferencia a *Modernidade* da *Pós-Modernidade* explicando que, na *Modernidade*, devido ao princípio de ordem, há maior segurança e menos liberdade para os cidadãos, enquanto isso, na *Pós-Modernidade*, devido à ideia de incerteza, fragmentação e pluralismo de modelos, há maior liberdade e menos segurança para os indivíduos, como especifica o seguinte excerto:

Só a sociedade moderna pensou em si mesma como uma atividade da “cultura” ou da “civilização” e agiu sobre esse autoconhecimento com os resultados que Freud passou a estudar; a expressão “civilização moderna” é, por essa razão, um pleonasma. [...] Assim como “cultura” ou “civilização”, modernidade é mais ou menos beleza (“essa coisa inútil que esperamos ser valorizada pela civilização”), limpeza (“a sujeira de qualquer espécie parece-nos incompatível com a civilização”) e ordem (“Ordem é uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão”). (BAUMAN, 2008, p. 8-10).

No discurso do homem comum, bem como no do acadêmico, o uso do termo *Modernidade* enquadra-se no âmbito mais alargado da sinonímia, reenviando-nos para a ideia de contemporaneidade, atualidade, ou o tempo que governa as nossas ações e a nossa racionalidade. Além do termo modernidade, são também empregues como equivalentes semânticos os sintagmas *Sociedade industrial* (PLANTAMURA, 2003, p. 2), *civilização, cultura* (BAUMAN, 2008, p. 32), designações com as quais concorda Araújo (2007, p. 26). Relativamente à *Pós-modernidade*, foram cunhadas palavras ou expressões que lhe são também semanticamente equivalentes, tais como *sociedade Pós-industrial* (PLANTAMURA, 2003, p. 2-3) e a *Modernidade Tardia* (HALL, 2006, p. 7).

A *Modernidade* deve ser encarada como uma fase da história da humanidade caracterizada “pela antitradição, pela derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, pela saída dos particularismos e entrada no universalismo, ou ainda pela entrada da idade da razão” (ARAÚJO, 2007, p. 25). E é essa oposição à tradição que propicia os choques interculturais e o apagamento de alguns usos e costumes ancestrais, fazendo com que estes se constituam, em alguns casos, como fatores de resistência às utopias modernas entre as quais a igualdade de género.

Plantamura (2003) concorda com Bauman (2008) quanto aos conceitos de Modernidade e Pós-Modernidade, acrescentando que esta última olha para a experiência como algo que simplesmente se conecta a certos eventos imediatos, interessando-se em viver a sensação do instante, rescindindo, diferentemente da Modernidade, o seu contrato histórico com o passado e evitando sonhar.

Estes autores entendem que o prefixo *pós* vem indiciar a posição no tempo, sinaliza a rutura com o momento da ordem e coerência e com o culto à tradição; o sintagma *modernidade* vem sinalizar a resistência a essas mudanças e, ao mesmo tempo, significa continuidade, mas uma continuidade fragmentada e carregada de inconsistências.

Em seguida, tomemos a *identidade* como um termo que expressa uma relação, por exemplo, de um indivíduo com o ser e estar da sua família ou linhagem, com o grupo sociológico (clã, etnia, tribo), com o grupo linguístico (bantu), com a comunidade, aldeia, região, país. Sobre o conceito de identidade Silva (2017, p. 106) especifica:

O que eu sou só se define pelo que não sou; a definição da minha identidade é sempre dependente da identidade do Outro. Além disso, a identidade não é uma coisa da natureza; ela é definida num processo de significação: é preciso que, socialmente, lhe seja atribuído um significado. Como ato social, essa atribuição de significado está, fundamentalmente, sujeita ao poder.

Se o acto de atribuir significado a uma forma particular de estar numa comunidade corresponde ao exercício de poder por parte de um grupo social, então tal significado é cultural e se encontra em harmonia com a cosmovisão do grupo

dominante. Este grupo constrói a sua própria matriz de significados identitários em que todos os seus dependentes devem se encaixar para serem aceites como membros da comunidade.

Estabelecendo um paralelismo entre o que acabamos de expor, com alguns aspetos da tradição bantu de Moçambique, diríamos, a título de exemplo, que na comunidade makuwana (Norte do país), o homem sabe que, ao escolher uma mulher para casar, indirectamente, escolhe também o lugar onde deve ir morar: ao lado da família materna da esposa; inversamente, na comunidade tsonga (Sul do país), a mulher, ao aceitar um homem com o qual deve casar, aceita, indirectamente, ir morar ao lado da família paterna do homem. Estes aspetos da identidade bantu derivam do poder e dos significados que a cultura hegemónica de cada grupo social impõe aos seus membros.

A nossa proposta concorda com a de Lima (2012, p. 256), ao explicar que “o desenvolvimento da identidade inicia com a submissão passiva ao sistema social, devido ao medo de punição”. Esta identidade inicial (ou natural) observa-se normalmente na infância quando a criança, ainda sem racionalidade e intersubjectividade próprias, submete-se às orientações ou imposições de ordem ético-moral da família. Daqui passe-se à *identidade de papel*, a qual resulta do processo de absorção das representações simbólicas intersubjetivas da estrutura familiar (pai, mãe, irmãos), seguida pelos papéis da comunidade (vizinhos, amigos, colegas da escola, professores).

Em terceiro plano, temos a *identidade do EU*, que é uma consequência de tomada de consciência do indivíduo sobre si mesmo e sua função no meio social do qual faz parte. O processo de socialização permite que, numa fase adiantada do processo, o indivíduo faça as suas próprias opções identitárias de modo racional, livre e intersubjetivamente aceite pelo contexto social, com as peculiaridades que põem em relevo o perfil pessoal. Lima (2012) explica ainda que a identidade pessoal se revelará plena só se formos autênticos em termos de correspondência aos diferentes estágios da nossa socialização. Nesse processo de socialização, a língua, a história do grupo a que fazemos parte, as utopias coletivas e individuais contribuem para afirmação da identidade pessoal do eu.

À semelhança ao que se observa ao redor do mundo, em Moçambique as práticas costumeiras bantu estão se desagregando devido a influências do carácter fragmentário da cultura pós-moderna, da globalização e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Com o advento da pós-modernidade e da globalização, verificamos que as tradições bantu sofrem instabilidades e caem na irrelevância em termos de integridade, coerência e continuidade cultural, aliás, testemunhámos o apagamento ou mesmo uma tendência para o colapso da identidade africana, em geral, e moçambicana, em particular.

Em torno desta matéria, Duque explica que “Não é que as tradições desapareçam, como muito frequentemente se diz com certa precipitação, mas são, de facto, muito afectadas: o que antes era considerado como algo absoluto e indiscutível de geração em geração vai agora sendo questionado e relativizado” (2008, p. 8).

E mais adiante conclui que está em curso, agora, ao nível global, aquilo que chamaremos

Uma des-tradiconalização ou, melhor, de uma ordem social pós-tradicional. As tradições que têm desempenhado um papel social estabilizador de primeira ordem, vêm-se agora submetidas à reflexão mais ou menos crítica. Não desaparecem, como já o dissemos, mas são reinterpretadas, reformuladas, submetidas a uma justificação. Compreende-se que com esta crítica das tradições, a ordem social, e como tal a identidade, perdem estabilidade, dado que o solo sobre o qual assentava aparece menos firme e mais movediço (*op. cit.*). (DUKE, 2008).

Embora Duque defenda que as tradições não desaparecem, contudo, afirma que elas nunca mais são as mesmas e são profundamente desarticuladas e, até, substituídas por formas do *agir* e *estar* exógenos. Mesmo o que ele designa por *reinterpretação* ou *reformulação* não é, de modo algum, um processo de manutenção e de conservação de atitudes de respeito, por exemplo, relativamente aos idosos e às mulheres, declara que estão em banalização. No entanto, algumas tradições bantu representam, ainda hoje, um alto grau de moralidade, ética e respeito à dignidade humana.

Entre os bantu, os idosos são considerados como uma biblioteca viva e fonte de conhecimentos para os mais novos. Estes, por sua vez, cuidam dos seus idosos quando não têm mais forças e condições de sobrevivência. Nas comunidades africanas, os idosos não são compulsivamente levados às casas de asilos, como se faz no Ocidente. Não faz parte da cultura tradicional bantu as mulheres venderem os prazeres sexuais em espaços públicos, como acontece actualmente nas nossas cidades, sob forte influência ocidental. O casamento bantu une um homem e uma mulher, não aceitando, assim, o envolvimento matrimonial entre pessoas do mesmo sexo.

Apesar das influências exógenas e endógenas, relacionadas com os sistemas educativos da pós-independência, nem sempre inspirados do contexto tradicional local, a tradição e a cultura africanas permaneceram fortes. O processo de manutenção dessa força e importância da tradição é confirmado pelo linguista, professor e investigador Alexandre António Timbane, o qual argumenta que

Os conhecimentos da tradição são apreendidas (*sic*) pela oralidade e passam de geração em geração nas tradições africanas. Em Moçambique não poderia ser exceção. As diversas línguas bantu [...] ainda continuam sendo as línguas da transmissão da cultura e dos modos de ser e de estar nas comunidades. Existem fenômenos e realidades que ocorrem nas etnias que não têm equivalentes lexicais nem de significado (*sic*) no português europeu. O importante a referir é que em Moçambique já não se fala mais português europeu, mas sim o Português de Moçambique (TIMBANE, 2016, p. 71).

A língua é um elemento fundamental da identidade de qualquer povo tal como a cultura, aliás, a língua é o veículo da cultura e esta não existe sem a língua.

Ao falar da introdução das línguas moçambicanas no sistema educativo nacional, Ngunga (2009) busca enfatizar a importância da identidade que as línguas e a cultura emprestam às pessoas e às comunidades enquanto entidades com personalidades próprias.

Depois do que vimos até então, vamos agora apresentar uma breve noção de *provérbio*, um recurso discursivo muito utilizado no sistema educativo e comunicativo bantu. Este recurso pode ser de grande utilidade na análise do discurso de não aceitação da igualdade de género que foi usado nos contos de Lília Momplé (2008) e no romance de Paulina Chiziane (2007).

A escolha do tema da paremiologia<sup>3</sup> e da fraseologia, em geral, para análise, resulta do nosso conhecimento sobre o uso frequente que se faz dele no processo de transação oral da cultura africana, baseada na memória dos mais velhos para as novas gerações. De entre vários géneros textuais existentes no âmbito da oralidade, destaque vai para os *provérbios*, cuja importância relaciona-se com a transmissão de lições de moralidade e ética: crítica à ociosidade, infidelidade, inveja, apelo ao trabalho e à solidariedade, ironia, ao egoísmo, à traição, elogio à virtude, generosidade, sinceridade.

Entendemos também que os provérbios são portadores de uma maior carga semântica das vivências humanas e veiculam uma cosmovisão enquadrada em determinado contexto cultural e com valor universal, podendo expressar a função autoritária, lúdica, eufemística, política, ideológica, pedagógica.

Tal como no século XIX, na Alemanha, Suíça e no resto da Europa, “a valorização do elemento popular na formação da cultura social, o folclore e as tradições do povo foram objeto de pesquisa, na busca de raízes de uma identidade nacional” (BRAGANÇA JR., 2002, p. 216). Hoje, século XXI, esta hipótese é válida para nós africanos de ascendência bantu, pois o estudo da Paremiologia, em geral, pode contribuir para o autorreconhecimento e afirmação da nossa identidade cultural, enquanto africanos.

O termo provérbio é de definição difícil e imprecisa, dadas as aproximações de cunho semântico-funcional que ele partilha com os demais termos fraseológicos<sup>4</sup> (adágio, máxima, sentença, anxim)<sup>5</sup>. Xatara & Succi conceituam o *provérbio* como

uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo,

---

3 Amadeu Amaral (1976, *apud* Xatara e Succi, 2008, p. 33) paremiologia é o estudo das formas de expressões coletivas e tradicionais incorporadas à linguagem cotidiana.

4 Cf. Mário Vilela, *As expressões idiomáticas na língua e no discurso*. Centro de Linguística da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Actas do Encontro Comemorativo do 25 Anos.

5 Cf. Lopes (1992, p. 10)

empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (2008, p. 35).

As dificuldades conceptuais do termo, acima referidas, fazem com que cada estudioso manipule a linguagem para apresentar sua versão teórica, mesmo reconhecendo a imprecisão. É com esta consciência que Lopes (1992, p. 2) define o provérbio como “um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado”.

Os provérbios são reveladores do quão existe de perene no saber dos seres humanos, independentemente da sua localização geográfica, além de educar a sociedade de forma lúdica, através da atualização oral e moralizante das experiências coletivas do passado humano (BRAGANÇA JR. *et al*, s/d, p. 2).

As diferentes fases das sociedades humanas projetam, através de provérbios e fraseologias distintas, visualizando a mulher como a fonte do mal, e raramente como fonte do bem. Eis a visão ocidental cristã que caricatura a figura feminina como “ser soberana, peste, porta do inferno, amor do diabo, larva do demônio, flecha do diabo” (GONZÁLEZ *apud* BRAGANÇA JR., 2002, p. 221), transmitindo não só a imagem de origem do mal ou da desgraça, como também o *machismo*.

Acerca deste último aspeto, Xatara & Succi (2008, p. 40-41) esclarecem que o *machismo* não é um fenómeno exclusivo de uma cultura particular, pois ele ocorre em provérbios de muitas sociedades da antiguidade até as do nosso tempo, e dão exemplos do contexto brasileiro: “Mulher, cachaça e bolacha, em toda parte se acha”, “A mulher e a mula, o pau as cura”.

A propagação de uma imagem negativa da mulher, por parte da tradição cristã, visava à promoção da hegemonia do poder masculino sobre a figura feminina como forma de perpetuar as desigualdades baseadas no género. São conteúdos como estes que queremos conferir a sua existência nos textos das autoras moçambicanas objeto de estudo.

Os discursos proferidos por entidades investidas de poder, para mediar os conflitos nas nossas comunidades africanas, evocam não poucas vezes os provérbios para conferir a irrefutabilidade da decisão, porque legitimada pela sabedoria popular. O conteúdo proverbial compara-se, neste caso, com a citação do artigo da lei que sustenta a decisão do juiz na leitura da sentença condenatória do réu.

Assim, uma vez citado, “o provérbio é um típico recurso de persuasão de quem não quer se responsabilizar por aquilo que é dito [...]”, mas por outro lado, quem o cita “revela-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal” (XATARA & SUCCI, 2008, p. 39).

Nos discursos das personagens das duas obras literárias escolhidas para análise, transparecem expressões proverbiais e citações frásicas vindas do passado ancestral que, neste artigo, tomamos como objeto de análise, visando contribuir para o conhecimento aproximado da cosmovisão bantu.

## 2 Fatores de Legitimação da Desigualdade de Género

Nesta seção, apresentamos, primeiro, o *corpus* que tomamos como amostra do estudo; depois, analisaremos cada situação discursiva que constitui fator de legitimação da desigualdade de género, tais como as atitudes das entidades dialogantes no universo das duas obras literárias, as quais estão expressas por intermédio do uso de linguagem prenhe de estereótipos, cujos sentidos tendem a promover e advogar o sentimento de uma suposta supremacia masculina e uma preconceituosa inferioridade feminina.

Primeiro, analisaremos parte do *corpus* extraído do livro de contos *Os Olhos da Cobra Verde*, de Lília Momplé e, num segundo momento, a parte representativa do *corpus* extraído do romance *Balada de Amor ao Vento*, de Paulina Chiziane.

Em *Os Olhos da Cobra Verde*, extraímos frases e expressões proverbiais que legitimam como sendo do âmbito da mulher os trabalhos domésticos: cuidar do marido e das crianças, higienização da casa, preparar os alimentos; identificamos também, nessa obra, as passagens discursivas que veiculam interdições à mulher no que diz respeito à formação escolar.

Vejamus que valores semânticos encerram as frases e expressões proverbiais abaixo:

- (i) “com quinze anos [...] realizava já todas as tarefas atribuídas à mulher: cozinhar, tratar da casa e das crianças” (OCVLM26)<sup>6</sup>.
- (ii) “[...] não podiam suportar com a despesa de três filhos a estudar e, como era ‘óbvio’, os rapazes estavam em primeiro.” (OCVLM39)
- (iii) ”Mulher não precisa de estudar e ainda por cima, de noite.” (OCVLM41)
- (iv) “Quem anda de noite, sem marido, é mulher vadia.” (OCVLM41)

A situação descrita em (i) refere-se à naturalização da figura da mulher ao limitado ambiente doméstico de cada família, bem como às atividades atribuídas à ela. Esta descrição exaustiva do contexto ocupacional da mulher faz-nos compreender que quaisquer movimentações de uma mulher, para fora do quintal doméstico, estão atempadamente justificadas apenas as relativas a situações em que ela vai à machamba familiar, à fonte em busca da água, ou quando ela vai à corte de lenha.

É verdade que ao homem compete realizar trabalhos que exigem força e coragem como construção, caça, pesca, desbravamento da mata para novas machambas, guerra. Porém, estes trabalhos, não se realizando ao longo de todo o ano, seria de esperar que o homem pudesse partilhar com a sua mulher os trabalhos inscritos no âmbito doméstico, tais como carretar água, cortar a lenha, cozinhar, manter

---

6 O código de cada frase ou enunciado proverbial é constituído pelas iniciais do título da obra (três primeiras), seguido pelas iniciais do nome da autora da obra (duas letras), a última letra refere-se ao emissor do discurso (narrador, personagem) e, por fim, o número árabe indica a página.

a higiene da casa, facto que, infelizmente, não acontece, a pretexto de que são atividades exclusivamente femininas.

Em (ii) está evidente a secundarização que o pai faz da sua única filha, relativamente ao acesso à escola, favorecendo os rapazes, ao afirmar que “como era ‘óbvio’, os rapazes estavam em primeiro.”

Embora se reconheça que na era histórica em que se enquadra o episódio, a fase da dominação colonial, os negros vivenciavam a discriminação de ordem racial, económica, política e cultural, o fato de considerar ‘óbvio’, natural ou normal dar a primazia à formação académica somente aos rapazes, indicia a existência do grave problema de discriminação da única rapariga do casal por simples razão de ser uma mulher.

Nas ex-colónias europeias, como Moçambique, as mulheres sofriam dupla discriminação. A primeira discriminação era a racial, a qual era extensiva a todos os negros; a segunda, é a discriminação que elas sofriam pela sua condição natural de serem mulheres. Este tipo de discriminação tinha como protagonistas: o sistema colonial e os homens (brancos, negros, pais, maridos).

Na verdade, quer a administração do estado colonial, quer os usos e costumes da ancestralidade bantu, ambos colocavam as mulheres africanas no patamar mais baixo da sociedade, bloqueando todas as possibilidades para a sua formação integral e afirmação de personalidades femininas lúcidas e descomplexadas.

Os discursos presentes em (iii) e (iv) estão prenhes de *machismo* e *ciúme* e *estereótipos* que povoam a mentalidade de um marido (a personagem Ourives do conto “O Sonho da Alima”) inseguro com a possível movimentação da sua mulher (Alima) para fora do quintal doméstico (escola, à noite). Para forçar o fim do desejo da Alima realizar o seu destino, o Ourives disse que uma “Mulher não precisa de estudar” e que a mulher que andasse à noite, sem o seu marido por perto, deveria ser considerada uma “mulher vadia”. Segundo a lógica do Ourives, só o homem pode estudar, só o homem pode andar à noite sem a sua esposa por perto, só o homem não é vadio.

Mas é prudente não encararmos o discurso segregacionista da personagem Ourives (o marido da Alima) numa perspetiva individual e isolada da mentalidade da comunidade a que ele pertence. Essa personagem apresenta-se como porta-voz da cosmovisão comunitária sobre o modelo de mulher requerido nessa comunidade, especialmente, pelo grupo social e politicamente hegemónico (o dos homens).

Na obra *Balada de Amor ao Vento*, de Paulina Chiziane, seleccionámos frases e enunciados proverbiais repletos de conselhos dirigidos à mulher, visando mantê-la na passividade e permitir que a dominação masculina flua sem quaisquer tipos de bloqueios de proveniência feminina; além disso, extraímos, também, daquela obra, segmentos discursivos e proverbiais tendentes a tornar o homem mais agressivo e a aceitar casar com o maior número possível de mulheres.

Eis, no nosso entender, o *corpus* de discursos mais representativo do que foi até agora por nós referenciado:

- (i) “Os antepassados sempre disseram: a mulher é a galinha que se cria para com ela presentear os visitantes.” (BAVPC36)
- (ii) .“Sarnau, o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil [...]” (BAVPC43)
- (iii) “Sarnau, [...]. Se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama.” (BAVPC43)
- (iv) .“Sarnau, o lar é um pilão e a mulher o cereal. Como o milho serás amassada, triturada, torturada para fazer a felicidade da família.” (BAVPC46)
- (v) “Homem que se deixa dominar por uma mulher, não merece a dignidade de ser homem, [...]” (BAVPC63)
- (vi) “[...] o lobolo é uma troca de rendimentos.” (BAVPC65)
- (vii) “O galo que não consegue galar todas as frangas é eliminado, [...]” (BAVPC66)

O primeiro enunciado proverbial, em (i), é precedido por um discurso de legitimação do costume ou da tradição da ancestralidade bantu: “Os antepassados sempre disseram”, para mostrar que seria inaceitável qualquer incumprimento daquela matriz cultural. Na cultura bantu a galinha é uma ave de fácil domesticação em ambiente aberto, onde ela sozinha busca os seus alimentos. Esta ave serve de fonte, não só de proteína animal para as pessoas, como também de rendimento e um dos melhores pratos para servir aos hóspedes.

À semelhança do valor funcional e utilitário da galinha, a mulher serve de fonte de rendimento tanto para a própria família de origem, como para a família do futuro marido, ao pedir em casamento mediante o pagamento do lobolo ou dote. O lobolo, na sociedade tsonga, (Sul de Moçambique) funciona como recompensa pela perda de uma mulher (agente do trabalho doméstico); por outro lado, o lobolo é um substituto da mão da obra feminina, a mulher que passa a pertencer a família do noivo. O lobolo, enquanto substituto da mulher que parte, trará novas mãos-de-obra femininas para a família, pois os irmãos da mulher, trocada pelo dote (lobolo), usarão aquele dote para trazer à família novas trabalhadoras domésticas, engrandecendo e enriquecendo desta forma a família da recém-casada.

Contudo, a expressão proverbial em análise, ou a metáfora da galinha, não visa glorificar a figura da mulher na sociedade machista em que ela se enquadra. Na sociedade tradicional bantu, particularmente, na família patriarcal, a mulher é submetida ao processo cruel de objetificação, tal e qual os utensílios e os instrumentos de trabalho, que apenas são bem conservados enquanto continuarem a laborar a favor dos fins dos seus donos, e quando caducam, ninguém os presta a mínima atenção.

Aliás, a frase (vi) é elucidativa quanto ao significado, à importância e função que o lobolo desempenha nas duas famílias (do homem e da mulher), ao afirmar que “[...] o lobolo é uma troca de rendimentos.” (BAVPC65). Para quem paga o

lobolo, perde o dinheiro ou bens, mas ao mesmo tempo faz o investimento cujos ganhos são mais uma mão-de-obra para o homem e sua família, além dos filhos que vão engrandecer a família do homem. E quanto ao recetor do lobolo, perde a mulher enquanto membro do agregado familiar e como mão-de-obra, mas em compensação abrem-se novas perspectivas de melhoria da vida e de contratação de novas mãos-de-obras constituídas por mulheres para os irmãos daquela que partiu.

A ideia de legitimação do poder masculino está mais evidente nos excertos (ii) e (iii), onde o homem aparece promovido ao estatuto de Deus, no campo do divino, e de soberano, no campo da estrutura monárquica, e a mulher despromovida ao estatuto de mera serva obediente e de escrava dócil. Nos dois excertos, as vozes conselheiras são de mulheres maduras com alguma experiência de submissão atroz aos respetivos maridos, mas, mesmo assim, ao invés de despertar as jovens para rebelarem contra a desumanização, apelam à resignação perante a violência, justificando irracionalmente que *o homem agride o corpo da sua mulher porque a ama*.

Em (iv) a metáfora do pilão (= lar) e do cereal (= mulher) aponta para a realidade cruel do lar onde a mulher recém-casada vai residir na companhia do seu marido e cercada pelos parentes do marido que vão exigir dela um trabalho e sacrifícios acima das suas capacidades humanas, como compensação do valor do lobolo pago aos pais. Aqui o bom desempenho da mulher, no trabalho doméstico, é avaliado pelo grau de satisfação do homem e parentes deste, e não pela qualidade do produto.

Paulina Chiziane não deixou de lado de trazer ao debate de figuras masculinas que, devido às influências recebidas do cristianismo, não concordam com alguns aspetos machistas. A este segmento social de homens, como o ex-seminarista Mwando, foi alvo de críticas impiedosas, ora por deixar dominar pela mulher preguiçosa (Sumbi), ora por não aceitar casar com outras mulheres que fossem capazes de trabalhar para si e para os pais. Esta promoção do machismo e da poligamia está presente em (v) e (vii) do nosso *corpus*.

Entre os tsongas, um “Homem que se deixa dominar por uma mulher, não merece a dignidade de ser homem, [...]” (BAVPC63). Esta insatisfação é social, pois o repúdio à falta de dignidade deste tipo de homem vem tanto dos pais do homem quanto da comunidade e das estruturas locais, que olham para esta atitude de passividade masculina para dominar a mulher como mau precedente capaz de influenciar negativamente a continuidade da supremacia do homem. O segmento discursivo em referência estimula, promove a dominação masculina e penaliza a humildade e a generosidade masculina.

Em (vii), temos uma expressão proverbial que se inspira nas relações que se tecem no mundo da capoeira, segundo a qual “O galo que não consegue galar todas as frangas é eliminado [...]” (BAVPC66). O galo é uma ave doméstica brigona e ciumenta por excelência. E ao tomá-lo como modelo, os homens devem segui-lo, esta sabedoria africana promove uma mentalidade poligâmica e ciumenta nos homens.

De acordo com Diop (2014, p. 34-55), “o regime matriarcal é geral em África, quer na antiguidade, quer nos nossos dias”, e explica ainda que a família africana é

mestiça culturalmente, pois conjuga os aspectos do patriarcado e do matriarcado, isto é, a sua evolução interna orienta-se para um patriarcado atenuado devido às suas origens matriarcais da sociedade.

Nas sociedades patriarcais africanas, como a tsonga, retratada em *Balada de Amor Ao Vento*, onde o poder do homem é hegemónico, a poligamia é um direito e um dever para os homens ao mesmo tempo, porque nisso está inscrita a dignidade, e a virilidade do homem mais poderoso é avaliada pelo número total das mulheres (força de trabalho) e pelo número de filhos que vão ampliar o seu território e a sua fama.

Enquanto isso, no matriarcado (entre os makuwas e os makondes do Norte de Moçambique), nota-se a diluição e redução de discursos que advogam e justificam a necessidade de realização de casamentos poligâmicos. Razões disso podem estar relacionadas, primeiro, com o facto do poder deste sistema se encontrar incorporado na linha de descendência materna, e a mulher, mesmo sem o poder real, quando se casa fixa a residência na povoação do tio materno (chefe da família alargada); segundo, deve-se ao factor pobreza que caracteriza a região Norte, onde se observa a redução de casos de poligamia, bem como a aproximação do casal à família da mulher enfraquece sobremaneira a suposta supremacia do marido, relativamente ao regime patriarcal.

Sobre os casamentos poligâmicos, Diop (2014, p. 57) explica que “a poligamia não é específica de nenhum povo; [ela] foi e continua a ser praticada pelas classes sociais elevadas de todos os países [...]”. Inicialmente, a poligamia era um privilégio dos grupos sociais economicamente hegemónicos, enquanto que a *monogamia* foi sempre praticada pelas populações destituídas de posses. Portanto, é o alto poder económico que garantia às elites dispor de várias mulheres e criar para elas as melhores condições de vida e um ambiente sem graves conflitos.

Hoje, infelizmente, a poligamia tende a propagar-se às camadas populacionais mais pobres, cenário que abre fissuras para graves conflitos conjugais, muitos dos quais provocados por necessidades económicas recorrentemente insatisfeitas, o que tem vindo a anular a dignidade das mulheres africanas.

Este olhar encontra argumentos na atitude da personagem Ourives ou marido da Alima, do conto “O Sonho da Alima” (MOMPLÉ, 2008, p. 40), que se recusou a casar com outra mulher, mesmo depois da sua esposa que, considerando-se culpada pela esterilidade, autorizou o marido para que casasse com uma outra mulher que fosse capaz de lhe dar filhos.

Em suma, no matriarcado há um relativo enfraquecimento dos discursos de dominação masculina sobre a mulher, enquanto no patriarcado predomina uma linguagem coerciva, imperativa. Por exemplo, ao mapearmos os fatores de promoção e legitimação da dominação masculina sobre as mulheres, na obra de Lília Momplé, identificámos poucos discursos ou conselhos promotores das desigualdades entre homens e mulheres. Mas na obra de Paulina Chiziane, houve um maior número de ocorrência de tais discursos.

## Considerações Finais

Os grupos sociais que exercem o poder hegemónico servem-se da língua para veicular discursos promotores da discriminação entre os diferentes estratos da sociedade, como acontece entre os homens e as mulheres. Geralmente, o grupo dominante, como o dos homens, recorre às fontes e testemunhos do passado, como os ancestrais, as religiões e a sabedoria popular (lendas, mitos, provérbios, máximas, sentenças e outras fraseologias) para legitimar as desigualdades e as injustiças sociais.

Nas obras literárias das escritoras moçambicanas, que são objeto deste estudo, é notória a crítica à negação da humanização da mulher, chegando ao extremo de aconselhá-la a não se revoltar contra a violência física e psicológica (cf. CHIZIANE, 2007, p. 43-47).

No seu artigo em que analisa os provérbios, com o fundo temático do valor e da importância da mulher na família africana, Maciel defende que “esses textos devem ser usados na escola para a exploração do tema ‘Educação para a Equidade do Género’ e, mais especificamente, para desenvolver nos alunos a consciência crítica dos papéis e estereótipos de género” (2015, p. 67), tese com a qual concordamos, se tomarmos como fundamentos as relações assimétricas que se tecem nas duas obras literárias entre homens e mulheres.

Quando um homem, devido ao seu modo de agir, por influência de um tipo diferenciado ou não de educação, se afasta da matriz masculina dominante, tratando uma mulher com desvelo e sem violência, ou quando tal homem realiza, movido por amor ou espírito de solidariedade com a sua mulher, as tarefas de âmbito doméstico, tarefas que se supõe pertencer ao mundo da mulher, esse homem é aconselhado pelos membros comunitários (anciãos) a tomar atitudes que desumanizam a mulher para evitar que o seu comportamento benevolente destrua a estrutura social. Caso esse homem não acolha os conselhos machistas, ele perde o prestígio social, a sua dignidade de homem, como aconteceu com o ex-seminarista Mwando, o qual devido a influência da sua formação cristã, nunca concordou com a ideia de oprimir a mulher como sinónimo de amor, nem aceitou a ideia de casar com mais de uma mulher como sinal de virilidade e de angariação de fama (cf. CHIZIANE, 2007, p. 62-66).

Por vezes, a tradição impõe às mulheres sacrifícios social, psicológica e biologicamente desnecessários para o desenvolvimento harmonioso das próprias mulheres, só para a satisfação sexual dos homens. É exemplo típico disso o ritual de alongamento do clitóris durante os ritos de iniciação das adolescentes na região Norte de Moçambique, cuja única finalidade é a de agradar sexualmente aos parceiros sexuais das mulheres. Por outro lado, quando um casal não consegue ter filhos, é frequente, nas comunidades tradicionais bantu, imputar a culpa pela esterilidade somente à mulher (cf. MOMPLÉ, 2008, p. 40), como se os homens fossem sempre imunes à infertilidade.

A formação acadêmica das mulheres, muitas vezes, é bloqueada pelos pais, a pretexto de pobreza, mas ao mesmo tempo abrem as portas da escola para os rapazes estudarem. Esta mesma atitude dos pais é repetida pelos maridos com o argumento de que não há necessidade de uma mulher estudar, justificção que mascara o seu *machismo* e o *ciúme* doentio (cf. MOMPLÉ, 2008, p. 41-42).

Estes são apenas alguns exemplos que ilustram a existência de discursos que funcionam, nas duas obras literárias, como fatores de promoção e legitimação da dominação masculina sobre a mulher.

## **BANTU ANCESTRY IN THE FICTION OF LÍLIA MOMPLÉ AND PAULINA CHIZIANE: LEGITIMATION FACTORS OF GENDER INEQUALITY**

**Abstract:** *With this article we aim to reflect to what extent some uses and customs of Bantu ancestry, reinterpreted in “Os Olhos da Cobra Verde” (2008), by Lília Momplé and “Balada de Amor ao Vento” (2007), by Paulina Chiziane, function as legitimation factors of gender inequality in Mozambique. The corpus of the two literary works, extracted through exploratory reading and inductive-explanatory methodology, is constituted by proverbial speeches, whose purpose is to format the minds of young people aiming at the reproduction of the African cosmivision. In these speeches, an intention appears that tends to advocate asymmetrical relationships between men and women. At the end of the analysis of the guidelines of the discursive positions, we conclude that the two writers caricature bantu social realities, implying that certain values of the African ancestral pedagogical vision come into flagrant conflict, either with the pluralism of fragmented models of post-modernity, or with the project for the emancipation of Mozambican women, a fact that turns some values of that pedagogy into a legitimation factor of gender inequality.*

**Keywords:** *Discourse; Legitimation; Gender Inequality; Lília Momplé, Paulina Chiziane.*

## **Referências**

ARAÚJO, José Wiliam Corrêa de. O contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade. In: *A noção de consciência moral em Bernhard Häring e sua contribuição à atual crise de valores*. Tese de Doutorado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRAGANÇA JR., Álvaro A., *Considerações acerca da educação através dos provérbios em latim na Baixa Idade Média*. In: *Clássica*, São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, pp. 215-230, 2002/2003. Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Setor de Alemão Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

BRAGANÇA JR., Álvaro A., PASTOR, J.P., COSTA, R. *O Livro dos Mil Provérbios (1302) de Ramon Llull: texto e contexto*. Tradução: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais II, s/d.

CHIZIANE, Paulina, *Balada de Amor Ao Vento*. 3. ed., Ndjira, s/1, 2007.

DIOP, Cheikh Anta, *A Unidade Cultural da África Negra*. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Reler África, 2014.

DUQUE, Eduardo J., *A Identidade na Pós-Modernidade: um conceito histórico-hipotético*, 2003, Cadernos do Noroeste 21, 1-2: 39 - 52.

HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro*. Estudos de teoria política. Tradução de George Sperber e Paulo Astor Soethe, UFPR, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HALL, Stuart, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

LIMA, Aluísio Ferreira de. “Acepções de Identidade na Obra de Jürgen Habermas: subsídios para uma psicologia social criticamente orientada”. In: *Psicologia & Sociedade*; 24 (2), 253-262, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012.

LOPES, Ana C. M. *Texto Proverbial Português Elementos: para uma análise semântica e pragmática*. Dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e Encantamento Como Inspirações Formativas: Filosofia Africana e Práxis de Libertação, *Revista Páginas de Filosofia*, vl. 6, n. 2, p. 51-64, Jul/Dez, 2014.

MACIEL, Carla Maria A. “Mulher, esposa, doméstica, mãe, educadora: subsídios para uma reflexão sobre os provérbios moçambicanos no contexto escolar”. *Série-Estudos*. In: *Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB Campo Grande, MS*, n. 39, p. 63-72, jan./jun. 2015.

MALLINDA, Daniel Augusto. *Cartografias da Nação Literária Moçambicana: “Contos e Lendas”, de Carneiro Gonçalves*. Maputo: Promédia, 2001.

MOMPLÉ, Lília. *Os Olhos da Cobra Verde*. Maputo: Edição da autora, 2008.

NGUNGA, Armindo (editor). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Coleção: As Nossas Línguas I, CEA – UEM: Maputo, 2009.

PLANTAMURA, Vitangelo. *Modernidade e Pós-Modernidade: Pela Renovação do Projeto de Humanização*. Universidade Federal do Rio Grande: Brasil, 2003.

SARLO, Beatriz. *O Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*, 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TIMBANE, Alexandre A. Marcas da Identidade Cultural e Linguística Moçambicanas no Filme *Virgem Margarida*, de Licínio Azevedo. In: *Revista Língua & Literatura*, v. 18, n. 32, p. 64 - 87, dez. 2016

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thais Marini. *Revisitando o Conceito de Provérbio*. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Atemática: UFJF, Juiz de Fora, 2008.

*Recebido em 20 de março de 2023*

*Aceito em 27 de abril de 2023*

# A SISTEMÁTICA DO RACISMO E DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DA CONSCIÊNCIA E MEMÓRIA DE RESISTÊNCIA EM POEMAS DE AROLDA FIGUERÊDO E ELIZA METZKER

*Aline Santos de Brito Nascimento<sup>1</sup>*  
*Juciene Silva de Sousa Nascimento<sup>2</sup>*

**Resumo:** Esta pesquisa se deu a partir de estudos e discussões no Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC, nos quais reverberamos a (re)afirmação e (re)significação da identidade negra na contemporaneidade sob olhares categóricos sobre racismo, branqueamento e democracia racial, considerando o processo de consciência e memória como elementos propulsores de superação desse racismo imbricado na vivência sociopolítica e cultural brasileira. Para esse momento, delineamos como objetivo principal reconhecer como a afirmação e ressignificação da identidade negra, na contemporaneidade, se manifesta nas representações metafóricas dos poemas de Arolda Maria Figuerêdo e Eliza Metzker, em que desempenham papéis político-sociais relevantes, sobretudo nos espaços citadinos. A pesquisa é bibliográfica e de caráter qualitativo, na qual se propôs um estudo de caso, através da análise de narrativas de episódios de uma vivência afro-brasileira, em diálogo com estudo bibliográfico de epistemologias pós e decolonialistas de autores, como Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Frantz Fanon (2020), Kabengele Munanga (2016) e Abdias Nascimento (2016 e 2019). Aqui, consideramos que, apesar dos processos

negativos nos quais os sujeitos negros foram colocados em condição de vítimas de diversas violências históricas, é possível (re)afirmar e (re)significar representações positivas, em que negros e negras desempenham papéis político-sociais relevantes, sobretudo nos espaços citadinos.

**Palavras-chave:** Racismo; Consciência; Vivência Negra; (Re)significação.

## Considerações iniciais

A proposta temática deste trabalho discute a (re)afirmação e (re)significação da identidade negra na contemporaneidade sob olhares categóricos sobre racismo,

---

1 Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em Letras - Literatura pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Cultura e Turismo (UESC/UFBA). Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa (UESC). Licenciada em Letras e Artes (UESC). E-mail: abnascimento@uneb.br

2 Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/ Campus X). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). Graduada em Letras com Espanhol pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: jssnascimento@uneb.br

branqueamento e democracia racial, considerando o processo de consciência e memória como elementos propulsores de superação desse racismo imbricado na vivência sociopolítica e cultural brasileira. Tais reflexões se justificam a partir das demonstrações de práticas racistas no curso do tempo, bem como a insistência desse fenômeno na contemporaneidade sob nova roupagem, em decorrência de resquícios da identidade colonizadora forjada por intermédio de práticas violentas de cunho físico, mental, cultural e social por um grupo hegemônico que insiste em manter-se em lugar privilegiado através da manipulação do indivíduo negro instrumentalizado pela negação psíquica de seu ser e estar nas relações sociais dos países colonizados.

A pesquisa se baseia na ideia de que o movimento dialético de consciência-exclusão e memória-inclusão, em que o racismo infere suas práticas, quer sejam objetivas-factuais ou subjetivas-veladas “nas práticas que configuraram as sociedades de origem latina prevaleceram (e ainda prevalecem) ideologias da miscigenação, da assimilação e da democracia racial, cujas especificidades alicerçam o racismo [...]” (BOTTON; NASCIMENTO, 2021, p. 143).

Nesse sentido, traçamos uma discussão teórico-metodológica sobre a sistemática do racismo e democracia racial a fim de auxiliar a compreensão de como os elementos que sustentaram e sustentam tal fenômeno servem de pontos de partida para a consciência do sujeito negro, mediante a evocação da memória, para a (re)afirmação e (re)significação da identidade negra na contemporaneidade. Para este estudo, lançamos mão de uma pesquisa qualitativa, na qual elegemos o cunho documental como tipologia metodológica para as análises de poemas de autoras regionais, cujos termos metaforizados são provenientes do exame de suas vivências e lugar no mundo. Ademais, também ancoramos nossos estudos em aparatos epistemológicos pós e decoloniais, veiculados em discussões do Grupo de Estudos em Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC (PPGL/UNEB), através de autores, como Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Kabengele Munanga (2016) e Abdias Nascimento (2016 e 2019).

Os itens foram organizados sistematicamente, em uma cadência discursiva, na qual, no primeiro item, são reverberados os liames da sistemática do racismo e da democracia racial. No segundo, discutimos o racismo estrutural como fio condutor da denegação psíquica negra; e, no terceiro item, consideramos os elementos de consciência e memória de resistência em poemas de Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker, mediante análises de poemas que evidenciam processos de afirmação identitária em suas experiências.

Nesta pesquisa, inferimos que, apesar dos processos negativos nos quais os sujeitos negros foram colocados em condição de vítimas de diversas violências históricas, é possível (re)afirmar e (re)significar representações positivas, em que negros e negras desempenham papéis político-sociais relevantes, sobretudo nos espaços citadinos.

## 1 Os liames da sistemática do racismo e da democracia racial

Oriunda da ideologia do branqueamento, a democracia racial no Brasil tem sustentado práticas abusivas, cujas inserções se ocupam em manter o negro em lugares de subalternidade, sob o contraditório de que existe uma convivência pacífica entre as raças neste Estado Federativo. No entanto, o espaço da supremacia é sempre ocupado pelo branco, pela figura proveniente dos resquícios colonizadores. Caso haja a reivindicação desses espaços, a tensão criada por tal atitude gera a inevitável culpabilidade sobre aquele sujeito, a de causar desordem naquilo que funcionava “harmoniosamente”.

Ante a isso,

Devemos compreender “democracia racial” como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* na África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (NASCIMENTO, 2016, p. 111).

Dessa forma, o racismo, no Brasil, constitui-se numa problemática dialética factual, que origina mitos, discussões binárias e alicerça discursos excludentes, bem como apresenta características da real “neurose cultural brasileira”, cujos efeitos são reais, envolvendo as noções de consciência e de memória, em que naquela estão envolvidos elementos como desconhecimento, encobrimento, alienação, esquecimento e saber, enquanto nesta estão envolvidos fatores como o não-saber que conhece; lugar de inscrição que constituem uma história não escrita; lugar da emergência da verdade, sobretudo dessa verdade que consideram ficcional (GONZÁLEZ, 2020). É nesse movimento dialético de consciência-exclusão e memória-inclusão que o racismo infere suas práticas, quer sejam objetivo-factuais ou subjetivo-veladas.

As diversas matizes com que o racismo toma forma impulsionam a formação de diferentes características identitárias em suas vítimas. Sobre o tema, Castells (2002) propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes (a exemplo das ações colonizadoras); identidade de resistência, criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizada pela lógica de dominação (como acontece com aqueles que sofrem ações racistas); e identidade de projeto, quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade (o que normalmente pode ser observado na ações posteriores daqueles que passam pelo processo de resistência).

## 2 O racismo estrutural como fio condutor da denegação psíquica negra

O estudo sobre racismo estrutural, embora muito evocado na atualidade, a fim de discutir o caráter identitário negro, confrontando-o com a noção de racismo em termos epistemológicos, ainda é um campo de estudo amplo, de inúmeras possibilidades e descobertas, haja vista seu caráter cronológico e as várias faces com que vem se adaptando a diferentes sociedades no curso do tempo.

Aqui, para se discutir racismo, faz-se necessário lembrar que a identidade negra, em termos conceituais, é concebida “como uma construção social, histórica, cultural e plural, [que] implica a construção do olhar de um grupo étnico-racial ou de sujeitos que pertencem ao mesmo grupo, sobre si, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2007, p. 45). Nessa perspectiva, considerando as discussões anteriores, a identidade racial do negro, sendo concebida desde a infância, se depara com o que são sem se envergonharem disso; contudo, à medida em que vão estabelecendo as interações e relações no âmago da sociedade, as percepções do mito da supremacia branca, legitimada por leis, projetos políticos, bem como seu caráter puramente formalista na engrenagem social, produz a ilusão de que todos são iguais perante a lei, mas, na prática, os fenômenos diários não evidenciam tal proposição. Então, essa percepção, conseqüentemente, produz a fragmentação da identidade racial negra, surtindo como efeito o desejo de embranquecer (GONZÁLEZ, 2020).

A fim de entendermos melhor o fenômeno do racismo por denegação, é preciso antes retomar o pensamento da teoria das raças, cuja proposição esclarece que

[...] o termo ‘raça’ adquiriu um *status* científico que contribuiu para resumir as diferenças: acreditava-se que as características fenotípicas desafiavam a influência das circunstâncias externas, ao passo que as capacidades morais e intelectuais estavam inextricavelmente ligadas à aparência física.

[...] o desenvolvimento das várias teorias de raças concorrentes [se desenvolviam] mediante a análise dos autores mais influentes; a forma como os seres humanos se posicionava em relação aos outros animais; e o modo como a variedade dos seres humanos foi definida, cristalizada e organizada hierarquicamente (BETHENCOURT, 2018, p. 343).

Cabe inferir que a sustentação político-científica de tal categorização gerou, no curso da história, a movimentação de uma disputa pela hegemonia e pelo monopólio de recursos econômicos em relação a uma minoria, a qual se ocupava em conseguir e manter sua liberdade, para, então, lograr independência existencial, bem como de suas ações como pertencente a uma ordem social. Enquanto isso acontecia, as fronteiras econômicas, sociais e políticas se dilatavam cada vez mais, expulsando essa minoria das mínimas possibilidades de inclusão, sendo discriminada e segregada em decorrência da força basilar da consideração político-científica

do que se entendia por “raça”. Dessa forma, a sustentabilidade das ações, para a supremacia branca, pode ser esclarecida mediante o pensamento de que

O racismo precedeu a teoria das raças, mas a inclusão numa estrutura científica de preconceitos novos e antigos relacionados com a ascendência étnica acentuou a ação discriminatória, uma vez que cristalizou os preconceitos étnicos, atribuindo-lhes um *status* de conhecimento superior (BETHENCOURT, 2018, p. 501).

A complexidade secular do entendimento desse fenômeno cria e recria tensões que circundam as diversas relações entre grupos, povos, bem como diversas sociedades, influenciando nas práticas sociais e se revelando nas mais diversas formas, o que nos alerta para uma observação acurada dessas questões. Nesse sentido, é preciso ter clareza para considerar que “o racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais [...]. Ele é o resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 179).

Dito isso, a problemática da percepção do racismo sofrido pelos indivíduos negros secularmente nos leva ao entendimento do desejo de branquear-se através da denegação, categoria freudiana, a qual nos auxilia na compreensão do pensamento da formação do inconsciente na identidade negra na contemporaneidade.

Ao considerar tal categoria, é possível compreender que o recalque agressivo do branqueamento recolheu tudo aquilo que caracteriza a cultura díspar da hegemônica como “popular”, “folclorizada” e “fetichizada” por tantas outras nações, criando figuras e mitos em torno daquilo que configura uma identidade racial com fins de apagamento do outro, causando o *não-ser* em detrimento de um *ser-pertencer* paradoxal. Assim, nas sociedades de origem latina, a presença do racismo disfarçado, chamado racismo por denegação pela militante e intelectual Lélia González (2020, p. 130), é latente, no qual “prevalecem as ‘teorias’ da miscigenação, da assimilação e da ‘democracia racial’”, ademais sustenta projetos políticos e sustentações veladas de exclusão socioeconômica, dando continuidade ao racismo estrutural presentificado no bojo da sociedade brasileira.

### **3 Consciência e memória de resistência em poemas de Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker**

O processo de construção da identidade racial na contemporaneidade tem causado reflexões de si, nas quais os indivíduos pertencentes ao bojo da luta racial se veem imersos no exercício da racionalização de suas existências. Nesse sentido, o exame da consciência e o resgate da memória, cujos elementos dialogizam características da assunção da pertença racial com os impactos psíquicos das ações dizimadoras do período colonial sobre a população negra, evoca a

memória para converter em substância o processo cronológico de luta e afirmação identitária negra.

É nesse sentido que elegemos duas poetisas regionais negras, moradoras do município de Teixeira de Freitas, na Bahia, em que os indicativos metafóricos utilizados em suas produções nos apontam os liames do racismo, branqueamento e democracia racial no curso de suas existências, bem como a ressignificação desses elementos ganha corpo na evidência de suas produções.

Arolda Maria Figuerêdo nasceu em Caravelas – BA, mas tem uma história de vida que faz um passeio por vilas e cidades grandes, escolas e universidades, perdas e vitórias. Mesmo aprendendo a administrar e a gerir, firmou a paixão pelas letras na Licenciatura, concedida pela Universidade do Estado da Bahia. Entre tantos cursos e incursos, destacam-se as cinco especializações, que ajudaram a consolidar a vasta experiência em Letras e Educação. Ao dissertar sobre literatura e cidade, oficializa o título de mestre. A professora Arolda ensinou e aprendeu a todas as idades, e assim continua voltando à UNEB, onde fortalece a formação literária e docente no ensino superior. Sua obra poética traz a mulher negra como mote, demonstrando que a iniciativa da publicação de tal obra seja um ato de resistência, posto que publicar hoje, poesia, sobre a mulher e sobre a mulher negra é uma ação de uma mulher negra mãe insubmissa, que se rebela face às intempéries que se sobressaem contemporaneamente (NASCIMENTO, 2021).

Já Eliza Metzker, uma jovem de 24 anos, também nascida em Caravelas – BA, se autodescreve como mulher, negra, baiana e poeta *slammer*, elementos que para a autora atravessam de forma cruel sua trajetória pelas subjetividades históricas, sociais, culturais e ideológicas que perpassaram suas origens. No entanto, tais peculiaridades, no curso do tempo, foram se substancializando em resistência. É escritora desde tenra idade, atuando, também, no cenário urbano desde 2019 com sua poesia de protesto, performando artisticamente com a finalidade de provocar tensão nas estruturas racistas e (re)afirmar e (res)significar a existência do sujeito negro, mediante desconstruções de elementos neocolonialistas e/ou racistas na contemporaneidade.

As reflexões em torno da obra *Uma pitada de poesia de mulher* (2021) permitem observar o tema da consciência e da memória de resistência nos poemas de Arolda Figuerêdo. Em sua essência, a obra carrega uma memória coletiva que se espelha em versos, e uma memória afetiva, que transcende o eu e se torna o nós. O engajamento de seus versos, suas estrofes e seus poemas se manifesta em ousados chamamentos à inconformidade e à subversão.

Num interessante acróstico intitulado “O papel da negra na sociedade brasileira” (FIGUERÊDO, 2021, p. 40), a autora homenageia aqueles que se tornaram suas referências de construção da consciência e da noção de resistência, como Luiz Gama, José do Patrocínio, Afonso Arinos e Abdias do Nascimento.

Ontem eu era livre andante, no meu torrão natal.

Portadora de cultura rica e variada.  
Abruptamente fui arrancada do meu alicerce  
Perseguida e amputada das minhas raízes,  
Escravizada, açoitada, deportada, violentada,  
Longe... além mar, me impuseram morar.

Do olhar perdido na imensidão,  
Avistei as correntes, minhas irmãs e o porão...

Naveguei comedida, amontoada, despojada de brios  
Ergui os olhos ao onipotente a indagar: - Sou menos filha?  
Gáudio não tive jamais. Onde ficou o meu habitat?  
Rei dos reis, de onde vem a minha culpa?  
Alço a ti a minha súplica?!!!

Na ânsia e na dor  
Aportei em novo lar, lar?

Sê antes purgatório.  
Onde oscilei ao peso das correntes  
Caí, levantei para novamente cair  
Inventei uma nova forma de me equilibrar  
Engenho, casa grande, senzala...  
Dei meu sangue, meu leite, minha força, meu suor...  
Ais, saudades...  
Dias, noites, anos, séculos: quanta luta quanta dor,  
Esperei a resposta do consolador.

Bravamente vi uma luz no fim do túnel  
Resolvi me organizar  
Abri as asas da esperança, e projetei um revoar  
Segui em pencas e bandos aos Palmares  
Ignorei o medo, me fiz forte em Dandara e Main  
Levantei a bandeira, enfrentei, combati  
Expurguei em Gama, Patrocínio, Arinos e Abdias; expeditos filhos de  
mulheres negras.  
Inevitável foi a chamada Abolição, entretanto, Brasil, fui e sou sua viga  
mestra.  
Reguei tua horta e teu engenho com suor e sangue, leite e lágrimas.  
Agora sou “livre”, não para voar, aprisionada estou nos teus preconceitos,  
na tua ingratidão. Por esta indenização, decidi aquilombar e revidar.

Aqui se nota o processo de construção da consciência e a valorização da memória como fios condutores da formação de ações de resistência, apesar do projeto de propagação do desconhecimento, do encobrimento e da alienação, para o qual González (2020) chama a atenção como fortemente presente na sociedade brasileira. A memória é evocada como forma de marcar um passado de mazelas, regado a “suor e sangue”, mas que tem na não aceitação dessa realidade um traço de resistência, na decisão de “aquilombar[-se] e revidar”.

As tessituras que na obra se alinham suscitam reflexões sobre o que é ser mulher e refletem também a sororidade da autora, que, ao pensar nas outras mulheres, ao reconhecer os seus espaços, faz um chamamento à luta para que isso se consolide. Nesse sentido, como diz o poema “Ser negra” (FIGUERÊDO, 2021, p. 23), a obra é “pé no chão”, e trata do ser negra, com toda a carga histórica e os traços fenotípicos que a etnia traz; além desse aspecto, o poema representa o ser preta, com toda a imagem que a cor revela e a interpretação que o outro tem dela; com o que aparece e o que aparenta; com o que é.

Ser negra é não ter mancha de pele  
Não ter queda de cabelo  
Não ter preguiça  
Não ter tristeza  
Não ter medo  
Não ter cor  
Não se contentar com migalhas  
E possuir sentimentos nobres

Ser negra é ter alegria  
É ter cultura  
É ter sangue universal  
É ter dentes alvos e saudáveis  
É ter sorriso largo e franco  
É ter um grande coração

Ser negra é sentir saudade  
É sentir vontade de crescer  
É sentir orgulho, ser.  
É sentir prazer com a carícia dos ventos  
E o aroma das flores

Ser negra é ser grande  
É ser bela  
É ser forte  
É ser desbravadora  
É ser destemida

É ser humana  
É ser poeta  
É ser capaz de buscar na dor  
Uma razão e uma lição de amor  
É apaixonar-se  
É ser ombro, amiga.

Ser negra é ser e dar apoio  
É construir nações  
É amor ao próximo  
É ser solidária  
É ser mãe  
É ser irmã  
Mãe solo

Ser negra é beleza em flor  
É pé no chão  
É povo  
É campo  
É tecnologia  
É progresso  
É construção  
É ser trabalhadora  
Enfim é ser viga mestra  
É vida, então.

Em oposição à forma depreciativa como a sociedade racista recorrentemente se refere à pessoa negra, em suas características físicas e comportamentais, o poema salienta qualidades no plano do favorável à sua valorização, destacando orgulho, força, grandeza, destemor, beleza. O poema, pois, destaca uma forma de combate à cristalização de preconceitos étnicos, conforme examina Bethencourt (2018).

Os versos dessa artista também se apresentam abordando o ser mãe, traduzindo em poesia a glória e a luta que a aventura da maternidade pode trazer. No poema “Amor de Mãe” (FIGUERÊDO, 2021, p. 35), percebe-se o tom de protesto ao racismo estrutural presente na sociedade, questionando a diferença da aplicação da lei e a intolerância que um filho preto pode sofrer.

Na contemporaneidade da vida  
Das ricas nuances do feminino  
O direito de ser mulher  
Em plenitude  
É ainda para poucas  
Soberana oportunidade.

Ser mulher é reverberante  
Mas, exercer a maternidade,  
Tem se tornado um fardo,  
Verdadeira queda de braço.

Já que no conturbado mundo  
Midiático e tecnológico  
Não há espaço para a perda  
De tempo com o amor.

Agora o amor é líquido,  
As relações são fluidas  
E escorrem por entre os dedos.

Então o exercício da maternidade,  
Da feminilidade plena  
Perpassa por atividades e afetividade.  
Mas também pela ação da *dura-máter*.  
Porque se vive em um tempo,  
Que o mundo corrompe o homem.  
Corrompe o filho e a filha.

O amor maior transforma-se  
Em vontade de proteger o fruto  
Através de ação mais dura  
Na tentativa de se evitar  
Os reveses da vida.

Transformam-se ensinamentos  
E interdita os bons princípios,  
Em dormência e rebeldia.  
Frente aos apelos inclementes  
Do fácil à revelia.

E se o filho(a) preto(a) for  
A cor modifica o ato e a injúria,  
O peso da lei e da justiça  
Faz-se em maior rigor.  
O libelo escrito solicita  
Não cabe medida cautelar  
Mas, sentença condenatória.

A intolerância deveria gerar  
Crimes imprescritíveis e inafiançáveis,  
Diante da maternidade  
Mas há o domínio revestido de plenos poderes,  
Sobre uma propriedade advinda  
Da dupla face imposta à pele retinta.

Por isso, é tempo que a *dura-máter* precisa aflorar.  
Para garantir que o seu rebento, não sirva de alimento  
Às práticas capitais do muito ter e pouco ser,  
Assim, a dureza do caráter materno  
Impõe limites à descendência gerada  
E lhe permite o florescer e o maturar.

O destaque dado à pele retinta é a diferença sobre a qual o racismo se apoia, confirmando a abordagem de Munanga e Gomes (2016) sobre uma possível superioridade buscada pelo racista. A resistência é proposta a partir do cuidado de mãe, buscando evitar as agruras com ensinamentos e tomada de consciência: “Assim, a dureza do caráter materno/ Impõe limites à descendência gerada/ E lhe permite o florescer e o maturar” (FIGUERÊDO, 2021, p. 35).

Ao compor reflexões sobre a formação do povo brasileiro, do passado ao presente, da história e do futuro que a partir dela se desenhou, o sujeito de enunciação lírico expõe a contradição da ideia de democracia racial, com o poema “A teoria da igualdade” (FIGUERÊDO, 2021, p. 30).

Fizeram-nos crer  
Que existe igualdade entre os povos e etnias  
Para uma nação que nasceu sob o prisma romântico  
Tem-se uma visão idealizada convertida em bela alegoria.

Se o salário não é o mesmo  
Se a oportunidade é vendida  
Se a cor é critério de corte  
Se a justiça está vestida

Bela ideologia  
Que engessa sonhos e opiniões  
Que produz os resultados esperados  
Pelos chefes das nações

Que perverte o senso crítico  
Através de ideário mirabolante

Empobrece as criativas  
E as impede de ir adiante.

Postula-se possibilidades mil  
Apresenta-se um mundo cor de rosa  
Sob a amplidão do céu de anil,  
Porém, caçam através da branquitude  
Todas as forças da juventude.

E assim as mais jovens exaltadas  
Cabem no pacote do controle  
Pois, ainda não entenderam  
Que há ursos camuflados,  
Que é preciso sair da senzala.  
Atravessar a casa grande  
Para um lugar conquistar.

E não se tornar mercadoria barata  
Nas mãos dos credores,  
Duplicata arquivada com data marcada  
De cobrança em horrores.

O poema permite observar o resultado da construção da identidade negra, conforme a noção proposta por Gomes (2007), em que os sujeitos, pertencentes ao mesmo grupo, expõem caracterizações, sobre si, a partir da relação com o outro, nesse caso um outro que está fora do grupo, em posição de superioridade impositiva: “é preciso sair da senzala./Atravessar a casa grande/ Para um lugar conquistar” (FIGUERÊDO, 2021, p. 30).

Ainda partindo das premissas epistemológicas em discussão neste texto, lançamos mão da obra *Sobre(vivências)* (2022), de Eliza Metzker, da qual nos remeteremos a dois poemas e, logo em seguida, um terceiro publicado em rede social da autora. Daremos início aos diálogos a partir do primeiro poema, “Resistências despadronizadas”, para, nele, identificarmos as assertivas.

Nesse poema, é possível perceber no verso que o inaugura a atribuição de culpabilidade em a autora dizer “tentar” despadronizar, uma vez que o termo utilizado nos remete às inúmeras imposições histórico-sociais que foram conferidas ao sujeito negro, sobretudo à necessidade de se encaixar aos padrões de uma sociedade embranquecida, cujo modelo europeizado não permite que negros e negras sejam reconhecidos. Em seguida, no quinto verso, essa problemática é ratificada quando a autora afirma que teve de mostrar seu valor, sendo relevado o fato de ter de prová-lo. Nesse instante, a consciência de si no bojo das estruturas sociais evidencia a noção de consciência, a qual envolve elementos desconhecidos, encobertos pelos quais a existência foi constituída. No entanto, ao evocar seu valor, a autora evoca

da memória seu lugar de inscrição, de emergência da “verdade” escondida, num movimento dialético de “consciência-exclusão e memória-inclusão” (GONZÁLEZ, 2020). Tal noção de memória-inclusão pode ser claramente visível no verso “Afinal, se eu reconhecesse minhas origens nada mais faria sentido para eles... Tudo faria sentido para mim”, ou seja, faz-se necessário conhecer/reconhecer o passado para legitimar e compreender o ato de existir no presente.

São admissíveis, também, as inferências das tensões criadas no poema mediante a atitude, com a tomada de consciência, da “desobediência” aos padrões, que a tornam assolada por carregar novos estereótipos no bojo da classe dominante, como demonstrado nos termos “delírio coletivo de desdém” e “Não temos juízo”, podendo ser observadas as premissas de serem sujeitos agitadores, desagradáveis, provocadores e dados à confusão.

Os indícios do impacto da democracia racial também são notadamente postos nas linhas poéticas, ao se remeter à “história que subjuga, aquela que faz de conta que estamos todos bem e que os nossos problemas são inventados”. A expressão “fazer de conta” imprime uma falsidade ideológico-social vigente, na qual o principal objetivo é escamotear as problemáticas referentes aos privilégios e desigualdades implementadas no curso do tempo em relação aos indivíduos negros, que, apesar de “libertos”, ainda continuam presos a imposições sociais que o diminuem ao *status quo* de desajuste social. Na sequência, os versos “A história que visa clarear cada vez mais os padrões que não me / Pertencem e que ‘escurece’ o poder que até então eu escondia / dentro do meu ser” dão continuidade à sistemática da democracia racial e o fenômeno branqueador da nação, no qual “o supremacismo branco maneja várias ferramentas de controle social do povo negro, inclusive uma constante lavagem cerebral visando entorpecer ou castrar sua capacidade de raciocínio” (NASCIMENTO, 2019, p. 45), ao relevar padrões divergentes do ser, uma vez que, na história do sujeito negro, a percepção de tal indivíduo ser vítima constante do racismo, que o exclui e o marginaliza, leva-o ao desejo de “branquear-se”, parecer o Outro, a fim de adequar-se e ser aceito, causando o *não-ser* em favor de *ser-pertencer* (GONZÁLEZ, 2020).

A luta pela libertação, pelo aquilombamento, é sempre demarcada de forma agonizante e cruel ao se remeter às palavras no poema: “Uma jornada marcada inúmeras vezes pelo sangue sagrado / no solo sofrido”. Nesse sentido, Abdias do Nascimento (2019, p. 289) esclarece que “precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e sua respectiva visão de futuro”, o que podemos verificar nos versos o sentido de mecanismos operativos de existência negra articulada em diversos níveis de vida coletiva negra. Dessa forma, ao apontar o reconhecimento do racismo pelo qual passou nos versos “Não fui o que eles queriam [quem sou hoje, jamais existiria] / Já que por um ‘descuido histórico’ a cor da minha pele foi esco- / lhida num sorteio racista / que cada vez mais adquire participantes”,

a denúncia legítima a necessidade do chamado à “liberdade”, esta no sentido de libertação existencial humana.

Passemos à apreciação do segundo poema, “Luto-ação”: as nuances significativas são delineadas a partir da angústia de problemáticas que assolaram (e ainda assolam) o sujeito negro veementemente, a saber:

#### LUTO-AÇÃO

Terrivelmente pequena  
Vista por todos como a herança divina da qual precisam zelar  
Inocentemente incapaz  
“Você não pode subir em árvores”  
Covardemente feroz  
“Sente como uma moça, tenha modos!”  
E constantemente se retrai, dia após dia  
Cala a boca, o peito, os sonhos  
e sua coragem é renegada pelos seus fiéis guardiões  
Se comporta, não se conforma, mas na fôrma social é jogada  
[devastada / dilacerada]  
Submissa?  
“Você tem idade suficiente”  
Afinal, as ditas obrigações te chamam  
Não há como fugir quando se é o que é  
Mas quem somos nós?  
Como se proteger desse fogo cruzado?  
Se há sangue na porta de entrada do “lar doce lar” e o tapete do  
“seja bem-vindo” carrega a poeira asquerosa da violência?  
Há perigo em cada esquina e nós continuamos perdendo: tudo  
se fechou e os sonhos...  
Pequenos, porém ferozes (METZKER, 2022, p. 23).

Nesse poema, a cognição extraída dos primeiros versos demonstra claramente o fenômeno do branqueamento pelo viés psíquico autoral, no qual as memórias denunciam elementos de tentativa de ajuste aos “moldes” padrões da sociedade europeizada pelo fenômeno colonialista. Por processo psíquico branqueador, aqui, entendemos como

[...] a interiorização e sedimentação como censura de cada elemento identitário negado antes na cultura colonialista: da depreciação dos credos, a desagregação dos laços sociais originários, passando pela sistemática violência para a domesticação do corpo e da vontade até a descaracterização da própria cor (BOTTON; NASCIMENTO, 2021, p. 144).

A partir dessa premissa, a sistemática do recalque agressivo demonstrado nos versos é dotada de um sentimento de perda dos desejos pessoais em detrimento ao ajustamento social requerido por seus “guardiões”, ou seja, os progenitores e sua necessidade de resguardar suas proles das mazelas invisibilizadoras e marginalizantes da sociedade. É interessante pôr em relevo que se trata de uma infância não tão longínqua a este presente no qual se materializa este estudo, o que denuncia, ainda, a continuidade das tentativas de branqueamento como forma de genocídio de um povo (NASCIMENTO, 2016).

O recalque que agride a população negra, no curso do tempo, é denunciado nos elementos memorialísticos quando, em seus versos, a autora revela em *flashes* suas impressões de tais experiências ao confessar: “E constantemente se retrais, dia após dia / Cala a boca, o peito, os sonhos / sua coragem é renegada pelos seus fiéis guardiões / Se comporta, não se conforma, mas na fôrma social é jogada / [devastada / dilacerada]”. Como executora desse recalque, “a família [...] exerce um papel preponderante como propulsora ou não da ideologia do branqueamento, uma vez que famílias negras podem exercer a função de executora da internalização de tais ideias, projetando comportamentos político-sociais em seus membros [...]” (BOTTON; NASCIMENTO, 2021, p. 146).

Uma cadência narrativa da imposição da subjetividade consciência-memória se coloca no limiar do poema, materializando a natureza do ser negro na contemporaneidade, fator que eclode nos últimos versos do poema, através dos elementos enunciativos que o compõem, como “sangue”, “violência”, “continuamos”, “sonhos” e “ferozes”. Nessa cadência elementar, mais uma vez a assimilação do *não-ser*, em detrimento do *ser-pertencer*, se revela e vai tomando corpo na medida em que os elementos são dispostos paradoxalmente, tornando a movimentação do objeto acentuada em direção à reinterpretação da realidade e novos modos de atuação, numa relação de causa e (re)significação dos efeitos causados pelos aparatos racistas do branqueamento.

No terceiro poema, “Ei, Mainha”, inédito e publicado em sua rede social, a autora performa com expressividade as metáforas ali presentificadas:

EI, MAINHA!

Em outra poesia eu falo que não fui o que eles queriam  
Eu digo que a liberdade, de verdade, agora iria cantar  
E eu sei e concordo que liberdade é não ter medo, mas...  
Quando eu de casa saía a senhora sempre me dizia:  
Leva o documento e cuidado em cada beco.  
Eu achava estranho todo esse rolê  
E me perguntava o que lá fora eles seriam capazes de fazer?  
O tempo foi passando, e eu fui crescendo e entendendo  
Até que a resposta veio, no começo, disfarçada e quietinha

E lá estava ela: quando os meus colegas, sem identidade andavam  
Mas... se eu perdesse a minha...  
Era um perigo constante que me rodeava  
Muito antes de eu entender o que se passava  
Ei, mainha!  
Lembro da senhora me puxando de canto  
Passando os dedos em cada traço meu e aos prantos, falando:  
“Tu é linda, minha filha. Não deixem que te mostrem o contrário”.  
E na minha rua, ao brincar, via meninas como eu  
A gente se reconhecia uma na outra  
Mas tivemos nosso conto de fadas arrancado  
E sem ter noção ainda, éramos nós contra o racismo e o patriarcado.  
Mas mainha sempre me avisou sobre isso  
Que luta não se resumiria a um esporte na TV  
Luta já fazia parte do meu vocabulário bem antes  
De balbuciar as primeiras palavras e pensar em dizer  
Ei, mainha!  
Lembro da sua voz embargada me aconselhando  
A ser sempre a melhor, nunca passando por cima de ninguém  
Mas me esforçando o dobro, o triplo... sempre mais  
Pra que um dia, pra sociedade, eu fosse considerada capaz.  
Fui avisada, alertada, protegida  
Mas na prática... nossa, como dói.  
Sim, mainha!  
Meu cabelo black desarma e incomoda por onde passo  
Minha pele preta prata reluz e incomoda por onde passo  
Nunca foi tão difícil ser passada pra trás  
E ter meu lugar questionado por estar na frente  
O que é o topo? Se as nossas oportunidades são muito diferentes...  
Os saberes que aprendi com as minhas mais velhas  
Como a senhora, mainha  
Eles tampam os ouvidos para não escutar  
E é por isso que quando entrei na faculdade  
Me perguntava: Será que aqui é meu lugar?  
Pras minhas mais novas quero levar o legado das mulheres pretas da  
minha vida  
A senhora, mainha, foi a verdadeira rainha na arte de criar  
Teceu colchas de retalho com todo cuidado e abdicação  
E eu? Primeira da família a entrar na faculdade  
Escrever literatura e chegar à publicação!  
Ei, mainha. Eu jamais esqueço de onde vim e onde quero chegar  
Esse legado é nosso, feito por muitas mãos.  
Tua bença e gratidão por me permitir te orgulhar (METZKER, 2022).

De forma impactante e evocando a figura da mãe, na singularidade regional do termo “mainha”, demarca idiossincrasias da construção pessoal de um lugar de fala, demonstrando uma linearidade com que os eventos ocorrem e as divergências das perspectivas existenciais a partir da tomada de consciência dos fatores de opressão social. No poema, os versos “Quando eu de casa saía a senhora sempre me dizia: / Leva o documento e cuidado em cada beco. / Eu achava estranho todo esse rolê” demonstram a situação de vulnerabilidade do indivíduo negro na sociedade, que o atribui a condição de marginal, pois corria (e ainda corre) o risco de a todo momento ser confundido com bandido por onde passa. A demonstração das “boas intenções” maternas, em desejar proteger sua prole das mazelas racistas e excludentes da engrenagem cidadina, revela o cuidado que a família sempre tinha, em desejar que seus filhos “parecessem” com o que era aceito, com o que não causava estranhamento (FANON, 2020), contudo as divergências factuais começam a fazer sentido nos questionamentos do indivíduo negro, o que podemos observar nos versos “O tempo foi passando, e eu fui crescendo e entendendo / Até que a resposta veio, no começo, disfarçada e quietinha / E lá estava ela: quando os meus colegas, sem identidade andavam / Mas... se eu perdesse a minha...”. Aqui, mais uma vez, os elementos da consciência retomam e legitimam experiências que substancializam a memória, dando aos elementos de dor as razões necessárias para a (re)afirmação e (re)significação de uma identidade outrora apagada e oprimida.

Mais adiante, a figura da mãe, e sua sapiência, serve de ponto de partida para a virada do aquilombamento pessoal ao dizer “O que é o topo? Se as nossas oportunidades são muito diferentes... / Os saberes que aprendi com as minhas mais velhas / Como a senhora, mainha / Eles tampam os ouvidos para não escutar”, demonstrando a dialética entre passado e presente, na qual a tomada de consciência alicerça o desejo do *ser-pertencer* em sua diferença. A luta a leva a novos caminhos, cujas trilhas pedregosas não foram percorridas pela sua ancestralidade, mas a ela se revelou a abertura dos mesmos pelos caminhos duramente galgados por sua ancestralidade, suas mais velhas, agora ela se questiona a desconsideração pelo construto social de um saber tão relevante na construção de sua trajetória: “O que é o topo? Se as nossas oportunidades são muito diferentes... / Os saberes que aprendi com as minhas mais velhas Como a senhora, mainha Eles tampam os ouvidos para não escutar”. Em contrapartida, a valorização do lugar que agora ocupa é colocada em relevo na medida em que reconhece a contribuição de tais ensinamentos, da valorização dos saberes de sua ancestralidade nas palavras “E eu? Primeira da família a entrar na faculdade / Escrever literatura e chegar à publicação!”. Nesse sentido, o quilombismo “define o ser humano como o seu objeto e sujeito científico, dentro de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre outras vias do conhecimento” (NASCIMENTO, 2016, p. 291), o que pode ser reconhecido no poema aqui em questão, no qual o franco processo de aquilombamento autoral se constitui através da consciência

e da memória, convertendo sua própria vivência em seu objeto de conhecimento, além de atuação como sujeito científico.

## Considerações finais

As análises poéticas aqui presentes buscaram identificar de que forma a sistemática do racismo e da democracia racial puderam ser questionadas a partir da representação da consciência e da memória de resistência das autoras Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker, duas mulheres negras nascidas no interior da Bahia e que têm, na poesia, um importante suporte para a expressão de suas angústias e alegrias.

O aparato teórico, que permitiu fundamentar a análise, partiu das leituras dirigidas no decorrer das ações do Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC, composto por pesquisadores vinculados à Universidade do Estado da Bahia. Os estudos permitiram a afirmação e significação, bem como suas releituras, da identidade negra, que persiste no enfrentamento do racismo, da busca pelo branqueamento e do engano da democracia racial. Tal identidade se firma a partir do processo de consciência e memória como estratégia de permanência num ambiente hostil vivenciado nos elementos sociopolíticos e culturais brasileiros.

Os poemas de Arolda Maria Figuerêdo e Eliza Metzker, imbricados de diversas representações metafóricas de cunho político-sociais, permitiram o reconhecimento da afirmação e ressignificação da identidade negra na contemporaneidade, o que pode ser identificado claramente nos seus versos e títulos. Desse modo, as epistemologias pós e decolonialistas, de autores como Francisco Bethencourt (2018), discutindo as teorias das raças concorrentes; Nilma L. Gomes (2007), abordando a construção do olhar de um grupo étnico-cultural; Lélia Gonzalez (2020), denunciando o encobrimento, a alienação e o esquecimento; Frantz Fanon (2020), salientando o “parecer ser” como fuga; Kabengele Munanga (2016), combatendo a crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores; e Abdias Nascimento (2016 e 2019), questionando as falsas benesses da democracia racial, colaboraram para o diálogo entre a teoria e a produção literária das autoras.

Dentre os principais elementos identificados no decorrer da pesquisa, destaca-se a presença de representações positivas, nas quais os negros e as negras que se presentificam nos poemas desempenham papéis político-sociais relevantes, em oposição ao que costumava ocorrer nos casos de representação negra na literatura nacional. Salienta-se que a ilustração negativa desses sujeitos reflete o passado e, em muitas situações, o presente, contaminados por diversas formas de violência.

Assim, o *corpus* principal do presente estudo, a saber, as publicações *Uma pitada de poesia de mulher* (2021), de Arolda Figuerêdo, e *Sobre(vivências)* (2022), de Eliza Metzker, configuram-se como ricos motes para suscitar as reflexões acerca das consequências do racismo, da importância da construção da consciência, dos

elementos constitutivos da vivência negra e da (re)significação de todos esses conceitos a partir da tradução poética dos sentimentos de suas autoras.

Em suma, as caravelenses autoras das produções poéticas, aqui analisadas, retrataram o seu reconhecimento de pertença, colaborando para a construção da identidade de seus leitores semelhantes, ao proporcionar a manutenção da memória a partir da divulgação de seus ideais materializados em saberes poéticos. O deixar de ser o que não interessa, o ser o que foi escolhido e o buscar ser o que se vislumbra são um frutífero legado que tais obras deixam para o mundo.

## **THE SYSTEMATIC OF RACISM AND RACIAL DEMOCRACY FROM THE CONSCIOUSNESS AND MEMORY OF RESISTANCE IN POEMS BY AROLDA FIGUERÊDO AND ELIZA METZKER**

**Abstract:** *This research was based on studies and discussions in the Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC, in which we reverberate the (re)affirmation and (re)signification of black identity in contemporary times from categorical perspectives on racism, whitening and racial democracy, considering the process of awareness and memory as propelling elements for overcoming this racism imbricated in the Brazilian sociopolitical and cultural experience. For this moment, we outline as the main objective to recognize how the affirmation and resignification of black identity in contemporary times is manifested in the metaphorical representations of the poems by Arola Maria Figuerêdo and Eliza Metzker, in which they play relevant political and social roles, especially in city spaces. The research is bibliographic and qualitative, in which a case study was observed, through the analysis of narratives of episodes of an Afro-Brazilian experience, in dialogue with a bibliographic study of post and decolonialist epistemologies by authors such as Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Kabegle Munanga (2016) and Abdias Nascimento (2016 and 2019). Here, we consider that, despite the negative processes in which black subjects were placed as victims of various historical violence, it is possible to (re)affirm and (re)signify positive representations, in which black men and women play relevant political and social roles, especially in city spaces.*

**Keywords:** Racism; Conscience; Black Experience; (Re)signification.

## **Referências**

- BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. Trad. Luís Oliveira Santos e João Quina Edições. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: UBU Editora, 2020.
- FIGUERÊDO, A. M. S. *Uma Pitada de Poesia de Mulher*. São Paulo: Lura Editorial, 2021. v. 200. 92 p.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* In: BRASIL. *Educação como exercício de diversidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

METZKER, Eliza Maria da Silva. *Sobre(vivências)*. Maringá: Vizeu, 2022.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. Apresentação. In: FIGUERÊDO, A. M. S. *Uma pitada de poesia de mulher*. São Paulo: Lura Editorial, 2021. v. 200. 92 p.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Juciene Silva de Sousa; BOTTON, J. B. *Que faço com minha cara negra?* *Revista Espaço Acadêmico*, 21(230), 142-153. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60362>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

*Recebido em 11 de março de 2023*

*Aceito em 29 de abril de 2023*

# A TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR COMO ELEMENTO DA REMARCAÇÃO PARAMÉTRICA DO SUJEITO NULO<sup>1</sup>

*Jacson Baldoino Silva<sup>2</sup>*

*Norma Lucia Fernandes de Almeida<sup>3</sup>*

**Resumo:** As mudanças nas línguas são decorrentes de longos processos de variação nos quais participam diversos fatores, sejam eles genéticos ou socioculturais. Dessa forma, a mudança linguística não pode ser vista como consequência apenas de um fator biológico, mas de fatores nos quais participam a Língua, o Território no qual os falantes estão e a População (COUTO, 2019). Ela, portanto, é ao mesmo tempo social e mental, pois esses sistemas se interrelacionam nos processos de mudança e não podem ser vistos sob um ponto de vista dicotômico (CHOMSKY, 1981; PINTO; ANDRADE, 2019). Considerando isso, este artigo busca discutir, a partir de uma revisão de literatura, como a Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009) pode ser vista como um elemento propulsor que impulsionou o processo de remarcação paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro, visto que se configura como uma situação não prototípica de aquisição de linguagem. Portanto, a compreensão de processos de Transmissão Linguística Irregular aponta para a necessidade de se considerar fatores biológicos e socioculturais/sociointeracionais na aquisição de uma língua, sempre de um ponto de vista ecológico, pois a TLI é um parâmetro sócio-histórico que pos-

sibilita um maior entendimento da variação em determinados traços linguísticos, principalmente aqueles que dizem respeito a uma gramática internalizada e/ou variedade bastante (pensando-se em uma Língua-E) alterada quando comparada com a dos falantes nativos do território no qual a língua é utilizada (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

**Palavras-chave:** Aquisição; Variação; Mudança; Transmissão Linguística Irregular; Sujeito Nulo.

---

1 Este trabalho é um recorte da dissertação de Silva (2023) defendida recentemente sob a orientação da Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida (PPGEL/UEFS), na qual se discute o processo de remarcação paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo no português do Brasil. Agradecemos as contribuições da banca examinadora: Dra. Maria Eugenia Lammoglia Duarte (UFRI) e Dra. Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS).

2 Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana e doutorando na mesma instituição com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

3 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

## Introdução

Considerações ecológicas nos obrigam a prestar mais atenção aos modos de transmissão, sobretudo se a escola teve algum papel no processo e se isso redundou em uma variedade que não era necessariamente a usada por falantes nativos em questão (MUFWENE, 2019, p. 8).

O estudo da remarcação paramétrica, dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros, é também uma questão social, pois, como afirmam Pinto e Andrade (2019), quando o gerativismo coloca a aquisição da linguagem como fator principal da mudança, não abandona seu caráter mentalista/cognitivista, mas “abre *uma porta de diálogo* extremamente profícuo com as ciências sociais, no sentido de compreender quais são os possíveis gatilhos para a mudança linguística e como ela acontece” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 53; grifos nossos). Conforme demonstram os autores, de forma consistente, se a aquisição é o centro da mudança, essa se dá via aprendizagem de uma Língua-E<sup>4</sup> (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]) em circunstâncias sócio-históricas específicas, fazendo do gerativismo uma teoria também social. Os contextos sócio-históricos levados em consideração, neste trabalho, são, de forma geral, os de formação do Brasil, que se deu a partir dos contatos de povos e línguas (multilinguismo), e, de forma específica – mas como parte daqueles ainda –, os de formação das comunidades quilombolas, nas quais os descendentes dos africanos escravizados aprenderam o português de forma irregular.

Em situações de contato de povos e línguas, são comuns ocorrerem pidginização e/ou criouliização, processos a partir dos quais surgem um pidgin e/ou um crioulo, sendo aquele uma variedade alterada usada para comunicação que fará surgir uma nova língua – o crioulo (LUCCHESI; BAXTER, 2009; COUTO, 1996, 1998, 2019). Segundo Couto (2019, p. 99; grifos do autor), “por *pidginização* entende-se a formação de um pidgin, quer o consideremos uma língua, quer não. Por *criouliização*, entende-se a formação de uma língua crioula, uma vez que sobre esta não há a menor sombra de dúvida de que se trata de uma língua plena, como qualquer outra”. Geralmente, a pidginização antecede à criouliização, no entanto, é possível que um pidgin não se criouliize ou que um crioulo nasça sem um pidgin que o anteceda (COUTO, 1996, 1998, 2019). Todavia, como aponta Couto (2019), há muitas divergências sobre essa questão.

Considerando a língua numa perspectiva ecolinguística, isto é, numa visão na qual Língua, Território e População são observados nas suas interrelações (COUTO, 2019), sendo *Território* entendido tanto como a sociedade (Comunidade/População/Povo) que fala determinada língua, como o meio ambiente de interrelações, Couto (2019) apresenta essa tríade como o *Ecossistema Fundamental da Língua* que, por sua

---

4 A Teoria Gerativa tem diferentes concepções de língua: Língua-E (de externa) e Língua-I (de interna). Aquela pode ser entendida como um sistema de desempenho por trás do qual está um mecanismo gerador (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]), que é a Língua-I. Segundo Chomsky e Lasnick(2021[1993]), essa é interna, individual e intencional; ou seja, cada indivíduo tem sua própria Língua-I que compartilha parâmetros semelhantes com outros indivíduos.

vez, se divide em três subecossistemas: social, mental e natural. Esses subecossistemas reforçam a visão de Pinto e Andrade (2019) de que social e mental não podem ser compreendidos de forma dicotômica, mas como sistemas relacionais, e pensar que o estudo da natureza biológica da linguagem é conflituoso com aqueles que se interessam pelo contexto e pela cultura é errôneo, pois “uma pesquisa séria numa dessas áreas tira conclusões a partir das outras” (CHOMSKY, 1981, p. 62).

Assim, seria interessante “[...] se pensar o contato entre línguas nos termos mais amplos de um processo de transmissão linguística irregular [TLI], e não nos termos estritos das situações típicas de pidginização e/ou criouliização” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 107). É nesse sentido que Lucchesi e Baxter (2009) e Mufwene (2019) apontam para a importância de se observar quais os modos de transmissão linguística que se dão para, a partir daí, analisar os processos de mudança e variação das línguas. E, como apontam Lucchesi e Baxter (2009), são nos processos de TLI, de tipo leve, que se pode explicar “a história das variedades populares do português do Brasil [PB] e do português afro-brasileiro em particular” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 123). Para os autores, as condições sócio-históricas de formação das comunidades afro-brasileiras – como é o caso da Mussuca (SILVA, 2023) – fazem dessas localidades verdadeiros laboratórios de pesquisa linguística nos quais se observa como a TLI atingiu a gramática do português europeu (PE), enquanto língua alvo, fazendo emergir a gramática brasileira ou, nos termos de Tarallo (2018[1993]), uma gramática genuinamente brasileira.

Tendo em vista essas questões, discutimos, nas duas seções que seguem, a sociolinguística paramétrica e os estudos sobre o sujeito pronominal no PB, centrando-se nos estudos de Duarte (1995, 2018a[1993]. 2019b). Essas duas seções são breves, pois apenas introduzem a reflexão sobre como a TLI, por meio da aprendizagem dos descendentes dos escravizados<sup>5</sup>, pode ter provocado a remarcação paramétrica do PB.

## 1 A Sociolinguística paramétrica

A compreensão da heterogeneidade, como intrínseca à natureza da língua e, portanto, também à competência linguística individual (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), leva à busca pela descrição das variedades linguísticas, a fim de demonstrar os fatores independentes, sejam eles linguísticos e/ou sociais, que podem condicionar uma determinada variante e, assim, influenciar ou refrear o processo de mudança. Em relação a esse processo, é importante destacar que “nenhuma língua assumirá uma forma que viole os princípios formais postulados como universais nas línguas humanas” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p. 35), como é o caso dos princípios e parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]).

---

5 Sabemos que, no Brasil, os indígenas passaram também por um processo de escravização, mas o uso desse termo aqui sempre se referirá aos africanos escravizados.

No entanto, conforme observado por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), o termo “estrutural” não deve ser interpretado como sinônimo de homogeneidade, uma vez que o domínio de uma estrutura linguística não é uniforme (homogêneo) entre seus falantes, especialmente quando consideramos fatores sócio-históricos, como a aquisição do português pelos escravizados no Brasil. É nesse contexto que, ao analisarmos os dados linguísticos do português brasileiro (PB), podemos afirmar que a estrutura da língua portuguesa, em relação às propriedades linguísticas, é a mesma no Brasil, em Portugal e nos países africanos, porém, também há uma heterogeneidade estrutural específica em cada variedade, resultado de suas diferentes formações sócio-históricas. Por esse motivo, utilizamos adjetivos para especificá-los, como Português *Brasileiro*, Português *Europeu* e Português *Africano* - sendo que, dentro dessa última categoria, existem inúmeras outras variedades, como o Português *Angolano* e o Português *Moçambicano*.

Nesse sentido, é essencial compreender a língua como uma heterogeneidade estruturada, que não é disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]). Portanto, é necessário descrever os fatores independentes linguísticos e sociais que motivam essa diversidade, ou seja, *variação*. Um desses modelos de descrição e, essa descrição é a integração da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), que, no contexto brasileiro, ficou conhecida como *Sociolinguística Paramétrica* (TARALLO, 1989; TARALLO; KATO, 1989; DUARTE, 2016, 2019b). Essa abordagem conjunta permite descrever processos de variação paramétrica e, ao mesmo tempo, investigar sua relação não apenas com fatores linguísticos, mas também com fatores extralinguísticos/sociais, possibilitando responder às importantes questões empíricas da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), como o encaixamento da mudança. Portanto, a Socioparamétrica tem como objetivo principal realizar uma análise cuidadosa dos processos de variação e mudança *intra* e *inter*-sistêmica, fornecendo generalizações preditivas de mudança alinhadas a um modelo paramétrico (TARALLO, 1989; TARALLO; KATO, 1989; AVELAR, 2011).

Nessa perspectiva, conforme mencionado por Avelar (2011), na Socioparamétrica, ocorre a formalização dos fatos gramaticais com base nos pressupostos gerativistas, aproveitando-se dos mesmos procedimentos metodológicos utilizados nas análises variacionistas. Isso demonstra que abordagens variacionistas podem se apoiar em pressupostos formalistas para a descrição e análise de dados, reconhecendo, conforme afirmado por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), que é a interação entre fatores linguísticos e sociais que impulsiona a mudança linguística. Nesse sentido, Lucchesi (2004) enfatiza a necessidade de a Sociolinguística contar com uma teoria de estrutura linguística que explique a atuação dos fatores linguísticos na mudança, e destaca que “essa demanda por uma teorização sobre o processo estritamente linguístico de estruturação da língua tem encontrado

soluções variadas na Sociolinguística Variacionista” (LUCCHESI, 2004, p. 193), entre as quais está a *Socioparamétrica*.

O casamento dessas duas teorias possibilita a compreensão de que parte do conhecimento linguístico é inato, mas que uma parcela desse conhecimento é também adquirida por meio de interações sociais individuais (PINTO; ANDRADE, 2019). É nessa perspectiva que os estudos que investigam a importância das dinâmicas dos contatos linguísticos para a formação do PB, tendo com teoria linguística o gerativismo, têm se orientado, pois entendem que o processo de (re) marcação de parâmetros não é desprovido da influência de fatores sociais ou históricos, como bem discutiram Pinto e Andrade (2019). É partindo dessa premissa que defendemos, na seção 3, que a reestruturação paramétrica é impulsionada por mudanças no ambiente sociolinguístico, que levam à modificação dos dados da Língua-E para o aprendiz, fazendo com que a Língua-I seja aprendida com marcações paramétrica diferentes. No entanto, antes disso, um breve apanhando do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) faz-se necessário.

## **2 O Parâmetro do Sujeito Nulo: algumas questões a partir dos estudos duartinos<sup>6</sup>**

A compreensão da linguagem como universal e de um estado inicial de aquisição dessa linguagem leva a teoria gerativista a buscar os Princípios e Parâmetros nas diferentes línguas (CHOMSKY, 1998; CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]). Segundo Chomsky e Lasnick (2021[1993]), os Princípios são conceitos abstratos e gerais, enquanto os Parâmetros são adquiridos e fixados, formando uma língua interna (Língua-I) na mente do falante, com base em dados linguísticos externos (Língua-E). No gerativismo, a variação linguística é limitada a opções específicas sobre como os princípios são aplicados. Para ilustrar isso, Chomsky (1998) faz uma analogia, descrevendo o elemento biológico da linguagem como uma rede de relações fixas (princípios), conectada a um painel de controle onde certas opções podem ser ativadas ou desativadas (parâmetros), dependendo da experiência linguística de cada indivíduo.

De acordo com Raposo (1992), os Parâmetros, baseados nos Princípios, atuam como interruptores linguísticos que terão seus valores finais e estáveis marcados somente durante o processo de aquisição, resultando no que Chomsky (1998) define como um “estado final relativamente estável” da gramática do indivíduo – sua Língua-I. Assim, é no processo de aquisição da linguagem que o indivíduo fixa os valores dos parâmetros de sua língua por meio do processamento dos dados linguísticos presentes no ambiente. Isso pode resultar em variações nos valores dos

---

6 A opção por apresentar os estudos sobre o sujeito nulo a partir de Duarte (1995, 2018a[1993]. 2019b) segue a do trabalho original (SILVA, 2023), que considerou a importância pioneira da autora.

parâmetros em relação a gerações anteriores, devido às modificações nos dados da Língua-E (CHOMSKY, 1998; LIGHTFOOT, 1999; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

Como parte do *Princípio Evite Pronome*, o PSN tem sido bastante discutido no PB, principalmente a partir dos estudos de Maria Eugênia Duarte (1995, 2018a[1993]<sup>7</sup>). Nos últimos trabalhos, Duarte (2019b, 2020) tem defendido que o PB passa por um processo de remarcação paramétrica, ganhando o *status* de uma língua não *pro-drop*. Com isso, os contextos de omissão do sujeito têm se tornado cada vez mais restritos no PB, havendo uma nítida preferência pelo preenchimento dessa posição por um sujeito pronominal foneticamente (DUARTE, 1995, 2018a[1993], 2019b; ALMEIDA, 2005; ALMEIDA; CARNEIRO, 2009; LUCCHESI, 2009b; SILVA, 2023), como demonstram os exemplos que seguem:

- (1) **Eu** não sei dizer se pegou, que não, sei que **ele** correu, teve medo do tiro e marcou o cara.
  - (2) Quando entupia, **ele** batia a chave na emergência do motor, né?, aí parava.
  - (3) E assim, essa maré de manhã mesmo, assim cedo, que **a gente** sai, porque, quando **a gente** vai chegando, que entra, **ela** [a maré] já tá encheno, aí já tira mais pouco ainda.
  - (4) **Nós** fazia roça aqui na casa de farinha aqui de baixo mais meu pai, quando **eu** era mais novo, agora num faço roça mais não.
  - (5) **Eles** [os ladrões] bota uns negócio nas coisas que **a gente** não sente nada.
- (SILVA, 2023, p. 105-104).

Os contextos de (2) e (4) são praticamente vencidos no PB, pois, nas primeiras orações independentes dos períodos, a opção é sempre pela realização fonética do sujeito (DUARTE, 1995, 2018a[1993]; SILVA, 2023). As orações relativas, como (5), no PB, são um contexto também praticamente vencido da mudança. Enquanto as relativas no PE, uma língua *pro-drop* prototípica (DUARTE, 2019b; KATO; MARTINS; NUNES, 2023), são geralmente realizadas com sujeitos nulos. Ou seja, o PB se distancia cada vez mais do PE, principalmente no que diz respeito ao preenchimento do sujeito pronominal, constituindo-se duas variedades com marcações paramétricas diferentes (DUARTE, 2019b; KATO; MARTINS; NUNES, 2023).

A hipótese de Duarte (1995, 2018a[1993]) é que a simplificação morfológica, provocada pela entrada de *você(s)* e *a gente* no quadro pronominal do PB, iniciou a mudança paramétrica nessa língua. Para Lucchesi (2009b), por sua vez, foi a diminuição nas marcas de concordância verbal, em decorrência da aquisição irregular do português pelos africanos (LUCCHESI; BAXTER, 2009), o elemento propulsor da mudança. A simplificação morfológica em decorrência de novos pronomes e a

---

7 A edição de 2018 da Editora Contexto é uma reedição do trabalho publicado, originalmente, em 1993 pela Editora da Unicamp. Contudo, aquela versão possui notas de rodapé que explicam e atualizam algumas informações da primeira edição do trabalho.

aquisição defectiva das marcas de concordância verbal pelos africanos envolvem questões em torno da mudança no sistema pronominal do PB.

**Quadro 1:** Mudança no paradigma flexional nos séculos XIX e XX.

	Pronomes Nominativos	Paradigma 1 Século XIX	Paradigma 2 Século XX/1	Paradigma 3 Século XX/2
<b>1PS</b>	Eu	canto	canto	Canto
<b>1 PP</b>	Nós	cantamos	cantamos	cantamos
	a gente	-	cantaØ	cantaØ
<b>2 OS</b>	Tu	cantas	cantas	canta(s)
	Você	-	cantaØ	cantaØ
<b>2 PP</b>	Vós	cantais	-	-
	Vocês	cantam	cantam	canta(m)
<b>3 OS</b>	ele, ela	cantaØ	cantaØ	cantaØ
<b>3 PP</b>	eles, elas	Cantam	Cantam	canta(m)

Fonte: Duarte (2018a[1993], p. 85; grifos da autora).

Observamos, no quadro acima, que a entrada dos pronomes *a gente* e *vo-cê(s)* resultou na perda da concordância verbal com o sujeito em determinados contextos, gerando uma reestruturação do paradigma flexional do PB. Essa falta de concordância é ainda mais evidente em alguns tempos verbais que possuem apenas duas formas morfológicas, indicando a concordância de número e pessoa.

**Quadro 2:** Uniformidade flexional no modo indicativo após a entrada de *você(s)* e *a gente* no quadro pronominal dom PB.

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito Perfeito
<b>Eu</b>	Canto	cantava	Cantei
<b>Você</b>	cantaØ	cantava	Cantou
<b>ele, ela</b>	cantaØ	cantava	Cantou
<b>a gente</b>	cantaØ	Cantava	Cantou
<b>Vocês</b>	Cantam	cantam	Cantaram
<b>Eles, elas</b>	Cantam	Cantam	Cantaram

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Da mesma forma que em outras línguas, a redução do paradigma flexional no PB obriga o falante a preencher mais frequentemente a posição de sujeito. Em um estudo sobre a relação entre sujeito nulo e morfologia verbal, realizado em três comunidades do interior da Bahia, Almeida (2005) observou que “possivelmente

a morfologia não desempenha mais o papel central na identificação dos sujeitos nulos” (ALMEIDA, 2005, p. 96). A autora constatou que, nessas comunidades, ainda são encontradas construções com sujeitos nulos, sendo necessário investigar a natureza desses sujeitos, uma vez que, mesmo quando a morfologia não permite sua recuperação, os falantes omitem os sujeitos, embora em menor frequência. Acreditamos que esse tipo de construção seja resquícios de uma gramática de sujeito nulos presente nas comunidades interioranas e/ou afro-brasileiras.

Para finalizar essa primeira parte, ressaltamos que, de forma geral, as discussões sincrônicas e diacrônicas de Duarte (1995, 2018a[1993], 2019b) apresentam uma visão panorâmica sobre o processo de mudança paramétrica e implementação do sujeito nulo no PB, com dados que vão de 1845 a 2010. Contudo, os dados não podem ser aplicados de forma absoluta ao processo de variação e mudança no PB, mas, como ressaltou a autora (DUARTE, 2018a[1993]), podem indicar tendências de uso em cada época.

Um dos fatores que contribuem para a implementação da mudança do PB com preferência para o preenchimento do sujeito é, segundo Duarte (1995, 2018a[1993], 2019b), o enfraquecimento da concordância verbal que dificulta o licenciamento de sujeitos nulos, forçando o preenchimento da posição de sujeito. Dessa forma, quando há, o sujeito nulo não é mais recuperado pela morfologia, mas por outro nível linguístico, como o sintático (DUARTE, 2019b) ou discursivo (ALMEIDA, 2005). No PB, é inegável que a gramaticalização das formas *você(s)* e *a gente* foi o propulsor da mudança no paradigma flexional/pronominal dessa variedade.

Duarte (1995, 2018a[1993], 2019b) mostrou que a primeira e segunda pessoa são contextos nos quais a mudança está bem avançada, estando praticamente concluída na segunda pessoa. A terceira pessoa, por sua vez, apresenta-se como um contexto de resistência, favorecida pelo traço [+animado], mas que já indica também um processo de mudança em direção ao sujeito pronominal, uma vez que sujeitos pronominais com traço [-animado] começam também a ser preenchidos (DUARTE, 2019b; SILVA; 2023), como demonstrado em (6); em Silva (2023), a segunda pessoa se mostrou como um contexto de resistência em decorrência de um número elevado de interrogativas, um contexto favorecedor do sujeito nulo (DUARTE, 2018a[1993]). Duarte (2019b) mostrou também que os sujeitos de terceira pessoa apresentam uma maior resistência quando estão em um padrão sintático de c-comando e com estruturas adjacentes, desde que o elemento correferente esteja na mesma função de sujeito e não gere ambiguidade.

a. Quando foi no domingo, umas três e meia, eu vim me embora, de lá [...]. Desci. Eu digo “sabe de uma coisa, eu não vou pra casa”. Já tinha essa casa aqui, feito essa [inint]... essa casinha aqui, **ela** era daí pra cá.

b. Aí vamo ter que procurar um lugar melhor, tem que procurar um lugar melhor de soltar ela [a rede]. Nós vem soltando ela, **ela** vem certinha

assim óh, aí deixa ela lá, dá um tempinho, aí quando **ela** sair um pouco, aí volta, aí vem pegando ela, aí puxando e tirando.

(SILVA, 2023, p. 108).

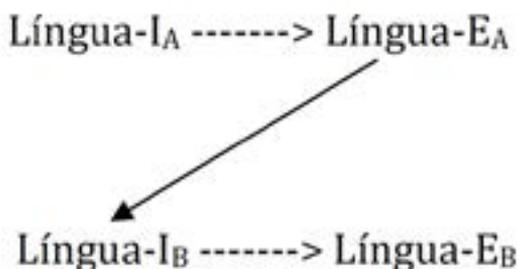
A realização do sujeito pronominal, com sujeitos inanimados, é o indício de que o PB tem se tornado uma língua não *pro-drop*, uma vez que, no PE, esse tipo de sujeito pronominal atinge índices categóricos, favorecendo o licenciamento do sujeito nulo.

De forma geral, os dados de Duarte (1995, 2018b[1993], 2019b), como representativos do PB, mostram que, desde 1845, já havia uma mudança paramétrica em curso nessa variedade. A autora mostra que, com o passar dos anos, o sujeito pronominal realizado é a opção preferida pelos brasileiros, sendo os contextos de terceira pessoa aqueles que apresentam uma resistência, que, no século XXI, já não é tão forte como no século XIX, mostrando que a mudança do PSN está se implementando no sistema linguístico da variedade brasileira.

### 3 Transmissão linguística irregular, aprendizagem e mudança linguística

Em um período de aquisição de linguagem, o indivíduo, a partir da exposição a dados linguísticos de falantes adultos e conduzido por um bioprograma da linguagem, configura uma gramática particular, que, no gerativismo, é entendida como Língua-I (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]), que, por sua vez, é parametrizada segundo os dados do *input* oriundos da sua experiência linguística com uma determinada Língua-E. O que acontece nesse processo é que a Língua-I da criança aprendiz – a Língua-I<sub>B</sub> – não será igual à do adulto – a Língua-I<sub>A</sub>:

**Figura 1:** Esquema de aquisição linguística com base no gerativismo.



Fonte: Pinto e Andrade (2019, p. 46).

Entretanto, apesar dessa não semelhança, pode-se falar em relativa homogeneidade linguística, mas que não pode ser entendida como uma igualdade absoluta (PINTO; ANDRADE, 2019). Em tese, em uma situação prototípica, num período de

aquisição, as línguas não mudariam, pois o *output* da criança seria convergente com o *input* do adulto, ou seja, eles teriam Línguas-I idênticas. Contudo, essa aprendizagem se dá em um território e com uma população que se interrelacionam – a relação ecolinguística da Língua, Território e Povo (COUTO, 2019) –, sendo que isso fará com que a criança adquira sua primeira língua e com que interprete o *input* de forma diferente, produzindo um *output* diferente do recebido – a Língua-E<sub>B</sub> – (PINTO; ANDRADE 2019), o que gera a mudança na marcação do valor dos parâmetros de uma língua.

Nessa perspectiva, é fundamental o entendimento de que o gerativismo “defende que uma parte do conhecimento linguístico seja inata e não todo ele o seja” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 44), tendo uma parcela oriunda das sociointerações do indivíduo. Não sendo todo o conhecimento linguístico inato, os estudos atuais do gerativismo, a partir do modelo de Princípios e Parâmetros, não podem ser considerados associativos ou a-históricos (PINTO; ANDRADE, 2019), uma vez que a compreensão da remarcação paramétrica é motivada por alguma alteração no ambiente sociolinguístico, fazendo com que o dado de Língua-E se modifique para o aprendiz. Assim:

A mudança linguística no modelo gerativista não tem direcionalidade, não tem força, não tem tendência, não tem deriva. A mudança linguística no quadro da gramática gerativa é explicada a partir da análise dos dados linguísticos feita pela criança durante o processo de aquisição. Uma vez que a criança precisa de exposição aos dados linguísticos para adquirir uma língua e só é exposta a eles se viver em sociedade, *o problema da mudança paramétrica se torna, então, um problema social [...] (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 53; grifos nossos).*

Dessa forma, os estudos mais recentes da Teoria de Princípios e Parâmetros, principalmente os desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística Paramétrica, podem ser enquadrados no quadro da Linguística Histórica<sup>8</sup>, pois abrem um diálogo com as ciências sociais (PINTO; ANDRADE, 2019). Como consequência de um avanço teórico, o gerativismo percebeu que “o gatilho inicial de toda mudança seria de ordem externa” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 57), uma vez que, conforme a imagem acima, a Língua-I – de natureza mental – é formada a partir da interpretação dos dados da Língua-E – situada em um determinado contexto sócio-histórico.

Entretanto, as situações de aquisição de linguagem, como dito, nem sempre são prototípicas: interação entre um adulto (Língua-E) e uma criança (que forma sua Língua-I). Nos contextos de multilinguismo, como no Brasil Colônia, a forma não-prototípica – falantes adultos expostos a outras línguas(-E), aprendidas como

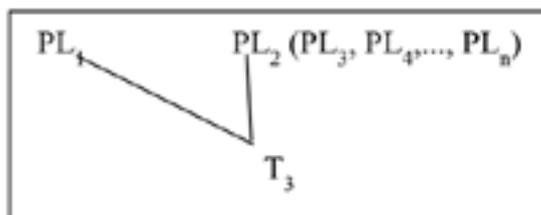
---

8 Considerando a distinção entre linguística histórica *lato sensu* e *stricto sensu* de Mattos e Silva (2000, 2004), diversos trabalhos de base gerativista podem ser enquadrados em uma ou em outra vertente. Esta pesquisa situa-se na vertente *lato sensu* da linguística histórica, pois trabalha com dados (sincrônicos) datados e localizados.

segunda língua – é a mais comum, principalmente quando há uma relação de subalternização de um povo sobre o outro, como se deu no período de escravização dos povos africanos no Brasil.

Nos termos de Couto (2019), os contatos de línguas/povos africanos e portugueses, ocorridos durante a colonização do Brasil, se configuram na seguinte situação de interação:

**Figura 2:** Situação de contato de línguas no Brasil Colônia.



Fonte: Couto (2019, p. 53).

O deslocamento – forçado – de povos africanos para o Brasil e o contato linguístico e povolístico com os portugueses podem ser lidos nos termos de um povo mais forte ( $PL_1$ ) – portugueses – e outro mais fraco ( $PL_2$ ) – os africanos (e aqui deve-se entender *povos* em toda a sua pluralidade) – que se deslocaram para o território de um terceiro povo ( $T_3$ ) – os indígenas<sup>9</sup> (também no plural); as definições de *forte* e *fraco* no autor devem ser entendidas como carregadas de um semanticismo político, devendo ser compreendidas como um *povo dominador* e outro *dominado*. Segundo Couto (2019), nessa situação de contato, outros povos, com suas respectivas línguas, podem habitar também no território, como os indígenas no Brasil, o que está indicado por  $PL_3, PL_4, \dots, PL_n$  na imagem acima. Para o autor, “essa situação é a ideal para o surgimento de um pidgin e de um crioulo” (COUTO, 2019, p. 53), contudo, no Brasil, não ocorreu um processo de pidginização e/ou criouliização que se expandisse em todo o território, por isso que Tarallo (2018[1993]) chega a afirmar a não necessidade de uma discussão sobre a formação de pidgins/crioulos no Brasil – ainda que de forma prematura, pois não havia muitos dados de língua oral sendo estudados no período que o autor escrevia e, quando havia, eram oriundos de variedades urbanas cultas.

Entretanto, o que define um pidgin/crioulo são as suas condições de formação (COUTO, 1996, 2019; LUCCHESI, 2019) e as formações das comunidades afro-brasileiras, desde o período escravocrata com os quilombos, emolduram-se, em parte, nessas circunstâncias. Os contextos de surgimento dessas comunidades podem ser colocados como situações criouliizantes (COUTO, 1996), uma vez que não se

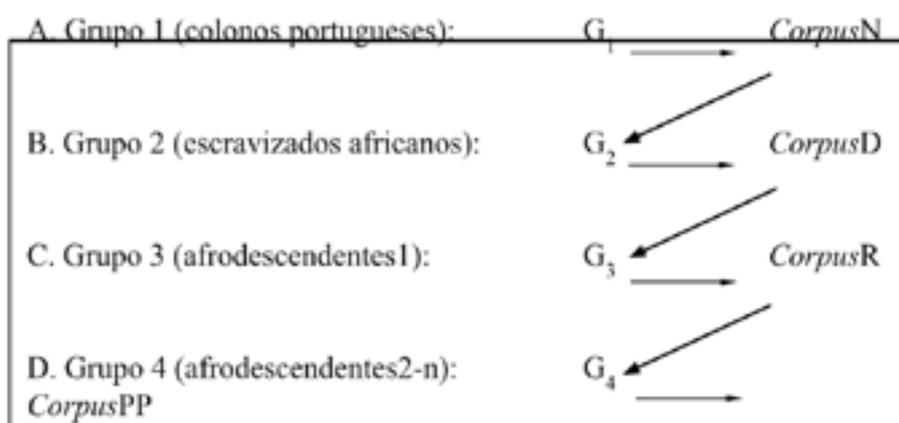
9 O contato desses povos com os portugueses enquadra-se em outra situação de contato definida por Couto (2019, p. 52): “o segundo tipo de contato se dá quando é o povo “mais forte” ( $PL_1$ ) que se desloca para o Território ( $T_2$ ) do povo “mais fraco” ( $PL_2$ ) [...] [podendo] haver também outros povos com respectivas línguas ( $PL_3, PL_4, \dots, PL_n$ )”.

encaixam em todos os critérios de um crioulo, como a inserção dos africanos na sociedade brasileira, não ficando totalmente isolados (MATTOS E SILVA, 2004; LUCCHESI, 2019), como ocorreu com os escravizados no Caribe (LUCCHESI, 2019), e o intenso processo de miscigenação (LUCCHESI, 2019).

As possíveis variedades pidginizadas/crioulizadas do português não se espalharam pelo território brasileiro, ficando circunscritas a algumas localidades, como Helvécia (FERREIRA, 1984; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), passando, posterior e possivelmente, por um processo de descrioulização – aproximação da língua do superestrato (COUTO, 1996). Dessas situações, o que ficou de evidência foram variedades alteradas/reestruturadas do português, das quais as mais fortes são aquelas que se enquadram no *português afro-brasileiro* e no *português popular* (LUCCHESI, 2015).

Assim, o esquema de aquisição de Pinto e Andrade (2019) e a situação de contato apresentada por Couto (2019) apontam, de certa forma, para o esquema de aquisição em situação de contato apresentado por Lucchesi e Ribeiro (2009), adaptado de Robert (2007 *apud* LUCCHESI; RIBEIRO, 2009), para a situação afro-brasileira de formação do PB:

**Figura 3:** Modelo de aquisição para a situação de contato afro-brasileira.



Fonte: Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 145).

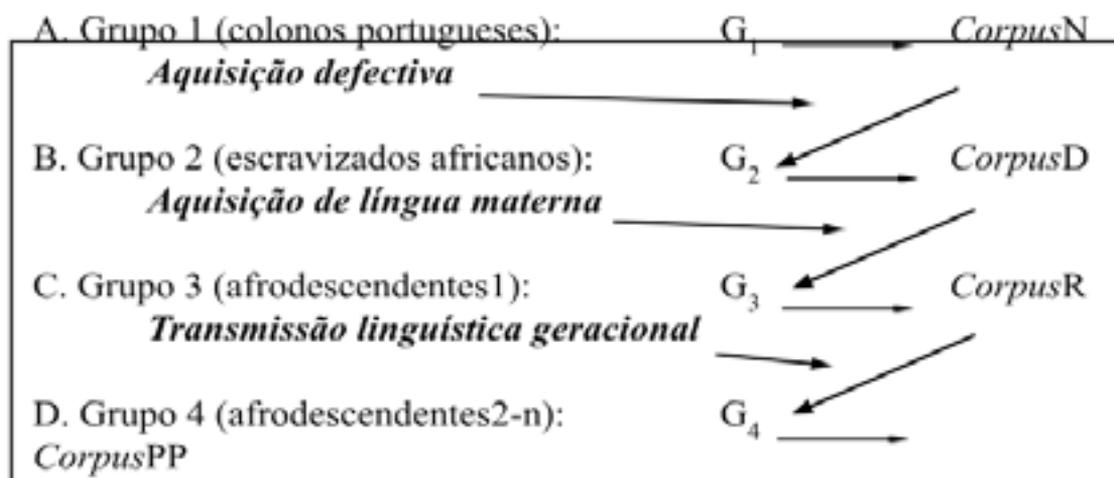
Se, nos termos de Couto (2019), a dominação de um povo “mais forte” sobre um “mais fraco”, em um território diferente de ambos, foi a característica da situação de contato no Brasil e a aquisição linguística, conforme o esquema de Pinto e Andrade (2019), se dá através de uma Língua-E que fornece os parâmetros para a formação de uma Língua-I, sendo que, nessa transmissão – real e não prototípica –, a remarcação paramétrica ocorre. Assim, a consequência da aquisição linguística na situação afro-brasileira, dentro desse contexto, é a formação de um português popular (*CorpusPP*<sup>10</sup>) que carrega características marcantes do contato do Grupo

10 *Corpus* do português popular (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

1 (colonos portugueses) com o Grupo 2 (escravizados africanos), seguida de uma possível descrioulização (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

Desdobrando o esquema acima, Lucchesi e Ribeiro (2009) definem como a aquisição se dá de um grupo para outro:

**Figura 4:** Aquisição entre os grupos na situação de contato afro-brasileira.



Fonte: Adaptado de Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 145-146).

Durante essas diferentes aquisições/transmissões linguísticas pode ocorrer uma mudança na marcação do valor de um parâmetro, sendo a aprendizagem linguística o seu elemento propulsor. Na *aquisição defectiva*, o adulto, com uma Língua-I estável, adquire uma segunda língua sem uma instrução formal – de oitiva (MATTOS E SILVA, 2004). Sobre isso, Mattos e Silva (2004) afirmam que a língua portuguesa “que se constituiu no período colonial e no primeiro século de independência tinha de ser, na sua maciça maioria, adquirida naturalmente, assistematicamente, sem interferência do ensino escolar, como língua transmitida apenas na oralidade generalizada” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 40). Assim, é normal que a aquisição do português seja irregular nesse período, já que a transmissão linguística também o foi.

Dessa forma, o indivíduo que aprendeu de maneira irregular ofereceu, consequentemente, dados de Língua-E diferentes daqueles do Grupo 1 (colonos) para os seus descendentes (Grupo 3), gerando assim uma língua materna (Língua-I) diferente do dado inicial (*CorpusN*). Essa TLI fará com que o Grupo 4, a segunda geração de afrodescendentes, utilize uma variedade bastante alterada do português, dando origem ao PB popular (*CorpusPP*).

Em relação ao PSN, essa mudança pode ser representada da seguinte maneira:

**Quadro 3:** Ilustração da mudança do PSN durante a aquisição linguística na situação afro-brasileira.

	Input	Output
Grupo 1 (colonos portugueses)	+	+
Grupo 2 (escravos africanos)	+	+/-
Grupo 3 (afrodescendente-1)	+/-	+/-
Grupo 4 (afrodescendentes2-n)	+/-	+/- Tendência ao +

Fonte: Silva (2023, p. 39).

O quadro acima mostra que, em razão de uma TLI e por influência de sua própria língua, os escravizados adultos, quando aprenderam o português, produziram dados diferentes do PE: apesar de receberem uma marcação positiva para PSN (*input*), provavelmente a alteraram parcialmente (*output*). Essa mudança na marcação do valor de um parâmetro pode ter sido ocasionada pelo fato dos africanos poderem “ter tido acesso a uma gramática do sujeito nulo, tanto através da gramática do PB, quando através da gramática do PE” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2009, p. 73). Contudo, essa transmissão/aprendizagem eventualmente pode ter acontecido de forma diferente para os escravizados que moravam na corte ou em regiões mais urbanas e aqueles que permaneceram constantemente na zona rural – considere-se que o Brasil foi até o século passado um país predominantemente agrário (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; LUCCHESI, 2015).

Desta forma, esses elementos evidenciam que a aquisição de uma língua é um processo sempre impreciso, uma vez que não há garantias de que todos os aprendizes convergirão para uma mesma gramática, mesmo quando expostos ao mesmo conjunto de dados primários (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; SILVA, 2023). O equívoco cometido por Tarallo (2018[1993]), ao afirmar prematuramente que não ocorreu no PB qualquer processo de criouliização, é resultado da falta de consideração dos diversos contextos de aquisição linguística possíveis. É importante ressaltar que, na época em que Tarallo (2018[1993]) fez tal afirmação, as pesquisas linguísticas, no Brasil, eram incipientes e predominantemente voltadas para as variedades urbanas cultas, o que limitava a compreensão dos diferentes processos de formação e desenvolvimento linguístico no país, e a possibilidade de se pensar em processos de criouliização localizados, das quais as variedades reestruturadas do PB popular podem ser os vestígios.

Desenvolvendo a questão da mudança do PSN nas comunidades afro-brasileiras de Helvécia, Cizento e Barra/Bananal, no Município de Rio de Contas (BA), Lucchesi (2009b) trabalha com a hipótese de que foi o enfraquecimento da Concordância Verbal (CV) o elemento gatilho para a remarcação paramétrica na variedade popular do PB, reafirmando “a ideia de que a propriedade de sujeito referencial nulo (*pro-drop*) está fortemente ligada a uma morfologia flexional

de pessoa e número do verbo suficientemente forte para permitir a recuperação pronominal *pro*” (LUCCHESI, 2009b, p. 171).

Assim, na base da mudança do PSN, estariam dois fenômenos que estão intimamente ligados, podendo o primeiro ter motivado o outro num movimento de encaixamento linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]): a entrada de *você(s)* e *a gente* no sistema pronominal (DUARTE, 1993, 1995, 2018a, 2019b) e o enfraquecimento da CV (LUCCHESI, 2009a) – principalmente nas comunidades rurais. Sobre isso, Lucchesi (2009b) comenta:

Para a autora [DUARTE, 1993, 2018a], a elevação do nível de realização do sujeito estaria relacionada com a substituição do pronome pessoal *tu* pelo pronome de tratamento *você* e com a concorrência da expressão *a gente* com o pronome *nós*; processos que ganham corpo nas primeiras décadas do século XX e que levam a uma expressiva redução na flexão verbal, pois, tanto com *você*, quando com *a gente*, o verbo se mantém na forma da 3ª pessoa do singular, ou seja, sem um morfema específico de pessoa e número. Com isso, em alguns tempos verbais, como no imperfeito do indicativo, a flexão verbal restringe-se a apenas duas pessoas [...]. *Tal enfraquecimento da flexão verbal estaria, portanto, na base do enfraquecimento da propriedade de licenciar o sujeito referencial nulo no PB* (LUCCHESI, 2009b, p. 173; grifos nossos).

Portanto, o maior preenchimento da posição de sujeito referencial é consequência desses dois fatores, pois o não reconhecimento via morfologia verbal fez com que o sistema linguístico se reorganizasse e o falante percebesse a necessidade de um maior preenchimento da posição de sujeito, pois “[...] uma mudança num estado de língua implica necessariamente outra mudança *ex hypothesi*, de modo que o evento A possa ser designado como causa da mudança de B” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 62). Em outras palavras, a pronominalização de *você* e *a gente* (evento A) motivou mais ainda a variabilidade da flexão verbal no PB (evento B), principalmente em variantes mais populares; e esses agentes (A e B), ao modificar o sistema pronominal, foram os principais gatilhos para a mudança do PSN.

Segundo Duarte (2019b), a evidência de que os pronomes *você(s)* e *a gente* já podiam ser encontrados em dados do século XVIII e XIX, período anterior ao processo de gramaticalização dessas formas, “é, pois, um argumento contra a hipótese de que a redução do paradigma flexional seria anterior à gramaticalização de ambos” (DUARTE, 2019b, p. 95). Ou seja, para a autora, a redução do paradigma flexional do PB é consequência do aparecimento dessas novas formas e do contato com as línguas africanas. Apresentando dados de Almeida e Carneiro (2009), que atestaram a preferência pelo sujeito nulo em 53 atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos, a autora afirma que “o português adquirido por afrodescendentes não apresenta resultado diferente do adquirido por brasileiros” (DUARTE, 2019b, p. 95),

isto é, a sintaxe é adquirida de forma igual por aprendizes de PB, independente se como L1 ou L2, não havendo um período crítico para a sua aquisição (KATO, 2003).

Sobre isso, Lucchesi (2009a) trabalha com a hipótese de uma TLI durante o período de escravidão no Brasil. Nesse período, os escravos africanos aprenderam o português como segunda língua de forma deficiente, fazendo com que houvesse um processo de pidinização, que se constituiu de uma simplificação da língua-alvo – o PE – pelos africanos, mas que, no Brasil, não fez com que o português se crioulesse (LUCCHESI, 2017, 2019). Contudo, Lucchesi (2015, 2017), estudando comunidades afro-brasileiras e populares, afirma que algumas dessas simplificações, como a não concordância, estão sendo readquiridas pelos mais jovens. Segundo o autor, esse processo é característico de uma das fases da história sociolinguística do Brasil, o *nivelamento linguístico*, “no qual a norma urbana de prestígio se impõe a diversos segmentos sociais, aplainando a antiga diversidade dialetal diatópica [do PB]” (LUCCHESI, 2017, p. 373). Contudo, apesar desse nivelamento linguístico, ainda há formas que distinguem os grupos populares e não populares (LUCCHESI, 2015).

É interessante observar também que a redução expressiva da morfologia flexional do verbo pode ser consequência ainda de uma baixa escolaridade do falante (ARAÚJO, 2014, 2016). E percebe-se que, mesmo com a aquisição da CV padrão por parte dos mais jovens via escolarização (LUCCHESI, 2009a), a posição de sujeito continua sendo preferencialmente preenchida – isso pode indicar uma remarcação paramétrica já em processo de finalização:

Diferentemente do que ocorre com a morfologia flexional, em que as variedades populares do PB apresentam uma tendência de incremento do uso da morfologia flexional (ou seja, uma mudança que elimina os efeitos do contato entre línguas nesses dialetos), no que concerne à variação paramétrica, não se observa um quadro de incremento do sujeito nulo (LUCCHESI, 2009a, p. 182).

Lucchesi (2009a) argumenta que o fato do preenchimento do sujeito não ser afetado, mesmo que a morfologia verbal esteja sendo recuperada em razão de um fator subjetivo mais sensível dos falantes à avaliação na variação de concordância, pode se dar porque o sujeito nulo não é avaliado subjetivamente pelo indivíduo, ou seja, não é uma comutação linguística que recebe apreciação social negativa – algo já apontado por Duarte (1995). Diante disso, concorda-se com Duarte (2020) que a variação paramétrica do PB está mais lenta em razão da finalização da mudança de positiva para negativa em relação ao *princípio “evite pronome”* e, por isso, há uma convergência dos resultados das diversas descrições e análises desse fenômeno. Portanto, nessa perspectiva, a autora assumiu recentemente uma posição, no sentido de que o PB tende a se tornar uma língua não *pro-drop*, que está no final da remarcação paramétrica, sendo essa mudança consequência, entre outras coisas, do processo de aquisição por parte dos africanos e afrodescendentes.

## Considerações Finais

A aquisição de uma língua é um dos processos responsáveis pelas variações e mudanças nas línguas. Quando a questão é uma mudança paramétrica, nos termos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021[1993]), ela é o principal processo, pois os aprendizes modificam a marcação do parâmetro porque recebem dados linguísticos que são diferentes das gerações anteriores. Essa remarcação faz com que gramáticas de Línguas-I compitam entre si durante um longo tempo, produzindo dados de Língua-E que oscilam entre a marcação positiva e negativa de um parâmetro.

Essa compreensão da aprendizagem como uma questão também social não faz com que o gerativismo abandone seu pressuposto mentalista de língua, pelo contrário, possibilita diálogos com outras áreas, principalmente com as ciências sociais, entre as quais História, Sociologia e Antropologia; além de dialogar com outras correntes da linguística, a exemplo da sociolinguística – interação que fez emergir a sociolinguística paramétrica (TARALLO; KATO, 1989; DUARTE, 2019a).

Com isso, a compreensão de processos de Transmissão Linguística Irregular aponta para a necessidade de se considerar fatores biológicos e socioculturais/sociointeracionais na aquisição de uma língua – sempre de um ponto de vista ecológico, pois a TLI é um parâmetro sócio-histórico que possibilita um maior entendimento da variação em determinados traços linguísticos, principalmente aqueles que dizem respeito a uma gramática internalizada e/ou variedade bastante (pensando-se em uma Língua-E) alterada, quando comparada com a dos falantes nativos do território no qual a língua é utilizada (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

Essas múltiplas formas de aquisição e/ou transmissões linguísticas ocorreram de forma defectiva, pois os adultos, que já tinham uma Língua-I estável, foram expostos à outra língua, que aprenderam sem nenhuma instrução, apenas de oitiva – sendo esse o contexto de formação do português falado/aprendido no período do Brasil Colônia e Império. Portanto, se a aprendizagem do português pelos africanos foi irregular, também teriam que ser as formas de transmissão linguística desses para seus descendentes, considerando que marcaram seus parâmetros linguísticos com uma interferência direta da sua língua materna e, dessa forma, ofereceram um *input* diferente para as gerações seguintes de afrodescendentes.

Assim, esses fatores mostram que “a aquisição de uma língua é um processo sempre impreciso, ou seja, nada garante que todos os aprendizes vão convergir para uma mesma gramática, mesmo a partir de um mesmo conjunto de dados primários [*input*]” (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009, p. 144). O equívoco de Tarallo (2018[1993]) – ou a precoce afirmação por uma ausência de dados, já que as pesquisas linguísticas no Brasil eram incipientes ainda e se interessavam, predominantemente, pelas variedades urbanas – em afirmar que, no Brasil, não houve nenhum processo de crioulização, ainda que localizada, ou uma TLI, é consequência da não consideração desses contextos diversos de aquisição linguística.

# IRREGULAR LINGUISTIC TRANSMISSION AS AN ELEMENT OF PARAMETRIC RE-MARKING OF NULL SUBJECTS

**Abstract:** Changes in languages arise from long processes of variation involving various factors, whether genetic or sociocultural. Thus, linguistic change cannot be seen as a consequence solely of a biological factor, but rather as a result of factors encompassing Language, Territory, and Population (COUTO, 2019). Therefore, it is both social and mental, as these systems interrelate in processes of change and cannot be viewed dichotomously (CHOMSKY, 1981; PINTO; ANDRADE, 2019). Taking this into consideration, this article aims to discuss, based on a literature review, how Irregular Linguistic Transmission (LUCCHESI; BAXTER, 2009) can be seen as a driving force that propelled the process of parametric reanalysis of the Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese, as it represents a non-prototypical language acquisition situation. Therefore, understanding Irregular Linguistic Transmission processes highlights the need to consider biological and sociocultural/sociointeractional factors in language acquisition, always from an ecological perspective, as TLI is a sociohistorical parameter that provides greater insight into variation in specific linguistic features, especially those related to an internalized grammar and/or significantly altered variety (considering Language-E) when compared to that of native speakers in the territory where the language is used (LUCCHESI; BAXTER, 2009/ MUFWENE, 2019).

**Keywords:** Acquisition; Variation; Change; Irregular Linguistic Transmission; Null Subject.

## Referências

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia*. Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes; CARNEIRO, Zenaide. Sujeito. In: LOBO, Tânia.; OLIVEIRA, Klebson. (org.). *África à vista*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 50-69. Disponível em: < <https://static.scielo.org/scielobooks/48/pdf/lobo-9788523208882.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Orientador: Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27830/1/TESE%20VERS%c3%83O%20FINAL%20Silvana%20Silva%20de%20Farias%20Araujo.pdf>>. Acesso em 30 março de 2023.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal nos *continua sociolinguísticos do Português Brasileiro e do Luandense*. *Revista Interdisciplinar*, Sergipe, ano XI, v. 24, jan./abr. 2016. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5399/4424>>. Acesso em 30 março de 2023.

AVELAR, J. *Expressões de Tempo Decorrente com TER e HAVER na fala carioca*. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 161-180, 2011.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. Brasília: UnB, 1998.
- CHOMSKY, Noam; LASNICK, Howard. A Teoria de Princípios e Parâmetros. In: CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução Eduardo Paiva Raposo. São Paulo: Editora Unesp, 2021[1993]. p. 57-214.
- COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. Um cenário para criouliização sem pidginização. *Revista Estudos da Linguagem*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1998. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2181/2120>>. Acesso em 30 março de 2023.
- COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Orientadora: Profa. Dra. Mary A. Kato. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492707>>. Acesso em: 30 março de 2023.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-44.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português Brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018a[1993]. p. 83-103.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *Guavira Letras*, Três Lagos/MS, v. 15, n. 31, p. 124-140, set./dez. 2019a. Disponível em: < <https://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/download/868/606>>. Acesso em 30 março de 2023.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. O sujeito nulo referencial no Português Brasileiro e no Português Europeu. In: GALVES, Charlotte; KATO, Mary;

- ROBERTS, Ian. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Homenagem a Ilza Ribeiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2019b. p. 93-126.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A remarcação em curso no valor do Parâmetro do Sujeito Nulo. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 12, v. 2, p. 71-99, noviembre 2020.
- FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.
- KATO, Mary. Child L2 acquisition: an insider account. In: MÜLLER, Natascha (ed.). *Vulnerable domains in Multilingualism*. [s.l.]: John Benjamins, 2003. p. 271-93.
- KATO, Mary; MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. *Português brasileiro e português europeu: sintaxe comparada*. São Paulo: Editora Contexto, 2023.
- LIGHTFOOT, David. *The development of language: acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell, 1999.
- LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 44-73. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante. A realização do sujeito pronominal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 167-183. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 33, v. 2, p. 347-382, p. 2017. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/34369/23622>>. Acesso 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante. Por que a criouliização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 48, p. 227-255, jan.-abr. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33628/19615>>. Acesso em 30 de março de 2023.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-153. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza Teoria da estrutura e da mudança linguística e o contato linguístico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 125-153. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2023.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas revisitados. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 25-26, p. 253-283, 2000. Disponível em: < [https://www.prohpor.org/\\_files/ugd/c8e334\\_7dff1a6b8adc463981676db73b62da8d.pdf](https://www.prohpor.org/_files/ugd/c8e334_7dff1a6b8adc463981676db73b62da8d.pdf)>. Acesso em 30 de março de 2023.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MUFWENE, Salikoko. Prefácio. In: COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINTO, Carlos Felipe; ANDRADE, Aroldo. Desmistificando a Gramática Gerativa como uma teoria associal e a-histórica da mudança linguística. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 36-66, jul./dez. 2019. Disponível em: < <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1891>>. Acesso em 30 de março de 2023.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SILVA, Jacson Balduino. *Efeitos da mudança sintática na realização do sujeito pronominal no português da comunidade quilombola Mussuca*. Orientadora: Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. Harmonia trans-sistêmica: variação intra e interlinguística. *Predição 5*, Campinas, p. 315-353, 1989. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/download/3849/2827>>. Acesso em 30 jun. de 2022.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018[1993]. p. 29-53.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

*Recebido em 28 de março de 2023*

*Aceito em 10 de maio de 2023*

# DESOBEDIÊNCIAS ESTÉTICAS E RECONFIGURAÇÕES DOS MODOS DE VIDA: NOTAS DO UIVO POÉTICO DE ALLEN GINSBERG

*Pedro Lucas Nascimento Carneiro<sup>1</sup>*

*Manoel Barreto Júnior<sup>2</sup>*

**Resumo:** A proposição desse estudo orbita em refletir como a expressão lírica dos versos de Irwin Allen Ginsberg (1926-1997), apropriam-se de desobediências estéticas e subjetividades, de maneira a traduzir, através da potencialidade simbólica de suas poesias, às reconfigurações dos modos de vida e padrões comportamentais como promoção do nosso lento e contínuo processo de humanização. Para tanto, o desenvolvimento dessa investigação se fez através da metodologia de pesquisa bibliográfico-documental em articulação com os métodos da literatura comparada. Sob esta perspectiva, foram privilegiadas as leituras e análises contextuais dos poemas representativos de Allen Ginsberg que empenham os aspectos da desobediência estéticas como forma de expressão artística e humana. Assim sendo, para melhor estruturamos nossas discussões, acolhemos, como aporte teórico, as ideias propostas por Lukács (2018), Paz (2012), Verozene (2014) entre outros.

**Palavras-chave:** Desobediências estéticas; Subjetividades; Poética visceral; Liberdade de expressão; Allen Ginsberg.

## Notas introdutórias

Não é de hoje, tampouco, que os acontecimentos econômicos, políticos e sociais são vistos como um plano de fundo para o surgimento de uma literatura capaz de abalar e contrastar definitivamente com a ordem vigente e seus princípios. A arte nesse processo desempenha um papel intenso e, sobretudo, humanizante, cuja principal evidência, como bem alude Brasileiro, (2012, p. 145), traduz-se em “alertar para um ainda maior enclausuramento dos homens em sua cegueira”,

---

1 Graduando do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II – Alagoinhas BA. É membro do Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas Estrangeiras na Sociedade Contemporânea (GPELLE) vinculado aos colegiados de Língua Inglesa e Língua Francesa do DLLARTES – II. Bolsista FAPESB do programa institucional de Iniciação Científica da UNEB. Endereço eletrônico: plucasn-carneiro@gmail.com

2 Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília – UnB, com pós-doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (PPGMEALE/UNEB). Endereço eletrônico: mbjunior@uneb.br

ao possibilitar uma ampla compreensão daquilo que por algum momento esteve indisponível. Uma proposição intensa que encontrou forças através da Geração *Beat*, movimento contracultural/literário originado na década de 50 nos Estados Unidos da América, num panorama social marcado pelo racismo, violência e repressão dos direitos humanos.

Influenciado por escritores como Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs e John Clellon Holmes, poetas/escritores que partilhavam interesses comuns, a *Beat* possuía como traço principal a contestação e oposição aos valores conservadores de vida e padrões comportamentais impostos pela cultura dominante. Neste sentido, esses jovens boêmios se mostravam descontentes com o cenário político, econômico e social de um país destroçado e movido pela opressão. Assim, por meio das mais variadas expressões artísticas, especialmente através de tessituras líricas transgressoras, buscaram manifestar em favor da liberdade de expressão, ao representar em seus versos a verdadeira situação comunitária do país por meio da potencialidade do discurso artístico, que, por si, reclama maior visibilidade às minorias e sujeitos históricos excluídos.

Diante disso, o presente artigo busca examinar de que forma a poesia de Allen Ginsberg (1926-1997) ao se apropriar de desobediências estéticas como uma força catalisadora para resistência cultural e liberdade de expressão, traduz, em seus densos versos, as reconfigurações dos modos de vida e subjetividades como antídoto visceral para o lento e contínuo processo de humanização. Nessa proposição, é importante evidenciar que o nosso objetivo não se pauta em focar exclusivamente nas questões históricas referentes ao panorama político, econômico e social dos Estados Unidos pós-guerra assolado pelos princípios capitalistas. Mas, sobremaneira, analisar como esses acontecimentos são capazes de propiciar interações com a tessitura lírica, pois, como postula Moisés, “quando se trata do passado remoto, nenhum texto se deixa sondar em profundidade sem o auxílio da historiografia. É que, a rigor, toda análise textual é contextual” (MOISÉS, 2015, p. 17), no sentido em que ultrapassa as fronteiras da noção estrita de *close reading*. Consoante a tal ponto, Chiappini também argumenta que:

Não é de hoje tampouco que a arte e a literatura são vistas como forma de conhecimento, como testemunhas sobre fatos e processos históricos, como intérpretes e produtoras de opinião, contraditórias e comprometidas com grupos dominantes ou dominados, com majorias e minorias sociais, étnicas, culturais. Mais diversos estudos já demonstram que as obras de alta elaboração estética confrontam e contrastam dialogicamente os valores e como tal permitem ao leitor problematizá-los. (CHIAPPINI, 2000, p. 23)

A tais questões, no campo poético, os contrastes e problematizações só se tornam possíveis desde que o poema esteja completamente inserido à contextualidade intersubjetiva dos sujeitos históricos. E para que isso aconteça, como bem

pondera Paz (2012, p. 191), é fundamental que a sua dependência para com as palavras não esteja restrita apenas ao ato de poetizar. Assim sendo, é necessário que o poema ultrapasse e transcenda todas as questões limítrofes que estão ao seu redor, e diga, por meio da própria palavra aquilo que por algum momento esteve longe de si, inalcançável ou indizível.

Ao executar tal atividade, ato poético, ainda segundo Paz (2012, p. 191), “passa a ser considerado como uma expressão social, única e irreduzível”, que caminha de forma paralela e inseparável com outras manifestações históricas. E ao ser visto como um ato irreduzível, a poesia e a história acabam por desempenhar um papel recíproco. Enquanto a história e a sociedade nutrem e sustentam a obra poética ao conceder um sentido e existência, a poesia como um produto histórico-social alimenta o ser enquanto estado e representação de mundo. Movimentos que articulam e problematizam certos preceitos e ideologias que permeiam o meio social, e faz com que o poema se torne não só capaz de fazer história, como também ser a própria história com reflexo da realidade.

Ante a esse cenário, em meio ao mundo moderno ensimesmado pelos parâmetros capitalistas, a situação de crise e perda de prestígio da atividade poética frente a alienação dos sujeitos históricos, Irwin Allen Ginsberg desenvolveu um corpo de escrita poética esteticamente desobediente e visceral. Uma estratégia de (re)existência adotada pelo poeta frente aos reflexos da modernidade, como uma maneira de demonstrar que mesmo com os discursos artísticos sufocados pelos valores inorgânicos do objetivismo dominante, a atividade poética resiste, e sua resistência permite com que o poema se torne um atributo humanizador, pois como postula Bastos: “a obra de arte é autoconsciência da sociedade porque revela a sociedade a si mesma e evidencia tudo aquilo que a sociedade procura ocultar.” (BASTOS, 2008, p. 157). Assim, a arte poética em uníssono ao seu forte caráter revelador, desempenha um vínculo direto com a vida ao aproximar o sujeito cada vez mais de si e do mundo.

## ***The Waste Land!* A reificação do sujeito estadunidense ante os males capitalistas**

O século XX pode ser apontado como um período de ouro para os Estados Unidos da América. Vitoriosos com o triunfo obtido durante a Segunda Guerra Mundial e extremamente satisfeitos com os grandes avanços científicos e tecnológicos, o país gozava de uma série de atributos oriundos de uma forte prosperidade econômica – tido como um reflexo da ascensão capitalista sobre o território, bem como símbolo de superação da grande depressão de 1929. Para Lepore (2015, p. 583), devido ao grande sucesso econômico vivenciado pela nação, o consumo em massa se tornou uma obrigação cívica para o cidadão estadunidense, pois na medida em que o processo de industrialização ganhava grandes proporções no

território norte-americano, emergiu na esfera social uma concepção pela qual o ato de consumir em grande escala simbolizava uma contribuição direta para a segurança das fábricas e economia no país.

Tais fatores tiveram uma consequência drástica ao que concerne o modo de vida adotado pelos cidadãos. A frivolidade advinda da lógica inorgânica do cotidiano produtivo, consoante ao caráter fetichista do capitalismo e seu efeito de dominação, foram alguns dos aspectos responsáveis por acelerar o processo de alienação e reificação na sociedade estadunidense, na medida em que o lucro e a materialidade passaram a ser enaltecidos em contraposição ao próprio ser. Em diálogo a tal ponto é bastante significativa a argumentação de Marx, quando acentua que “a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*).” (MARX, 2015, p. 80), pois estes passam a adotar cada vez mais comportamentos, posturas paradoxais à sua própria condição humana.

Diante disso, tendo como base os moldes do industrialismo, no curso dos anos 50 emergiu em terras estadunidenses um novo *way of life* considerado padrão a ser seguido por todos os cidadãos. Esse estilo de vida compartilhava de algumas filosofias enraizadas na lógica pela qual a produtividade e o consumo em massa são vistos como duas forças catalisadoras para realização pessoal e, sobretudo, garantia da felicidade por meio de uma frutífera condição econômica.

Assim, como uma forma de estimular a propagação desse novo modelo de sociedade, a indústria cultural passou a difundir em suas produções a imagem tradicional e conservadora do modo de vida ideal a ser seguido pelos seus cidadãos. Tal aspecto originou no imaginário popular estadunidense um novo mito. Uma crença utópica forjada por uma imagem de sociedade perfeita e democrática onde todos os seus cidadãos seriam bem acolhidos pelas políticas locais e, conseqüentemente, alcançariam o novo patamar de vida almejado. A tal proposição, Veroneze (2014, p. 36) acentua que na mesma medida em que as mídias desempenham um papel basilar no meio social também atuam como vilã; pois induzem os sujeitos cada vez mais ao consumismo desenfreado e ao fetichismo exacerbado, fenômenos que para Lukács (2018, p. 194) é considerado como um problema específico da modernidade e do capitalismo moderno, cuja ação devastadora e caráter objetivista dominante é capaz de alterar por completo a vida de uma comunidade.

Deste modo, ao se tornar cada vez mais refém das máquinas, do capital e dos valores pautados nos princípios de produtividade e consumo em massa, o sujeito (pós)moderno estadunidense se encontrou submetido a um constante estado de alienação e, conseqüentemente, desumanização. Um aspecto que também pode ser apontado como reflexo do fenômeno da mecanização, oriundo do processo de divisão do trabalho por meio da racionalização industrial sobre o sujeito, que emergiu em território estadunidense consoante a rápida ascendência do modo de vida capitalista. Tal fator na visão de Lukács é responsável por conduzir a “uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas, humanas e individuais do

trabalhador” (LUKÁCS, 2018, p. 201), na medida em que torna os traços essenciais da nossa quase despercebida condição humana reféns, submissos aos princípios nocivos da reificação.

É nesse cenário desolador de um país completamente movido pela consciência objetivista e suas contradições que Allen Ginsberg, insatisfeito com os modos de vida adotados pelos seus cidadãos, potencializa uma poética esteticamente desobediente, transgressora e visceral que passa a canalizar o cenário artístico e literário norte-americano dos anos cinquenta, ao expandir a mensagem *beat* entre seus leitores como expressão do nosso lento e contínuo processo de humanização.

## **A arte contra a reificação: a liberdade ecoa em prol das reconfigurações dos modos de vida:**

Ginsberg assim como Baudelaire, Lautréamont, Poe e Rimbaud, está inserido no grupo de poetas considerados *maudits*, uma vez que seus modos de vida diferiam completamente ao tipo de sociedade da época. Adotando uma postura de *Flâneur*<sup>4</sup>, em boa parte das suas produções poéticas é comum encontrar com algumas questões que de algum modo merecem ser ponderadas.

Por esta razão, quando se toma como base a vasta produção poética de Allen Ginsberg, torna-se perceptível que os versos livres e extensos, muita das vezes em fluxo contínuo, intenso e sem pontuações marcam total presença em suas poesias, que validam uma referência direta a prosódia livre do jazz e *be-bop*. Além disso, também se faz presente em suas composições o emprego livre de temáticas e vocábulos coloquiais, que ressignificam escritas convencionais a respeito do fazer poético que se encontravam sob total domínio da tradição.

Outro elemento passível de observação na poética ginsbergiana diz respeito a atitude reacionária que suas poesias possuíam frente à teoria da impessoalidade proposta por Eliot. Nesse sentido, em seus poemas, além dos constantes traços históricos e autobiográficos, é perceptível a presença robusta da emoção e do sentimentalismo, visto como uma influência direta dos poetas românticos ingleses sobre suas composições. Um traço que coloca diretamente em xeque o argumento postulado por Eliot pelo qual “a poesia não é a liberação da emoção, mas uma fuga; não é uma expressão da personalidade; mas um escapamento dela.” (ELIOT, 1982, p. 42), uma vez que os escritores da *Beat Generation*, ao contrariar a noção estrita do *close reading*, empregavam o cotidiano e a materialidade histórica, íntima e subjetiva como elementos essenciais em suas produções.

---

4 Sujeito literário da vida urbana, sempre com perspectivas bem-informadas as coisas ao seu redor. Nas palavras de Walter Benjamin “A rua transforma-se na casa do *flâneur*, que se sente em casa entre as fachadas dos prédios, como o burguês entre as suas quatro paredes.” (BENJAMIN, 2020, p. 39). A figura do errante que caminha pelas esquinas e vielas emerge com força na França durante o século XIX, por meio das literaturas de fisiologia, desenvolvidas num contexto social marcado pelos grandes avanços industriais. De modo a contrariar tal fluxo, o *flâneur* não se adequa ao estilo de vida da alta classe, muito menos aos seus padrões comportamentais.

Consoante com o ponto de vista acima referido, na poética de Allen Ginsberg também é comum encontrar a presença de personagens marginalizados semelhantes aos vagabundos iluminados e os personagens Dean Moriarty e Sal Paradise de Kerouac. Sob tal proposição, Bastos (2008, p. 3), argumenta que “na literatura moderna os personagens e seu trabalho são do mundo do trabalho abstrato. Lemos a obra, e, inscritas nela, as marcas da sua produção.” Em alinhamento ao excerto, a poética de Allen Ginsberg desenvolve duras críticas ao governo da época, além de propagar representações de um modo de vida livre e humanizado em contraste aos preceitos ideológicos impostos pela cultura dominante. Ao empregar tais dispositivos em sua lírica, Ginsberg clama pela fuga desse estilo de vida vazio que impede a liberdade do ser como efeito natural do processo de antropomorfização. Aspectos que se apresentam evidenciados quando se toma como base o poema intitulado *Footnote to Howl*:

### Footnote to Howl

[...]

The world is holy! The soul is holy! The skin is holy! The nose is holy!  
The tongue and cock and hand and asshole holy! Everything is holy!  
everybody's holy! everywhere is holy! everyday is in eternity! Everyman's  
an angel! The bum's as holy as the seraphim! the madman is holy as you  
my soul are holy! The typewriter is holy the poem is holy the voice is  
holy the hearers are holy the ecstasy is holy! Holy Peter holy Allen holy  
Solomon holy Lucien holy Kerouac holy Huncke holy Burroughs holy  
Cassady holy the unknown bugged and suffering beggars holy the  
hideous human angels! [...] (GINSBERG, 2007, p. 142)

Um poema narrativo que se inicia com uma seção de 15 repetições da palavra “*Holy*”, aspecto que pode ser apontado como uma espécie de hino profético, uma saudação à santidade. Entretanto, o que pode ser caracterizado como “sagrado” ou “santo” para o eu lírico? As primeiras respostas para esse curto axioma se encontram logo no terceiro e quarto verso: “*The world...The soul...The skin...The nose...*”. Tais elementos aos olhos da sociedade estadunidense da época são vistos como grotescos e sujos pelo fato de o vocabulário adotado apresentar certa liberdade para empregar em sua sintaxe palavras de baixo calão, consideradas sinônimos de completa rebeldia e marginalidade pois diferiam das expressões utilizadas pelos membros das classes sociais mais altas.

Ainda nesses versos, nota-se que o eu lírico se apropria de algumas imagens eróticas do corpo masculino ao evocar uma curta descrição homossexual. É importante ressaltar que no curso desse período histórico correspondente a década de 1960, a lei da sodomia ainda era vigente nos Estados Unidos da América, e condenava as práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo. Por esta razão, Ginsberg, ao invocar tais imagens consideradas obscenas em sua poética, acaba contrariando ideologias vigentes na esfera social do seu país de modo a fomentar

protestos a favor da liberdade sexual e descriminalização da homossexualidade. E, sob esta perspectiva, torna-se visível alguns traços que dialogam com as reconfigurações dos modos de vida, dado que o eu lírico ao contrastar seus anseios com os valores da cultura hegemônica, acolhe aos seus versos os sujeitos históricos vítimas do preconceito e da repressão social como uma forma de reclamar em favor dos direitos humanos e liberdade de expressão.

Adiante, o eu lírico afirma que tudo, todas as pessoas e todos os lugares são sagrados. Ao fazer uso da expressão “*everybody’s holy*”, o poeta aproxima do seu hino profético todos os indivíduos excluídos pelo sistema vigente, justamente por entenderem que as insubordinações e desobediências estéticas apontam um estilo de vida completamente liberto e, portanto, paradoxal ao que propunha os padrões comportamentais da cultura dominante. Assim, torna-se perceptível nesses versos que a *persona* do poema se dispõe a conceder mais visibilidades aos cidadãos marginalizados de forma a promover, por meio da intensificação das subjetividades, a fuga do objetivismo regulador e padronizado, na medida em que evidencia o controle social do estado.

Em seguida, observa-se que o eu lírico se detém a realizar algumas curtas descrições. Dessa maneira, afirma que: (i) todo dia é uma eternidade; (ii) todo homem é sagrado; (iii) os vagabundos são tão sagrados quanto o serafim, assim como; (iv) os loucos são tão sagrados como a sua própria alma. Ao fazer jus a expressão “*the bum’s as holy as the seraphim*”, o bardo estadunidense traduz, por meio dos seus versos, a ideia de que todos os excluídos, tidos como marginais, rebeldes, loucos e vadios por contrastar com os preceitos alienadores impostos pelo capitalismo, se alinham bem mais à pureza, à sabedoria e a honestidade ao contrário dos cidadãos descritos como “*seraphim*”; uma metáfora empregada por Ginsberg para designar os membros das classes sociais mais favorecidas – responsáveis por defender e difundir no meio social o *way of life* estruturado nas nuances materialistas e consumistas. Um ponto que, por sua vez, promove intensas articulações para com as reconfigurações de práticas sociais, em especial ao que concerne à fuga desse estilo de vida reificado e desumano, como também a saudação dos sujeitos históricos que desfrutavam das desobediências estéticas e, sobretudo, retroalimentam as subjetividades como um processo contínuo de antropomorfização.

Nos versos seguintes, é perceptível que o eu lírico descreve algumas filigranas poéticas como a máquina de escrever, o poema, a voz, o ouvinte e o êxtase como sagrados. Tais elementos poéticos quando apresentados de maneira unificada surgem como uma forma de traduzir o resgate do ato de recitar em locais públicos realizados pelos poetas da *Beat Generation*, juntamente com os bardos da *San Francisco Renaissance*. Sob tal aspecto, Willer afiança que “San Francisco era, na época, um ponto de encontro de intelectuais insatisfeitos com o panorama cultural que lhes era oferecido e que não eram aceitos pelas agências do poder cultural, as revistas literárias e os grupos ligados às universidades”. (WILLER, 1984, p. 17) devido

a postura anárquica, íntima, subjetiva e anticonvencional adotada na composição de suas obras, que distorciam de modo direto com os princípios da tradição.

Diante desse panorama social marcado pela violência e perseguição, esses jovens boêmios através das mais distintas tessituras artísticas e desobediências estéticas, buscavam reclamar pela liberdade de expressão, igualdade e sociabilidade por meio de uma literatura transgressora que aproximava o sujeito cada vez mais da sua própria realidade. Assim sendo, expressões como “*typewriter*” e “*poem*” empregadas por Ginsberg surgem como formas de representar o processo de construção e existência da obra poética. O termo “*hears*” reflete a imagem do público alcançado pela força e a resistência dos versos dessa poesia recém-construída. Já a expressão “*ecstasy*”, reflete às experiências com alucinógenos realizada pelos integrantes desse movimento contracultural – que tinham como principal influência os românticos ingleses e seus ideais pautados na lógica de ampliação da sensibilidade poética e imaginação por intermédio do uso de substâncias psicoativas. A tal ponto, Pereira (2018, p. 23) argumenta que no curso dos anos 50 “criticava-se e rejeitava-se, por exemplo, o predomínio da racionalidade científica, de maneira a redefinir a realidade através do desenvolvimento de formas sensoriais de percepção.” Ponto que contrastava diretamente com a maneira convencional de se pensar o mundo e à vida por meio do olhar consumista e desenfreado. Assim, na perspectiva dos movimentos contraculturais, o uso dos alucinógenos e entorpecentes abriam novas possibilidades de compreensão do mundo pela via da diversidade e liberdade de pensamentos.

Posteriormente, percebe-se que Ginsberg se detém a saudar, também como sagrados, algumas figuras primordiais da sua geração. Assim, além de si, cita o seu companheiro Peter Orlovsky e outros expoentes da geração como Burroughs, Kerouac, Solomon e Cassady. Artistas que se alinhavam à mensagem *beat* e tiveram um papel fundamental junto ao resgate da consciência do povo estadunidense ante a formas de vida repressoras que lhes eram oferecidas. Sob tal ponto, A. M Homes afirma que:

Diferentemente dos veteranos da Segunda Guerra Mundial que voltavam para casa, casavam-se, mudavam-se para os subúrbios e abraçavam inteiramente o Sonho Americano e a florescente cultura de mais, mais, mais, a vida beat era vivida no limite. Os *beats* nada tinham a perder, nem podiam cair de muito alto. Homens sagrados, pensadores, antimaterialistas eram exatamente opostos dos ‘homens de caserna’. (HOMES, 2007, p. 06)

Oposição esta que advém da consciência pautada na lógica de reconfigurações dos modos de vidas, exaltação das subjetividades e práticas sociais por meio dos intensos questionamentos ao *way of life* alienante da ordem vigente, e suas nuances objetivistas enraizadas na filosofia mercadológica do fetichismo exacerbado que, diretamente, contribui para ampliação da reificação entre temporalidades e sociedades distintas.

Nos versos seguintes, o eu lírico se detém a saudar às pessoas em condição de rua como seres sagrados, desconhecidos, sofredores e divinos. Nessa lógica, ao fazer uso da expressão “*beggars*”, Ginsberg acaba por descrever e englobar novamente ao seu hino profético todos os sujeitos históricos excluídos que possuíam estilos de vida e estéticas visuais completamente opostas aos princípios desumanos da cultura dominante. Posteriormente, faz-se perceptível que os horrendos anjos humanos também são descritos pelo bardo estadunidense como sagrados. A expressão “*the hideous humans angel*” empregada nesse contexto, surge em seus versos como uma forma de evidenciar a imagem dos *hipsters*, criaturas livres, rebeldes e com uma estética visual insubordinadas e visceral pela força de sua existência.

Em *Howl*<sup>5</sup>, os *hipsters* também são apresentados pelo eu lírico como seres angelicais, que adquirem uma forma celestial e sagrada por fugir do *way of life* consumista e antidemocrático que permeava na esfera social estadunidense. Em consonância com o ponto de vista referido, Pereira afirma que “ao contrário do *square*, conformista e fiel defensor do *american way of life*, o *hipster* é aquele que se rebela contra aquela situação [...] é aquele que se revolta e nega violentamente os valores estabelecidos.” (PEREIRA, 2018, p. 35), pois busca, através das desobediências estéticas e reconfigurações dos *ways of life* e padrões comportamentais, novas e outras saídas para compreender o mundo senão pela ótica tradicional, com seus ideais regidos pela classe dominante e suas filosofias capitalistas.

Essas marcas de insatisfações e constantes oposições aos preceitos difundidos no meio social apresentadas em *Footnote to Howl* (2007) também marcam presença em outro poema de Ginsberg intitulado *America* (2007, p. 154), que devido a sua longa extensão será transcrito apenas algumas estrofes, fortemente caracterizadas pelo tom político e libertário. Assim sendo, nota-se que o eu lírico promove, nesse poema, uma espécie de diálogo com o seu próprio país ao direcionar algumas perguntas retóricas como forma de apontar as contradições e efeitos do estilo de vida movido pela consciência reificada sob a esfera social.

### America

America I've given you all and now I'm nothing.  
America two dollars and twentyseven cents January 17, 1956.  
I can't stand my own mind.  
America when will we end the human war?  
Go fuck yourself with your atom bomb.  
I don't feel good don't bother me.  
I won't write my poem till I'm in my right mind.  
[...]  
(GINSBERG, 2007, p. 154)

---

5 No Quinto verso: “*angelheaded hipsters burning for the ancient heavenly connection to the starry dynamo in the mahinery of night...*” (GINSBERG, 2001, p. 9).

Durante os primeiros versos que compõe a primeira estrofe desse poema, percebe-se que os traços das desobediências estéticas marcam presença por toda extensão, com uma composição estruturada em versos longos e fluxo contínuo, caracterizada também pela escrita em primeira pessoa – características antagônicas a teoria da impessoalidade poética proposta por Eliot (1982) e defendida pelos adeptos da neocrítica. Dessa maneira, o eu lírico demonstra nos versos iniciais de sua poesia certa ironia, cansaço e descontentamento. Traços de insatisfação que se revelam devido à falta de reciprocidade existente entre o sujeito histórico e sua nação, como forma de direcionar uma crítica ao individualismo exacerbado do sujeito estadunidense da época.

Ao longo do segundo verso, o eu lírico apresenta ao seu país uma quantia de dois dólares e dezessete centavos, tendo em vista demonstrar a pobreza vigente no meio social e desmascarar a crença utópica do *way of life* dominante, com seus princípios forjados que pregavam a igualdade e possibilidade de alcance desse novo patamar de vida, sem exclusão, pelos seus cidadãos. Nesta proposição, Karnal aponta que:

Esse ambiente de crescimento econômico e consumismo fez com que recessão, desemprego e infortúnio social se tornassem memórias distantes no discurso oficial e no popular [...]. Mas a realidade era que a riqueza econômica e o poder político continuaram tendo distribuição muito desigual na sociedade. (KARNAL, 2011, p. 202)

Irregularidades e desigualdades que marcavam presença, pois o modo de vida que se apresentava difundido no meio social, com suas tendências baseadas na lógica de capital, estava destinado apenas a um único grupo, nesse caso, as classes dominantes. Enquanto os soberanos nutriam com a prosperidade advinda do materialismo, consumismo e fetichismo, às minorias enfrentavam inúmeros percalços pautados na intensificação da violência, repressões e discriminações. Assim, pode-se considerar que Ginsberg ao evocar em sua poética tais fatores prementes na esfera social, se dispõe mais uma vez a clamar pelas possibilidades de reconfigurações dos modos de vida. De tal forma, por meio da potencialidade advinda dos seus versos, o poeta busca em sua expressão lírica escancarar a verdadeira situação comunitária do país ao denunciar as posturas inflexíveis adotadas pelos sujeitos que compõe as classes dominantes e promover a fuga desse estilo de vida antidemocrático e excludente.

Durante o terceiro verso, nota-se que as insatisfações do eu lírico com o seu país ganha fortes tensões, e faz com que ele sinta um cansaço árduo em sua mente, e desenvolva também uma espécie de ceticismo, uma descrença e desesperança com o futuro de uma nação presa em seus próprios princípios. Descontente com as atitudes militares, atrocidades e violências cometidas pelas autoridades estadunidenses contra os indivíduos que possuíam formas de pensamento e estilos de vida oxímoro aos padrões capitalistas, Ginsberg no fluxo do quarto verso questiona ao seu país quando terminará com a guerra humana. Em seguida, exasperado com

toda a situação, direciona, em tom de protesto, um palavrão à bomba atômica, o que demonstra seu desapontamento com a destruição e vidas perdidas em Hiroshima e Nagasaki, motivo pelo qual fez seu país ostentar um certo narcisismo ante as atrocidades cometidas – ao trazer consigo a alcunha de maior potência do mundo.

Sob tal perspectiva, torna-se perceptível que o emprego lírico dessas expressões em sua poética surge como mais um traço que dialoga com as desobediências estéticas, uma vez que a voz lírica por meio de tais dispositivos realiza uma crítica direta à competitividade do cidadão estadunidense. A tal fator, Veroneze (2014, p. 37) argumenta que o individualismo desenfreado, a competitividade, imediatividade e lucratividade da vida social, são algumas características que constituem a reificação da vida humana. Estes, por sua vez, adentram no plano mais íntimo do sujeito de modo a reconfigurar seus traços essenciais aos moldes da desumanização. Por via de tais comportamentos, o sujeito passa a adotar em suas práticas sociais posturas estranhas à sua própria natureza.

Durante o sexto e sétimo verso, desagradado com o estilo de vida adotado pelo seu país, é perceptível que as insatisfações do eu lírico com as situações recorrentes no meio social se intensificam cada vez mais, ao ponto de não conseguir se sentir bem consigo mesmo e não querer mais escrever os seus poemas. Tal aspecto surge como fruto não só de uma carência gerada na sua sensibilidade poética e fonte de inspiração devido ao *way of life* alienador e desumano levado pela sua sociedade, como também as constantes perseguições e censuras sofridas pelos poetas da época com o *macarthismo* – doutrina de cunho anticomunista que perseguiu e condenava sujeitos que difundiam os modos de vida e práticas consideradas subversivas, antiamericanas.

[...]

America when will you be angelic?

When will you take off your clothes?

When will you look at yourself through the grave?

When will you be worthy of your million Trotskyites?

America why are your libraries full of tears?

[...] I'm sick of your insane demands.

When can I go into the supermarket and buy what I need with my good looks?

[...] Your machinery is too much for me.

[...] There must be some other way to settle this argument.

[...]

(GINSBERG, 2007, p. 154)

Durante o oitavo verso, as frustrações do eu lírico ganham mais tensionamentos. Ressentido com o cenário social, questiona ao seu país quando ele será

angélico. A expressão “*angelic*” empregada, nesse contexto, surge como uma forma de criticar os comportamentos dos membros de sua nação, pautados na ganância capitalista, na opressão e violência contra os sujeitos marginalizados. Em seguida, questiona ao seu país quando ele tirará sua roupa, e em qual momento olhara para si mesmo através da cova. Nesses versos, ao fazer uso da expressão “*through the grave*”, o eu lírico, em tom cético, cria a imagem de uma nação completamente destruída, que caminha no limiar do abismo, alienada pelos valores inorgânicos que muito reflete o comportamento cruel e perverso da sua sociedade.

Posteriormente, questiona que o seu país será digno com os seus milhões de *trotskyites*. Ao fazer jus a expressão “*Trotskyites*”, o eu lírico faz referência aos sujeitos vítimas da violência e opressão por parte das autoridades por defender, nos Estados Unidos, as ideias revolucionárias de Trotsky pautadas pelas críticas ideológicas de base socialista. Características que, por sua vez, divergiam completamente do que propunha a cultura dominante que alicerçados os princípios do macarthismo buscavam combater o comunismo no país por meio da violência, da censura e violação direta aos direitos civis. É por esta razão que no décimo segundo verso, o eu lírico afirma que às bibliotecas se encontram afundadas em lágrimas, pois boa parte dos jovens que se encontravam insatisfeitos com o *way of life* demasiadamente vazio e movido pela consciência reificada na esfera social, que nutriam de obras de caráter revolucionário e pregavam atitudes transformadoras tendo em vista às reconfigurações dos modos de vida, tiveram que conviver com as constantes perseguições e hostilidades por parte do estado.

Em seguida, nota-se que a voz poética alega ao seu país estar cansado, adoentado das suas demandas pífias caracterizadas pelo ciclo cioso e desumanizador do capitalismo. Em seguida, questiona quando poderá ir ao supermercado e comprar as coisas que necessita com as suas boas vestimentas. Ao fazer jus a expressão “*my good looks*”, o eu lírico traduz a imagem dos sujeitos vítimas da opressão por parte das autoridades pelo fato de possuírem uma estética visual completamente antagônica às pessoas que constituíam as classes dominantes. Formas alternativas de repensar o mundo e à vida por meio da heterogeneidade, de comportamentos que divergiam por completo dos padrões adotados pela cultura capitalista. Traços que, por sua vez, promovem intensas aproximações para com as ressignificações modos de vida e práticas sociais intersubjetivas.

Nos versos finais do poema, o eu lírico afirma para o seu país que suas maquinarias são demais para si. Ao empregar o termo “*machinery*” em seus versos, a voz poética traduz a imagem de um país completamente modernizado, dominado pelas indústrias e movido pelo fetichismo exacerbado, cujo principal parâmetro consiste em atender as demandas do capitalismo, ampliar a alienação em massa e acelerar o contínuo o processo de coisificação. Posteriormente, afirma que deve haver alguma maneira de resolver esse argumento. Contudo, a única maneira encontrada pelo eu lírico para solucionar tais descontentamentos consiste em intensificar o uso de desobediências estéticas e protestar, por meio de uma poética

intensa e visceral, em prol da liberdade de expressão. Um movimento que denuncia os comportamentos desumanos levados por sua sociedade de modo a demonstrar que estes se encontram reféns da consciência reificada. Elementos que se tornam perceptíveis quando se toma como base os versos do poema *To poe: Over the planet Air Albany – Baltimore* (2007, p. 522)

**To Poe: Over the planet Air Albany – Baltimore**

Philadelphia smoking in Gold Sunlight, pink blue  
green Cyanide tanks sitting on hell's floor,  
Many Chimneys smoldering, city flats vírus-linked  
along Delaware bays under horizon-smog-  
Airplane drifting black vapor-filaments  
above Wilmington [...]  
Poe! D'jya prophesy this Smogland, this Inferno,  
Didja Dream Baltimore'd Be Seen From Heaven  
by Man Poet's eyes Astounded in the Fire Haze,  
carbon Gas aghast!  
Poe! D'jya know yr prophecies' RED DEATH  
would pour thru Philly's sky like Sulphurous Dreams?  
Walled into Amontillado' Basement! Man  
kind led weeping drunk into the Bomb  
Shelter by Mad Secretaries of Defense  
(GINSBERG, 2007, p. 522)

Nessa organização poética, é perceptível que os traços referentes as desobediências estéticas marcam presença por todo corpo textual do poema. Aqui se tem a figura do eu lírico associada à de um *flâneur*, um viajante de mochila que adota uma postura considerada anárquica ante à sociedade da época, com um comportamento extremamente contracultural pautado no questionamento, no desejo por contínuas ressignificações dos princípios defendidos pelo *Establishment*. Como alude Pereira, “fiel à filosofia utópica do *drop out*, a juventude engajada na contracultura dos anos 60 buscava, através desse conjunto de ideias e comportamentos, cair fora do sistema.” (PEREIRA, 2015, p. 22), ao romper com todas as barreiras culturais e estruturas de pensamento dominantes que vigoravam com ímpeto na esfera social. Assim, no seu trajeto de *Air Albany* rumo a *Baltimore*, Ginsberg percorre toda a região da Filadélfia de modo a oferecer algumas curtas descrições do que seus olhos proféticos enxergam ante a uma cidade assolada pelos valores desumanos do modo de vida capitalista.

De pronto, nos versos iniciais do poema, o eu lírico afirma que a cidade se encontra fumacenta no “Sol dourado,” uma expressão metafórica empregada com o intuito de descrever as imagens das fumaças expelidas pelas chaminés logo no

início da manhã. Os tanques róseos verdes também são descritos pelo eu lírico como manchados por Cianureto, uma substância química e venenosa que, assim como o *Napalm*, foi utilizada como armamento de guerra pelos Estados Unidos da América no curso da guerra do Vietnã – um comportamento desumano visto como fruto da competitividade e do individualismo intenso, aspectos oriundos da consciência capitalista.

Posteriormente, descreve os horizontes ao longo das baías de Delaware completamente poluídos. Nesses versos, o eu lírico realiza uma espécie de eco crítica ao apontar para os impactos que o modo de vida reificado e comportamentos dos sujeitos tiveram sobre o meio ambiente. Adiante, percebe-se que tais imagens ganham força a partir do momento em que Ginsberg se encontra em Baltimore. Ao dedicar seus versos para o *barde maudit* de *The raven* (1845), o eu lírico ainda afirma que toda poluição em que a cidade se encontra também foi profetizada por outro poeta, nesse caso, Edgar Poe. Sob tal perspectiva, percebe-se que a expressão “*Smogland*” vem caracterizada no poema pela presença de uma capitular, aspecto responsável por conceder uma ênfase maior ao termo que surge nesse contexto como uma maneira de descrever os reflexos gerados pelo modo de vida inautêntico adotado pela sociedade da época, pautados na ideia de consumismo e fetichismo desenfreado.

Mais adiante, o eu lírico também afirma que Poe sonhou que a sua cidade, Baltimore, seria vista do plano mais alto através dos olhos proféticos de Homem Poeta. A essa questão, é bastante representativa a argumentação proposta por Brasileiro (2012, p. 145), quando afirma que os poetas são aqueles que aos contrários dos demais, presos em sua própria cegueira, se encontram livres e humanizados. Nesses versos, percebe-se que os poetas, mesmo que distantes do objetivismo dominante, encontram-se atônicos, surpresos, pasmos e assustados com a cidade e suas belezas naturais completamente reduzida as fábricas e névoas de fogo, e seus cidadãos por sua vez, vítimas desse modo de vida desumano oriundo dos males profundos da reificação. A tal fator, Veroneze postula que “quanto mais uma sociedade apresenta formas coaisais entre pessoas, maior é o grau de alienação dessa sociedade – tanto maior é, assim, o grau de reificação.” (VERONEZE, 2014, p. 41), pois a consciência objetivista, por meio de suas nuances, faz o sujeito estranhar a sua própria natureza humana e se auto rebaixar à condição de objeto.

Em seguida, observa-se que o eu lírico usufrui de um conto de Allan Poe (*The Masque of the Red Death* (1842), de modo a direcionar um questionamento. Para tanto, alega se o autor um dia deduziria que “A morte vermelha” das suas profecias, expressão cunhada de modo a se referir aos desastres causados pela guerra do Vietnã, se alastrariam por completo pelos céus da Filadélfia como sonhos sulfúricos. Nesses versos, torna-se perceptível que Ginsberg se dispõe a dirigir uma crítica direta à competitividade e ao individualismo aumentado do cidadão estadunidense, tidos como alguns dos reflexos da consciência reificada por meio do modo de vida capitalista. Mais à frente, afirma que presos nos porões a humanidade

bêbada e alienada é conduzida aos abrigos antiaéreos pelos loucos secretários da defesa. Um aspecto que não só demonstra, como também reforça esse modo de vida objetivista e sua extrema capacidade de gerar comportamentos desumanos, em especial ao que concerne à intensificação da violência para atender requisitos pessoais pautados na alcunha de soberania e poder.

## **Em tons de considerações finais**

Mediante aos aspectos discutidos ao longo dessa produção, conclui-se que a poética de Allen Ginsberg se apropria discursivamente de desobediências estéticas, de maneira a vazar, em seus versos, as reconfigurações dos modos de vida e práticas sociais como antídoto visceral para o lento e contínuo processo de humanização. A mensagem adquirida com as leituras contextuais e análises críticas das composições poéticas apresentadas evidenciam que Ginsberg se dispõe a alertar acerca do estilo de vida cruel e desumano que involuntariamente se adota quando nos encontramos reféns dos princípios alienantes que prefiguram à reificação forjada através do objetivismo dominante.

Neste sentido, sua dicção lírica se transforma em uma espécie de *anagnórisis*, um tipo peculiar de conhecimento que possibilita o sujeito (pós)moderno a se autorreconhecer no estado atual e desumano em que se encontra. A arte poética, por sua vez, nesse processo, desempenha o papel de aproximar os sujeitos históricos cada vez mais de si e do mundo em suas constantes transformações.

A partir desses movimentos, a insubordinação estética da lírica Allen Ginsberg oferece novas/outras maneiras de se pensar o mundo e a vida por meio das práticas contraculturais, na medida em que orbita e, sobretudo, traduz as nuances intersubjetivas do nosso lento e contínuo processo de humanização; ao promover as reconfigurações do modo de vida que conduz a reificação do ser, em substituição por outras formas mais autênticas, livres e demasiadamente humanizadas. Apontamentos que privilegiam modos orgânicos e simbólicos que acionam pessoas para um mundo construído por humanos e a cada dia mais indisponível para os mesmos. Por este olhar, Ginsberg dispara poesia a fim de tornar o mundo repleto de significados.

## **AESTHETIC DISOBEDIENCES AND RECONFIGURATIONS OF THE WAYS OF LIFE: NOTES FROM THE POETIC HOWL OF ALLEN GINSBERG**

**Abstract:** *The purpose of this study revolves around reflecting on how the lyrical expression by Irwin Allen Ginsberg's verses (1926-1997) appropriates aesthetic disobedience and subjectivities, in order to translate, through the symbolic potential of his poetry, to the reconfigurations of ways of life and*

*behavioral patterns as a promotion of our slow and continuous process of humanization. Therefore, the development of this investigation was carried out through the methodology of bibliographical-documentary research in articulation with the methods of comparative literature. From this perspective, privileged readings and contextual analyzes by Allen Ginsberg's representative poems that engage the aspects of aesthetic disobedience as a form of artistic and human expression. Therefore, to better structure our discussions, we welcome, as a theoretical contribution, the ideas proposed by Lukács (2018), Paz (2012), Verozene (2014) among others.*

Keywords: *Aesthetic disobediences; Subjectivities; Visceral poetic; Freedom of expression; Allen Ginsberg.*

## Referências

BASTOS, Hermenegildo. Da possibilidade à realidade. O trabalho poético de gerar novos hábitos. São Paulo. *Blog da boitempo*, 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/01/06/da-possibilidade-a-realidade-o-trabalho-poetico-de-gerar-novos-habitos/> Acesso em: 01 set. 2022.

BASTOS, Hermenegildo. Literatura como trabalho e apropriação—um esboço de hermenêutica. *Remate de males*, v. 28, n. 2, p. 157-172, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1414/939>. Acesso em: 02 mar. 2022.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: *Baudelaire e a modernidade*. Tradução de João Barrento. São Paulo: Ed. Autêntica, 2020.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, v. 6, 2000.

BRASILEIRO, Antônio. *Da inutilidade da poesia*. Salvador: Ed. EDUFBA, 2002.

CÍCERO, Antônio. O aprendizado da poesia. In: *Antologia poética Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012

CHIAPPINI, L. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. *Literatura e Sociedade*. v. 5, n. 5, p. 18-28, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/18276>. Acesso em 24 jan. 2022.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradition and individual talent. *Perspecta*, v. 19, p. 36-42, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1567048>. Acesso em 14 fev. 2022.

GINSBERG, Allen. *Collected Poems 1947-1997*. New York: Ed. Harper Collins, 2007.

KARNAL, Leandro *et al.* *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. Ed. Contexto, 2011.

KEROUAC, Jack. *Geração beat*. Porto Alegre: Ed. LPM. 2007.

- LEPORE, Jill. *Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2020.
- LUKÁCS, George. O fenômeno da reificação. In: *História e consciência de Classe*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Ed. Boitempo, 2015.
- MOISÉS, Massaud. Fundamentos e extensão da análise literária: sua relação com a crítica e a historiografia literária. In: *A análise literária*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2014.
- NITRINI, Sandra. *Teoria literária e literatura comparada*. São Paulo: Ed. EDUSP, 2010.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2012.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992
- VERONEZE, Renato Tadeu. A realidade coisificada e reificada: em tempos de manifestações sociais. *Emancipação*, v. 14, n. 1, p. 33-46, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/6244/4441>. Acesso em 01 ago. 2022.
- WILLER, Claudio. Allen Ginsberg, poeta contemporâneo. In: *Uivo, Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 1984.

Recebido em 30 de março de 2023

Aceito em 19 de maio de 2023

# ENTRE A RASTEIRA E LA BARRIDA: DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NO CONTO “TANGO” DE DIRCEU LEAL E NA CANÇÃO “DOMINGO NO PARQUE” DE GILBERTO GIL

*Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho discorre sobre os aspectos imagéticos internos e externos presentes no conto “Tango”, de Dirceu Leal e na canção “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil. Seu objetivo se consistiu em identificar e descrever, a partir da concepção teórica de fanopeia, as imagens presentes nas obras supracitadas. Teve como proposta metodológica a descrição do conto e da canção a partir de uma mirada teórico-crítica acerca de como as imagens se apresentam em ambas as criações. Para atender a essa atividade, foram necessárias as contribuições de Ezra Pound (1976; 2006) acerca de fanopeia e imagens poéticas; Ruth Finnegan (2008), para tratar da canção e Tânia Carvalhal (2006), para lidar com a comparação entre linguagens artísticas, dentre outros. A pesquisa teve como resultado a confirmação de que é possível ler as obras a partir das informações imagéticas, de modo a chegar nos seus respectivos significados.

**Palavras-chave:** Fanopeia; Literatura Comparada; Dirceu Leal; Gilberto Gil.

*Anjo, cupido, querubim  
Cinderela na torre de Marfim  
A fitinha do Senhor do Bonfim  
Enrolada em mim  
She's my dream team.*

Rita Lee

## Corpos que dançam

“Tango”, de Dirceu Câmara Leal, e “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil, obras artísticas e poéticas, centro desta pesquisa, são configuradas por palavras e estão rodeadas de elementos que conseguem ir além do aspecto verbal. Nessas obras, musicalidade e visualidade, dentre outros elementos que conformam o

---

1 Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) – Campus Paulo Freire – Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Doutorando em Estado e Sociedade (UFSB). Mestre em Estudos Literários (UFES). Especialista em Literatura de Língua Inglesa (UNICID) e em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça (UFBA). Licenciado em Letras Língua Inglesa (UNEB) e Letras Língua Portuguesa (UESC). E-mail: rafaeldosprazeres@ufsb.edu.br

fazer estético, estão presentes e são indispensáveis para a compreensão da obra. Além dos aspectos formais citados, as obras convergem semanticamente. Todas essas semelhanças, e também as especificidades que compõem cada gênero, dão respaldo para que a literatura comparada seja utilizada como elemento metodológico que sustenta a descrição conjunta das obras.

Com base na característica da visualidade – comum a essas obras – é que, nesse contexto, surge a importância de pensar a comparação conto-canção no âmbito da potência imagética a elas inerente. No campo literário, existem formas variadas de refletir e analisar um texto e seus elementos. Nesse caso, no entanto, fiz uso da perspectiva da imagem advinda do conceito de Fanopeia, do crítico e poeta estadunidense Ezra Pound. Interessa saber se as imagens, tanto aquelas expressas concretamente no papel onde está impresso o conto, quanto nas imagens mentais que a organização linguística que a canção produz, podem ser pensadas a partir da ideia de Fanopeia. Tal pertinência analítica configura, consoante a perspectiva comparada, os elementos que norteiam a questão problematizadora da pesquisa: A partir das obras citadas e dos seus elementos narrativos e constitutivos, é possível observar aspectos visuais, que por meio do conceito de Fanopeia, colaborem para a compreensão dos seus respectivos sentidos?

É de senso comum, no Brasil atual, a apreciação de obras artísticas a partir do significado imediato que elas apresentam em suas linguagens. Se em um espaço de artes visuais, como num museu ou num centro cultural, a busca veloz pela legenda de uma tela, de uma fotografia, de uma escultura e de outras obras revela que a imagem ali apresentada – mesmo que compunha, na sua constituição e integralidade, tal significado buscado nas legendas – é o último ponto a ser procurado pelo “leitor” da obra. Em um espaço físico mais restrito, como num conto ou numa canção, essa “busca por legenda” é transferida para a primazia do significado dicionarizado das palavras ali expressas. O resultado disso, em grande medida, é uma leitura incompleta cujo amparo latente no significado reduz a capacidade de desvendar o enigma da obra. Com não muito esforço, é possível perceber no cotidiano esse tipo de leitura literária ou musical pautada exclusivamente no significado de termos, em detrimento de uma leitura mais cuidadosa e atenta aos aspectos visuais e sonoros que são frutos da seleção do autor e que incontestavelmente compõem a obra.

É equação pacífica na prática leitora a conclusão de que ofuscar e/ou ignorar as imagens (externas e, sobretudo, internas), presentes em uma criação literária, significa ler tal obra de modo incompleto. Do mesmo modo ocorre com as canções, nas quais uma visão estritamente semântica, dissociada de uma leitura imagética e de uma visão sonora (também pormenorizada), são responsáveis por uma subleitura e, talvez, pelo escanteamento dos esforços do artista em construir suas obras.

Tanto em “Tango” quanto em “Domingo no Parque”, para além do que se apresenta no significado imediato da leitura das obras, as entrelinhas também fazem parte de suas leituras. Contudo, as informações visuais externas de ambas

(metro, composição dos versos e das linhas, riscos, pontuação, palavras com suas respectivas extensões e tônicas, repetições, disposição de palavras), assim como as imagens internas contidas nelas (em estado de comparação: relacionamento heterossexual, conflito, faca, sangue, espaços físicos) são elementos que, se forem descritos do modo mais abrangente possível, apontam para a seguinte e possível situação: são elementos selecionados que, escolhidos de modo proposital e como parte integrante das obras, não podem ser apagados em suas leituras.

Dessa forma, Gil (2017a) e Leal (1973) nos oferecem obras que podem ser cotejadas em aspectos imagéticos, semânticos e musicais à luz da comparação literária. Para isso, as contribuições de Ezra Pound (1976), de Ruth Finnegan (2008) e de Tânia Carvalhal (2006) compuseram a tríade teórica para avançarmos na investigação bibliográfica e descritivo-analítica das criações, a fim de alcançar o seu objetivo fundamental que foi identificar e descrever, a partir da fanopeia, as imagens externas e internas presentes em ambas. Este artigo está dividido em três seções: a) literatura em prisma: Arte comparada, b) Três tempos de abrangência: Fanopeia, Conto e Canção e c) Dançando “Tango” em um “Domingo no Parque”, para além de algumas subseções e os elementos pré e pós-textuais.

## **1 Literatura em prisma: arte comparada**

A professora Lucia Pimentel (2009, p. 26), na abordagem em torno das artes visuais, diz que a arte é “uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político”. As tentativas de estabelecer uma definição para uma das linguagens artísticas – Literatura – são vastas, atemporais e fogem de toda e qualquer convicção estável. No entanto, para percorrer as veredas literárias que se revelam nas páginas seguintes, faz-se necessário a adoção momentânea da concepção de literatura de Jacques Derrida (2014). Na obra *Essa estranha instituição chamada literatura*, o filósofo franco-argelino potencializa a percepção da alteridade e a força dialética da literatura, ao considerá-la como uma instituição responsável pela desconstrução dos alicerces sobre os quais o conhecimento humano se consolidou. Para o autor, ao passo que a literatura não figure como uma das principais porta-vozes da verdade, ela faz uso desse “descrédito” histórico, científico e social para falar tudo o que precisa ser dito, sem que sofra represálias por isso. Residem aí os pulsos da literatura, segundo Derrida (2014): a liberdade de ser e estar; de preencher os espaços sem ter um único e imutável compromisso; não se enquadrar em qualquer definição ou suporte, e ser fruto de (e deixar) um rastro/traço histórico-social nas obras literárias nos diversos períodos e momentos da humanidade.

Na introdução da referida obra, o ensaísta Evandro Nascimento (2014) diz que na literatura “o direito de dizer tudo [...] é inseparável de outro direito fundamental: o direito ao segredo. A impossível totalização codificada no ‘tudo’ da expressão ‘dizer tudo’ não oblitera o segredo, pode até mesmo melhor protegê-lo”

(NASCIMENTO, 2014, p. 29, destaques do autor). Nessa edição, Nascimento antecipa (*in media res*, por assim dizer) o que Derrida apresenta em algumas páginas a seguir acerca de literatura: “o que chamamos de literatura pressupõe que seja dada licença ao escritor para dizer tudo o que queira ou tudo o que possa, permanecendo, ao mesmo tempo, protegido de toda censura, seja religiosa ou política” (DERRIDA, 2014, p. 52). Assim, é possível considerar que, tendo a literatura, em plena luz do dia, a capacidade de desvelar os mais profundos mistérios do ser humano, sem necessariamente revelar-se a si mesma, a torna não somente difícil de ser definida, como também difícil de ser julgada, analisada ou encerrada num só contexto. Cabe, então, a função essencial de descrevê-la antecipadamente ao ato de “analisá-la”.

Segundo o dicionário Houaiss (2011), o vocábulo “descrever” significa “1 – representar (-se), por escrito ou oralmente, no seu todo ou em detalhes. 2 – contar em detalhes, relatar. 3 – desenhar, traçar” (DICIONÁRIO HOUAISS, 2011, p. 280), enquanto “descrição” quer dizer “1 – relato das características (de algo). 2 – exposição oral ou escrita” (*ibid.*, p. 280). Assim, é necessário levar em conta a situação de que, para fazer a descrição da literatura, o sujeito deve estar atento aos elementos internos e externos de uma obra. Aos internos, cabem seus itens verbivocovisuais: a imagem, o som e seu significado. Todos articulados entre si. No que diz respeito aos elementos externos, cabem – para além de outros – seu contexto político-histórico somado ao confronto com outras obras em forma de diálogo (proximidade) ou de debate (distanciamento) entres elas.

Nesse contexto, os percursos e esforços da literatura comparada soam como ferramentas extremamente úteis para tal observação e posterior descrição. De acordo com o professor Paulo Soether (2009), “a literatura comparada [...] ajuda a entender essa dimensão das obras literárias: a inserção de cada texto e de cada conjunto de textos (uma literatura nacional ou a literatura de determinado período) em uma rede de relações” (SOETHER, 2009, p. 12). Já Tânia Carvalhal (2006), em seu inventário histórico intitulado *Literatura Comparada*, diz que a comparação “não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva)” (CARVALHAL, 2006, p. 6).

Sendo assim, conforme apresentado por ambos os autores, é possível observar, por um lado, que a literatura comparada pode ser associada a uma teia que agrega e conecta – pela semelhança ou pela diferença – os mais diversos textos, tipos e gêneros textuais, linguagens, dentre outros, de distintos lugares e épocas. Por outro lado, o ato de comparar pode ser visto como uma ação que exige um olhar apurado, cuidadoso e o mais abrangente possível. Comparar, para a autora, é uma prática natural do ser humano imerso em suas tertúlias culturais e, na perspectiva literária, devem ser consideradas as aproximações e os distanciamentos entre as obras, de modo a ultrapassar o limite da ação “para elucidar e para fundamentar

juízos de valor” (*ibid.*, p. 7) nos trabalhos, muito usual na crítica literária.

No entanto, quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método — e começamos a pensar que tal investigação é um “estudo comparado”. Pode-se dizer, então, que a literatura comparada *compara* não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (*Ibid.*, p. 7, destaque da autora).

Dessa forma, o ato de comparar literaturas representa um método no qual o movimento de observação requer uma investigação crítico-reflexiva, que deve ser usada como um auxílio em uma posterior análise e interpretação. Esse movimento oferece ao leitor um olhar mais detalhado na medida em que este faça uso da descrição completa dos objetos em evidência, em vez de começar a analisá-los segundo uma ou outra característica não totalizante. Exemplo: analisar/interpretar os poemas “a língua lambe”, da obra *Amor Natural*, de Carlos Drummond de Andrade, os cantos de *Beowulf* – sobretudo o início do canto XXXVIII –, as últimas linhas de *Ulysses*, de James Joyce, a partir da aceção resumida da a) sexualidade, b) das perdas e ganhos, e da c) declaração de amor, respectivamente, sem considerar suas aliterações e suas musicalidades, significa mutilar a leitura dos textos e não descrevê-los integralmente. É certo que “a literatura não existe num vácuo” (POUND, 2013, p. 39), sobretudo do ponto de vista social. Porém, ao observar a produção literária apenas no aspecto semântico, o leitor baliza o pleno caminhar da linguagem literária e atrofia a sua possibilidade de comunicação imagético-sonora.

Portanto, por depender dos auxílios de outras ferramentas para aumentar a acuidade descritiva de obras literárias – e por extensão, também de obras artísticas –, “a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim” (CARVALHAL, 2006, p. 7).

## **2 Três termos de abrangência: Fanopeia, Conto e Canção**

Este trabalho tem como ponto chave alguns termos que servem como sustentáculo para a compreensão da descrição das obras de Leal e Gil. O primeiro desses termos e, talvez, o menos popular, trata-se do conceito de Fanopeia, isto é, “atribuição de imagens à imaginação visual” (POUND, 1976, p. 37). Tal vocábulo foi utilizado pelo poeta e crítico estadunidense Ezra Pound para classificar produções poéticas, cuja característica principal era a imagem produzida intra/extra texto. Ou seja, aquela obra na qual sua força de significação está centrada em a) na imagem produzida pela percepção visual dos itens do texto, isto é, no primeiro contato entre o leitor e a obra (externa) ou em b) através de sua leitura tradicional – palavra por palavra – na qual é possível perceber a formação de

imagens mentais (interna). Segundo o autor, a criação poética fanopaica é aquela “que atinge os *olhos* da imaginação do leitor [e que] nada perderá ao ser traduzida para uma língua estrangeira” (*ibid.*, p. 14, destaque do autor, acréscimo nosso).

Pound (2013) afirma que Fanopeia não se relaciona à ideia de imagem fixa. Portanto, essa espécie de produção literária abrange a imagem em ação, em movimento. O crítico estadunidense afirma ainda que o poeta, ao criar textos imagéticos, deve estar atento a não ser descritivo quando tal criação estiver associada à imagem mental (interna). Diz ele que certa perspectiva descritiva é melhor representada por um pintor. Nessa vertente fanopaica, cabe ao poeta construir a representação das imagens mentais a partir de palavras. É projetar o objeto na imaginação visual. Por exemplo:

Pound (1976) dá como exemplo dessa apresentação da imagem mental um trecho de “Hamlet” de William Shakespeare. Na ocasião em que o guarda Horácio em diálogo com seus colegas de trabalho, Marcelo e Bernardo, após uma noite de vigília e visão do fantasma do Rei Hamlet, diz ao ouvir o galo cantar e a alvorada surgir: “Aurora, em ruivo manto envolta” (DANTAS; PAES, 1976, p. 13) e arremata “Pisa no orvalho, subindo a colina do Oriente” (SHAKESPEARE, 2015, p. 8, tradução nossa)<sup>4</sup>. De acordo com a classificação poundiana, tais imagens mentais são orientadas pela leitura dos versos. O que para “Shakespeare está apresentando algo que o pintor não mostra” (POUND, 1976, p. 13, grifo nosso) (PRAZERES, 2016, p. 105).

É nessa espécie, segundo Pound (1976), que se encontra a maior tendência para alcançar a precisão plena das palavras. Isso se dá porque nela há a apresentação dos aspectos imagéticos dispostos através da seleção cuidadosa e enxuta dos vocábulos que estão sempre em movimento, tanto na obra com características imagéticas, quanto na mente do leitor que, ao lê-la, tem a oportunidade de acessar todo o turbilhão de imagens em movimento que a obra suscita.

O segundo termo de abrangência deste trabalho, muito mais utilizado no cotidiano – Conto – diz respeito a uma narrativa curta cujas características, segundo Pina e Santos (2010), compreendem o enredo/intriga, personagens, foco narrativo, narrador/narratário e o tempo narrativo. Esse gênero apresenta poucas personagens, mantém uma estrutura objetiva entre personagem, tempo, espaço, linguagem, trama. Há, no conto, um aspecto de unicidade muito forte, visto que a sua curta extensão não permite o desenvolvimento de histórias paralelas. Segundo o professor Massaud Moisés (1969), “o conto, do ângulo dramático, unívoco, univalente [...] constitui uma unidade dramática, uma *célula dramática*.”

Portanto, contém um só conflito, um só drama, uma só ação: *unidade de ação*”

---

4 “[...] the morn, the russet mantle clad/ Walks o’er the dew of yon high eastward hill:” (SHAKESPEARE, 2015, p. 10, Ato 1, Cena 1, l. 166-167).

(MOISÉS, 1969, p. 112, destaque do autor).

Enquanto o professor Moisés apresenta, em sua definição, uma característica que beira à exatidão matemática do significado do termo conto, o contista argentino Julio Cortázar, por outro lado, diz que o conto é um gênero “de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário” (CORTÁZAR, 1993, p. 149). Desse modo, e na esteira da discussão em torno da literatura e seus elementos expostos na primeira seção deste trabalho, tomemos as expressões “unidade dramática” de Moisés e “irmão misterioso da poesia” de Cortázar, como ferramentas essenciais para tratarmos ao longo da descrição.

No dicionário de música e músicos, *The new Grove* (2001), a canção – o terceiro termo de abrangência deste trabalho – é apresentada como “música para voz ou vozes, acompanhadas ou não, ou um ato ou arte de cantar. [...] a canção pode representar bem um atributo de todos os seres humanos em todas as eras”<sup>5</sup> (THE NEW GROVE, 2001, p. 704, tradução nossa). De acordo com a professora irlandesa Ruth Finnegan (2008), a canção diz respeito a um fenômeno presente em quase todas as culturas do mundo e se configura como um gênero híbrido, pois parte da combinação do texto com a música e com a performance.

Em certo sentido, então, ela parece a mais simples e mais fundamental de todas as artes. Contudo, também entre as práticas humanas mais sutis e mais elaboradas. Há algo especial em palavras cantadas. Elas estão removidas do banal, transcendendo o presente e dele distanciadas, destacando-se como arte e performance. E mesmo a canção aparentemente mais simples é maravilhosamente complexa, com texto, música e performance acontecendo simultaneamente (FINNEGAN, 2008, p. 15).

Todos os termos acima podem ser observados sob a perspectiva da literatura comparada, em um ato comparado em várias medidas: canção e conto, Música e Literatura, épocas distintas de produção etc. Todas elas amalgamadas pela imagem que as circundam e que, através da abordagem poundiana, conseguem apresentar atos diferentes para os leitores, quer na perspectiva de que “A ‘literatura comparada’ aparece por vezes nos currículos universitários, mas muito poucas pessoas sabem o que querem dizer com essa expressão, ou abordam a matéria com algum método consciente e refletido” (POUND, 1976, p. 27), ou na perspectiva de que o “comparativismo deve colaborar decisivamente para uma história das formas literárias, para o traçado de sua evolução, situando crítica e historicamente os fenômenos literários” (CARVALHAL, 2006, p. 85). Nos dois ângulos calibrados pelos autores, observar pontos semelhantes e díspares, a partir da imagem produzida

---

5 A piece of music for voice or voices, whether accompanied or unaccompanied, or act or art of singing [...] song may well represent an attribute of all human beings in every age” (THE NEW GROVE, 2001, p. 704).

nos diferentes formatos literários postos à mesa de descrição neste trabalho, parece ser um ato inevitável para quem entra em contato com as obras por puro e inequívoco deleite. O simples ato de ler/ver um e ouvir/ver outro, associado ao ritmo de ambas as tramas, já são passíveis de comparação de primeiro impacto.

### **3 Dançando “Tango” em um “Domingo no Parque”**

#### **3.1 Gil/Leal: pintores de sentidos**

Artífice de várias habilidades, Gilberto Passos Gil Moreira lançou, em 1968, o álbum intitulado *Gilberto Gil*, cuja décima faixa chama-se “Domingo no Parque”, objeto deste estudo. Esse é o terceiro álbum gravado por Gil! É precedido pelo famoso *Tropicália ou Panis et Circensis* do mesmo ano, e antecede o homônimo *Gilberto Gil*, lançado em 1969. “Domingo no Parque” foi apresentada ao público um ano antes do seu lançamento no álbum, durante o Festival de Música Popular Brasileira (1967), através de uma performance inovadora e acompanhada pelo arranjo do maestro Rogério Duprat e sua orquestra, contendo elementos/instrumentos da cultura popular e em parceria com a banda de *rock* “Os Mutantes”. Naquele evento, a canção ficou em segundo lugar.

É importante frisar que o tripé de Finnegan (2008) – texto-música-performance – pode ser percebido na canção de Gil a partir da própria performance do cantor e compositor baiano, bem como na de outros intérpretes. Os elementos que compõem a canção exigem, através dos sinais de pontuação ou dos significados implícitos, a performance não linear do que está escrito. Com isso, nela recai também as características imagéticas caras à fanopeia, uma vez que, ao ler a letra em voz alta, o som dos encontros consonantais pedregosos, das rimas finais ou as anáforas em relações combinatórias reforçam as imagens em pleno movimento que a letra suscita. O conflito parece tornar-se real a cada lida atenta ao paralelismo e a todos os elementos verbivocovisuais da canção.

Mais modesto que Gilberto Gil, Dirceu Câmara Leal tem a sua bibliografia e biografia ainda obnubiladas pela crítica ou pela quantidade de obras disponíveis para leitura. A obra “Tango”, que utilizamos aqui, foi publicada na coletânea *Contos Jovens* nº 2, pela editora Brasiliense, em 1973. Esse compêndio se encontra esgotado e não há registros de reedição ou reimpressão. Em seu texto “Prefácio que deveria ter sido e não foi”, Temístocles Linhares, diretor da revista Letras da UFPR, apresentador da Coletânea de contos premiados e jurado do Concurso de Contos do Paraná de 1972, afirma que o prêmio daquele ano, recortado na categoria de estudantes, foi destinado ao “Sr. José Dirceu Câmara Leal de Oliveira Filho, de S. Paulo, que revela alguma técnica e promete bastante, com as suas personagens submetidas ao acaso de suas sensibilidades, de suas sensações”, e arremata: “Tudo nele, porém, ainda parece imaturo” (LINHARES, 1974, p. 126).

### 3.2 As obras

**Figura 1:** GIL (2017a), LEAL (1973). Compilado pelo articulista. Sugere-se ouvir a canção no link indicado nas referências.

#### Domingo no parque Gilberto Gil (1968)

O rei da brincadeira - é, José  
O rei da confusão - é, João  
Um trabalhava na feira - é, José  
Outro na construção - é, João

A semana passada, no fim da semana  
João resolveu não brigar  
No domingo de tarde saiu apressado  
E não foi pra Ribeira jogar  
Capoeira  
Não foi pra lá pra Ribeira  
Foi namorar

O José como sempre no fim da semana  
Guardou a barraca e sumiu  
Foi fazer no domingo um passeio no parque  
Lá perto da Boca do Rio  
Foi no parque que ele avistou  
Juliana  
Foi que ele viu

Juliana na roda com João  
Uma rosa e um sorvete na mão  
Juliana, seu sonho, um ilusão  
Juliana e o amigo João  
O espírito da rosa feria Zé  
E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa - é, José  
A rosa e o sorvete - é, José  
Oi, dançando no peito - é, José  
Do José brincalhão - é, José

O sorvete e a rosa - é, José  
A rosa e o sorvete - é, José  
Oi, girando na mente - é, José  
Do José brincalhão - é, José

Juliana girando - oi, girando  
Oi, na roda gigante - oi, girando  
Oi, na roda gigante - oi, girando  
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelha  
Oi, girando, e a rosa - é vermelha  
Oi, girando, girando - é vermelha  
Oi, girando, girando - olha a faca!

Olha o sangue na mão - é, José  
Juliana no chão - é, José  
Outro corpo caído - é, José  
Seu amigo, João - é, José

Amanhã não tem feira - é, José  
Não tem mais construção - é, João  
Não tem mais brincadeira - é, José  
Não tem mais confusão - é, João

#### Tango Blanco Camara (1967)

<p>aba, brilhante, dedo mínimo: unha comprida, pente, penteira</p> <p>28 dos Sapatos Loucos,</p> <p>levantando tanto, passando, arrando, arrando,</p> <p>crimes,</p>		<p>meta-álure, pintura parda, sala (sua) contábil, sua no lobby, um saliente,</p> <p>Mariquinha de Tranças,</p> <p>passando, trabalhando, telefonando,</p>
--	--	--

até que, um dia, entre na loja um rapaz muito bonito,  
bem comportado, limpo e bem-vestido,  
e ela se vê invadida por um estranho calor, assim que  
seus olhos se cruzam com os de Toninha do Terno-Cruza.

<p>Toninha do Terno-Cruza Toninha do Terno-Cruza - Mariquinha de Tranças Toninha do Terno-Cruza - Mariquinha de Tranças Toninha do Terno-Cruza - Mariquinha de Tranças Toninha do Terno-Mariquinha-Cruza de Tranças Mariquinha Toninha de Tranças do Terno-Cruza Mariquinha de Tranças - Toninha do Terno-Cruza Mariquinha de Tranças - Toninha do Terno-Cruza Mariquinha de Tranças - Toninha do Terno-Cruza</p>	<p>Mariquinha de Tranças Toninha do Terno-Cruza</p>
---	---

Mariquinha de Tranças,  
olhos,  
charmos,  
fôlego.

Mariquinha de Tranças 28 dos Sapatos Loucos,

<p>Mariquinha de Tranças Mariquinha de Tranças-28 dos Sapatos Loucos, Mariquinha de Tranças-28 dos Sapatos Loucos, Mariquinha de Tranças-28 dos Sapatos Loucos, Mariquinha de Tranças-28 dos Sapatos Loucos,</p>	<p>28 dos Sapatos Loucos 28 dos Sapatos Loucos,</p>
--	---

"sua vagabunda! 'ol' p'isso que tu me enganar!"

penteira.


Mariquinha de Tranças 28 dos Sapatos Loucos

### 3.3 Obras-objeto em estado de descrição e cotejo

As obras em evidência mantêm uma forte carga imagética em suas consti-tuições. Para focarmos com minúcia em cada uma delas e comparar uma a uma, precisaríamos de mais espaços do que nos é permitido em um trabalho deste formato e extensão. Portanto, resolvemos elencar apenas alguns elementos que possam estimular a leitura fanopaica integral das obras e sua posterior comparação.

É possível afirmar que, além da fanopeia presente em cada uma das criações, há uma certa similaridade na atmosfera de imagens que compõe o significado de cada obra. Tal similaridade entre os campos imagéticos soa como intersecção ou como elemento uno que alimenta a carga poética de ambas. O enredo dramático, pautado na presença de uma mulher, dois homens, um conflito, um fim trágico etc., forma um todo coeso que induz o(a) leitor(a) a percorrer as mesmas cenas imaginárias. As tramas apresentam mais proximidade do que distâncias do ponto de vista fanopaico. A recepção dos(as) leitores(as) muda, naturalmente, a partir da influência dos vocábulos de cada uma das obras, do espaço ocupado por elas e do tempo que ambas sugerem. Somada a essas variações, deve-se levar em consideração a experiência social e linguística dos(as) leitores(as) no auxílio da produção das imagens mentais. Exemplo: embora as ações pulsem de modo muito próximas no recorte de cada crime, nem todo o “segredo” literário é revelado por cada obra. Na canção, há a necessidade de performance oral – a fim de atestar a simultaneidade da relação texto-música-performance – para simular imaginariamente tudo o que aconteceu de forma convicta (se é que isso é possível) com Juliana, com João ou com José após os fatos. Essa performance deve ser realizada a partir de notas orais e da música, das repetições intra e extra verso, das rimas e dos jogos de palavras. É para isso que serve a redução de volume, de ritmo e aumento da carga harmônica, grave e, portanto, melódica ao “performatizar”, por exemplo, a última estrofe de “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil (2017b). Ainda na canção, existe a possibilidade de perceber que esses elementos estimulam o(a) leitor(a)/ouvinte a pensar no pretense jogo de capoeira, nos corpos no chão, no sangue, na morte de Juliana e João.

Era só concluir. A roda gigante gira, e o sorvete, até então sorvete só, já é sorvete de morango pra poder ser vermelho, e a rosa, antes rosa só, é vermelha também, e o vermelho vai dando a sugestão de sangue – bem filme americano –, e, no corte, a faca é o corte mesmo. O súbito ímpeto, a súbita manifestação de uma potência no José: ele se revela forte, audaz, suficiente. A coragem que ele não teve para abordar Juliana, ele tem para matar (GIL, 2017a).

Já no conto, a imagem física também pode provocar, de imediato, debates como, por exemplo: Mariazinha de Tranças foi ao hospital ou ao cemitério? O traço horizontal da cruz é simétrico ao vertical (representando que ela está ferida num hospital) ou ele está ligeiramente acima do ponto central do traço vertical e representa a morte de Mariazinha de Tranças? Como o conto apresenta a imagem física e mental, mas não oferece outros elementos, como estão presentes na canção, o “direito ao segredo” (*op. cit.*) permanece mais forte e incrementa a produção de imagens do leitor.

No conto de Leal (1973), além da unicidade temática em formato dramático e também de todos os outros elementos que constituem esse gênero narrativo,

há a presença do elemento central desta pesquisa: a fanopeia externa – por via das imagens fixas (traço, cruz, jogo da velha) identificáveis na primeira e imediata visita ao texto –; e a fanopeia interna – a partir das imagens mentais em pleno movimento que são extraídas na leitura atenta aos vocábulos – como por exemplo: os marcadores sociais e temporais observados nas características das personagens ao serem apresentadas no início do conto. É um roteiro quase que instantaneamente capturado pelo(a) leitor(a), de modo que a materialização das imagens mentais acerca das personagens possui uma representação marcada: Mariazinha e suas tranças, Zé e os seus sapatos, Toninho e o seu terno.

O tom curto do conto auxilia no ritmo da leitura e no fortalecimento da trama. Esse aspecto atenta à abordagem do gênero que direciona o leitor a um encadeamento de ações, a um respeito cronológico dos atos e culmina numa veloz apresentação e finalização da narrativa. É por isso que o conto pode ser visto como o embrião, “a matriz da novela e do romance” (MOISÉS, 1969, p. 111). A característica visual da narrativa converge a leitura ao campo da “unidade dramática” (*op. cit.*), uma vez que, desde a apresentação dos personagens Zé dos sapatos lustrosos “crime” e Mariazinha de Tranças “fotonovela”, até o prelúdio do clímax “Mariazinha de Tranças” e “Zé dos Sapatos Lustrosos”, ele [o conto] apresenta uma tragédia que se anuncia desde o princípio da obra, a partir do vocábulo e das imagens físicas – espaços em branco ou simulação de contato entre as personagens. Muito semelhante a “O rei da confusão, ê, João” (GIL, 2017, v. 2), “João resolveu não brigar” (*ibid.* v.6). São tais informações semânticas ou visuais que certificam o caráter poético e, por assim dizer, imprevisível das narrativas. Por isso, também, a poesia, enquanto espectro que pode se materializar nas mais diversas linguagens artísticas, tem no “seu irmão misterioso” (*op. cit.*) – o conto –, um aliado na criação e retroalimentação de imagens que servem para formar leitores(as) de literatura.

### **3.3.1 A Rasteira<sup>6</sup>**

Embora haja um balaio de informações pluriculturais na canção “Domingo no Parque” – sobretudo aquelas advindas das mais diversas expressões culturais presentes no país –, o plano de fundo que pode ser percebido na obra é o da cultura popular nordestina, com atenção maior à cultura negra, a partir da capoeira. Quer através da canção, enquanto trinômio “texto-música-peformance”, sob a ótica de Finnegan (2008), quer por via do temário. O capoeira e o feirante fazem parte da cultura popular baiana retratada por Gil, e encontra na literatura universal a personificação do ciúme em crime passional. Gil (2017b) veste de pulsos universais a linguagem cultural de sua região. Ou melhor, proporciona ao mundo uma

---

6 A Rasteira: “Comece gingando. Caindo para trás, apoie-se no solo com as mãos e procure derrubar o adversário, arrastando-o violentamente, com as pernas bem estiradas e os pés [...]” (MESTRE BIMBA, 2002, p. 20).

experiência da produção afro-brasileira advindas de dois bairros tradicionais de Salvador: Ribeira e Boca do Rio. É da soma das informações populares do seu local de pesquisa e vivência artística que o autor tem a ideia de

usar um toque de berimbau, de roda de capoeira, como numa cantiga folclórica. O início da melodia e da letra da música já é tirado desses modos. Com a caracterização do capoeirista e do feirante como personagens, eu já tinha os elementos nítidos para começar a criação da história. [...] A canção nasceu, portanto, da vontade de mimetizar o canto folk e de representar os arquétipos da música de capoeira com dados exclusivos, específicos: com um romance desse, essa história mexicana. Está tudo casado (GIL, 2017a).

A letra tem indícios das expressões populares encontradas na Bahia (literatura de cordel, cântico da capoeira, baião etc.). A expressão rítmica dos instrumentos, capitaneada pelo berimbau, encontra na letra [eternizada em: a) estrofes de 4 ('quadra' de seis sílabas), 6 ('sextilha' de dez sílabas) e 7 ('septilha' com metro livre, mas com rima semelhante ao som de sextilhas alternadas entre A (12 sílabas) e B (8 sílabas), exceto os dois últimos que, se ocupassem o mesmo verso, teria 8 sílabas iguais, i.e., "Juliana foi que ele viu"), tendo as duas primeiras uma rima ABAB e a última – especial – ABABCDB ou simplesmente rimando nos versos pares; b) versos, c) repetições, d) coros, e) rimas etc.,] as características mais caras à capoeira, sobretudo a dos corridos da capoeira de Angola. Sobre o corrido, o mestre João Pequeno de Pastinha diz que é "o canto que tem a resposta do coro" (LIMA, 2000, p. 26). Já o etnólogo e historiador Waldeloir Rego diz que o corrido é um canto "com toques acelerados" (REGO, 2015, p. 67). As duas características do corrido se encontram na canção. Assente a apenas um dos aspectos do corrido na capoeira, onde há a presença latente do improvisado, a canção "Domingo no Parque" tem nas repetições os estribilhos narrativos que servem para reafirmar a ação dita pelo narrador, seja como um aposto explicativo (ê José, ê João), seja como um corrido próprio da capoeira (ô José, oi girando, é vermelho/a).

### **3.3.2 La Barrida<sup>7</sup>**

Na canção, o tempo da narrativa é definido (Domingo) e transcorre num local também definido (parque). Já no conto, as reiteraões também estão centradas no movimento de um recorte temporal muito específico. Nele, a repetição está subordinada a demonstrar a mudança constante das ações encadeadas dos personagens. Sabe-se que a ação também ocorreu em "um dia" específico e o movimento dos

---

7 *La Barrida*: "Arrasto do pé do parceiro durante uma caminha ou giro. Contato constante com o chão sem descarregar o peso durante o movimento" (SABÁ, 2010, p. 19 apud SIQUEIRA, 2017, p. 71).

personagens simulam um entrelaçar de pernas da própria dança argentina: Tango, sobre a qual o dicionário da RAE – Real Academia Española (2018) define como:

“1 – Dança do Rio de la Plata, difundido internacionalmente, de casal enlaçado, forma musical binária e compasso de 2/4. 2 – Música e letra de tango. 3 – Festa e dança de gente de origem africana ou popular em alguns países da América. 4 – Canto Flamenco com estrofes de três ou quatro versos octossílabos que tem diversas modalidades”<sup>8</sup> (DICCIONÁRIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2018, tradução nossa).

Vale a observação comparada de que tanto a obra de Gil (2017a) produz uma alusão a expressões populares e negras, quanto o conto de Leal (1973), o qual, também e igualmente tenha aspectos da cultura negra latino-americana, uma vez que, de acordo com o item 3 do dicionário da Real Academia Española (citado acima), e segundo a pesquisadora Mónica de le Comte (2009), em sua obra *Tango y Bandoneón*, o Tango é uma miscigenação de “ritmos de africanos, espanhóis e de muitas outras origens”, que, além de ruidosas, ainda com a autora, “eram dançadas por escravos com banzo, que se rodeavam sensualmente com passos improvisados ao ritmo de tamboriles em patuscadas”<sup>9</sup> (COMTE, 2009, p. 5, tradução nossa).

Para além da visão da autora em torno das características e origem negra do Tango, os tamboriles, a que se refere Comte (2009), estavam presentes no candombe e na *la habanera* – ritmos populares incorporados pela Argentina do século XIX, cuja origem é afro-caribenha (cubana), e que faz parte da formação do Tango do Rio da Prata.

Em defesa da origem negra do tango, o professor Mauro Braga (2014, p. 138) explicita a relação entre o tango e músicas de negros, quando informa a congruência entre os verbetes de dois dicionários acerca do termo. Segundo o autor, a edição de 1836, do *Diccionario provincial de voces cubanas*, diz que Tango é uma “reunião de negros boçais<sup>10</sup> para dançar ao som de tambores”, cujo termo remonta ao século XVII para ambientar qualquer reunião entre pessoas negras. Ainda com o autor, o *Diccionario de la Real Academia Española*, edição de 1852 diz que é uma “dança de negros e de gente do povo em alguns países da América Latina”. Na edição de 1899, amplia-se o significado para “festa e dança de negros ou de gente do povo na América; música para essa dança” (BRAGA, 2014, p. 138).

---

8 1. Baile rioplatense, difundido internacionalmente, de pareja enlazada, forma musical binaria y compás de dos por cuatro. 2. Música y letras del tango. 3. Fiesta y baile de gente de origen africana o popular em algunos países de América. 4. Palo flamenco com copla de três o cuatro versos octossílabos que tiene diversas modalidades (DICCIONÁRIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2018).

9 [...] ritmos africanos, españoles y de muy diversos orígenes [...]. Estas rítmicas y ruidosas danzas eran bailadas por nostálgicos esclavos, que se contorneaban sensuales con pasos improvisados al compás de tamboriles en desbordantes fiestas” (COMTE, 2009, p. 5).

10 Boçais: Segundo o Professor Mauro Braga, boçais aqui se refere aos negros que não compreendiam a língua do lugar onde viviam. Diz ele que o vocábulo “tango é de emprego frequente no ambiente musical cubano, onde se desenvolveu um gênero denominado tango congo” (BRAGA, 2014, p. 138).



E se desfaz gradualmente numa configuração distinta na ordem da pontuação – primeiro vem a ausência de pontuação entre os termos, depois vem o traço “-“ e, por fim, o ponto “.” – e em espaço – Mariazinha ocupa o lugar de Toninho e vice-versa.

[...]

Toninho do Terno Cinza    Mariazinha de Traças

Toninho do Terno Cinza - Mariazinha de Traças

Toninho do Terno Cinza . Mariazinha de Traças.

Mariazinha de Traças

Toninho do Terno Cinza

No recorte acima, tanto o movimento de ovo novelo (o formato da primeira linha se repete na última linha, fechando um ciclo que tem no centro o seu ponto mais forte. Assim como pode ser visto no poema “Ovo” de Símiás de Rodes) quanto à troca dos personagens, acrescidos da mudança gradual dos sinais de pontuação “.”, “-“ e do silêncio, apontam para uma aproximação crescente entre Mariazinha e Toninho. Há uma revelação que desenha, isto é, que “diz tudo” o que ocorre ali com os dois, sem “obliterar o segredo” resguardado pela experiência do leitor. A imagem é dada, mas não fica estacionada. Ela se movimenta através da ação pintada com as cerdas das palavras em ritmo repetitivo e reorganizado. É importante dizer que uma das construções físicas possíveis para essa imagem pode ser vista no curta-metragem de Walter Quaglia (2015), intitulado *Tango*, apresentado no III Festival Nacional de filme Super 8 em 1975, e que se baseia majoritariamente na imagem ofertada pelo conto homônimo de Leal (1973). Um verdadeiro roteiro fanopáico.

Nas duas obras Gil (2017a) e Leal (1973), o que pode ser verificado em se tratando de cotejo, após suas respectivas descrições parciais, é que o alto poder de literariedade de ambas se vê decantado nas imagens internas que elas sugerem, de modo que o(a) leitor(a), ao lê-las, ouvi-las ou vê-las terá a oportunidade de interagir suas próprias imagens com os enredos criados pelos autores. Nesse caso específico de comparação, vale salientar que o aspecto popular levantado nos trabalhos exige também uma leitura dos elementos que a maioria da população observa na leitura “à queima roupa” das obras: suas imagens.

## Considerações finais

A repercussão imagética de textos literários pode ser vista em diferentes gêneros e, muitas vezes, percebem-se tais características no primeiro contato entre o(a) leitor(a) e a obra. No entanto, ao avançar na leitura desses mesmos textos, resgates mnemônicos do(a) leitor(a) e de seu contexto são estabelecidos e se alinham ao significado da obra presente. Não à toa, as produções literárias compreendem, além do sentido cru, informações de som e imagem que compõem seu significado, mas que, muitas vezes, são obnubilados por uma quantidade relevante da crítica literária e passam despercebidas por alguns(umas) leitores(as).

Este trabalho buscou evidenciar os aspectos fanopaicos presentes na canção “Domingo no Parque”, de Gil (2017a), e no conto “Tango”, de Leal (1973), atentando, sobremaneira, para a imagem externa e interna de cada obra. O que se verificou desse esforço está centrado na observação comparada entre as obras no que diz respeito a suas informações visuais. Tanto aquelas facilmente perceptíveis pelo(a) leitor(a) vidente – sinais gráficos, sinais de pontuação, espaços, e outros –, quanto àquelas imersas no contexto atmosférico de cada obra – a trama: “jogo de capoeira”, “sexo”, briga; os desfechos, etc. –, ambas se pondo em plena materialidade a partir do jogo de palavras. São imagens muito mais semelhantes que distantes, de modo que podem ser apreendidas, também, por leitores(as) não videntes (cegos(as)).

Seu objetivo – identificar e descrever, a partir da concepção teórica de fanopeia, as imagens que auxiliaram na construção do sentido de cada obra – foi alcançado, uma vez que a comparação entre as obras nos permite observar que é possível tomar a leitura das imagens como ponto inicial de sua descrição e compreensão, antes mesmo de chegarmos ao valor semântico (de dicionário) das palavras. Além disso, a pergunta que motivou tal investigação obteve uma resposta afirmativa, uma vez que a própria descrição vista na última seção nos habilita a dizer que as imagens não só auxiliam na compreensão, como compõem a integralidade da obra e precisam ser levadas em consideração sempre.

Em que pese a possível referência que a obra de Gil se impôs sobre a criação de Leal, não se pretende encerrar a construção imagética e comparada dos trabalhos dos autores com esse esforço. Até porque, como dito anteriormente, a extensão e os limites materiais deste artigo nos conduziram a selecionar alguns pontos comparativos entre as obras, enquanto outros tantos podem ser destacados e esses podem ser melhor aprofundados.

## **BETWEEN A RASTEIRA AND LA BARRIDA: IMAGERY DESCRIPTIONS IN TALE TANGO BY DIRCEU LEAL AND IN SONG SUNDAY AT THE PARK BY GILBERTO GIL**

**Abstract:** *This paper deals with internal and external imagery aspects present in Dirceu Leal’s tale “Tango” and Gilberto Gil’s song “Sunday at the Park”. The aim was to identify and describe, from the theoretical conception of Phanopoeia, the images present in that pieces mentioned above. It had as a methodological proposal the description of the story and the song from a theoretical-critical perspective on how the images are presented in the works. In order to attend to this activity, the contributions of Ezra Pound (1976; 2006) concerning Phanopoeia and poetic images appeared as theoretical proposal; Ruth Finnegan (2008) to deal with the song and Tânia Carvalhal (1986) to deal with the comparison between artistic languages, among others. The research resulted in confirmation that it is possible to read the works from the imagery, so as to arrive at their respective meanings.*

**Keywords:** *Phanopoeia; Comparative Literature; Dirceu Leal; Gilberto Gil.*

## Referências

- BRAGA, Mauro Mendes. *Tango: a música de uma cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- CARVALHAL, Tânia. *Literatura Comparada*. 4 ed. ver e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- COMTE, Mónica Hoss. *Tango y Bandoneón*. Buenos Aires: Maizal, 2009.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa 2ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- DICIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Tango*. Real Academia Española. Disponível em: < <http://dle.rae.es/?id=Z5ASC93|Z5B8JW0> >. Acesso em: mar. 2023.
- DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO/ Instituto Antônio Houaiss (org.); [editor responsável Mauro de Salles Villar] São Paulo: Moderna, 2011.
- FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: MATOS, Cláudia; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. *Palavra Cantada*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- GIL, Gilberto. *Domingo no Parque*. [2017a]. Disponível em: <<https://gilbertogil.com.br/conteudo/musicas/?letra=D>>. Acesso em: mar. de 2023.
- GIL, Gilberto. *Domingo no Parque – Gilberto Gil (1968)*. 2017b. 1 post (3 min e 42 s). Postado em: 04 de janeiro de 2017, Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OztuGomczAo> >. Acesso em: mar. de 2023.
- LEAL, Dirceu Câmara. *Contos jovens, nº 2*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- LIMA, Luiz Augusto Normanha (Org.). *Uma vida de Capoeira João Pequeno de Pastinha*. São Paulo, s.n. 2000.
- LINHARES, Temístocles. Prefácio que deveria ter sido e não foi. In: *Revista Letras*. Paraná. V. 21/22. p. 119 – 127, 1974. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/letras/issue/view/1095>>. Acesso em: mar de 2023.
- MESTRE BIMBA. *Curso de Capoeira Regional*. Salvador: JS Discos, 2002. 1 CD e um livreto.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: Introdução à problemática da Literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- NASCIMENTO, Evandro. A Literatura à Demanda do Outro. In: DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 7 – 41.

- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1*. Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFMG, 2009. p. 24-37.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa; SANTOS, Oto Magno Santana dos. *Introdução aos estudos literários: análise de poemas, dramas e narrativas*. Ilhéus: UAB/UESC, 2010.
- POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. José Paulo Paes, Augusto de Campos. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- PRAZERES, Rafael A. G. dos. *Som e Silêncio dos versos: melopeia de Ezra Pound na poesia de Arnaldo Antunes*. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 200 f., 2016.
- QUAGLIA, Walter. *Tango*. 2015. 1 post (13 min e 28 s). Postado em: 08 de outubro de 2015, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=yDy7RIPZpPk> >. Acesso em: mar. de 2023.
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio socioetnografico*. 2. ed. – Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
- SABÁ, Benzecry. *Nuevo Glosario de tango danza: términos claves en la danza de tango argentino*. 1 ed. Stuttgart: Abrazos, 2010. 80 p
- SIQUEIRA, Leonardo Pádua. *O tango livre: considerações de um tanguero (dançarino e professor) ao método de Rodolfo Dinzel*. Orientadora: Renata Meira. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19726/1/TangoLivreConsideracoes.pdf>>. Acesso em: mar de 2023.
- SOETHER, Paulo Astor. *Literatura Comparada*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.
- THE NEW GROVE. *Dictionary of Music and Musicians*. 2nd edition. Edited by Stanley Sadie, Executive Editor John Tyrrell, v. 23. United Kingdom: Macmillan, 2001.

*Recebido em 22 de fevereiro de 2023*

*Aceito em 25 de maio de 2023*

# ESCOLHAS LEXICAIS E PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO: *QUINCAS BORBA* EM MATERIAL DIDÁTICO

Lilian Barros de Abreu Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado, em que pesquisamos a transmissão do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático. Nessa perspectiva, este artigo tem o objetivo de discutir como as escolhas lexicais presentes no romance em estudo, transmitidos em material didático, interferem no estilo machadiano e na interpretação do texto. Para isso, utilizamos como aporte teórico-metodológico estudos filológicos descritos em Blecua (1990), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) e Sacramento e Santos (2017); a perspectiva de escolha lexical de Oliveira (2016), Antunes (2012) e Teles (1976); a concepção de campos léxico-semânticos está ancorada nas ideias de Antunes (2012), Henriques (2011), Cruse (1986) e Ullman (1977); e o estudo do estilo machadiano é fundamentado por Carvalho (2018). Os resultados desta pesquisa podem contribuir para a compreensão da construção de escolhas lexicais e campos léxico-semânticos em texto literário, para a elaboração de material didático de língua portuguesa e literatura brasileira e para os estudos lexicais e machadianos em sala de aula.

**Palavras-chave:** Escolha Lexical; Campo Léxico-Semântico; Material Didático; *Quincas Borba*; Machado de Assis.

## Introdução

Os textos literários reproduzidos em material didático geralmente são o único contato entre literatura e os alunos de escolas brasileiras. Esses textos figuram como recursos de ensino que possuem exposições, muitas vezes, inquestionáveis por seus usuários, haja vista seu papel de autoridade que manifesta um discurso de verdade<sup>2</sup> dentro de sala de aula. Considerando essa realidade e os problemas intrínsecos à transmissão de textos, é fundamental a pesquisa da fidedignidade de um texto literário em material didático.

---

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo/SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1601-4488> E-mail: [lilian.barros.silva@usp.br](mailto:lilian.barros.silva@usp.br)

2 Para Grigoletto (2011), um discurso de verdade é aquele que ilusoriamente acreditam possuir um sentido de completude.

Nessa perspectiva, este artigo se baseia na pesquisa de doutorado<sup>3</sup> em desenvolvimento, que investiga a transmissão do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático. Para tanto, os objetivos específicos da pesquisa se resumem em (I) fazer o levantamento da obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático – livros didáticos, apostilas e textos paradidáticos; (II) investigar a gênese das variantes na transmissão desse material para encontrar o motivo do surgimento das alterações e (III) discutir a influência delas em uma análise crítico-literária da obra e do seu autor. Desse modo, esta pesquisa tem como guia a base teórico-metodológica proposta para a Crítica Textual, disposta em Blecua (1990), Cambraia (2005) e Spaggiari & Perugi (2004).

O *corpus* desta pesquisa é composto, até este tempo, por vinte e seis materiais didáticos, isto é, livros didáticos, apostilas e livros paradidáticos sobre o romance e o autor, de diferentes anos de publicação, sendo a mais antiga do ano de 1970 e a mais recente do ano de 2019, assinados por autores e coleções didáticas conceituadas no sistema de ensino brasileiro e circulando tanto em escolas particulares quanto em escolas públicas. Esse material foi todo cotejado com a terceira edição de *Quincas Borba* (ASSIS, 1899), por ser a última com o autor vivo e supostamente com a revisão dele, e também a edição crítica do romance (ASSIS, 1977) da Comissão Machado de Assis, por ter a autoridade de ter sido estabelecida no confronto de mais de um testemunho da obra.

Os resultados dos objetivos de pesquisa I e II mostraram total falta de rigor na transmissão de *Quincas Borba* em material didático impresso, visto que nenhum esclarece sobre as alterações que apresenta. Em uma perspectiva quantitativa, até o momento, foram encontradas 168 variantes, isto é, modificações de ordem sintática (incluindo pontuação), lexicais e morfológicas no texto que interferem substancialmente em seu conteúdo. Essas alterações expressam um distanciamento e redução do texto original, pois as variantes mais frequentes foram as de substituição (46,43% dos casos) e omissão (30,95% dos casos), respectivamente. Além dessas, também houve ocorrência de variantes de adição (22,02% dos casos) e alteração de ordem (0,60% dos casos). A maioria delas surgiu no processo de elaboração do material didático, motivadas por erro de cópia, correção da norma gramatical, normas ou critérios do processo de edição do texto e por censura editorial.

Com o intuito de mostrar como essas modificações podem alterar o estilo do autor e a análise crítico-literária da obra pelos estudantes, selecionamos quatro fragmentos – elegidos por serem os mais transmitidos em livros didáticos, apostilas e textos paradidáticos – do texto machadiano, para analisarmos de que modo as escolhas lexicais, transmitidas em material didático, produzem efeitos de sentidos diferentes das escolhas do escritor Machado de Assis e como elas interferem

---

3 A pesquisa de doutorado faz parte do projeto de pesquisa *Edição e estudo de textos literários e não literários em língua portuguesa*, coordenado pelo Professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, que também é o orientador desta pesquisa de doutorado.

na interpretação do texto. Logo, essa análise servirá, sobretudo, para constituir resultados para o terceiro objetivo da pesquisa de doutorado.

Para isso, essa análise será baseada na perspectiva de escolha lexical de Oliveira (2016), Antunes (2012) e Teles (1976) e na concepção de campos léxico-semânticos de Antunes (2012), Henriques (2011), Cruse (1986) e Ullman (1977), por serem estudos que consideram a construção dos sentidos dos textos; o rigor filológico, presente na proposta descrita em Blecua (1990), Cambraia (2005) e Spaggiari & Perugi (2004), norteia a verificação da fidedignidade de *Quincas Borba*; já a perspectiva filológica e sua ética de leitura está baseada em Sacramento e Santos (2017), e o estudo do estilo de Machado de Assis é fundamentado por Carvalho (2018), por ser um estudioso do estilo do autor.

Assim, organizamos este texto em quatro partes. Em primeiro lugar, (1) tecemos considerações sobre a abordagem contemporânea da filologia que pensa sua ética de leitura, fundamental para o estudo efetivo da rede de significâncias que constitui textos literários. Após, (2) apresentamos a noção de escolhas lexicais, considerando sua perspectiva ideológica e sua realização no discurso literário. Em seguida, (3) apresentamos a concepção de campos léxico-semânticos, a fim de demonstrarmos como a constituição desses campos é importante para a interpretação do texto. Por fim, (4) procedemos à análise das escolhas lexicais e a constituição de campos léxicos semânticos de *Quincas Borba* em material didático.

## **1 A perspectiva filológica e sua ética de leitura**

Considerando o termo filologia em dicionários, percebemos que os registros de significados apresentam uma concepção polissêmica que leva em consideração tanto um modo abrangente que considera o estudo das civilizações e da língua por meio de textos quanto uma perspectiva restrita consoante à definição de crítica textual, a restituição da forma genuína dos textos. Embora apresente essa abrangência de significados, todas possuem um ponto em comum, os estudos se constituem a partir do texto.

Cambraia (2005, p. 18-35) emprega o termo filologia como o estudo completo do texto, considerando a exploração de aspectos linguísticos, literários, sócio-históricos e crítico-textuais. Na perspectiva da crítica textual, essa completude pode ser alcançada por seu caráter intrínseco transdisciplinar, pois, para Cambraia (2005), o que torna esse campo de estudo instigante é sua flexibilização em apoiar-se em estudos de paleografia, diplomática, codicologia, bibliografia material e linguística. Além disso, é possível uma integração da crítica textual, com outras áreas de estudo, para além dessas mencionados pelo autor, como, por exemplo, a literatura, a educação, a análise do discurso e os estudos do léxico; áreas tratadas na pesquisa de doutorado na qual este artigo se baseia.

A abordagem transdisciplinar da transmissão de textos, sobretudo literário e de uma obra específica, como analisado neste artigo, possibilita resultados mais contundentes, como afirma Cambraia (2005, p. 193):

(...) análises superficiais de textos podem dar a impressão de que alterações em pequenos pontos não têm impacto sobre o texto de forma geral, mas a reflexão aprofundada sobre uma obra mostra, de maneira evidente, como as modificações na forma de um texto interferem claramente na sua interpretação.

Essa abordagem complexa possibilita um estudo mais aprofundado do texto em suas diferentes dimensões, o que se coloca em consonância aos estudos filológicos contemporâneos. Nessa lógica, Sacramento e Santos (2017) apresentam a noção de filologia como uma ética de leitura, isto é, como concepção que se desloca de uma compreensão metodológica de procedimentos, para depuração e autenticação dos textos, e se apresenta como um modo de interpretação dos mesmos. Dessa forma, a ética nesse sentido considera que a filologia permite a participação imersiva na esfera textual, atentando para o texto como produto histórico e cultural cheio de sentidos.

Essa perspectiva é baseada na proposta de leitura e tratamento dos textos do intelectual Edward W. Said (1983), apresentada em seu trabalho “The World, The Text and The Critic”, em que sugere desfazer um modo específico de compreensão dos textos que assegura sempre a circulação e produção de sentidos estabelecidos, deslocando, assim, a uniforme naturalização aos estudos da linguagem. Desvinculado de qualquer metodologia e perspectiva limitante, e inserindo o campo interpretativo de um texto em um campo abrangente de princípios que amplia os sentidos de interpretação, o pensamento de Said (1983) pode ser observado, então, como um fator ético.

Levando em conta essa concepção, Sacramento e Santos (2017) propõem duas lógicas éticas relacionadas à Filologia: uma oposicional e uma possibilista. A primeira remete à resistência a qualquer interpretação que promove a estabilidade interpretativa dos textos e, conseqüentemente, dos discursos; já a segunda se refere a construir uma interpretação desvinculada de formas limitantes, possibilitando a expansão da rede de sentidos e promovendo novos cenários interpretativos.

Nessa perspectiva, podemos levar em consideração o olhar filológico para a acessibilidade completa do texto, ou seja, a possibilidade de conhecimento de todas as camadas de significação que constitui o texto como produto cultural: seu contexto de produção, sua transmissão, sua recepção, sua fortuna crítico-literária, seus pontos de intertextualidade, enfim, toda a rede de sentidos necessária para a leitura crítica.

Dessa maneira, consideramos, neste artigo, tanto os critérios metodológicos da filologia que visam a fidedignidade dos textos quanto a noção de filologia atrelada à ética de leitura. Tendo como base a transmissão de um texto literário,

de um dos maiores expoentes da literatura nacional, transmitido em material didático, nos baseamos nos critérios metodológicos filológicos já descritos na introdução e também no ponto de vista contemporâneo que propõe uma perspectiva abrangente de interpretação, para propor a reflexão sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras de modo geral. Nesse sentido, neste artigo, consideramos o caráter transdisciplinar da crítica textual atrelado aos estudos do léxico, para mostrarmos que a ética de leitura da filologia permite um estudo crítico do texto literário, considerando as diferentes camadas do texto e propondo ao estudante do ensino básico novos arranjos interpretativos.

## 2 A escolha lexical

Todo texto, seja ele oral ou escrito, possui uma intenção comunicativa que é estruturada, dentre outras coisas, pela escolha lexical realizada pelo enunciador. Nesse sentido, é por meio do léxico da língua, entendido por Antunes (2012, p. 27) como o conjunto de itens de uma língua disponíveis aos falantes para servirem suas demandas comunicativas, que o enunciador manifesta seus valores e ideologias:

A língua pode ser e frequentemente é usada para expressar os valores ideológicos de quem a utiliza. Afinal, a linguagem é constitutiva, no sentido de ser essencial para a construção de realidades. E a parte da língua portuguesa que é mais suscetível a ser usada como veículo de construções identitárias e de valores ideológicos é o vocabulário. (OLIVEIRA, 2016, p.72).

Para Oliveira (2016, p. 74), é o significado lexical literal, cristalizado na língua, que orienta a escolha lexical de seus usuários, pois as palavras expressam efeitos de sentido por seus significados conterem traços ideológicos. Essa não neutralidade implica em uma competência lexical marcada tanto pelo conhecimento do código linguístico quanto por fatores extralinguísticos que delimitam e condicionam a escolha lexical. Segundo Antunes (2012, p. 53-59), esses fatores são: a) o que temos a dizer; b) a intenção; c) o gênero; d) suporte; e) leitor; f) modalidade de uso da língua (escrita ou oral); g) nível de formalidade do texto e h) o contexto.

Levando em consideração o texto que temos como nosso objeto de análise, o que se tem a dizer é o ensino de literatura por meio do texto *Quincas Borba*, de Machado de Assis; a intenção é que se tenha o conhecimento desse texto literário por meio da transmissão de alguns fragmentos de seus capítulos em material didático; o gênero textual é o romance; o suporte é o livro didático físico; o leitor desse livro didático é o estudante do ensino médio; uso da modalidade escrita da língua; nível formal da língua, já que os livros didáticos são elaborados de acordo com a norma culta da língua portuguesa e, por fim, o contexto é o disposto no próprio romance, ou seja, a sociedade brasileira do final do século XIX retratada pelo escritor Machado de Assis no texto original.

A respeito das escolhas lexicais realizadas no discurso literário, Teles (1976, p. 91) declara:

No momento em que o escritor opta por uma palavra ou frase, está praticando, ainda que inconscientemente, uma operação estilística, pois está se desviando da linguagem comum e, ao mesmo tempo, procurando imprimir nela a sua marca, a sua particular maneira de exprimi-la. E quando esta escolha é intencional e justificada não só pela obtenção do maior efeito como também por uma imposição do ato criador, o seu uso como traço caracterizador do estilo assume por certo um valor que ultrapassa a simples função comunicativa, para transformar-se num agente ampliador do conteúdo poético. A função linguística se transforma em função retórica, vale dizer, em função poética.

Quando essa lógica, por alguma razão, é invertida, a expressão estética, intrínseca ao discurso literário, se sobpõe ao mero objetivo comunicativo da linguagem. Desse modo, podemos afirmar que uma vez que essas escolhas lexicais são alteradas por outros indivíduos, que não o primeiro autor, de forma involuntária ou até mesmo voluntária – por meio de omissão, adição, substituição ou alteração de pontuação, palavras e trechos de um texto –, como ocorre em nosso objeto de análise, alteram-se também os efeitos de sentido desse texto e o estilo de seu autor.

### **3 Campos léxico-semânticos**

As múltiplas informações, que ocorrem no mundo, podem ser dispostas em categorias que permitem a organização de toda a realidade que nos cerca e que são reveladas em nossos discursos. Essas categorias possuem características que nos permitem reconhecer o que a elas é pertencente. Dessa maneira, a categoria “pássaro”, por exemplo, possui as características: tem bico, sabe voar, tem asas, tem corpo coberto de penas, tem duas patas, põe ovos. Esses atributos são reconhecidos e possuem valores semelhantes por línguas e culturas diversas, contudo, não são restritivos, ou seja, há culturas que apresentam outros atributos substanciais, além dos já mencionados para pássaro. Logo, não há limitação para as diversas categorias existentes; além disso, uma mesma coisa pode fazer parte de mais de uma categoria: um Sabiá pode fazer parte da categoria “pássaro” e também da categoria “animal”.

Toda essa organização, que ocorre de modo automático e inconsciente, é propiciada pelo modo como as estruturas lexicais apresentam relações de sentido:

As relações de sentido são de dois tipos fundamentais: paradigmática e sintagmática (...). Cada uma das duas relações de sentido possui a sua significância distinta. Relações paradigmáticas, em grande parte, refletem a forma na qual a realidade experimentada, a qual se dá de forma infinita e variada, é apreendida e controlada por meio da categorização, subcategorização e gradação ao longo das dimensões específicas de variação.

Elas representam os sistemas de escolhas com os quais o falante se depara quando codifica a sua mensagem. Os aspectos sintagmáticos do significado lexical, por outro lado, servem à coesão do discurso, adicionando informação necessária à mensagem, ao mesmo tempo controlando a contribuição semântica de elementos individuais da enunciação através da desambiguidade, por exemplo, ou pela sinalização de estratégias alternativas – e.g. figuração – de interpretação. (CRUSE, 1986, p. 86).

Essa abordagem semântica lexical faz parte da perspectiva cognitiva da interação entre linguagem e cognição humana, e é estudada pela semântica cognitiva, que considera o conhecimento lexical não só como conhecimento linguístico, mas também cultural. Nessa perspectiva, uma palavra não representa apenas sua relação com um referente, mas sua relação com um referente que representa um objeto cultural.

Nesse sentido, as palavras fazem parte de um entrecruzado associativo, realizado por aproximação de sentidos, razões formais ou uma combinação entre forma e significado. (HENRIQUES, 2011, p. 76). Podemos perceber essas associações pela própria coerência textual que se constitui pelo caráter de unidade do texto. Para Antunes (2012, p. 87-88), a materialidade textual, que manifesta essas associações, é o reflexo do modo como interpretamos nossas experiências:

No mundo da experiência, as coisas ocupam espaços contíguos, selecionam-se por propriedades comuns. Igualmente, no mundo de nossa percepção e memória, os dados apreendidos organizam-se em esquemas cognitivos que respeitam as relações, as proximidades comuns, os cruzamentos de pertencimento natural e cultural das coisas. Tudo está arrumado, tudo está estruturado para ter sentido sob o prisma da relação, da pertença coletiva, do destino comum, do que resulta uma espécie de *herança social* com que *interpretamos nossas experiências*. Consequentemente, é comum que, em nossos discursos, falemos de coisas afins, de coisas que se aproximam sob qualquer foco, no interior de determinado grupo ou cultura.

Para distinguir os tipos de relações associativas entre as palavras, Henriques (2011, p. 78) considera campo semântico a expressão “que se refere ao contingente de palavras que se agrupam, linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”. Ainda para o autor, esse sentido genérico do termo é geralmente utilizado também para designar a expressão “campo conceitual”, que se refere “ao contingente de palavras que se agrupam ideologicamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”. Em suma, são por meio desses campos que fundamentamos e justificamos nossa interpretação de determinado texto.

Nesse contexto, segundo Ullman (1977, p. 523), ao mesmo tempo em que os campos léxico-semânticos refletem valores socioculturais, configuram-se como materiais de relevância para o conhecimento desses valores transmitidos textualmente para as futuras gerações. Assim, pressupõe-se que, ao alterarmos um item

lexical que compõe a rede de associações semânticas, alteramos também a interpretação do texto e, além disso, o pensamento do enunciador e sua visão cultural, manifestas textualmente, também são modificados, já que a construção dessa rede de sentidos depende da experiência de mundo de cada indivíduo – autor e leitor.

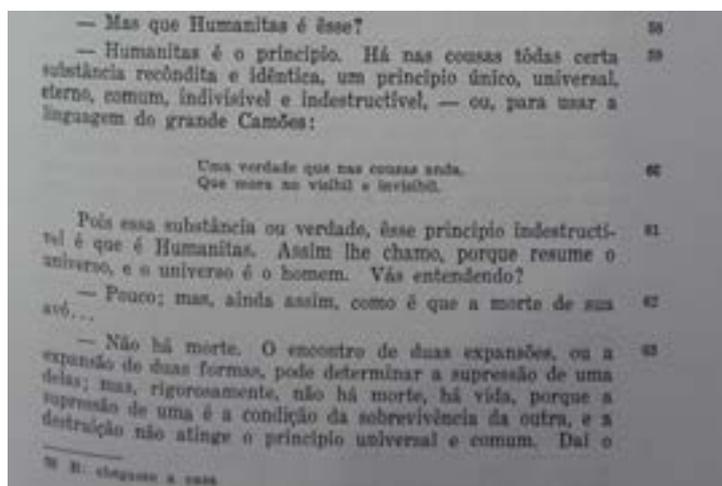
#### 4 Análise das escolhas lexicais e da constituição de campos léxico semânticos de *Quincas Borba* em material didático

Para a análise, selecionamos quatro fragmentos do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sendo duas descrições sobre a filosofia do humanitismo proferida por Quincas Borba à Rubião, dispostas no “capítulo VI” do romance; uma narração sobre a reação de Rubião ao ouvir a filosofia de Quincas Borba, disposta no “capítulo VI” do romance, e um diálogo, disposto no “capítulo L”, entre o casal Cristiano Palha e Sofia. Esses excertos do romance foram selecionados para a análise por serem os mais transmitidos em livros didáticos, apostilas e livros paradidáticos sobre o romance e o autor.

A análise foi realizada com o cotejo dos fragmentos presentes tanto nos textos de base do romance quanto em material didático, com o objetivo de verificarmos de que modo as escolhas lexicais, dispostas nesses dois contextos, produzem efeitos de sentido diferentes e interferem na interpretação do texto pelos estudantes.

#### Primeira descrição da filosofia do humanitismo proferida por Quincas Borba à Rubião, disposta no “capítulo VI” do romance

Figura 1: Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*<sup>4</sup>.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 118-120).

4 Os textos da edição crítica do romance estão idênticos aos textos da terceira edição do romance. Dessa maneira, considerando a organização e extensão do artigo, optamos por apresentar apenas os fac-símiles da edição crítica para exemplificar os textos de base do romance, por ter ortografia mais modernizada que a terceira edição, para a comparação com os fac-símiles do material didático.

**Figura 2:** Fac-símile do excerto do livro didático *Língua, literatura e produção de textos*.



Fonte: DE NICOLA, José. (2012, p. 323-324).

**Figura 3:** Transcrição do trecho com o lugar crítico, com texto presente no livro didático *Língua, literatura e produção de textos*.

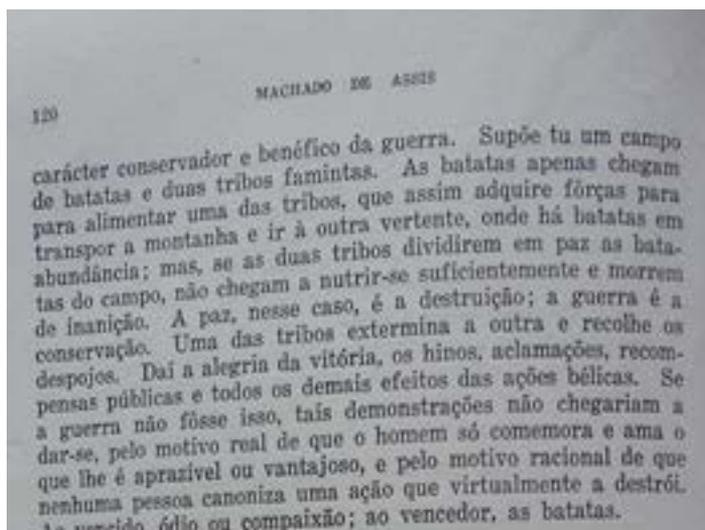
*mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum.*

Fonte: DE NICOLA, José. (2012, p. 323-324).

O fragmento presente no “capítulo VI” do romance apresenta a descrição da visão do filósofo Quincas Borba à Rubião sobre a vida e a morte, presente em sua teoria do humanitismo. A análise das escolhas lexicais do trecho em vermelho, presente nas edições de base do romance e omitido no material didático, mostra unidades lexicais que expressam sentidos contrários, como “supressão” versus “sobrevivência”, “vida” versus “destruição”, formando um campo léxico-semântico entre opostos, que tem por objetivo um discurso confuso em relação ao que é transmitido no material didático, que tem sentido direto e objetivo.

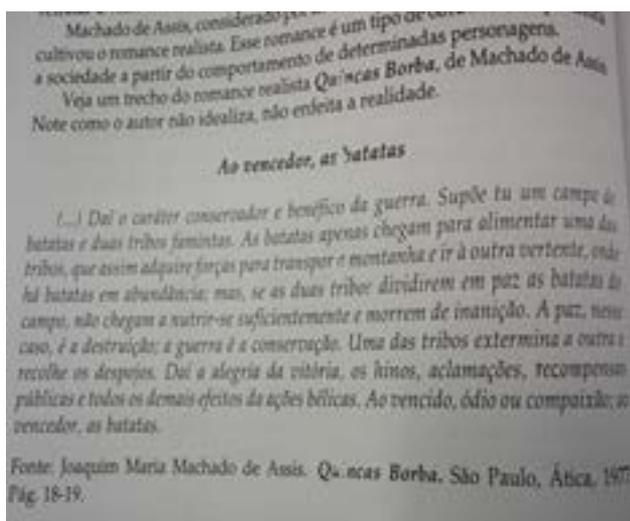
## Segunda descrição da filosofia do humanitismo proferida por Quincas Borba à Rubião, disposta no “capítulo VI” do romance

Figura 4: Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 120).

Figura 5: Fac-símile do excerto do livro *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa*.



Fonte: *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa*. (2000, p. 108).

Figura 6: Transcrição do trecho com o lugar crítico, com texto presente em *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa*.

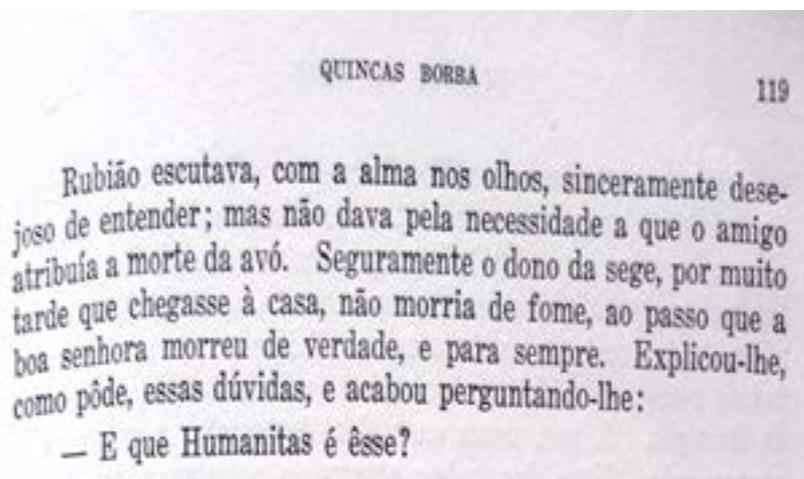
*Dai a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.*

Fonte: *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa* (2000, p. 108).

A segunda descrição da filosofia do humanitismo, proferida por Quincas à Rubião, também presente no “capítulo VI” do romance, mostra, no trecho que está em vermelho, presente nas edições-base do romance e omitido no material didático, que há o uso de itens lexicais, como “aprazível”, “canoniza” e “virtualmente” (sentido filosófico), que podem ser desconhecidas ao aluno leitor. Esse trecho manifesta um campo léxico-semântico filosófico sobre a guerra e, de certa forma, deixa o discurso prolixo em relação ao mesmo trecho no material didático que, com a omissão, expressa um discurso objetivo e simplista.

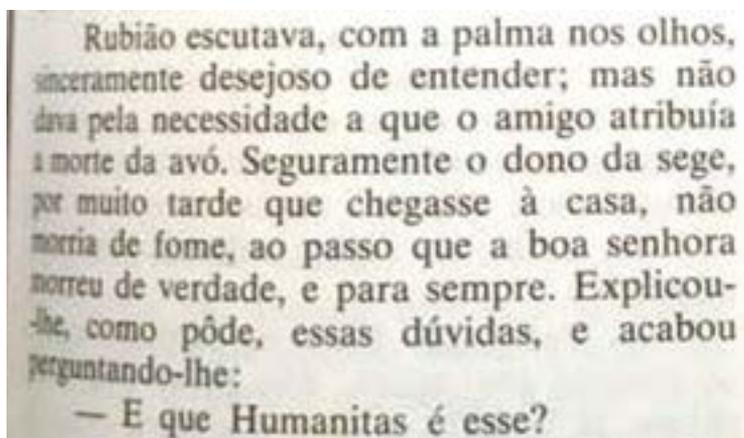
### **Narração da reação de Rubião ao ouvir a anedota de Quincas Borba, disposta no “capítulo VI” do romance**

**Figura 7:** Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 119).

**Figura 8:** Fac-símile do excerto do livro didático *Machado de Assis*.



Fonte: BOSI, Alfredo et al. (1982, p. 234-236).

**Figura 9:** Transcrição do trecho com lugar crítico, com texto presente no livro *Machado de Assis*.

Rubião escutava, com a **alma palma** nos olhos, sinceramente deseioso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó.

Fonte: BOSI, Alfredo *et al.* (1982, p. 234-236).

A narração, presente no “capítulo VI” de *Quincas Borba*, apresenta a reação de Rubião, que, mesmo sem compreender as ideias de Quincas, mostrou interesse pelo humanismo do filósofo. Nesse trecho, há nos textos de base do romance o uso de linguagem conotativa, visto que os olhos de Rubião refletem sua alma. Essa escolha revela um campo léxico-semântico que objetiva o discurso não-referencial, mostrando a vontade do herdeiro aprendiz de entender toda a concepção filosófica de Quincas. Por sua vez, o material didático apresenta a substituição da palavra “alma”, por “palma”, fazendo, assim, o uso de linguagem denotativa, pois as palavras “palma” e “olhos” estão em seu sentido literal.

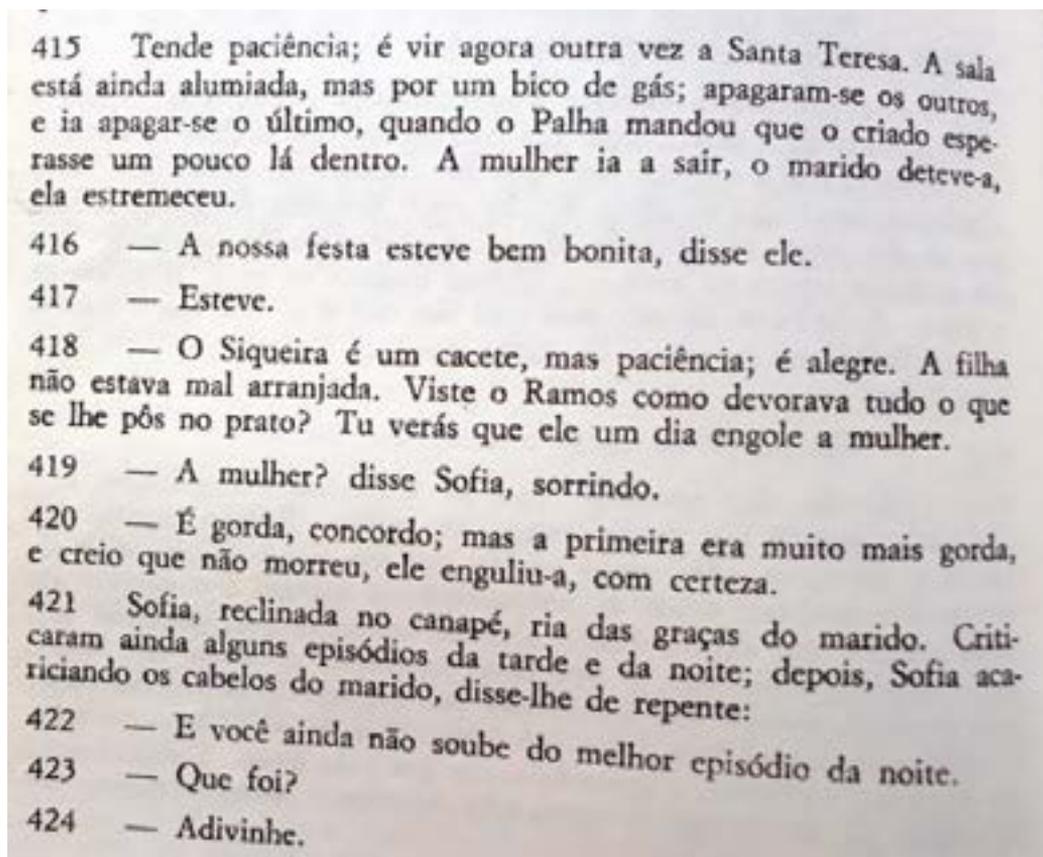
A substituição, feita no material didático, deixa o fragmento incoerente, pois no texto original Rubião está “deseioso” por entender o que escutava. Desse modo, é importante salientar que essa alteração pode ter sido motivada tanto para eliminar a figura de linguagem, e deixar o texto de modo mais simplista ao aluno, quanto por erro de cópia, um lapso do copista, já que as palavras “alma” e “palma” são fonologicamente próximas.

A respeito do “capítulo VI”, o capítulo mais transmitido de *Quincas Borba* em material didático, observamos que sua elaboração explicita a paródia que Machado de Assis faz às teorias cientificistas e filosóficas do século XIX, uma das características das narrativas realistas-naturalistas. O humanismo filosófico de *Quincas Borba* é criado por meio de uma explicação absurda, originada pela anedota da morte de sua avó, que imprime um caráter rebaixado a uma teoria, geralmente baseada em problemáticas e metodologias elaboradas e consistentes.

Tendo em vista o movimento literário realista, no qual o escritor brasileiro é inserido como exemplo no material didático, temos que levar em consideração o fato de que Machado de Assis tinha opinião antagônica aos preceitos da estética realista, o que é claramente observado em seu texto crítico sobre *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, publicado na revista *O Cruzeiro* em 1878, no qual o escritor brasileiro, ao mesmo tempo em que critica o realismo da narrativa queirosiana, afirma os princípios estéticos que iriam direcionar sua produção posteriormente, como, por exemplo, em *Quincas Borba*.

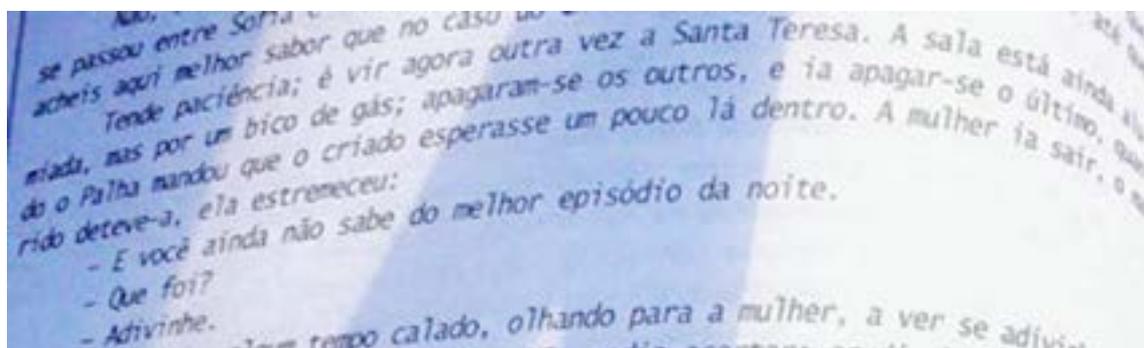
## Diálogo entre o casal Sofia e Cristiano Palha, disposto no “capítulo L” do romance

Figura 10: Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 119).

Figura 11: Fac-símile do excerto do livro didático *Literaturas Brasileira e Portuguesa Teoria e Texto*.



Fonte: CAMPEDELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jésus Barbosa (2004, p. 258).

**Figura 12:** Transcrição do trecho com lugar crítico, com texto presente no livro didático *Literaturas Brasileira e Portuguesa Teoria e Texto*.

*Tende paciência; é vir agora outra vez a Santa Teresa. A sala está ainda alumiada, mas por um bico de gás; apagaram-se os outros, e ia apagar-se o último, quando o Palha mandou que o criado esperasse um pouco lá dentro. A mulher ia a sair, o marido deteve-a, ela estremeceu.*

*- A nossa festa estêve bem bonita, disse êle.*

*- Estêve.*

*- O Siqueira é um cacête, mas paciência; é alegre. A filha não estava mal arranjada. Viste o Ramos como devorava tudo o que se lhe pôs no prato? Tu verás que êle um dia engole a mulher.*

*- A mulher? disse Sofia, sorrindo.*

*- É gorda, concordo; mas a primeira era muito mais gorda, e creio que não morreu, êle enguli-a, com certeza.*

*Sofia, reclinada no canapé, ria das graças do marido. Criticaram ainda alguns episódios da tarde e da noite; depois, Sofia acariciando os cabelos do marido, disse-lhe de repente:*

*- E você ainda não soube do melhor episódio da noite.*

*- Que foi?*

*- Adivinhe.*

Fonte: CAMPEDELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jêsus Barbosa (2004, p. 258).

O casal Sofia e Cristiano Palha ofereceram uma festa na casa deles apenas para convidados restritos, considerados pessoas prestigiadas na sociedade. Após o fim da festa, o casal se reúne para falar mal dos próprios convidados, trecho destacado em vermelho, que está presente nas edições de base do romance e omitido do material didático. Como podemos observar, há o uso de itens lexicais que podem ser mal vistos pelo público-alvo do material didático, como: “um cacete”, para falar sobre Siqueira, “devorava tudo” e “engole a mulher”, para falar sobre o Ramos, “gorda”, para falar sobre a mulher do Ramos, “ria das graças do marido” ao falar de Sofia e “criticaram ainda alguns episódios”, quando o narrador fala sobre o casal. Assim, percebe-se um campo léxico-semântico que leva em consideração a perversidade do casal ao falar dos outros.

A hipótese para a motivação dessas omissões, no material didático, é a de censura, não do Estado, mas da equipe editorial que elaborou o material, pois são palavras e frases que podem ter um sentido pejorativo. Além disso, esse livro didático não tem o selo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático<sup>5</sup>, planejado, assim, para o mercado de escolas privadas, com fatores mercadológicos

5 O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), de responsabilidade do Ministério da Educação e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, consiste em um processo avaliativo, compra e distribuição de materiais didáticos de forma gratuita às escolas públicas de educação básica das redes municipal, estadual e federal. Para cumprir o objetivo de distribuir um material didático adequado, a avaliação do PNLD é composta por uma comissão de especialistas em diferentes áreas do conhecimento. Desse modo, o material didático com o selo PNLD comprova sua passagem no processo avaliativo e também sua aprovação pela equipe técnica, característica não realizada no material didático de escolas privadas.

e estratégicos determinados. Logo, os editores desse livro didático podem ter considerado esses critérios para as alterações realizadas.

## Considerações Finais

Neste texto, discutimos o conceito da palavra filologia, considerando desde a acepção abrangente do termo presente em dicionário, passando por seu sentido restrito de autenticação dos textos até seu sentido mais atual, que considera sua ética de leitura. Além disso, discutimos que a filologia e seu caráter transdisciplinar possuem aspectos importantes no processo de elaboração e transmissão de textos literários.

Em seguida, apresentamos que as escolhas lexicais, presentes nos textos, revelam os valores e ideologias de seus enunciadores. Com essa abordagem, discutimos que, apesar de se ter acesso a todos os itens lexicais dispostos na língua, a seleção lexical realizada é delimitada por fatores, que aplicados ao discurso literário, manifestam as operações estilísticas do escritor.

Após essa apresentação, discutimos a concepção de campos léxico-semânticos, considerando a perspectiva cognitiva, que integra estudos da linguagem e cognição humana, a fim de entendermos a relevância das relações associativas entre as palavras e seu valor cultural. Além disso, discutimos que a categorização em campos semânticos é importante para a justificativa que se faz de uma interpretação do texto.

Por fim, com a análise de fragmentos de *Quincas Borba*, transmitidos em material didático, pudemos perceber que as escolhas lexicais, que os editores de material didático realizam, não respeitam as escolhas lexicais do escritor Machado de Assis. Ademais, essas escolhas lexicais produzem efeitos de sentido que influenciam na análise crítico-literária da obra e do estilo do autor. Dessa forma, esses resultados podem contribuir para a reflexão sobre a significação de palavras e frases no contexto histórico-social, para a construção de escolhas lexicais e campos léxicos semânticos em texto literário de forma geral, para a elaboração de material didático e para os estudos lexicais no contexto escolar.

## LEXICAL CHOICES AND THE PRODUCTION OF MEANINGFUL EFFECTS: QUINCAS BORBA IN TEXTBOOK

**Abstract:** *This article is a part of the doctoral research, in which we researched the transmission of the literary text Quincas Borba, by Machado de Assis, in textbook. From this perspective, this article aims to discuss how the lexical choices present in the novel under study, transmitted in textbooks, interfere in Machado's style and in the interpretation of the text. For this, we use philological studies as theoretical and methodological support described in Blecua (1990), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) and Sacramento and Santos (2017); the perspective of lexical choice by Oliveira (2016), Antunes (2012)*

and Teles (1976); the conception of lexical-semantic fields is anchored in the ideas of Antunes (2012), Henriques (2011), Cruse (1986) and Ullman (1977); and the study of the Machado's style is supported by Carvalho (2018). The results of this research can contribute to the understanding of the construction of lexical choices and lexical-semantic fields in a literary text, to the elaboration of didactic material in Portuguese and Brazilian literature, and to lexical and Machado's studies in the classroom.

**Keywords:** Lexical choices; Lexical-Semantic Fields; Textbook; Quincas Borba; Machado de Assis.

## Referências

- ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Editora Parábola, 2012.
- ASSIS, M. de. *Quincas Borba*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Garnier, Livreiro-Editor, 1899.
- ASSIS, M. de. *Quincas Borba*. Edição Crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro/Comissão Machado de Assis, 1977.
- ASSIS, M. de. Eça de Queirós: O Primo Basílio. Publicado em O Cruzeiro em 16 e 30 de abril de 1878. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol.3, 1994.
- BLECUA, A. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983[reimpr:1990].
- BOSI, A. et al. *Machado de Assis*. Coleção Escritores Brasileiros. Antologias e Estudos. São Paulo: Ática, 1982, p. 234-236.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPEDELLI, S. Y. & SOUZA, J. B. *Literaturas Brasileira e Portuguesa Teoria e Texto*. Editora Saraiva: São Paulo. 2004, p. 258. (Volume único).
- CARVALHO, C. de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.
- CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DE NICOLA, J. *Língua, literatura e produção de textos*. Volume 2. São Paulo: Editora Scipione, 2012, p. 323-324.
- GRIGOLETTO, M. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 67-77.
- HENRIQUES, C. C., 1951. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*/Claudio Cezar Henriques, Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEIRA, L. A. Facetas ideológicas das escolhas lexicais: a não neutralidade da língua em uso. *Revista (Con)Textos Linguísticos*. v.10, n.16, p. 67-85, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13704>.

SACRAMENTO, A; SANTOS, L. DE J. A Filologia como ética de leitura. *Revista da ABRALIN*, v.16, n.2, 26 abr. 2017.

SAID, E. *The World, The Text and The Critic*. Cambridge: Harvad University Press, 1983.

SPAGGIARI, B. & PERUGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond: a estilística da repetição*, 2<sup>a</sup>. ed., ver. e aum., Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.

TELECURSO 2000 - 2<sup>o</sup> Grau - *Língua Portuguesa*. Vol. 3. São Paulo: Editora Globo, p. 108.

ULLMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

*Recebido em 10 de fevereiro de 2023*

*Aceito em 30 de maio de 2023*

# “ONTEM EU NÃO SAIR”: O GRAFEMA R FINAL EM VERBOS FLEXIONADOS COMO MARCADOR DE TONICIDADE

Luisa Andrade Gomes Godoy<sup>1</sup>

Pâmella Alves Pereira<sup>2</sup>

Valéria dos Santos Fernandes<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a ocorrência do grafema R em final de verbos flexionados. Partimos da hipótese de que esse fenômeno não é um caso de hipercorreção, como argumentam diferentes estudos sobre o assunto. Para isso, foram coletados dados por meio de um experimento em formato de questionário, com 92 participantes, em uma comunidade digital *online*, em dezembro de 2018. Na análise dos dados, observamos que o grafema R em verbos flexionados ocorre preferencialmente em oxítonos curtos (uma ou duas sílabas) e é produzido em geral por pessoas acima de 25 anos sem ensino superior. Essa relação com a tonicidade nos mostra que há algum tipo de representação fonológica sendo acionada na recorrência do grafema R. Entendemos que o grafema R, em exemplos como *Ontem eu não sair*, pode estar sendo usado como um diacrítico marcador de tonicidade, à semelhança do acento gráfico. Na revisão da literatura sobre o tema, vimos, inclusive, que o fenômeno ocorre em palavras oxítonas de outras classes gramaticais, além do verbo, como *olar*, *vocer*, *sofar* e *cafer*.

**Palavras-chave:** Ortografia; Grafema R; Hipercorreção; Tonicidade.

## Introdução

Um fenômeno ortográfico observado recentemente no português é o uso do grafema R no final de verbos flexionados, como em *Ontem eu não sair*, que desvia da norma ortográfica vigente, no lugar de *Ontem eu não saí*, forma que segue o padrão ortográfico oficial. Esse fenômeno ganhou visibilidade em tempos de popularização de redes sociais em ambiente *online*, o que motivou a pesquisa embrionária de Fernandes (2016). No respectivo estudo, houve a coleta assistemática de ocorrências do fenômeno em 31 *prints* de postagens publicadas no *Facebook* (*posts* informais e comentários pessoais acessíveis publicamente). Algumas das postagens coletadas continham as seguintes ocorrências:

---

1 Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG

2 Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG

3 Licenciada em Letras pela UFVJM

- (1) ...que Deus te **der** muitos anos de vida...
- (2) ...**aprender** a sorrir, porque chorar já nasci sabendo...
- (3) ...gente sem educação igual ela com certeza **irar** votar para ela ficar...
- (4) ...olha só o que eu **descobrir**...
- (5) ...já **pedir** pra cancelar essa internet...
- (6) ...é isso que **dar**...
- (7) ...vou mandar um email pra ela ver quando posso **entregar-la**...
- (8) ...o tempo passa e a gente nem **ver**...

A observação desses dados preliminares permitiu que se delineassem duas hipóteses explicativas para o fenômeno: a hipótese da hipercorreção e a hipótese da utilização do grafema R como marcador de tonicidade. A proposta deste estudo é argumentar a favor da segunda hipótese. Antes, porém, apresentaremos, na seção seguinte, uma revisão da literatura sobre o fenômeno da inserção do grafema R em finais de verbos flexionados como um caso de hipercorreção e ressaltaremos, a partir de diferentes pesquisas sobre o assunto, os argumentos a favor da hipótese do R como marcador de tonicidade.

## 1 Hipercorreção?

O acréscimo do R em finais de verbos flexionados, como *dar (dá)*, *ler (lê)* e *conseguir (consegui)*, é compreendido como casos de hipercorreção (HOUAISS, 1970; CESAR, 2018). De fato, parece haver uma relação desse fenômeno com o apagamento do R em final de verbos infinitivos: o indivíduo sabe que verbos infinitivos têm R na escrita, mas não na fala (fala-se *Vou fazer o trabalho*, mas se escreve *Vou fazer o trabalho*), e isso pode levá-lo a pensar que verbos flexionados oxítonos também terão esse R na escrita, e não na fala (fala-se *Eu saí ontem*, mas se escreve *Eu sair ontem*).

Cesar (2018, p. 292) explica que

Uma vez que a queda do /R/ é bastante expressiva nos verbos, seu uso hipercorretivo também ocorre com frequência. O aprendiz reconhece como ‘erro’ de norma-padrão a omissão do /R/ em posição de coda silábica, passando a compensá-lo pelo acréscimo de /R/ em final de qualquer vocábulo que perceba como verbo.

[...]

Bortone e Alves (2014, p. 180) exemplificam o fenômeno do acréscimo do /R/ na seguinte frase: ‘ele dar comida aos peixinhos?’. Explicam que o autor dessa frase, no caso, um aluno, está buscando adequar-se aos padrões ensinados no ambiente escolar, ou seja, almeja adotar modelos de prestígio na sua escrita e ao tentar aplicar a regra do uso do /R/ em final verbal, o estudante se monitora para produzir, por exemplo, “falar” ao invés de “falá”.

Vale ressaltar que a hipercorreção é entendida como uma tentativa de falar ou escrever, conforme uma variante linguística de prestígio. Labov (2008) mostrou que a hipercorreção ocorre predominantemente em classes intermediárias, em estilos de fala mais formais, e está relacionada a um valor negativo atribuído por essas classes a certas variantes da língua, das quais elas mesmas fazem uso no dia a dia, e a uma supervalorização das variantes que essas classes consideram próprias de uma classe social superior. Calvet (2002) explica que os indivíduos, quando reconhecem seu próprio modo de falar como desprestigiado socialmente (insegurança linguística), tentam adquirir o modo de falar de prestígio. Esse processo “pode gerar uma restituição exagerada das formas prestigiosas: a hipercorreção” (CALVET, 2002, p. 77). Assim, pode-se dizer que a hipercorreção ocorre entre aqueles que têm certo grau de conhecimento sobre a estrutura da língua e preocupação com correções gramaticais e ortográficas.

No trabalho preliminar de Fernandes (2016), a hipótese de um procedimento de hipercorreção, ao se colocar o grafema R em verbos flexionados, foi questionada, pois a pesquisadora verificou um número significativo de ocorrências desse R na escrita, em ambiente digital, especificamente na rede social *Facebook*, em contextos informais, familiares e descontraídos. Não parece haver, nesses casos, uma busca pela formalidade linguística, pela correção baseada nas formas de prestígio, como se espera nos contextos de hipercorreção.

Diante disso, surge a seguinte questão: por que falar em hipercorreção quando o acréscimo do grafema R em final de verbos flexionados ocorre, como observado em Fernandes (2016), em contextos informais de uso da língua escrita, como conversas íntimas e familiares em aplicativos de telefone e em postagens descontraídas em redes sociais?

As ocorrências de acréscimo do grafema R parecem seguir um padrão que nos leva a acreditar na hipótese de que esse R seja um marcador de tonicidade. Não descartamos, porém, uma influência do apagamento do R no infinitivo com manutenção do R na escrita: é possível que o fato de saber que verbos infinitivos têm R na escrita (mas não na fala) leve o indivíduo a pensar que verbos flexionados oxítonos também o terão.

Vale observar que os verbos flexionados que recebem o R são, na maioria das vezes, terminados em *-a*, *-e* ou *-i* (como *dá*, grafado como *dar*, *lê*, grafado como *ler* e *consegui*, grafado como *conseguir*). Parece-nos, então, tratar-se de uma analogia com a grafia dos verbos no infinitivo que, em sua maioria, no português, têm as terminações *-ar*, *-er* e *-ir* (FERNANDES, 2016, p. 6).

O apagamento do R em verbos infinitivos no português, conforme apontam Callou, Moraes e Leite (1998), não é recente. Os pesquisadores observaram tal fenômeno nas peças de Gil Vicente, no século XVI, para marcar a fala dos escravos. Esse fenômeno se expandiu e, segundo os autores, aparece, hoje, na fala dos vários estratos sociais. Nesse trabalho, os autores concluíram que o apagamento do R

final mostra uma mudança linguística, nos termos labovianos, de baixo para cima, em variação estável, o que significa um processo sem marcas de classe social, isto é, sem estigma social a quem o utiliza oralmente. Isso nos mostra que, de fato, os indivíduos, em geral, reconhecem, na fala, o fenômeno do apagamento do R em final de verbos infinitivos.

Quando o apagamento do R final aparece na escrita, o grau de escolaridade parece influenciar sua ocorrência. Torres e Oliveira (2015, p. 206) analisaram o apagamento e a realização do R em final de palavras, em textos escritos de alunos dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental e alunos do 3º ano do Ensino Médio. Seus resultados mostram a importância do ano escolar para a implementação do apagamento do R: quanto maior o nível de escolaridade, menor o índice de apagamento do R final. O mesmo foi verificado por Costa (2009). Em sua pesquisa, a autora confirmou a hipótese de que alunos da série mais avançada apagarão menos R na escrita, “conforme demonstram vários estudos sobre língua falada que associam a predominância de formas linguísticas padrão a falantes com mais anos de escolarização” (COSTA, 2009, p. 5).

Quando se trata do acréscimo, na escrita, do R no final de verbos flexionados, perguntamo-nos: haveria também uma relação desse fenômeno com o tempo de escolarização do indivíduo? Qual seria o valor social atribuído à grafia com R em final de verbos flexionados? Neste trabalho, apontamos um indício de que a escolaridade pode influenciar o fenômeno em análise.

Ainda sobre o apagamento do R em final de palavras, Callou, Moraes e Leite (1998) salientam que o fenômeno ocorre com mais frequência em verbos infinitivos e nas 1ª e 3ª pessoas do futuro do subjuntivo, isto é, em formas verbais que apresentam o R final e tonicidade na sílaba que contém esse R. Trata-se do apagamento de um material fonológico que carrega informação morfológica. Acreditamos que esse fato esteja associado a uma perda gradativa do valor morfológico do R final dos verbos e uma associação desse R, na escrita, a um valor fonológico que, no caso, seria a tonicidade do segmento da palavra. Esse valor fonológico do R final, inclusive, pode estar influenciando ocorrências escritas não só de verbos, como *dar* (*dá*), *ler* (*lê*) e *conseguir* (*consegui*), mas também de nomes, como *você* (*você*) (exemplo atestado em CESAR, 2018, p. 292), e *ater* (*até*) e *sofar* (*sofá*) (exemplos atestados em BORTONE e ALVES, 2014, p. 180).

## 2 Marcação de tonicidade?

Para levantar mais indícios que corroborem a hipótese de que o R em final de verbos flexionados é um marcador de tonicidade, e não necessariamente um caso de hipercorreção, descrevemos primeiramente os dados coletados em uma comunidade digital *online* (seção 2.1) e, em seguida, analisamos qualitativamente fatores sociais e intralinguísticos (seção 2.2) do *corpus*. Buscamos verificar o que pode determinar, na escrita atual, o uso do grafema R no final de verbos flexionados

e, assim, levantar argumentos que ajudem a sustentar a hipótese de que esse R é um marcador de tonicidade.

## 2.1 Os dados

Partimos de uma coleta de dados feita por meio de questionário aplicado a falantes de Diamantina (MG) e região no mês de dezembro de 2018. O instrumento de pesquisa foi elaborado para se levantar um maior número de dados em relação ao trabalho anterior de Fernandes (2016), e para que se pudesse excluir a possibilidade de erro de digitação ou de atuação de corretores ortográficos automáticos, já que a coleta preliminar de 2016 continha apenas frases digitadas por usuários das redes sociais. No questionário, os informantes tinham que optar por uma terminação verbal que julgassem ser a mais correta, com ou sem o R final, sem a influência de qualquer tipo de consultor ou corretor ortográfico.

Foi elaborado um total de 12 frases com verbos comuns, sendo seis deles os mais recorrentes na primeira coleta (FERNANDES, 2016). Consideraram-se verbos com uma, duas e três sílabas, sendo três paroxítonos e nove oxítonos, e terminados em -a(r), -e(r) e -i(r), como *deixa(r)*, *dê(r)* e *recebi(r)*. Para cada uma dessas terminações, foi inserido um verbo no infinitivo (*chorar*, *receber* e *sair*) para desviar a atenção do informante do fenômeno testado.

A pesquisa contou com a participação de 92 informantes, caracterizados quanto à faixa etária (18 anos ou menos; 18 a 25; 25 ou mais), à escolaridade (ensino fundamental, médio e superior, completos ou incompletos) e ao tipo e frequência de uso das redes sociais. A seguir, encontram-se as frases e as opções de grafias de verbos que foram usados no formulário, bem como os números produzidos na pesquisa.

### Terminação em -a(r):

1) “Ana, \_\_\_\_\_ como está.”

- a) Deixa
- b) Deixar

2) “É isso que \_\_\_\_\_ não estudar para a prova.”

- a) Dá
- b) Dar

3) “João, \_\_\_\_\_ não vai resolver seus problemas.”

- a) Chora
- b) Chorar

4) “Pedro, você ainda \_\_\_\_\_ ela?”

- a) Ama
- b) Amar

Sobre os verbos com terminação em -a(r), as grafias adequadas à ortografia padrão são, respectivamente, *deixa*, *dá*, *chorar* e *ama*. Nas questões 1, 2 e 4, o verbo está flexionado e, na ortografia padrão, não há R final. A opção pela forma com R seria um dado do fenômeno em foco. A questão 3 é a que desvia a atenção nesse grupo, estando o verbo no infinitivo. Vejamos os resultados numéricos obtidos para esses casos:

**Quadro 1:** Dados do teste sobre a presença/ausência de R final em verbos terminados em -a(r).

Verbo	Grafia sem o R final	Grafia com o R final	Total
1. DEIXA/DEIXAR	90	2	92
2. DÁ/DAR	80	12	92
3. CHORA/CHORAR (dado para desvio de atenção)	4	88	92
4. AMA/AMAR	92	0	92

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Entre as opções *deixa* e *deixar* da primeira frase, dois dos 92 informantes escolheram a opção *deixar*. Na segunda frase, entre as opções *dá* e *dar*, 12 dos 92 informantes escolheram a opção *dar*. Na terceira frase (desvio), entre as opções *chora* e *chorar*, 88 dos 92 informantes escolheram a opção *chorar*. Na quarta frase, entre as opções *ama* e *amar*, todos os 92 informantes escolheram a opção *ama*.

#### **Terminação em -e(r):**

5) “Ana, você ainda \_\_\_\_\_ por ele?”

- a) Sofre
- b) Sofrer

6) “Você \_\_\_\_\_ ele amanhã?”

- a) Vê
- b) Ver

7) “Caso não \_\_\_\_\_ certo, ele vai voltar para casa.”

- a) Dê
- b) Der

8) “Você poderia \_\_\_\_\_ esse papel?”

- a) Recebe
- b) Receber

Dos verbos com terminação em -e(r), as grafias adequadas à ortografia padrão são, respectivamente, *sofre*, *vê*, *dê* e *receber*. Nas questões 5, 6 e 7, o verbo está flexionado, e na ortografia padrão não tem R: a opção pela forma com R seria um dado do fenômeno em foco. A questão 8 é a que desvia a atenção nesse grupo, estando o verbo no infinitivo.

**Quadro 2:** Dados do teste sobre a presença/ausência de R final em verbos terminados em -e(r).

Verbo	Grafia sem o R final	Grafia com o R final	Total
5. SOFRE/SOFRER	92	0	92
6. VÊ/VER	84	8	92
7. DÊ/DER	68	24	92
8. RECEBE/RECEBER (dado para desvio de atenção)	3	89	92

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na questão 5, entre as opções *sofre* e *sofrer*, nenhum dos 92 informantes escolheu *sofrer*. Já na frase 6, entre as opções *vê* e *ver*, 8 dos 92 informantes escolheram a opção *ver*. Na frase 7, entre as opções *dê* e *der*, 24 dos 92 informantes escolheram a opção *der*. Na questão 8 (desvio), entre as opções *recebe* e *receber*, 89 dos 92 informantes escolheram a opção *receber*.

### Terminações em -i(r):

9) “Já \_\_\_\_\_ muito hoje!”

- a) Ri
- b) Rir

10) “Também não \_\_\_\_\_ meu salário.”

- a) Recebi
- b) Recebir

11) “Já \_\_\_\_\_ meu celular pela internet.”

- a) Pedi
- b) Pedir

12) “Você vai \_\_\_\_ hoje?”

- a) Sai
- b) Sair

Sobre os verbos com terminação em -i(r), as grafias adequadas à ortografia padrão são, respectivamente, *ri*, *recebi*, *pedi* e *sair*. Nas questões 9, 10 e 11, o verbo está flexionado, e na ortografia padrão não tem R: a opção pela forma com R seria um dado do fenômeno em foco. A questão 12 é a que desvia a atenção nesse grupo, estando o verbo no infinitivo.

**Quadro 3:** Dados do teste sobre a presença/ausência de R final em verbos terminados em -i(r).

Verbo	Grafia sem o R final	Grafia com o R final	Total
9. RI/RIR	75	17	92
10. RECEBI/RECEBIR	91	1	92
11. PEDI/PEDIR	79	13	92
12. SAI/SAIR (dado para desvio de atenção)	1	91	92

Fonte: Elaborada pelas autoras.

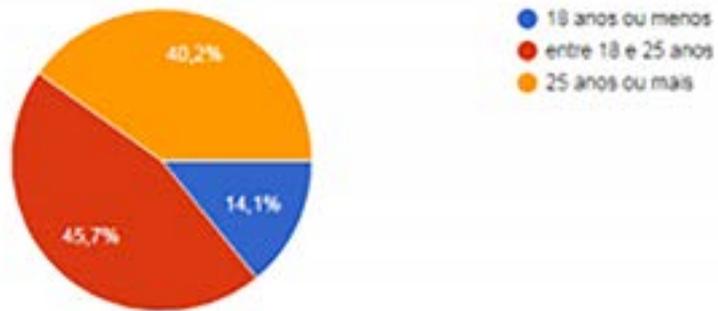
Na questão 9, entre as opções *ri* ou *rir*, 17 dos 92 informantes escolheram a opção *rir*. Na frase 10, entre as opções *recebi* e *recebir*, um dos 92 informantes escolheu a opção *recebir*. Na frase 11, entre as opções *pedi* e *pedir*, 13 dos 92 informantes escolheram a opção *pedir*. Por fim, na última frase (desvio), entre as opções *sai* e *sair*, 91 dos 92 informantes escolheram a opção *sair*.

Sobre os dados dos informantes no que diz respeito à idade, escolaridade, redes sociais mais utilizadas e frequência de uso dessas redes sociais, há o seguinte resultado: 13 informantes com 18 anos ou menos, 42 entre 18 e 25 anos e 37 informantes com 25 anos ou mais. Quanto à escolaridade do falante: 13 com ensino médio incompleto, 22 com ensino médio completo, 22 com ensino superior incompleto, 34 com ensino superior completo, um com ensino fundamental incompleto e não houve participantes com (somente) ensino fundamental completo. Com relação à rede social mais usada: 91 responderam *Whatsapp*, 52 responderam *Facebook* e *Instagram* e 11 escolheram *Twiter*. Por fim, na frequência de uso dessas redes sociais, 85 informantes responderam que usam várias vezes ao dia, seis disseram usar uma vez ao dia em média e uma pessoa informou que usa redes sociais apenas algumas vezes na semana. Abaixo, encontram-se os gráficos dos dados dos fatores sociais que foram mencionados acima.

**Gráfico 1:** Idade dos informantes .

## Idade

92 respostas

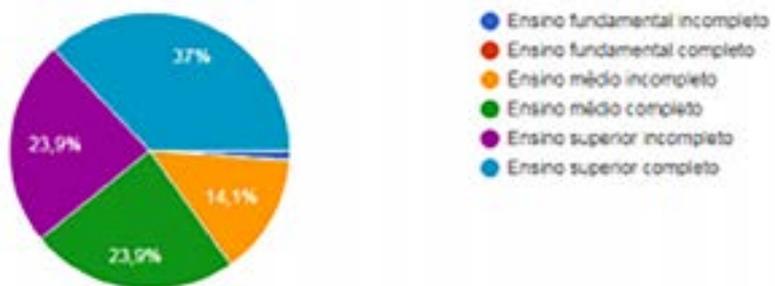


Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Gráfico 2:** Escolaridade.

## Escolaridade

92 respostas

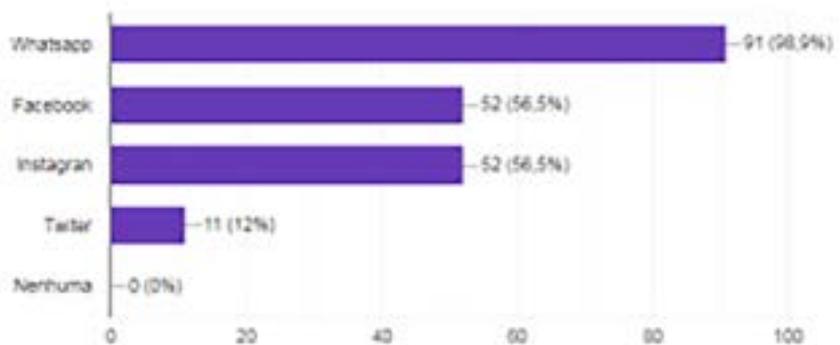


Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Gráfico 3:** Redes sociais que mais utiliza.

## Que rede(s) social(ais) você mais utiliza?

92 respostas

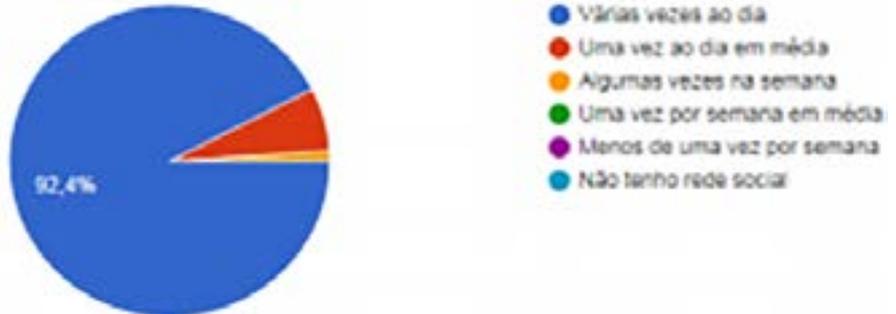


Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Gráfico 4:** Frequência de uso das redes.

## Com que frequência você as utiliza?

92 respostas



Fonte: Elaborada pelas autoras.

## 2.2 Análise qualitativa

Para a análise qualitativa dos dados, consideramos fatores sociais e intralinguísticos, e cada um deles será explicado separadamente. Interessa-nos a seguinte pergunta: o que determina, na escrita atual, que se use o grafema R ao final de verbos flexionados? Como vimos, acreditamos que esse R apresenta um valor fonológico, marcando a tonicidade da última sílaba de verbos flexionados. Na análise qualitativa desenvolvida a seguir, argumentamos pela pertinência dessa hipótese.

### 2.2.1 Fatores intralinguísticos

De forma geral, dos 828 *tokens* de verbos sem o R final (excetuando-se os desvios), 77 ocorreram com R: 9,3% das ocorrências. Ou seja, não se trata de erro de digitação ou da atuação do corretor ortográfico automático, nem de ocorrência pontuais e aleatórias, mas, sim, de um fenômeno de fato recorrente.

Foram selecionados os seguintes fatores estruturais para observação: posição da sílaba tônica do verbo; terminação do verbo em *-a(r)*, *-e(r)* ou *-i(r)* e número de sílabas do verbo. Vejamos os resultados:

**Quadro 4:** Presença de R final em verbos flexionados oxítonos e paroxítonos.

Verbos oxítonos	Grafia com o R final		Verbos paroxítonos	Grafia com o R final	
	n.	%		n.	%
DÁ(R)	12/92	13%	DEIXA(R)	2/92	2%
VÊ(R)	8/92	9%	AMA(R)	0/92	0
DÊ(R)	24/92	26%	SOFRE(R)	0/92	0
RI(R)	17/92	18%	<b>Total</b>	2/77	3%
RECEBI(R)	1/92	1%			
PEDI(R)	13/92	14%			
<b>Total</b>	75/77	97%			

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Observamos que a ocorrência do fenômeno com verbos oxítonos é muito maior do que com verbos paroxítonos: 97% do total de dados ocorreram com verbos oxítonos, enquanto apenas 3% ocorreram com verbos paroxítonos. Por exemplo, dentre as opções *dê* e *der* na frase *Caso não \_\_\_ certo, ele vai voltar para casa*, 26% dos informantes optaram pela terminação com R final, quando a opção sem o R final seria a adequada à norma ortográfica. Já no caso de verbos paroxítonos, como na opção entre *sofre* e *sofrer* na frase *Ana, você ainda \_\_\_ por ele?*, 100% das ocorrências foram sem o R final. Esses resultados mostram, portanto, um indício de que o fenômeno do R final em verbos flexionados tem relação com a tonicidade, ocorrendo em sua grande maioria nas sílabas finais tônicas.

Nossa hipótese é que há, nesses casos, uma analogia com verbos no infinitivo, que são oxítonos e grafados com R final. Acreditamos que a inserção do R, no final de verbos flexionados, está relacionada à marcação de tonicidade. Ele funcionaria, portanto, como um diacrítico, uma vez que não tem valor de fonema. Por enquanto, os resultados indicam que o fato de a palavra ser oxítônica influencia a ocorrência do fenômeno em análise.

Sobre as terminações verbais em *-a(r)*, *-e(r)* e *-i(r)*, temos o seguinte resultado:

**Quadro 5:** Presença de R final em verbos flexionados terminados em -a(r), -e(r) e -i(r).

Verbos terminados em -a(r)	Grafia com o R final		Verbos terminados em -e(r)	Grafia com o R final		Verbos terminados em -i(r)	Grafia com o R final	
	n.	%		n.	%		n.	%
DÁ(R)	12/92	13%	VÊ(R)	8/92	9%	RI(R)	17/92	18%
DEIXA(R)	2/92	2%	DÊ(R)	24/92	26%	PEDI(R)	13/92	14%
AMA(R)	0/92	0%	SOFRE(R)	0/92	0%	RECEBI(R)	1/92	1%
<b>Total</b>	14/77	18%	<b>Total</b>	32/77	42%	<b>Total</b>	31/77	40%

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Sobre as formas em -a(r), os *tokens* do R final de verbos flexionados somam 18% das ocorrências; nas terminações em -e(r), somam 42% das ocorrências e, por fim, nas terminações em -i(r), somam 40% das ocorrências. É importante ressaltar que, neste estudo, só apresentamos números referentes aos dados do fenômeno estudado, excluindo os dados usados como desvio. Não parece ser possível afirmar que a terminação em -a(r) tende a não favorecer a presença desse R final. Dos três verbos escolhidos (*dá*, *deixa* e *ama*), dois são paroxítonos, e vimos anteriormente que isso pode ter influenciado a pouca presença de R final nesses verbos na comparação com os verbos terminados em -e(r) e -i(r).

Vale ressaltar os resultados obtidos para o verbo *dê(r)* (quadro 4): 26% dos informantes optaram pela grafia com R final. Provavelmente, a escolha pelo verbo *der* pode ter sido motivada por uma dúvida em relação a que conjugação verbal usar na frase em questão (*Caso não \_\_\_ certo, ele vai voltar para casa*), e não completamente devido à tonicidade, como ocorre, por exemplo, com a forma *rir*, no lugar de *ri*, ou *dar*, no lugar de *dá*.

Salientamos, ainda, o resultado obtido para o verbo *recebi(r)*. Apenas 1% dos informantes optou por *recebir* na frase *Também não \_\_\_ meu salário*. Trata-se de uma forma verbal (*recebir*) que não está prevista nas regras oficiais da língua para nenhuma flexão ou forma nominal do verbo *receber*. Isso pode ter influenciado a baixa ocorrência do R final para esse verbo. O mesmo não ocorre com os demais verbos testados: *dar*, *deixar*, *amar*, *ver*, *der*, *sofrer*, *rir*. Esses estão de acordo com a ortografia oficial do português, seja como formas no infinitivo, seja como alguma flexão do verbo, como o futuro do subjuntivo, por exemplo.

Outro fator selecionado foi o número de sílabas do verbo. Os resultados encontram-se no quadro a seguir.

**Quadro 6:** Presença de R final em verbos flexionados monossílabos, dissílabos e trissílabos.

Verbos monossílabos	Grafia com o R final		Verbos dissílabos	Grafia com o R final		Verbos trissílabos	Grafia com o R final	
	n.	%		n.	%		n.	%
DÁ(R)	12/92	13%	PEDI(R)	13/92	14%	RECEBI(R)	1/92	1%
VÊ(R)	8/92	9%	DEIXA(R)	2/92	2%	<b>Total</b>	1/77	1,3%
DÊ(R)	24/92	26%	AMA(R)	0/92	0			
RI(R)	17/92	18%	SOFRE(R)	0/92	0			
<b>Total</b>	61/77	79,2%	<b>Total</b>	15/77	19,5%			

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A princípio, podemos dizer que houve maior número de ocorrências do R final em verbos flexionados monossílabos. No total, foram 61 ocorrências, o que equivale a 79,2% do total de dados, enquanto a grafia com R final em verbos flexionados dissílabos totalizaram 19,5% e, em verbos trissílabos, 1,3%. Se compararmos apenas os verbos com a última sílaba tônica (pois, como vimos, o fato de serem paroxítonos, não favorece o fenômeno em estudo), temos ainda a maior ocorrência em verbos monossílabos. Por fim, se observarmos apenas os casos de verbos terminados em *-i(r)* - *ri(r)*, *pedi(r)* e *recebi(r)* -, todos oxítonos, também o monossílabo apresenta maior ocorrência de grafia com R final. Esses dados nos mostram, portanto, um indício de que o tamanho do verbo pode influenciar a presença/ausência do R final em verbos flexionados.

### 2.2.2 Fatores sociais

Excetuando-se os desvios, o formulário apresentava nove possibilidades de o informante escolher um verbo flexionado com ou sem R final. O informante que mais optou pelo verbo flexionado com R final, para completar as frases, fez essa escolha sete (das nove) vezes. Em segundo lugar, um outro informante fez essa escolha cinco vezes. Em terceiro, cinco informantes fizeram essa escolha três vezes. Em quarto lugar, 13 informantes escolheram duas vezes e, em quinto lugar, 24 informantes escolheram apenas um verbo flexionado com R final. Por fim, 48 informantes não escolheram nenhuma das nove opções de verbos flexionados com R final.

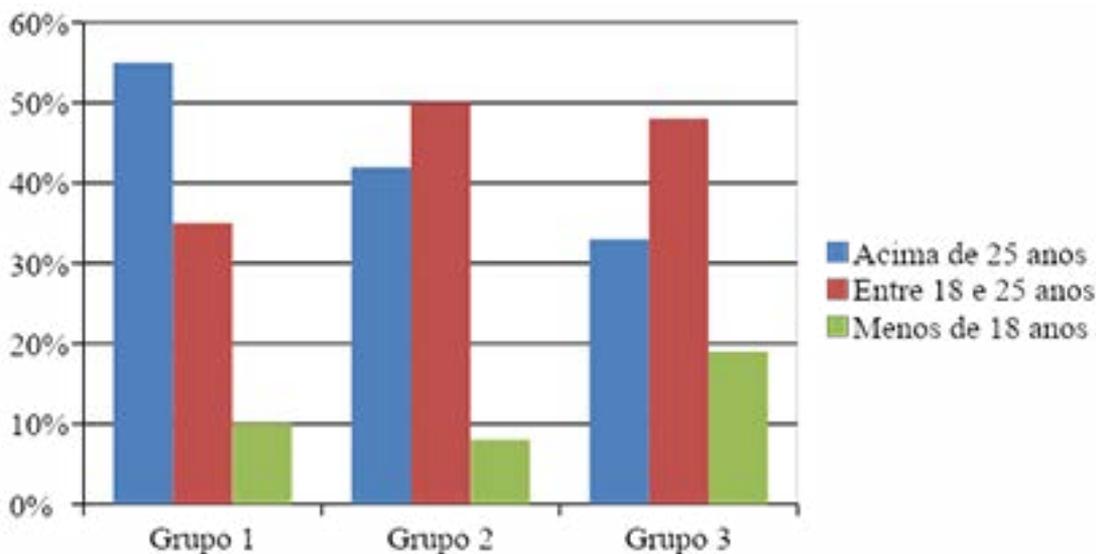
Ao cruzar os dados quantitativos dos fatores sociais com os internos, chegamos a uma divisão dos 92 informantes em três grupos, conforme o *ranking* acima. O primeiro grupo, composto por 20 informantes, escolheu mais de uma vez o R final. O segundo grupo, constituído por 24 pessoas, optou pelo R final apenas uma vez. O terceiro grupo, formado por 48 membros, é dos informantes que não escolheram nenhuma forma verbal flexionada com R final. O primeiro e segundo

grupos, somados, têm 44 membros. Assim, 48% dos informantes confirmaram a existência do fenômeno, enquanto 52% não o reconheceram.

O grupo 2 é um grupo intermediário. A maioria das pessoas que escolheu o R apenas uma vez o fez com o verbo *der* (*Caso não \_\_\_\_\_ certo, ele vai voltar para casa*). A escolha pelo verbo *der* pode ter sido motivada por uma dúvida em relação a que conjugação verbal usar na frase em questão, como já foi mencionado. Um total de 15 das 24 ocorrências nesse grupo 2 se deram na escolha da forma *der* na referida frase. Assim, é possível que esses 15 informantes, na verdade, se encaixariam melhor no grupo 3, dos que não reconhecem o fenômeno. De fato, o grupo 2 se comporta de maneira semelhante ao grupo 3.

Ao avaliar os fatores sociais, chegamos às seguintes conclusões: dois fatores parecem ser mais relevantes: a idade e a escolaridade. No primeiro grupo, 55% dos informantes têm idade maior de 25 anos, 35% são jovens entre 18 a 25 anos e 10% têm menos de 18 anos. No grupo 2, 42% dos informantes têm idade acima de 25 anos, 50% são jovens entre 18 e 25 anos e 8% têm menos de 18 anos. No grupo 3, 33% dos informantes têm idade acima de 25 anos, 48% de jovens entre 18 e 25 anos e 19% com menos de 18 anos. Esses valores ficam mais claros no gráfico 5 a seguir.

**Gráfico 5:** Idade nos grupos 1, 2 e 3 (*ranking* de escolha do R final).



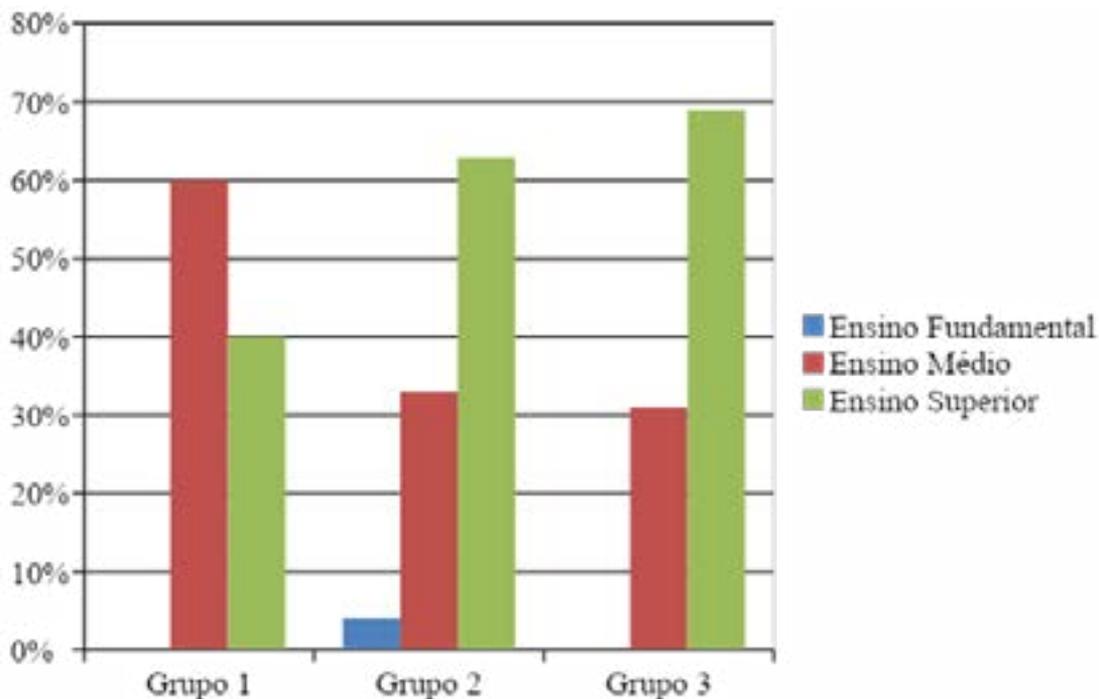
Fonte: Elaborada pelas autoras.

O gráfico 5 indica que o fenômeno, em análise, ocorre preferencialmente na ortografia de indivíduos acima de 25 anos. É preciso, no entanto, uma análise mais ampla, abrangendo faixas etárias de pessoas idosas, para avaliarmos melhor a relação entre a idade e a presença de R no final de verbos flexionados.

Com relação à escolaridade, foram considerados três subfatores: ensino superior (completo ou incompleto), ensino médio (completo ou incompleto) e

ensino fundamental (completo ou incompleto). No grupo 1, 60% dos informantes têm ensino médio e 40% ensino superior. No grupo 2, 33% dos informantes têm ensino médio, 63% ensino superior e 4% têm ensino fundamental. No grupo 3, 31% têm ensino médio, 69% ensino superior. No seguinte gráfico, expomos essas informações quanto ao nível de escolaridade dos informantes.

**Gráfico 6:** Escolaridade dos participantes da pesquisa (*ranking* de escolha do R final).

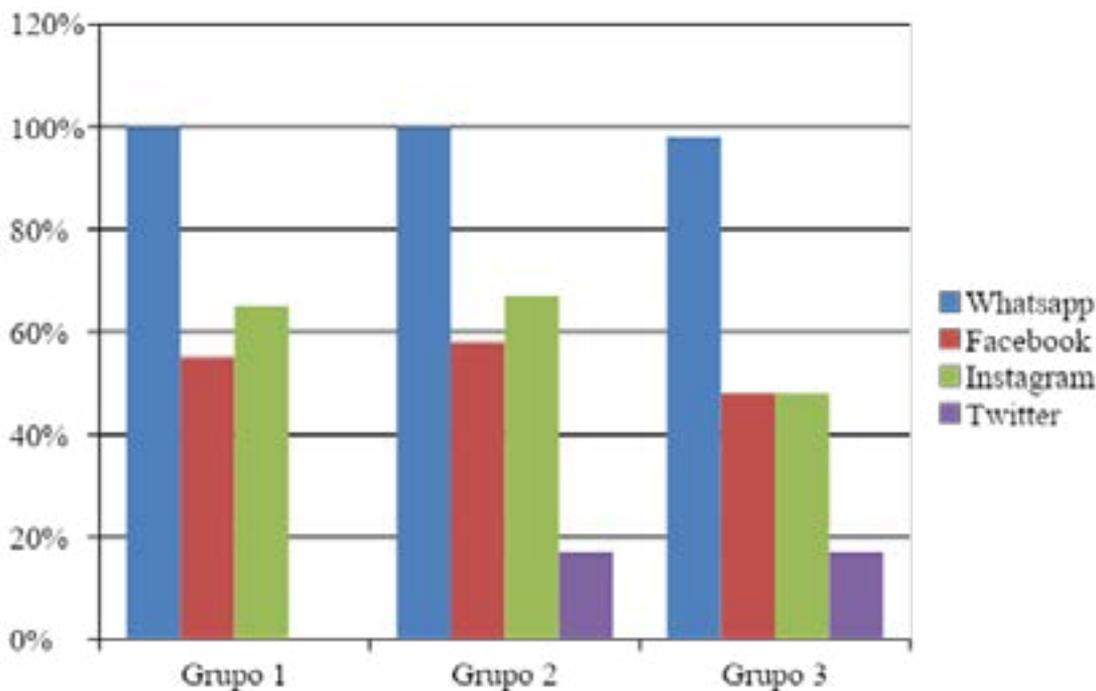


Fonte: Elaborada pelas autoras.

O gráfico 6 mostra que indivíduos com (no máximo) ensino médio tendem a inserir o R em final de verbos flexionados com mais frequência do que indivíduos com ensino superior. Trata-se de um indício de que a escolaridade pode influenciar o fenômeno, ou seja, quanto maior a escolaridade, menor a probabilidade de ocorrência do R final em verbos flexionados. Em pesquisa futura, mais informantes com ensino fundamental devem ser selecionados para que se possa verificar se é predominante a ocorrência de tal fenômeno na escrita deles.

Não parece ser relevante a frequência de uso das redes (alta nos três grupos), nem o tipo de rede social (preferencialmente *Whatsapp* nos três grupos, com *Facebook* e do *Instagram* em segundo lugar). A única exceção curiosa é o uso do *Twitter*, bem maior nos grupos 2 e 3 (17% em ambos, sendo 0% no grupo 1). O gráfico 7 explicita esses valores de maneira mais visual.

**Quadro 7:** Redes sociais mais utilizadas nos grupos 1, 2 e 3 (*ranking* de escolha do R final).



Fonte: Elaborada pelas autoras.

A partir do fator de uso das redes sociais, buscamos observar se a ocorrência do fenômeno estava relacionada à escrita digital. Se o tivesse, haveria uma proporção entre maior utilização das redes e maior escolha do grafema R final em verbos flexionados. Porém, notamos que isso não ocorreu.

Façamos um resumo dos resultados elucidados neste estudo: os adultos, com ensino médio (completo ou incompleto), são os que tendem a escolher mais o R final em verbos flexionados (preferencialmente monossílabos, oxítonos), enquanto os jovens, em idade universitária (18 a 25 anos), ou com ensino superior (completo ou incompleto), são os que menos reconhecem o fenômeno. Curiosamente, são também esses os que mais usam o *Twitter*.

Acreditamos que o estudo universitário fixa mais a ortografia padrão, talvez pela quantidade de atividades de leitura e escrita em norma padrão nesses ambientes. E talvez o *Twitter*, por seu caráter exclusivamente verbal (sem imagens), esteja associado a esse maior grau de letramento.

## Considerações finais

Diante dos resultados apresentados e discutidos neste trabalho, podemos confirmar que o fenômeno do R final grafado em verbos flexionados existe, é recorrente e, portanto, relevante para a pesquisa linguística, em especial no que tange às suas implicações para a observação da relação entre fala, escrita e representação fonológica.

Os dados, obtidos por meio do questionário, foram importantes no sentido de desfazer dúvidas acerca da existência do fenômeno, o qual, apesar dos 31 *prints* coletados em sua primeira pesquisa (FERNANDES, 2016), ainda poderia ser considerado algum tipo de erro de digitação. No formato de formulário, mesmo tendo a possibilidade de escolha, quase a metade dos informantes optou por, pelo menos, um R final.

Vimos que, dos fatores intralinguísticos, verbos oxítonos e uma menor quantidade de sílabas são relevantes para a ocorrência do fenômeno. Já a relevância das terminações *-a(r)*, *-e(r)* e *-i(r)* foi refutada, uma vez que, em todas elas, tivemos números expressivos pela opção do R final. Dentre os fatores sociais, tivemos como relevante a idade (acima de 25 anos) e a escolaridade (abaixo do ensino superior) do informante. Já as redes sociais não se mostraram um fator relevante.

A existência do fenômeno e a sua relação com a tonicidade mostrou que há algum tipo de representação fonológica sendo acionada nessa recorrência do grafema R, que não tem correspondente na fala (o fone R não é pronunciado nos verbos flexionados), nem está presente na ortografia padrão. Pesquisas futuras sobre o tema podem se debruçar sobre essa esfera da representação fonológico-ortográfica que motiva o uso do R como uma espécie de diacrítico que marca a tonicidade (como o acento gráfico). Tais pesquisas poderiam também contemplar a existência de outras formas oxítonas monossílabas e dissílabas que não são verbos e que utilizam o R final, como *alor (alô)*, *olar (olá)* e *cafer (café)*, cujas formas encontramos esporadicamente nas redes sociais.

É possível que o R final em verbos flexionados (e mesmo em outras classes de palavras) esteja relacionado a uma perda de valor morfológico do R infinitivo, com um concomitante deslocamento para um valor fonológico do grafema, ou seja, uma marca gráfica que indica acentuação silábica em palavras oxítonas. Esse tema deverá ser mais explorado em estudos futuros, juntamente com a questão da representação fonológica desse tipo de sílaba acentuada e grafada com R. Interessante usar a observação da ortografia não padrão para compilar indícios de representações fonológicas. Ainda, uma investigação histórica pode trazer mais luz ao estudo da relação entre fala, escrita e representação fonológica do R no português brasileiro.

## "ONTEM EU NÃO SAIR": THE GRAPHEME R IN FLEXED VERBS' FINAL POSITION AS A MARKER OF TONICITY

**Abstract:** A recurrent orthographic phenomenon has been observed recently in Brazilian Portuguese: the occurrence of the grapheme R in final position of written flexed verbs (where there is no R in regular orthography nor in pronunciation). The present work aims at presenting the hypothesis that the occurrence of a final R in flexed verbs is not a case of hypercorrection, as it has been argued in the literature. In order to do so, we collected data by means of a controlled experiment carried out online in social media, in December 2018. It is our understanding that the final R in flexed verbs is being used as a diacritic marker of tonicity, such as graphic accents in Portuguese (´ and ` for example). The grapheme R in flexed verbs occurs preferably in short oxytones (one or two syllables) and is produced generally by people above 25 years old that do not hold University education. The phenomenon seems to be related to a phonological perception of tonicity marked with that grapheme. It is often seen with oxytone words of different grammatical classes other than verbs, such as in the written words *olar*, *vocer*, *sofar* and *cafer*.

**Keywords:** Orthography; Grapheme R; Hypercorrection; Tonicity.

### Referências

- BORTONE, M. E.; ALVES, S. B. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONIRICARDO, S. M. et al (Orgs.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2014.
- CALLOU, D; MORAIS, J.; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA* [online]. v. 14, n. spe, 1998. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43392>>
- CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CESAR, H. H. de F. Acréscimo do grafema /R/ em posição final de vocábulo: caso de hipercorreção. In: COELHO, F. A. C. et. al (Orgs.) *Descrição e ensino de língua portuguesa: temas contemporâneos*. Série Língua Portuguesa e Ensino. Volume 6. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.
- COSTA, G. B. O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses. *Letra Magna*, v. 06, n. 10, 2009. Disponível em <<https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/147/199>>
- FERNANDES, V. dos S. *Um novo fenômeno ortográfico na escrita digital: o grafema r final em verbos flexionados*. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Humanidades, UFVJM. Diamantina, 2016.
- HOUAISS, A. Sobre alguns aspectos da recuperação fonética. In: SIMPÓSIO DE FILOGIA ROMÂNICA, 1., 1958, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: MEC, 1970.

LABOV, W. A hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança linguística. In: \_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

TORRES, P. F de J., OLIVEIRA, J. M. de. O apagamento do -R no final de vocábulos em produções escolares na cidade de Feira de Santana - BA. *Cadernos do CNLF*, vol. XIX, n. 01, 2015.

*Recebido em 30 de março de 2023*

*Aceito em 25 de abril de 2023*

# ISOLAMENTO FINAL: ENVELHECIMENTO E MORTE EM DOIS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR<sup>1</sup>

*Benjamin Rodrigues Ferreira Filho<sup>2</sup>*

*Emily Victoria Moreno de Amorim<sup>3</sup>*

*Yasmin Resende de Arruda Chagas<sup>4</sup>*

**Resumo:** Discute-se o envelhecimento humano a partir de dois contos de Clarice Lispector: “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis”. O tema das duas histórias – o envelhecimento – tem grande importância na história da literatura e aparece em mitos, canções, poemas, peças e narrativas. No artigo, são destacados aspectos que acompanham o processo do envelhecimento – restrições de sentidos e movimentos do corpo, isolamento social e solidão. No percurso do trabalho, as personagens Anita e Mocinha ajudam a pontuar questões como memória e relações familiares. No âmbito teórico, são tomados como referência autores, como Jurandir Freire Costa, Erving Goffman, Simone de Beauvoir, Eneida Gonçalves de Macedo Haddad, Marco Túlio Cícero, Michel Foucault e Norbert Elias. Propõe-se que o tema do envelhecimento seja levado para a sala de aula, lugar onde se podem tecer reflexões importantes sobre esse drama, em todos os níveis de ensino.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Educação; Vida; Envelhecimento; Morte.

## Introdução ao isolamento final

Este artigo trata de uma delicada questão humana: o processo de envelhecimento e suas vicissitudes. A discussão se desenvolve principalmente a partir de dois contos de Clarice Lispector, “Feliz aniversário” (de *Laços de família*, publicado pela primeira vez em 1960) e “Viagem a Petrópolis” (de *A legião estrangeira*, publicado

---

1 Trabalho elaborado no contexto das atividades do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), e do Grupo de Pesquisa “Poder, Fronteira, Estratificação e Memória”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde também cursou Mestrado em Estudos Literários; doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professor do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UFR; coordenador do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na UFR. E-mail: benjamin.filho@ufr.edu.br.

3 Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFR; integrante da equipe do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na UFR. E-mail: emily.moreno@aluno.ufr.edu.br.

4 Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFR; integrante da equipe do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na UFR. E-mail: yasmin.resende@aluno.ufr.edu.br.

pela primeira vez em 1964). Embora esses dois contos assegurem a base literária da discussão, outras narrativas (de Clarice Lispector e de outros autores), além de mitos, poemas e canções, reforçam a ideia de que o tema do envelhecimento constitui um dilema do indivíduo e da humanidade.

O envelhecimento se inicia ainda nas origens da vida individual, visto que, no primeiro instante em que um ser nasce, o tempo de vida propende para esse processo. A percepção do (inexorável) envelhecer, entretanto, só é sentida por intermédio de sinais tardios emitidos pelo corpo. Quando a idade avança e o corpo sente as restrições dos sentidos e dos movimentos e sofre as dores do desgaste físico, o envelhecimento é, finalmente, tomado como uma realidade dolorosa. Mas não somente o corpo se ressenha do envelhecimento: também a mente é abatia pela percepção da irreversibilidade do processo e pelo paulatino sentimento de isolamento e solidão; ademais, o cérebro pode ser atingido, surgindo então problemas que comprometem a memória, o raciocínio, a linguagem e a comunicação. No fim de tudo, o que se tem é o fato de que o envelhecimento sinaliza a aproximação da morte.

De várias maneiras, a arte expressa esses grandes dilemas – o envelhecimento e a morte. Particularmente, a literatura possui um leque de textos que abordam o assunto, destacando sentimentos que acompanham os dois processos fisiológicos que, tomados de maneira geral, atingem profundamente o indivíduo, o qual, no fim, está sozinho na vivência orgânica do envelhecimento e da morte.

A partir de diferentes perspectivas, “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis” trazem questões e dilemas que acompanham o envelhecimento. Os contos dialogam entre si ao tratarem da solidão de duas senhoras, Anita e Mocinha, de classes sociais distintas. A solidão das duas protagonistas expressa a solidão de uma multidão de idosos.

O envelhecimento constitui um tema complexo, abordado em diferentes vertentes culturais (filosofia, psicologia, sociologia, história, mitologia, religião) e sob diferentes pontos de vista (saúde e bem-estar, política, estatística, economia – e ainda outros), de acordo com os propósitos de indagação. Considerando o âmbito do Ensino, essas questões, suscitadas pelos contos, podem provocar discussões pertinentes, em sala de aula, possíveis tanto em estudos universitários como no âmbito do Ensino Médio, e mesmo no contexto do Ensino Fundamental, pois a leitura pode instigar debates sobre velhice e morte em várias esferas: subjetiva, familiar, social – o que leva o leitor a considerar criticamente, no que diz respeito principalmente ao Brasil, à administração política, à saúde pública, à previdência social e o respeito pela vida, em termos gerais. A problemática, disposta nos contos, pode interessar a diversas idades, pois crianças, jovens, adultos e idosos convivem entre si, em relações mais ou menos pacíficas, pelo tempo afora, enfrentando as vicissitudes da vida. Todos são assaltados pelos enigmas esfíngicos da existência, pelas pressões de ordem social, pelo poder político, pela força econômica e pelos efeitos do transcurso do tempo.

Cabe ainda lembrar que vários outros textos de Clarice Lispector abordam o tema do envelhecimento, por exemplo: “O jantar” (de *Laços de família*), “A procura de uma identidade” e “A partida do trem” (de *Onde estivestes de noite*), “Ruído de passos” e “Mas vai chover” (de *A via crucis do corpo*). Dessa recorrência, pode-se inferir que o tema é caro à escritora, a qual trata com sensibilidade o drama da solidão que abate a pessoa humana na proximidade da morte. Os limites deste trabalho não permitem explorar o jogo de relações entre todas essas narrativas, mas o leitor pode verificar os vínculos semânticos e formais que apresentam entre si. Nas linhas deste artigo, a atenção se volta para os dois núcleos de discussão, “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis”.

## 1 A festa de Anita

A narrativa “Feliz aniversário” traz a história de uma aniversariante, Anita, que completa oitenta e nove anos e recebe filhos, noras, netos e bisnetos para uma festa insossa, artificial e constrangedora, feita para a comemoração. Ela fica “posta à cabeceira” da mesa, cercada da família que simula alegria e dissimula simpatia e carinho, esperando todos que a cerimônia obrigatória acabe logo, para que retomem os afazeres do dia a dia. Enquanto a encenação da festa de aniversário se arrasta, a velha senhora cumpre o seu papel (primeiro, quase indiferente; mas, depois, ostensivamente contrafeita; e, a seguir, de volta ao torpor), ficando “posta” como um bibelô: “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca” (LISPECTOR, 2016, p. 181).

Quem é Anita? O leitor não pode saber muito, mas tem algumas pistas. Ela é idosa e precisa de cuidados. Mora com a filha (Zilda), que ficou incumbida de cuidar da mãe e assume essa responsabilidade: “a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante” (LISPECTOR, 2016, p. 179-180). Todos os outros filhos de Anita se apresentam como muito ocupados e indisponíveis. Em um lampejo de consciência, despertando de uma espécie de dormência, Anita olha sem ternura para os familiares. Apenas um lhe agrada, o neto Rodrigo; por todos os outros sente desprezo. É, afinal, uma senhora conservadora, decepcionada quanto à postura da prole: “O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família” (LISPECTOR, 2016, p. 185).

Anita demonstra sua insatisfação com um gesto explícito e simbólico: “Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão” (LISPECTOR, 2016, p. 185). Chama de “comunistas” os parentes, que considera medíocres, interesseiros e errados. Usa a palavra “comunistas” sem pensar, criticamente, no seu contexto histórico, nos seus sentidos filosóficos, na problematização econômica

que supõe ou na dimensão utópica que apresenta. Usa a palavra “comunistas” a partir de um sentido negativo imediato, assustador, forjado pelo poder. Anita tem medo do lobo mau e tem senso de justiça. É claro que Clarice Lispector, ao acionar a palavra, coloca em questão, para o leitor, o problema filosófico que Karl Marx e Friedrich Engels lançaram no século XIX: a exploração econômica do trabalhador e a luta pela igualdade no contexto social. Já no próprio manifesto é identificada a campanha contra “o espectro do comunismo” e a disseminação da “pecha infamante de comunista” (MARX; ENGELS, 1998, p. 39). Apesar de ser uma idosa silenciosa que necessita de cuidados, Anita ainda apresenta as credenciais do “adulto domesticado”, cujo modo de ser e cuja vida “foram socialmente produzidos com fins político-econômicos precisos” (COSTA, 1979, p. 200).

Na reunião familiar de seu aniversário, embora quase apagada, Anita está segura de suas certezas, tem firmeza moral e exige ordem doméstica e social. Longe de serem “comunistas”, seus parentes estão completamente imersos numa vida material dentro da qual tentam se estabelecer. Um de seus filhos (Manoel), meio tímido e completamente submisso, tenta insistentemente insinuar interesses financeiros que tem junto ao irmão (José), seu sócio, que o reprime. No fim da vida, a pobre senhora está reduzida, afinal, a uma cidadã comum manipulada pelo poder, uma pessoa banal que a família já considera vencida. A momentânea percepção da aniversariante não a leva à brandura, porque está descontente e se vinga, de alguma maneira, daqueles que a suportam e querem se ver livres dela: o aniversário é um aborrecimento e todos esperam pela despedida, até o próximo ano (se ela sobreviver).

Anita, em seu aniversário, cumpre o seu papel, até que a cena planejada no roteiro geral da família escapa ao controle. Não sem desprezo e rancor, a velha matriarca participa de seu próprio aniversário, planejado, montado, como cena afetada, construída para cumprir um ritual exigido no contexto doméstico. Bem como Erving Goffman (1999, p. 9) pontua: no “cenário social”, cada indivíduo expõe “a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas”; modera, “dirige e regula a impressão que formam a seu respeito”, planejando efeitos, “enquanto realiza seu desempenho”. A representação social que Erving Goffman (1999) identifica no cotidiano pode ser percebida no conto, no recinto familiar. O desempenho dos personagens, entretanto, não é dos melhores, pois não fica escondido, afinal, nem para eles, nem para o leitor, o fingimento de cada atuação. E como as relações familiares não são das melhores, todos vivem, durante a festa, o embaraço de estarem juntos, de se suportarem pelo pouco – porém arrastado e longo – tempo de duração da formalidade.

## **2 A viagem de Mocinha**

Em “Viagem a Petrópolis”, tem-se o impasse de uma senhora que vive de favor em uma casa, na qual, de repente, passa a ser vista como um estorvo; e

então o grupo familiar da residência planeja e executa uma operação de despejo. A pobre senhora é levada a Petrópolis, à casa de outro membro da família, pois assim o grupo executor do plano espera simplesmente transferir a “hóspede” de um endereço para outro; mas ela não é aceita na outra casa. No conto, embora indefinida e meio fantasmagórica, toda a história de vida da senhora vem à tona, seu passado, suas andanças erráticas, sua situação atual. Enquanto a vida escorre, de maneira imperceptível, ela vai envelhecendo, se aproximando da morte, dependendo das pessoas; até que, sem ter ninguém que interceda por ela ou que lhe faça companhia, esteja só, no meio da rua, sem saber para onde ir nem o que fazer. Envelheceu em um mundo imprevidente. E agora zanza, distraída, esperando nada a não ser a própria morte.

A protagonista de “Viagem a Petrópolis” é uma senhora solitária, que depende da benevolência dos outros. Quem é ela? Logo no começo do conto, o narrador já expõe o seu drama: “Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo” (LISPECTOR, 2016, p. 316). Ela não precisa de muito para viver: come pouco, só necessita de um parco espaço. Gosta muito de passear: desliza pela cidade, admirando a paisagem, as pessoas e as coisas. É simpática, bondosa, gentil, distraída. Interrogada quanto a seu nome, primeiro responde: “Mocinha”; somente depois revela o nome de registro: “Nome, nome mesmo, é Margarida” (LISPECTOR, 2016, p. 316).

Quem é Mocinha? Uma pessoa cujo passado foi obliterado, cujo presente desaba e cujo futuro se extingue. Sua vida é apagada, e é com trabalho que o leitor consegue reconstituir, vagamente, os capítulos esparsos de sua história pessoal. Nasceu no Maranhão. Foi levada para o Rio de Janeiro por uma conhecida, que tinha a intenção de interná-la em um asilo. O internamento não foi realizado; então a conhecida seguiu para Minas Gerais e doou um pequeno valor para Mocinha procurar se manter na nova cidade. Em sua condição social, Mocinha depende de caridade e até recebe esmola. Sua memória, embora embotada, aciona, da distância obtusa, algumas lembranças: um filho (Rafael), morto por atropelamento; uma filha (Maria Rosa), que morreu durante um parto; o marido (anônimo, no conto), um trabalhador desvalorizado. A memória falha. O passado, como revivê-lo, como agarrar-se a ele, se ele se desvanece? Segundo as observações de Simone de Beauvoir (2018), o passado é um dos maiores tesouros dos idosos, pois seu presente é fugaz e resta pouco tempo para o futuro; praticamente a vida toda está situada no passado. No caso de Mocinha, entretanto, o passado está quase dissipado; é com dificuldade que ela o evoca, turvo, indistinto. Suas lembranças são inexatas e cabem muito bem, para o caso da personagem, as observações de Simone de Beauvoir (2018, p. 222) para lembranças custosas de idosos, que “desmoronam, são nebulosas, inconsistentes, provavelmente falsas”; e também para a memória quase extinta: “A vida é apenas a memória que temos dela, e a memória não é nada”, escreve a filósofa, que ainda afirma: “Este nada ocupa tempo, o tempo corre, sem, entretanto, ir a lugar algum; movemo-nos sem cessar, e, nessa viagem sem

destino, permanecemos imóveis”. Mocinha já não se vale de seu passado, nem de sua memória; come, bebe, veste-se, passeia, de maneira quase inconsciente; vive quase em suspensão; necessita da ajuda alheia. No último lar em que se instalou, cansaram-se dela e a despacharam; não foi aceita na residência na qual tentaram despejá-la. Expulsa, sem ter para onde ir, ainda contempla a paisagem de Petrópolis, as árvores, o céu, os passarinhos, os abismos. Cansada, senta-se a uma pedra – e morre, ainda contemplativa. Cabe ao leitor pensar sobre o abrangente simbolismo de sua morte.

### 3 Solidão e envelhecimento

A solidão assinalada – “não parecia compreender que estava só no mundo” – é recorrente nos contos de Clarice Lispector: “Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo!” (LISPECTOR, 2016, p. 216 – do conto “Preciosidade”); “Uma galinha é sozinha no mundo” (LISPECTOR, 2016, p. 423 – do conto “Uma história de tanto amor”); “Estou sozinha. Sozinha no mundo e no espaço” (LISPECTOR, 2016, p. 560 – do conto “Por enquanto”); “Eu estava sozinha no mundo” (LISPECTOR, 2016, p. 591 – do conto “Brasília”). Há outras incidências de tal solidão nos escritos de Clarice Lispector – uma solidão imediata, pessoal, familiar, social, planetária, cósmica.

Quanto ao nome – “Nome, nome mesmo”, fator muito importante na sociedade para o sentimento de identidade e para a noção de subjetividade –, tanto em “Feliz aniversário” quanto em “Viagem a Petrópolis” é um elemento semântico relevante para a leitura. Em “Viagem a Petrópolis”, os nomes (nome próprio e apelido) da personagem principal remetem, ironicamente, à juventude e ao viço: “Margarida”, nome de uma flor, e “Mocinha”, duplamente relacionado à mocidade, pela evidência do sentido imediato e pela incidência do diminutivo. Em “Feliz aniversário”, a protagonista é predominantemente chamada de “aniversariante”, mas também de “velha”; somente uma vez o seu nome – “Anita” – aparece, pronunciado, lateralmente, por uma vizinha. O teor irônico e a quase ausência de cada nome indicam a dificultosa identidade das personagens, como se individualidade, subjetividade e identidade fossem mais complexos e se apagassem ainda mais na velhice e as senhoras se reduzissem a objetos, coisas, trastes.

O envelhecimento, como tema e como problema, pode ser identificado ao longo da história, aparecendo na mitologia, na Antiguidade, na Idade Média, na modernidade e nos dias atuais. Apenas como exemplos (afinal um amplo mapeamento poderia ser feito nessa linha de discussão), podem ser citados: 1. No tempo mítico, o caso de Titono. 2. Na Antiguidade, a peça *Alceste*, de Eurípedes. 3. Na Idade Média, uma cantiga satírica, “Ai dona fea, fostes-vos queixar”, de João Garcia de Guilhade. 4. Em pleno “Século das Luzes”, a *História de Gil Blas de Santillana*, de Alain-René Lesage. 5. Na atualidade, a canção “O velho”, de Chico Buarque de Hollanda; os contos “A matéria do sonho” (de *Lúcia McCartney*) e “O

livro de panegíricos” (de *Romance negro e outras histórias*), de Rubem Fonseca; e o filme *Parente é serpente*, de Mario Monicelli. São apenas alguns exemplos, para que o leitor visualize, em um rápido relance, a permanência deste tema ao longo da História. Em *A velhice*, Simone de Beauvoir apresenta um grande painel de obras literárias e de outros documentos culturais que se referem ao envelhecimento; e discute também o assunto em perspectiva histórica.

O tema dos dois contos é a velhice – um problema humano, não apenas individual, mas também familiar e social. Não é simples aceitá-la, tampouco vivê-la, pois é uma fase da vida que vem acompanhada do enfraquecimento do corpo e é seguida da morte.

No mito de Titono (BEAUVOIR, 2018; BULFINCH, 2018; RAGUSA; BRUNHARA, 2021; RIBEIRO JUNIOR, 2010), surgem vários problemas: o desejo de conservação da existência biológica; a negação da velhice e da morte; as consequências de um prolongamento persistente, insistente, da vida. A Titono foi concedida, por Zeus, a pedido de Eos (Aurora), a imortalidade, já que a deusa, imortal, apaixonou-se pelo homem, mortal, e queria tê-lo sempre junto a si. Em sua solicitação, Eos, por esquecimento, não incluiu a manutenção da juventude, então Titono envelhece progressivamente, sem poder morrer. A idade avançada e seus efeitos sobre o corpo levam-no à decrepitude, sob o olhar da deusa; e ele, cada vez mais, vai ficando enrugado, diminuindo de tamanho. Enfim, por piedade, é transformado em uma cigarra. Um fator que chama a atenção é que não é o próprio Titono que pede a imortalidade; o pedido é alheio e ele paga o preço do atendimento. O mito levanta, assim, a questão do desejo, por parte de alguém, de impedir a morte de um ente querido: esse intento é compreensível, mas tem que ter um limite, já que a mortalidade faz parte da própria condição biológica. A vida prolongada, além de certo ponto, tem como consequência o abatimento progressivo da pessoa, o que pode implicar uma grande carga de sofrimento e até certo grau de rejeição familiar e social.

Em *Alceste* (*Alcestis*, na edição espanhola usada), o tema da negação da morte retorna. Admeto, marido de Alceste, recebe das Moiras, por intervenção de Apolo, o dom de conservar a sua vida, no momento chegado de sua morte, caso alguém se disponha a morrer por ele. É óbvio que, querendo manter-se vivo a qualquer custo, Admeto procura um voluntário para seguir em seu lugar para a morada dos mortos. Possibilidades imediatas, seu pai e sua mãe não admitem substituí-lo. É Alceste que se sacrifica pelo marido. Admeto fica furioso porque seu pai não aceita morrer por ele, tampouco sua mãe. Embora velhos, ambos se sentem saudáveis e amam a vida o suficiente para não abrirem mão dela nas circunstâncias postas. A peça de Eurípidés traz claras acusações a Admeto: de que é ingrato e egoísta quando quer que seu pai morra por ele ou que sua mãe aceite falecer em seu lugar; de que é covarde, por temer a morte, por não assumir no tempo certo a ela destinado. Quanto a Admeto, nutre ódio por seu pai e por sua mãe, por não abrirem mão da vida, ainda que velhos. Admeto entende que ou o pai ou a mãe poderia morrer: não haveria prejuízo – em nem um dos dois casos.

E então, novamente, vem a questão: “Não ligue, que a morte é certa” (SAMPAIO, 2001, f. 4). A morte é certa, mas há pessoas que vivem bem, ou vivem muito. E sempre querem viver. José Saramago (1997, p. 43) observa que ninguém quer morrer, tenha a idade que tiver: “Morre-se sempre demasiado cedo, ainda que seja aos oitenta anos”. No entanto, neste mundo funcional e produtivista, os velhos não são bem aceitos, pois são tidos como improdutivos e trabalhosos. Na correria do dia a dia, tendo que dar conta de trabalho e economia doméstica, as pessoas, geralmente, não têm tempo para dedicar aos velhinhos, não têm paciência, muitas vezes, para lidar com suas necessidades e limitações, e, então, eles são vistos como criaturas já vencidas, importunas, que incomodam por permanecerem vivas além da conta. Essa linha de ideias está presente tanto em “Feliz aniversário” como em “Viagem a Petrópolis”; também aparece no filme de Mario Monicelli, *Parente é serpente*, no qual os familiares querem se livrar dos velhos pais – e acabam por provocar sua morte; e pode ainda ser detectada no discurso político-econômico acerca da previdência social (BEAUVOIR, 2018; HADDAD, 2017).

Na cantiga satírica “Ai dona fea, fostes-vos queixar”, de João Garcia de Guilhade<sup>5</sup>, tem-se o quadro no qual uma velha se queixa ao trovador por não ser homenageada em suas cantigas, provavelmente as de amor. Então o poeta atende ao seu pedido e compõe uma cantiga – de escárnio/maldizer – chamando a atenção para sua feiura e para sua loucura, a sandice, para ele, de querer ser bonita e amada, sendo uma velha. É ofensivo alguém usar essas imagens, mas elas são acionadas pelo poeta e elas pertencem, sabe-se bem, ao contexto social e à história das sociedades. Indicam a intolerância das pessoas com o idoso, com o afeto senil, com o direito ao amor e ao sexo na velhice, o que também aparece na *História de Gil Blas de Santillana*, de Alain-René Lesage (1999, p. 290): “‘Grande Deus!’, disse eu logo comigo, ‘por que se não persuadirão os rapazes de que são amados, quando este velho carcomido e carunchoso se persuade de ser adorado de uma rapariga?’”.

A canção “O velho”, de Chico Buarque de Hollanda, traz, vinda de um eu lírico jovem, a reclamação, dirigida a uma pessoa idosa, contra a autopreservação. A voz da juventude reclama que sua própria vida provavelmente acabará na mesma situação. Então a discussão é a seguinte: convém guardar-se, ao longo da vida, afastando-se de atividades consideradas nocivas? Vale a pena percorrer a vida esquivando-se da brincadeira, da festa, do carnaval? A prudência de não se comprometer nem se entregar é realmente necessária? Esquivar-se de dívida, saldo, rival ou amizade é apropriado, afinal? E eis que vem outra indagação: faz sentido se eximir de aproveitar a vida para garantir uma velhice saudável? Na canção, esse propósito de abnegação não ganha a adesão do eu lírico, apesar de este reconhecer que acabará na mesma estrada. Dizer “Não, foi tudo escrito em vão e eu lhe peço

---

5 GUILHADE, João Garcia de. Ai dona fea, fostes-vos queixar. In: Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <https://cantigas.fchsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520>. Acesso em 28/02/2023.

perdão / Mas não vou lastimar” (HOLLANDA, 1997, f. 7) significa demonstrar o quanto é lastimável uma vida que foi tão contida (austera?). A letra da canção remete à dinâmica da vida: a vida, cheia de mistérios, casualidades, desafios, feita de impulsos, sensações e possibilidades – orgânica, pulsante. Passageira, a vida interroga, silenciosamente, o que será feito dela. Vem de uma determinação moral abrangente a recomendação (ou exigência) de uma juventude (de toda uma vida) contida e “virtuosa” para uma velhice segura, a exemplo de Cícero (2021) ou do discurso da medicina social (COSTA, 1979; FOUCAULT, 1985; HADDAD, 2017). Uma norma moral, restritiva, coercitiva, impõe as regras de conduta (FOUCAULT, 1985); um poder disciplinar, fundamentado em regulamentos, inspeções, controles, produz os “corpos dóceis” (FOUCAULT, 1999). Quanto a Cícero e a seus pressupostos para uma velhice feliz, Simone de Beauvoir (2018) observa, mais de uma vez, como a moralidade do filósofo desconsidera as condições de vida da maioria das pessoas: o ponto de vista de Cícero é o de um homem rico, estável, magistrado eloquente, político poderoso, que escreve sempre supondo um estado de conforto para uma espécie de fruição da velhice (mas que acabará assassinado, pois não escapará das intrigas políticas – portanto não usufrui de condições tão estáveis assim, em uma Roma tão instável).

Os contos “A matéria do sonho” e “O livro de panegíricos”, de Rubem Fonseca, também são pertinentes quanto à discussão do tema do envelhecimento. “A matéria do sonho” apresenta a história de um jovem encarregado de cuidar de um velhinho frágil e debilitado (seu Alberto). É preciso: “dar banho nele, mudar-lhe a roupa, dar-lhe comida, colocá-lo na cadeira de rodas e passear” (FONSECA, 1999, p. 135). O jovem desenvolve filial afeto por seu Alberto e por sua companheira, dona Julieta: “Queria ser filho dos dois velhinhos” (FONSECA, 1999, p. 135), mas acaba precisando partir, envergonhado por ter sido flagrado, pelo filho do casal, em um momento íntimo. Vai embora após uma chorosa despedida, porém fica avaliando em segredo se seu substituto merece confiança. A narrativa expõe a questão da necessidade de cuidado na velhice, mostra que a situação é desgastante e que é necessário haver afeto no cuidar. Já o conto “O livro de panegíricos” dispõe a vida de um velho privilegiado, rico, mas abandonado por todos, em sua velhice desprezada. Ele já não se atém à vida, já não a preza; mas sua família percebe que seu suicídio é iminente e tenta impedi-lo. Um homem é contratado para cuidar dele e evitar o gesto fatal. Apesar de demorar a conceder os meios para o plano funesto, o “cuidador” facilita, finalmente, o suicídio. Então, tem-se algumas interrogações. Pode-se exigir de alguém que já desistiu de viver que preserve sua condição biológica? Até que ponto convém agarrar-se à vida? A pessoa tem o direito de assentar o ponto final em sua existência, considerada dispensável ou já entendida como tempo de prorrogação inútil? Uma nota, ainda: a personagem que oferece seus cuidados aos idosos, nos dois contos, é o mesmo, sempre em estado de instabilidade social e aflição psicológica (FERREIRA FILHO, 1999 – especialmente o capítulo “José: descaminhos da leitura”).

Querer viver e ter os dias contados. Enfraquecer e definhar com o avanço da idade. Precisar de cuidados. Perceber-se como incômodo para os outros, por dependências que envolvem necessidades básicas e higiene. Como indivíduos e sociedades enfrentam o problema do envelhecimento? Como a pessoa que envelhece e se aproxima da morte encara sua situação? São velhas questões, ligadas ao envelhecimento e à morte, que emergem desde sempre, ao longo da história. Repetem-se porque são iminentes, porque acometem, porque são inevitáveis, porque explodem, violentas.

As protagonistas dos dois contos de Clarice Lispector, aqui estudados, são mulheres, Anita e Mocinha. As narrativas dispõem, para o leitor, mulheres idosas vivendo o isolamento, no contexto da sociedade brasileira.

#### **4 Solidão feminina**

A velhice é desvalorizada no mundo contemporâneo. As pessoas mais velhas são geralmente rejeitadas pela sociedade, não tendo mais o mesmo prestígio dos tempos antigos, se é que foram prestigiadas. Pode-se notar, ao longo do tempo, o grande destaque dado para a aparência das pessoas e também para a sua condição financeira, não para a experiência adquirida no decorrer da vida. Realmente, a idade se torna um problema cada vez mais presente nos dias atuais: “Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias” (BEAUVOIR, 2018, p. 8).

Em *A ciranda das mulheres sábias*, é destacada a importância da relação entre a mulher jovem e a mulher mais velha. Clarissa Pinkola Estés, a autora, psicanalista, discute o quanto é fundamental a presença feminina de uma idosa na vida de uma jovem. Ela ilustra que, quando se pensa em lendas e mitos e se imagina uma moça jovem em uma situação desafiadora, dificilmente se vê um príncipe aparecendo para ajudá-la, e sim uma “velha sábia”, que surge e auxilia a moça a encontrar seu caminho (ESTÉS, 2007, p. 17-18). Essa mulher idosa, que surge repentinamente, pode ser vista como uma grande mãe, uma avó, uma anciã, que tem sabedoria para aconselhar a moça perdida, ingênua, que ainda não consegue seguir “o que sua alma sabe” (ESTÉS, 2007, p. 18); quanto aos heróis dos contos de fadas: “Os príncipes são bons. Os príncipes podem ser excelentes, mas, com frequência, nos mitos, é a velha que tem algo de realmente bom a dar” (ESTÉS, 2007, p. 18). O arquétipo da velha sábia está ligado à força vital feminina e pode aproximar da realidade subjetiva e social questões primordiais presentes nos mitos. A relação entre a mulher jovem e a mulher idosa aciona, para ambas as partes, um conhecimento intuitivo, que se perde no tempo e na vida, uma força orgânica e telúrica. A autora destaca o grande valor das mulheres mais velhas, vigorosas, vistas como maduras e sábias, que também são afetuosas e oferecem orientação para que as jovens floresçam.

Essa força ancestral, essa energia arquetípica, esse poder vital feminino estão ausentes das vidas das protagonistas dos contos “Viagem a Petrópolis” e “Feliz Aniversário”, nos quais, criticamente, a mulher idosa aparece como uma pessoa posta de lado, inativa. Num mundo desencantado, produtivo e consumista, sua vida foi banalizada, sua ação foi reduzida a um automatismo social comum, e a mulher idosa pessoalmente é considerada desnecessária. Sem nenhuma autonomia, a idosa vive um resto de vida, imersa na alienação. Isto vale para os dois contos, mas há diferenças.

Quanto ao dilema vivido pela personagem Mocinha, no conto “Viagem a Petrópolis”, ela se dispersa em resquícios de suas memórias, em acontecimentos perdidos do passado. Lembra-se de quando vivia com seu marido e seus filhos; mas a atenção do leitor pode observar que os afetos familiares estão quase dissipados, assim como todo o seu passado. Volta à lembrança dificultosa a época em que era mais jovem, vigorosa e vibrante, sem os traços da velhice:

Então uma coisa muito curiosa, e sem nenhum interesse foi iluminada: quando ela era ainda uma mulher, os homens. Não conseguia ter uma imagem precisa das figuras dos homens, mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos. A sede voltou-lhe, queimando a garganta (LISPECTOR, 2016, p. 324).

Junto a uma vitalidade já pretérita e a uma energia sexual que retorna e dá o seu sinal, percebe-se a valorização da aparência jovem e do que é considerado bonito. A sexualidade da pessoa idosa surge como problema. Mocinha está na estrada de Petrópolis, admira a paisagem e fica encantada com a beleza do ambiente, já perto de morrer, quando recorda a si mesma, como mulher jovem. Deseja, porventura, voltar a esse tempo, levando, possivelmente, em consideração mais sua aparência (“quando ela era ainda uma mulher”) do que sua experiência de vida, tão sofrida, tão diminuta e sumida afinal.

Também ganha destaque, na passagem, o cabelo feminino. O cabelo da mulher, culturalmente, representa em alto grau sua própria feminilidade, sua beleza, sua sensualidade. As transformações físicas – do corpo, da aparência, dos longos e belos cabelos com sua cor natural – podem provocar na mulher preocupação e desconforto, já que a sociedade discrimina a aparência das pessoas idosas. No caso feminino, toda a atenção recai sobre a juventude; o corpo idoso é quase desconsiderado. O autocuidado, para as mulheres idosas, no entanto, não está descartado, apesar da discriminação. É a própria Mocinha que, pouco antes de ser levada a Petrópolis, solicita um tempinho para se arrumar melhor: “Inesperadamente Mocinha pediu uns instantes para pentear os cabelos. As mãos trêmulas seguravam o pente quebrado. Ela se penteava, ela se penteava. Nunca fora mulher de ir passear sem antes pentear bem os cabelos” (LISPECTOR, 2016, p. 319).

A valorização da aparência é realçada em outro sentido, como vaidade e como exibição social, no conto “Feliz Aniversário”. Na festa encenada pela família,

filhos, noras, netos, bisnetos, todos estão vestidos com esmero, pois fica evidente a competição: “Os que vieram de Olaria estavam muito bem-vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana”; “esta vinha com o seu melhor vestido”; “acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata” (LISPECTOR, 2016, p. 179).

Em “Viagem a Petrópolis”, a juventude retorna, na memória; ressurgem o momento em que Mocinha sentia que era uma mulher bonita e sedutora. Notemos, ainda uma vez, a marcação do narrador: “quando ela era ainda uma mulher” – há uma censura social contra a sexualidade dos idosos, mais ainda no caso das mulheres. Naquela fase da vida, ela, possivelmente, não se sentia tão sozinha, rejeitada e carente como em sua velhice. Agora, mesmo sendo tão distraída, é atingida pela rejeição.

Simone de Beauvoir comenta que é muito comum ver meios de entretenimento diretamente destinados ao público mais jovem, como crianças, adolescentes e adultos; já com os mais velhos não existe a mesma preocupação: os idosos são ignorados pela sociedade em geral. Segundo a autora, “os velhos não têm nem as mesmas necessidades nem os mesmos sentimentos que os outros homens, já que nos basta conceder-lhes uma miserável esmola para nos sentirmos desobrigados com relação a eles” (BEAUVOIR, 2018, p. 9). Fica evidente o tipo de atenção que recebem. Mesmo atividades de lazer, programadas para o público idoso, podem esconder uma tutela da velhice, praticada pelos “reformuladores do fim da vida”, preocupados apenas em dar ocupação – e trabalho – aos “desocupados” e “infelizes”, como se todos fossem tão fortes e saudáveis, como o discurso da “mistificação pedagógica” supõe (HADDAD, 2017).

Em “Viagem a Petrópolis”, a excitação, provocada pela iminência do deslocamento do Rio de Janeiro para Petrópolis (ela passa a noite insone), faz Mocinha se lembrar de coisas praticamente esquecidas, de si, de sua família. A viagem a Petrópolis é a viagem final. A viagem fatal. As lembranças, então, retornam, no final do conto (no final da vida da personagem): “Na rua, de novo pensou em Maria Rosa, Rafael, o marido. Não sentia a menor saudade. Mas lembrava-se” (LISPECTOR, 2016, p. 323). No momento final da vida, quase sem perceber, Mocinha se lembra de seus familiares perdidos. Imperceptivelmente, quer fugir da solidão, deseja companhia. Ela é rejeitada por todos aqueles com quem se relaciona no presente. Se estivesse, agora, no fim da vida, entre os membros de sua desaparecida família? O tempo final da vida (o tempo do envelhecimento e da morte) fragiliza. Assinala Norbert Elias (2001, p. 8): “A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola”; “Podem” – os idosos – “tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros”. Mocinha é bastante sociável; os outros que a isolam – e seus familiares estão mortos.

Em “Feliz aniversário” há vínculo familiar, em diferentes graus, entre Anita e os que a rodeiam, o que expõe ainda mais o problema da velhice no seio familiar:

a indiferença não vem de estranhos, mas de parentes. A personagem Anita não está tão sozinha quanto a personagem Mocinha, porque tem seus filhos, noras, netos, bisnetos e mora com sua filha Zilda. Mas há desencontro entre os parentes: são desunidos e mal se suportam. A correria cotidiana da vida e seus interesses particulares os afastam completamente. A reunião da festa de aniversário não passa de uma obrigação e é, afinal, incômoda. Os parentes não se interessam pela matriarca. E, de alguma maneira, a aniversariante percebe isso, apesar de sua quase indiferença, “posta à cabeceira” da mesa.

Anita e Mocinha sofrem as dores da solidão, da falta de empatia. Elas expressam a situação de muitos idosos que, mesmo acolhidos em um lar, mesmo contando com a presença dos outros residentes, estão isolados. O carinho, o afeto, o cuidado amoroso são raros à maioria dos idosos. Quando alguém se encontra na fase final da vida, na velhice ou em caso de doença, o isolamento e a solidão não fazem bem – e, no entanto, falta companhia; conforto, confiança e afeto fazem falta.

Em “Feliz aniversário”, toda a força da resistência de Anita – ou de sua revolta – se manifesta; provém do rancor: “O rancor roncava no seu peito vazio” (LISPECTOR, 2016, p. 185). Ela reage, repentinamente, à hipocrisia familiar, mas suas avaliações são limitadas, já que são emocionais, imediatas, impensadas – e conservadoras. Observando-se bem, a infeliz Anita é a matriarca comum da família nuclear, disciplinada, convencional, ordeira, habitual. No caso da protagonista de “Viagem a Petrópolis”, que não tem onde morar, sua distração (sua sensibilidade dispersa) a protege um pouco dos golpes sucessivos que recebe ao longo da vida. Já para Anita, que mora com a filha, a proteção talvez seja somente o seu esmorecimento, à cabeceira da mesa de aniversário, seguido de sua reação rancorosa. Se Anita não é rica, pelo menos tem um lar. Mocinha passeia (vaga); mora de favor e acaba posta no meio da rua, entregue à própria sorte – à própria morte.

Os contos abordam o tema da solidão feminina na velhice. As personagens principais são rejeitadas, abandonadas, desprezadas pelas pessoas por simplesmente serem “velhas demais” para o convívio social. As protagonistas perderam o valor humano e ficaram reduzidas a coisas; deixaram de despertar afeto e passaram a ser estorvos; em uma sociedade material e econômica, são vistas como improdutivas e inúteis. Eneida Haddad descreve a condição infeliz dos idosos, a “tragédia do fim da vida”, como resultado de um processo econômico voraz e atroz no qual a dominação e a exploração subjugam o trabalhador, reservando para ele um futuro de sofrimento e pauperização. Para a autora, a geriatria e a gerontologia desconsideram as condições materiais de vida do trabalhador e desenvolvem um discurso sobre a velhice que afinal é desfavorável aos velhos e também injusto, pois, sem base nenhuma, ataca a aposentadoria e defende o trabalho do “inativo” como solução para o seu drama, uma forma de tornar o trabalhador “produtivo” até o fim da vida. A saúde dos velhos é um privilégio imenso, mas, em muitos casos, ao contrário, estão pobres, doentes e necessitados.

O poder de normalização da medicina e sua autoridade para definir a maneira de viver já foram apontados e discutidos em muitos contextos (COSTA, 1979; FOUCAULT, 2001; FOUCAULT, 1985). O discurso médico pode apresentar, com toda a aparente segurança, a solução para o isolamento dos idosos. “O problema começa quando percebemos que a lucidez científica das terapêuticas dirigidas às famílias esconde, muitas vezes, uma grave miopia política”, adverte Jurandir Freire Costa (1979, p. 17), ao discutir o processo de “normalização das condutas e sentimentos” que leva à mudança da família colonial para a família burguesa no Brasil. Sua conclusão é que “Graças a essa tática, a ordem médica criou sua norma familiar” e, com isso, “Tornou possível a exploração do corpo e do sexo de todos aqueles que, oprimindo, se acreditam acima da opressão. De todos aqueles que, extorquindo os oprimidos, nem por isso escaparam à extorsão” (COSTA, 1979, p. 274). Ordem médica e norma familiar são subsidiárias da ordem social.

Todo o desprezo de Anita, a matriarca de oitenta e nove anos, por sua família, vem de uma avaliação fundamentada nos seus valores, que são os valores morais, afinal econômicos, implementados pela ordem familiar e social imposta pelo poder. Ela entende que seus filhos “não passavam de carne de seu joelho”. Pergunta: “Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?”. Considera sua vida familiar razoável, pois, como julga, era “a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos”. Pondera que “O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria”. E conclui com uma interrogação: “Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade?” (LISPECTOR, 2016, p. 185).

Michel Foucault (1985, p. 231) aponta, na moral que dirige as consciências em busca do estabelecimento dos regimes de conduta, o “reforço dos temas de austeridade”. Talvez a avaliação negativa de Anita resulte de sua insatisfação com o tratamento que recebe dos filhos, netos, bisnetos e noras. Sua revolta ocorre de repente, num rompante; mas ela fica quase o tempo todo neutralizada, posta à cabeceira da mesa, enquanto acontece a festa insípida, arrastada, quase interminável. Não percebe, afinal, que ela e toda a sua família fazem parte da mesma representação social – política e econômica – e que a organização inclui o disciplinamento das condutas. A família tem função conservadora dentro da ordem. É no cenário do mesmo teatro social que a velhice é relegada à displicência.

## **5 Solidão social: o tema do envelhecimento em sala de aula**

A desolação dos idosos é uma dificuldade humana recorrente ao longo da história e permanece no tempo presente, agravada pela rapidez das transformações atuais, que dá aos mais novos uma sensação de arcaísmo em relação a tudo o que diz respeito aos anciãos. Como ilustra a canção “Velha roupa colorida” (BELCHIOR,

1989, f. 2), o que ontem era novidade, hoje já é antiquado. Com isso, o próprio mundo dos mais velhos vai ficando para trás.

Seja pelo avanço das medidas científicas de tratamento de doenças, pelo crescimento da população, pelo aumento da longevidade ou por outros fatores, o número de idosos tem crescido nas sociedades em geral; no entanto, nem sempre a extensão da vida pode ser comemorada, pois o viver é considerado do ponto de vista econômico e a idade avançada não é tida como positiva, constituindo-se mesmo como aborrecimento, em âmbito familiar, social e político-econômico. O próprio sistema “previdenciário” costuma tratar o idoso como fardo. “O envelhecimento da população é uma realidade em quase todo o mundo. Mas a velhice está em perigo, ameaçada pelo fato de viver mais” (HADDAD, 2017, p. 25). Nota-se que, “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (BEAUVOIR, 2018, p. 7). Além da solidão dos mais velhos, a morte também se tornou um assunto evitado entre as famílias, sendo tratada como um tabu nas sociedades ocidentais.

Observe-se que a problematização do tema do envelhecimento, com todas as suas implicações, pode ser um ponto de pauta importante no contexto educacional. Considerando a formação de leitores e a prática de leitura na escola, valiosas discussões podem ser feitas a partir do texto literário. As leituras literárias provocam o pensamento crítico. Todos os temas sociais são relevantes e, presentes na literatura, podem ser trabalhados em sala de aula, uma vez que atravessam a vida de todos, de uma maneira ou de outra. Crianças e adolescentes têm tios, avós e até podem ter bisavós ou tataravós. As gerações convivem e os valores do tempo presente vão relegando à desconsideração os dados do passado. A obra de Clarice Lispector, por recorrer bastante ao tema da velhice, é um excelente material para uma abordagem interdisciplinar do assunto, pois possibilita discussão e análise da questão junto aos estudantes.

Nesse sentido, a partir da prática de leitura, o diálogo entre leitores no âmbito escolar pode ser muito proveitoso. A leitura de Clarice Lispector na sala de aula pode gerar debates. O assunto interessa. Os contos “Viagem a Petrópolis” e “Feliz aniversário” apresentam como protagonistas duas idosas que, apesar de pertencerem a classes sociais distintas, acabam tendo o mesmo fim amargo e solitário de abandono na velhice. Para Norbert Elias (2001), a morte se inicia muito antes do momento final, agravada pelo afastamento lento e gradual dos mais velhos e moribundos do espaço social, o que também pode ser discutido a partir de ambos os textos de Clarice Lispector.

No conto “Viagem a Petrópolis”, a percepção dos residentes de que a presença de Mocinha no lar já é excessiva ocorre com certa surpresa (como pôde ter permanecido na casa por tanto tempo?):

Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha,

ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: “olha!”. Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo (LISPECTOR, 2016, p. 317).

O desgaste só vai crescer. É como se a senhora, simplesmente por existir, gerasse embaraço aos membros da família que lhe acolhe distraidamente. Tal dificuldade é explicada por Norbert Elias (2001) pelo fato de os jovens não se identificarem com velhos e moribundos, distanciando-se e evitando o contato direto com eles. A juventude, muitas vezes, por seu vigor característico, traz a ilusão de imortalidade, logo os mais velhos acabam isolados pelos novos, por remeterem à fragilidade e à finitude da vida. Simone de Beauvoir (2018, p. 10) também aponta esse estranhamento com os mais velhos, já que, segundo ela, “antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros”.

Não é incomum, dessa forma, que os idosos, em festas familiares, quando presentes, fiquem sempre sentados a um canto, isolados dos demais. Mesmo estando ali, não há integração para eles. Todos falam, mas ninguém quer parar para ouvi-los, muitas vezes por se tratar sempre das mesmas histórias (importantes para quem as conta, mas cansativas para aquele que ouve). Norbert Elias comenta que a morte, seus elementos, seu drama e todas as pessoas ligadas a ela (como velhos e moribundos) vão sendo expulsos para os bastidores da vida, restando uma experiência solitária e desassistida para os mais velhos. Ainda segundo Norbert Elias, em outros períodos históricos, como na Idade Média, a temática fúnebre, contrariamente, tomava mais espaço no âmbito social, no dia a dia, pois a expectativa de vida menor e piores condições de saúde e tratamento tornavam a morte muito mais presente e mencionada, inclusive em conversas com as crianças e nas artes, de modo geral. A morte era muito mais notória, pública e frequente, tornando-se, assim, bem mais aceita. A morte não era ocultada nem dissimulada.

No conto “Feliz aniversário”, pode-se perceber que Anita, apesar de ter melhores condições de vida que Mocinha (a qual nem familiares tinha), vive, do mesmo modo, o abandono familiar, mais sutil, mas também dilacerante. Ela, que mora com a filha Zilda, só vê parte dos outros familiares quando completa anos.

Nos dois contos, Clarice Lispector apresenta o tema da pessoa idosa como estorvo, como um peso para os mais jovens e para a família, perspectiva muito presente na cultura ocidental. Essa maneira de ver as coisas pode ser explicada pelo modelo econômico exploratório que a todos subordina: “o material humano só interessa enquanto produz” (BEAUVOIR, 2018, p. 11). Em decorrência de condições financeiras, de doenças e demais agravantes para a saúde, são poucos os idosos que conseguem ter uma boa qualidade de vida e “envelhecer bem”. A maioria necessita de cuidados especiais e, principalmente, de afeto e atenção; porém o que ocorre, muitas vezes, é que a família, pela rotina estressante e cheia de afazeres, acaba deixando os mais velhos de lado, isolando-os e, consequentemente, deixando insatisfeitas suas necessidades de convivência e amor – e tudo

piora quando a pessoa idosa é pobre. É muito comum a dificuldade, ou mesmo o desinteresse, da família de cuidar bem dos mais velhos, abstendo-se, muitas vezes, da responsabilidade; se o idoso sofre privações, somam-se essas angústias aos apuros da idade. Na história de Mocinha, que não tem parentes que lhe valham, isto é ainda pior: quando o grupo entende que não tem responsabilidade com ela, por não haver laços familiares, a pobre senhora é simplesmente descartada; depois, outra vez é recusada, na casa que seria o seu novo lar; em conclusão, resta a ela apenas a rua, o desamparo e o fim.

Apesar de ter parentes, Anita vive uma situação semelhante. Seus parentes só a visitam em seu aniversário, deixando a senhora sob os cuidados somente da filha Zilda, o que visivelmente a sobrecarrega: “ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revolvido” (LISPECTOR, 2016, p. 183). É comum que a responsabilidade de cuidar de um ente idoso fique apenas para um dos filhos, normalmente para uma mulher, ou somente para uma parte da família, o que acaba por gerar conflitos em relação ao cuidado devido.

Outra questão que se pode destacar é o sentimento de dor dos idosos quando percebem a falta de afeto e a superficialidade das relações familiares. No conto “Feliz aniversário”, a aniversariante reage e, em sua cólera, vê os membros de sua família como “ratos” (LISPECTOR, 2016, p. 185). Simone de Beauvoir apresenta explicações para essa revolta, comum, dos idosos. Para a autora, “o velho permanece em atitude de defesa, mesmo quando todas as garantias de segurança lhe são dadas, porque não tem confiança nos adultos”, pois “teme que lhe façam favores em nome de uma moral convencional que não implica respeito nem afeição por ele” (BEAUVOIR, 2018, p. 519). E, como se pode perceber no conto, esse é o caso da idosa, a qual, pela falta de proximidade, ganha na despedida dos parentes, que só a visitam quando ela faz aniversário, “um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha” (LISPECTOR, 2016, p. 188).

São questões sociológicas, psicológicas, existenciais. A velhice faz ou fará parte da vida de todos. Todos convivem ou conviverão com um idoso. Todas as pessoas envelhecem, caso a morte não as surpreenda antes. O afastamento, o abandono dos idosos e mais frágeis, é resultado, em boa medida, do medo da morte. Simone de Beauvoir (2018, p. 244) reafirma esse apontamento ao dizer que “a velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós”.

Todo um sistema de defesa (de crenças) é adotado para dar alívio à ideia do fim da existência: normalmente a figura do velho remete à decadência física (e mental), à qual, no entanto, todos estão destinados. Segundo Norbert Elias, o fato de naturalmente perder entes queridos na infância acaba por afetar, de certa maneira, a relação do indivíduo com a morte, induzindo-o a negar sua existência e, por isso, a evitar falar sobre ela. Como consequência disso, muitos não conseguem lidar com

velhos e moribundos, pois isso também implicaria aceitar a ideia da própria morte. A convivência com pessoas em estágios mais avançados de velhice e de doença pode acabar por agravar ainda mais as fantasias inconscientes de imortalidade.

O modo de vida social, de acordo com Norbert Elias, também está condicionado por este padrão de pensamento. Ao longo do tempo, o indivíduo adquire cada vez mais previsibilidade de sua saúde, com a ajuda de um conjunto de medidas médicas (tecnologia medicinal, precisão dos remédios, leque de vacinas etc.) e sociais (saneamento básico, água tratada etc.). Com esses controles, a morte tornou-se algo cada vez menos presente no cotidiano, em comparação com o passado. A relativa segurança social, que se adquiriu, diminuiu cada vez mais a necessidade de uma pessoa lidar com a morte, o que, por sua vez, implicou uma maior dificuldade de se conviver com a fase final da vida.

Hoje, o desconforto em lidar com o tema é grande; acaba-se por tentar esconder das crianças a morte de um parente, reforçando, indiretamente, a ideia de que a morte é algo a ser temido, uma espécie de tragédia inaceitável e não um acontecimento natural da vida. O livro de Norbert Elias ainda mostra como as pessoas desenvolveram formas cada vez mais eficientes e inodoras de lidar com os cadáveres, delegando essa tarefa a pessoas especializadas, o que, segundo ele, afasta ainda mais os familiares na hora da morte. No final das contas, tenta-se criar formas mais eficazes de postergar e evitar o fim, temido por todos – até o extremo da negação.

De acordo com Simone de Beauvoir (2018, p. 11), “o fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização”, pois assim que os mais velhos se tornam improdutivos para o sistema econômico, são destinados ao isolamento. Isso indica todo um impasse social: a função econômica da pessoa vale mais que a própria pessoa.

Temas tão evitados, como envelhecimento, isolamento e morte surgem na ficção de Clarice Lispector. A leitura de seus textos, no contexto educacional, pode gerar análises e discussões muito pertinentes. Muitas vezes o amparo de que o mais frágil precisa é comunicação e afeto, mas os mais jovens se sentem embaraçados ante essa possibilidade, não sabendo como lidar com essas pessoas, nem o que dizer a elas. A discussão do problema, a partir de leituras literárias, pode ser o começo do caminho de busca de compreensão do problema e de esforço por bem-estar e conforto social.

## **Leitura e pensamento (Considerações finais)**

O prolongamento da vida, nas sociedades, acaba sendo um problema, porque não existe uma responsável preocupação política e econômica com os idosos, que acabam sendo vistos como improdutivos, inativos e até inúteis, num contexto de preocupação material em que o lucro é que é sempre a meta principal, sendo o ser humano apenas uma ferramenta de produção e objeto a ser explorado. Assim, a

própria previdência social é imprevidente, pois encara o idoso como carga financeira para o Estado.

Os contos “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis” são apropriados para leituras e discussões em todos os níveis escolares, pois podem estimular pesquisas e reflexões sobre problemas que atingem todos, de uma maneira ou de outra. A ficção de Clarice Lispector, por constituir-se de uma reflexão existencial, que abarca vários aspectos sociais, políticos e econômicos, fortalece a literatura como instância de pensamento, pois convida ao exercício crítico.

Assim, a leitura de “Viagem a Petrópolis” e “Feliz aniversário”, em sala de aula, pode proporcionar reflexão, pesquisa e discussão sobre um problema da maior importância: a vida – a vida e suas dimensões plurais, constituídas de fatores, como política, economia, trabalho, sociedade, família, subjetividade, envelhecimento e morte.

## **FINAL INSULATION: AGING AND DEATH IN TWO SHORT STORIES BY CLARICE LISPECTOR**

**Abstract:** Human aging is discussed based on two short stories by Clarice Lispector, “Feliz aniversário” and “Viagem a Petrópolis”. The theme of both stories – the aging – has a great importance in the literature history and appears in myths, songs, poems, plays and narratives. In the article, aspects that accompany the aging process are highlighted – senses restrictions and body movements, social isolation and loneliness. In the course of the work, the characters Anita and Mocinha help to punctuate issues such as memory and family relationships. In the theoretical scope, authors such as Jurandir Freire Costa, Erving Goffman, Simone de Beauvoir, Eneida Gonçalves de Macedo Haddad, Marco Tulio Cicero, Michel Foucault and Norbert Elias are taken as references. It is proposed that the theme of aging be taken to the classroom, a place where important reflections on this drama can be made, at all education levels.

**Keywords:** Clarice Lispector; Education; Life; Aging; Death.

## **Referências**

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BELCHIOR. *Alucinação*. Produzido por Mazola. São Paulo, Polygram, 1989. 1 CD (LP lançado originalmente em 1976).

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer; Lélío ou a amizade*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2021.

- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A Ciranda das mulheres sábias*. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- EURÍPIDES. *Alcestitis; Medea; Hipólito*. Introducción y notas: Antonio Guzmán Guerra. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2015.
- FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. *A confraria dos bibliófilos: leitores e livros na ficção de Rubem Fonseca*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Línguas e Letras. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1999.
- FONSECA, Rubem. *Lúcia McCartney*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Edição estabelecida, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Valerio Marchetti e Antonella Salomoni. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 20. ed. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUILHADE, João Garcia de. Ai dona fea, fostes-vos queixar. In: Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. [Consulta em 28/02/2023]. Disponível em: <https://cantigas.fcs.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520>.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *Chico Buarque de Hollanda: volume 3*. Direção de Gravação: Benil Santos. Coordenação: Roberto Colossi. Barueri, SP: RGE, 1997. 1 CD (LP lançado originalmente em 1968).
- LESAGE, Alain-René. *História de Gil Blas de Santillana*. Tradução: Bocage. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Organização: Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Organização e introdução: Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 1998.

MONICELLI, Mario (Diretor). *Parente é serpente*. São Paulo: Versátil Home Video, 1992. 1 DVD.

RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael (Organização, introdução, tradução, comentários e notas). *Elegia grega arcaica: uma antologia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Mnema, 2021.

RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves (Edição e organização). *Hinos homéricos: tradução, notas e estudo*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAMPAIO, Sérgio. *Eu quero é botar meu bloco na rua*. Direção de produção: Raul Seixas. Remasterizado a partir das fitas originais por Ricardo Garcia sob a supervisão de Charles Gavin. São Paulo: Universal Music, 2001. 1 CD (LP lançado originalmente em 1973).

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

*Recebido em 22 de março de 2023*

*Aceito em 30 de abril de 2023*

# PROCESSOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO SEMÂNTICO-LEXICAL DA REGIÃO OESTE DA BAHIA

*Zoraide Magalhães Felício<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo descreve a metodologia que vem sendo utilizada para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado intitulada “Atlas Linguístico Semântico-Lexical da Região Oeste da Bahia”. Para tanto, adota as técnicas de pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira auxilia na construção da argumentação teórica, que se alicerçou em obras de eminentes estudiosos sobre o tema, quais sejam, Thun (2005, 2009), Labov (2008), Cardoso (2010). Já a pesquisa de campo possibilita investigações que, somadas à argumentação teórica, subsidiam a análise dos dados coletados das falas dos informantes. A metodologia enfatiza, ainda, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional como um fazer teórico-metodológico, por descrever, concomitantemente, as etapas e os critérios que as fundamentam. Estas etapas são as seguintes: a seleção das comunidades pesquisadas (rede de pontos) e dos informantes; os instrumentos da coleta de dados (ficha de informante, temas para discursos semidirigidos); a coleta de dados e o questionário semiestruturado semântico-lexical aplicado aos colaboradores dos municípios de Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita de Cássia. Esses pontos são escolhidos por serem centenários e fazerem parte da bacia hidrográfica do Rio Grande, um

importante afluente do rio São Francisco. São escolhidos para a pesquisa oito (08) informantes por localidade da rede de ponto (05), o que perfaz um total de quarenta (40) inquiridos. Como a investigação está em andamento, ainda não se pode apresentar quaisquer resultados e conclusões de caráter definitivo.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия pluridimensional e relacional; Atlas linguístico; Metodologia.

## Introdução

Remontam aos filósofos gregos os primeiros estudos sobre a linguagem. Hoje, em pleno século XXI, ainda causa fascínio esta capacidade de comunicação - restrita aos humanos - de manejar um conjunto de signos para expressar suas ações e materializar seus pensamentos. Dito assim, parece simples, porém, esse manuseio com os signos associa não somente aspectos linguísticos, mas culturais que

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos de linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) campus XI.

possibilitam ao falante imortalizar sua existência por meio da difusão de sua cultura: crenças, hábitos, religiões e tradições. Essa propagação de linguagem/cultura é motivada pelo manuseio da língua de formas variadas possibilitadas pelo sistema linguístico que “é um conjunto de vias fechadas e vias abertas [...]”, conforme Coseriu (1979, p. 61).

Conforme Costa e Isquerdo (2013, p. 133), “a língua reflete aspectos da identidade de um grupo, uma vez que exprime suas ideias e retrata a sua realidade.” Pode sofrer alterações, influências e adequar-se de acordo com as necessidades de seus falantes. Em outras palavras, a língua varia e, por meio dessa variação, é possível mapear uma comunidade linguística. Mas, o estudo da variação linguística não seria possível sem a criteriosa observação do léxico dessa língua, tendo em vista que ele se constitui como “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua.” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

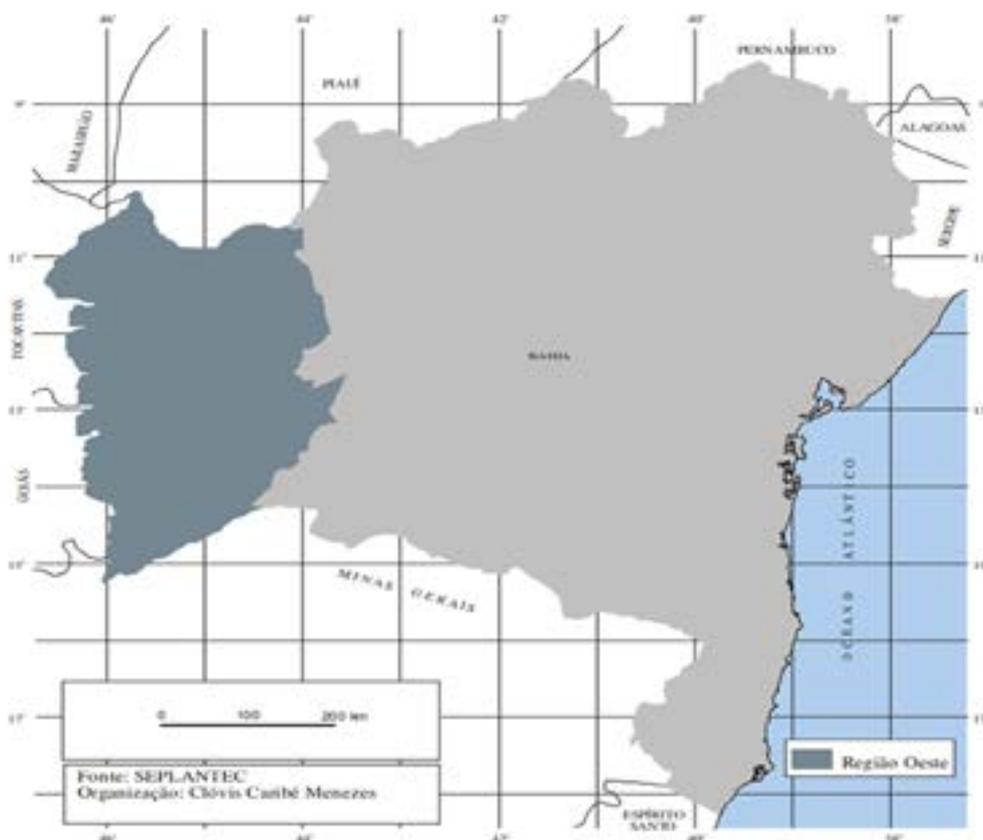
Uma das formas de se estudar o léxico é utilizar a pesquisa dialetológica. E isso se faz por meio da construção de Atlas Linguísticos, que são cartogramas em que se registram as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas presentes em cada uma das localidades escolhidas. Considerando essa premissa, a proposta deste artigo é descrever a metodologia utilizada para a pesquisa de doutorado intitulada *Atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*. Objetiva-se expor, parcialmente, os critérios adotados para a construção da metodologia, quais sejam: seleção das comunidades pesquisadas e dos informantes, coleta e instrumentos da coleta de dados.

Este estudo se justifica por ser inédito, porquanto a região pesquisada ainda não foi objeto de cartografia dialetológica pluridimensional. Ademais, conforme Figueiredo Junior (2019), há várias vantagens decorrentes da existência de um atlas linguístico de uma região, tais como a focalização na descrição linguística, a oportunidade de descobrir fatos externos responsáveis pela variação dialetal e a historiografia da língua em uso em dadas coordenadas geográficas, temporais e sociais.

## **1 O espaço linguístico da pesquisa**

O surgimento da região oeste da Bahia coincide com a história da colonização do Brasil. Segundo o que consta no livro *Resumo histórico de nossas origens* (BARREIRAS, 2001), no espaço geográfico do oeste baiano, o rio São Francisco e seus afluentes da margem esquerda constituíram-se como caminhos naturais para os desbravadores e colonizadores. Estes, percebendo a fertilidade de suas margens, desenvolveram uma economia que se baseava na pecuária, na agricultura e na mineração. Pelos rios, escoava-se a produção da região e recebiam-se outros mantimentos.

**Figura 1:** Região oeste da Bahia.



Fonte: (SEPLANTEC apud SANTOS, 2007, p. 35).

Antes da chegada dos colonizadores, a região oeste da Bahia era habitada pelos povos indígenas croás e Xacriabás, etnias que habitavam as margens do Iassu, nome dado por eles ao Rio Grande e pelos Aricobés. Contudo, com a chegada dos colonizadores, os povos indígenas viram suas terras sendo invadidas e defendiam-se atacando. Dessa forma, muitos combates aconteceram.

Esses confrontos tiveram como causa principal o fato de a pecuária consolidar-se como um fator fundamental para a chegada das primeiras populações à região oeste da Bahia. Como o rebanho avançava em terras cercadas pelos rios, foi necessário que os colonizadores lutassem para conquistar mais áreas de pastagem. Assim que os desbravadores chegaram à confluência dos rios Grande e São Francisco, uma nova comunidade surgiu e deu origem à cidade de Barra. Essa região foi dependente economicamente dos rios Preto, Grande e São Francisco por longo tempo.

No século XVII, o rei de Portugal ordenou que fossem fundadas novas comunidades nas bacias dos rios Grande, São Francisco e Preto, com a finalidade de atender aos habitantes locais que chegavam de Lisboa, pedindo segurança contra os ataques dos indígenas. Além disso, outro fator que impactou a constituição de

comunidades na região foi o crescimento do comércio e a grande circulação de barqueiros. Assim, houve uma evolução em outros setores comerciais, a exemplo do látex extraído da mangabeira, árvore nativa do cerrado no oeste da Bahia, iniciando, desse modo, o consumo da borracha na Europa.

Por conseguinte, a localidade atraiu vários imigrantes, e o lugarejo começou a se transformar em cidade. A produção nativa da mangabeira, da qual se retira a seiva, o látex substância semelhante ao leite, com o qual se faz a borracha, foi fator determinante para o estabelecimento dos imigrantes e para o rápido crescimento da economia e do lugarejo.

Com o progresso acelerado, desbravadores e barqueiros navegavam facilmente no Rio Grande, acelerando o crescimento da economia. Isso fez surgir o povoado São João – hoje Barreiras<sup>2</sup> – que se expandiu como entreposto comercial, uma vez que havia uma conexão entre Goiás e Piauí. Com toda essa navegação, dois pontos foram fundamentais para a comercialização dos produtos: o desembarque de mercadorias enviadas para Goiás e Piauí e o escoamento da produção local até as regiões que exploravam ouro em Minas Gerais.

Atualmente, a região oeste da Bahia é um grande polo agrícola, o que tem influenciado, significativamente, a migração de muitos agricultores sulistas e de outras regiões, que vieram comprar terras e nelas implantando explorações agrícolas altamente modernizadas.

A economia da região oeste se fortaleceu a partir dos anos 1980, com a chegada de agricultores vindos da região sul do país que introduziram a cultura da soja. Hoje, essa cultura na região ocupa uma área de 1.580.000 hectares, além das culturas de algodão, com 331.000 ha milho 150.000 ha, café 8.600 ha e outras que somam 375.000 ha. Conforme informação da Associação de Irrigantes do Estado da Bahia (AIBA, 2019), Barreiras é o principal centro urbano, político, comercial e econômico dessa região, e é para onde converge a população de outras cidades da microrregião, seja pela oferta de trabalho, seja pela disponibilização do ensino superior. Além disso, interligada por estradas asfaltadas a outros centros do litoral nordestino, Barreiras confirma sua localização estratégica na região, tornando-se importante entroncamento rodoviário entre o Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Para a construção do *Atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*, considerou-se o marco fluvial importante desta região, o Rio Grande, conforme figura 2, importante afluente do rio São Francisco. Assim, optou-se pelos municípios mais antigos que fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Grande, quais sejam: Barreiras, Angical, Barra, Cotegipe e Santa Rita de Cássia.

---

2 A certidão de nascimento da área territorial, em que atualmente fica o município de Barreiras, foi a Carta de Évora, informando que a capitania de Pernambuco iniciaria seu território no mar, e, por conseguinte, acompanharia a margem esquerda do rio São Francisco, estendendo-se sua fronteira ao sul até Carinhanha, na divisa com Minas Gerais. (BARREIRAS, 2001).

**Figura 2:** Rio grande.



Fonte: (SANTOS JÚNIOR, 2014).

## 2 A escolha metodológica

As disciplinas que estruturam os estudos dialetológicos, ou seja, que estudam a linguagem sob a ótica da variação, são a *Dialetologia monodimensional* (geografia linguística ou geolinguística) e a *Sociolinguística*.

O termo Dialetologia se origina do grego *diálektos* (linguagem, idioma, língua, conversação) e *lógos* (palavra, estudo, tratado), e pode ser concebida como o estudo linguístico dos dialetos, métodos e procedimentos linguísticos para a determinação de peculiaridades na maneira de falar uma língua, consoante Houaiss, Villar e Franco (2001). Para Dubois (2004, p. 185), o termo dialetologia que “é usado, às vezes, como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”.

Os dialetos, como nos informa o estudioso Pop (1950, p. XXIII *apud* CARDOSO 2010, p. 33), se tornaram objeto da atenção dos linguistas no final do século XVIII. Entretanto, foi apenas “no século XIX que se vai traçar com eficácia os rumos do novo ramo dos estudos da linguagem, a dialetologia com o que concebe, com seu método específico, a geografia linguística ou a geolinguística”, conforme palavras de Cardoso (2010, p. 35).

O objetivo inicial da dialetologia tradicional ou monodimensional era investigar as variações no interior de cada comunidade linguística pesquisada, priorizando os aspectos geográficos, contudo, sem considerar os aspectos sociais. A esse respeito, Zágari (2013) informa que a Dialetologia tradicional consistia no estudo de

formas linguísticas predominantemente rurais, considerando-se que o informante era “HARAS” (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário).

Dessa forma, priorizar um informante, com essas características, era uma espécie de garantia do contato com um dialeto puro, original. Por isso, uma única entrevista com um falante, em uma dada comunidade linguística investigada, era necessária para se obter dados robustos, logo, um bom resultado. Vale salientar, que tal modelo se revelou bastante relevante, uma vez que possibilitou o registro de dados bastante importantes à época, como a constituição do *Atlas Linguistique de France*, por Jules Gilliéron. Nessa perspectiva, Isquierdo e Romano (2012) afirmam que a

Dialetologia nasceu sob o signo da monodimensionalidade à medida que tradicionalmente priorizava a diatopia como objeto de investigação, selecionando a fala de áreas rurais de pequeno porte e tomando como informantes para a recolha de dados dialetais, preferencialmente, homens de vida sedentária, idosos, analfabetos e nascidos e residentes na localidade, tendência essa inaugurada na segunda metade do século XIX, quando desponta a Dialetologia como desmembramento e também uma reação ao movimento dos neogramáticos, no que diz respeito à regularidade e à uniformidade das mudanças fonéticas que ocorrem no âmbito de cada língua. (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 891).

A dialetologia monodimensional ganhou espaço nas pesquisas sobre os falares regionais. Muitos trabalhos foram feitos sob a sua égide. Porém, o próprio processo dinâmico, que envolve os estudos sobre a língua, apontava a importância do espaço geográfico para a compreensão da diversidade linguística dos falantes, mas também mostrava a restrição de uma investigação apenas diatópica. Muitas críticas foram feitas por linguistas tanto afiliados na linha estruturalista, quanto sociolinguística, sobretudo quanto ao número e ao perfil dos informantes selecionados para a coleta de dados.

Por outro lado, a Sociolinguística variacionista, que surgiu na década de 1960 do século XX, liderada por William Labov, partia do pressuposto de que era possível “estabelecer uma relação de causa e efeito” a partir da “covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais.” (DUBOIS, 2004, p. 561). No entanto, a variação observada era aquela existente dentro de uma comunidade linguística particular, já que esta oferece pressões sobre o uso, nos termos de Mollica (2007):

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis. (MOLLICA, 2007, p. 9-10).

Labov (2008, p. 21) afirma que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade onde ela ocorre”.

É possível perceber que tanto a dialetologia tradicional ou monodimensional quanto a sociolinguística têm seu foco na variação linguística. No entanto, esta última associa o estudo da língua a fatores linguísticos e extralinguísticos, já a primeira associa esse estudo à questão do espaço geográfico. Porém, ambas possuem sua importância e sua restrição, como postula Thun (2009):

A verdade é que a Geografia Linguística e a Sociolinguística compartilham da mesma origem. Uma e outra provêm da Dialetologia entendida antigamente como ciência da variação em geral. Deve-se aceitar a crítica da Sociolinguística, mas é necessário assinalar também seu ponto fraco. Se a Dialetologia monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má sociolinguística porque reduzem a variação vinculada à estratificação social, à variação que se dá num estrato só, a sociolinguística é também uma má dialetologia porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto. (THUN, 2009, p. 536)

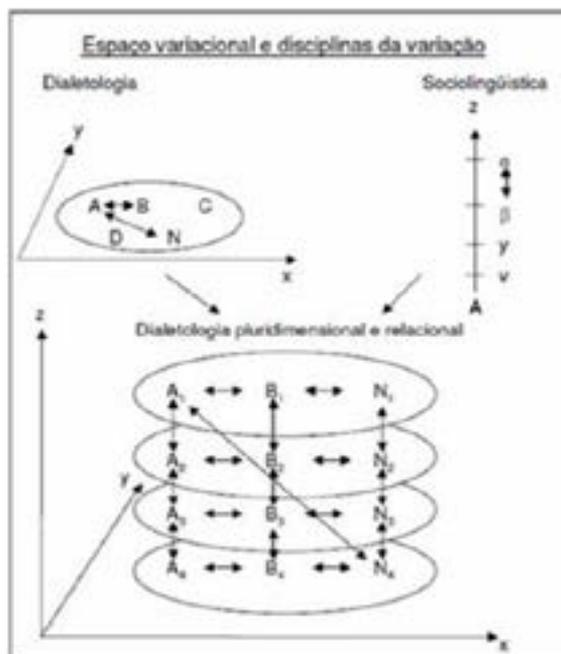
A dialetologia tradicional e a sociolinguística se ocupam da diversidade dos usos da língua, porém cada uma atribui particularidades ao seu objeto de estudo. Assim, estudiosos da área constataram que a consideração somente da representação geográfica de variação de uma língua, ou somente os parâmetros sociais, observados em poucas localidades da rede de pontos, não bastariam para uma compreensão da diversidade linguística. Desse entendimento, surgiu a necessidade de se estabelecer uma metodologia que satisfizesse os estudos de variação linguística, associando a variação espacial às variáveis sociais.

Na tentativa de resolver tal impasse, no final do século XX, houve uma espécie de fusão entre Dialetologia e Sociolinguística, através do desenvolvimento do modelo da *dialetologia pluridimensional e relacional*. De acordo com Marques e Santiago-Almeida (2020), o objetivo dessa nova visada era suprir as lacunas existentes entre as abordagens, uma vez que o novo modelo permitiria analisar diversas variáveis extralinguísticas em várias localidades da rede de pontos da pesquisa, tendo em vista a sua tridimensionalidade, pois associava a superfície da dialetologia tradicional e o eixo vertical da sociolinguística, permitindo, portanto, análises mais amplas. Além disso, o modelo engloba uma série de dimensões que o caracteriza, ainda, como pluridimensional, a saber: (i) diagenérica – parametriza o gênero dos informantes (masculino e feminino); (ii) digeracional – recorta grupos etários (jovem e velho); (iii) diastrática I – identifica o nível social ou escolar dos informantes; diastrática II – envolve o poder aquisitivo dos informantes (rico ou pobre); diatópica III – destaca a mobilidade dos informantes em *topodinâmica* (mais mobilidade (+M)) ou *topostática* (menos mobilidade (-M)), ou seja: informantes que moram em uma cidade e trabalham em outra em oposição

àqueles que moram e trabalham na mesma cidade; (iv) diafásica – envolve o tipo de registro ( RE (relato), RO (resposta objetiva), CO (comentário), DE (descrição), LT (leitura) e DI (diálogo) etc.); (v) diarreferencial – focaliza a metalinguagem utilizada, ou seja, o informante utilizou uma linguagem denotativa orientada para o mundo ou orientada à própria linguagem; (vi) diarreligiosa – indica as práticas religiosas dos informantes.

Para demonstrar as dimensões envolvidas no modelo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional*, que reúne a estrutura variacional e as disciplinas da variação, a seguir, apresenta-se o esquema delineado por Thun (2005, p. 67), no qual tem-se: na parte superior do quadro, à esquerda, a Dialetologia Monodimensional que atua no eixo superficial, focalizando a escolha de apenas um tipo de sujeito, em várias localidades da rede de pontos pesquisada, para ser entrevistado. Já à direita, a Sociolinguística, que opera no eixo vertical, destacando diversas variáveis que podem ser analisadas em apenas uma localidade da área pesquisada. Na parte inferior do quadro, finalmente, tem-se o modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, originado pela fusão entre as disciplinas da Dialetologia Monodimensional e da Sociolinguística, e conforme Borella (2014), as letras A, B, C, D e N, no esquema 1 abaixo, referem-se às falas nos pontos de pesquisa (eixo horizontal), que se relacionam com o eixo vertical, ou seja, com os informantes em cada ponto.

**Esquema 1:** Espaço variacional e disciplinas da variação.



Fonte: (THUN, 2005, p. 67).

Com este modelo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional*, é possível realizar vários tipos de análises: desde aquelas que unem pontos da mesma superfície,

passando por aquelas que associam grupos de uma mesma base, até aquelas que são feitas diagonalmente. No termo relacional, concentra-se a ideia de apresentar as várias possibilidades de comparação entre as várias dimensões da língua.

Considerando o exposto sobre a *Dialetologia pluridimensional e relacional*, propõe-se um estudo sobre o português falado, com vistas à identificação da *norma semântico-lexical da região oeste da Bahia* e à construção de um *atlas linguístico semântico-lexical* dessa mesma região, considerando os seguintes municípios no entorno do Rio Grande: Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita de Cássia.

### 3 A seleção da rede de pontos

Como exposto anteriormente, a origem da região oeste da Bahia está associada ao Rio São Francisco e seus afluentes. Para este trabalho, considera-se o Rio Grande, um dos principais afluentes que fica à margem esquerda do rio São Francisco, importante manancial para a região.

O Rio Grande nasce na serra Geral de Goiás, no município de São Desidério, percorre 580 km até a sua foz, no rio São Francisco, na cidade de Barra. Para o desenvolvimento deste trabalho, delimitou-se os municípios que compõem a bacia hidrográfica do Rio Grande, a qual compreende não só os municípios de Angical, Barra, Barreiras, Catolândia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia e Wanderley, cujos territórios estão inseridos totalmente na Bacia; como também Baianópolis, Buritirama, Muquém do São Francisco, São Desidério e Tabocas do Brejo Velho, parcialmente inseridos na Bacia.

Como *loci* deste estudo, foram selecionados, sob o critério tempo de fundação,<sup>3</sup> os municípios de: Barra (1752), Cotegipe (1820), Angical (1890), Barreiras (1891) e Santa Rita de Cássia (1840). Tal opção está intrinsecamente atrelada ao objetivo geral deste estudo, qual seja: descrever a norma semântico-lexical, com vistas à elaboração do *Atlas Linguístico Semântico-Lexical* da região oeste.

### 4 A seleção dos informantes

A definição do perfil dos informantes, para este estudo, foi feita com base na metodologia da *Dialetologia pluridimensional e Relacional*. Para isso, são consideradas três dimensões: a diagenérica, diageracional e a diastrática. Embora haja outras dimensões já mencionadas (Cf. seção 2), para o desenvolvimento de atlas semântico-lexicais, são selecionadas aquelas já utilizadas na construção de outros atlas desse mesmo tipo, como o *Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista: Níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do*

---

<sup>3</sup> A data entre parênteses corresponde ao ano de fundação de cada um dos municípios selecionados como objeto desta pesquisa. Os dados foram buscados em cartórios de registro da região de Barreiras.

*Médio Tietê* (FIGUEIREDO JUNIOR, 2019) e o *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC* (CRISTIANINI, 2007). Portanto, dimensões não só consideradas relevantes para a consecução do objetivo proposto, como também já testadas.

A dimensão diageracional será constituída de duas faixas etárias: geração jovem (GI), entre 18 e 36 anos de idade e a geração mais velha (GII) com 55 anos ou mais. Para essa dimensão, definiram-se dois critérios: (i) morar na localidade por no mínimo três quartos da vida; e (ii) residência ininterrupta na localidade por pelo menos durante os cinco últimos anos.

Com relação à dimensão diastrática, será aplicado o critério de escolaridade formal e informal. De acordo com Thun (1996):

o grupo sociocultural baixo (abreviado como Classe baixa=Cb) e que está integrado por aqueles cujo grau de escolarização inicia em zero até o segundo ano de qualquer tipo de formação posterior à primeira, e que os informantes com mais formação entram no grupo sociocultural não baixo (abreviado como Classe alta= Ca) (THUN 1996 *apud* MARQUES; SANTIAGO-ALMEIDA, 2020, p. 185).

São selecionados, neste estudo, o nível sociocultural baixo (menor escolaridade) e o alto (maior escolaridade). No nível social mais baixo, são selecionados, para o grupo mais velho (CbGII), informantes analfabetos e aqueles que já tenham concluído o ensino médio. Para o grupo mais jovem (CbGI), são selecionados informantes que tenham até o nível superior incompleto. Para o nível social mais alto, são escolhidos, para o grupo mais velho (CaGII), informantes que tenham 55 anos ou mais, que tenham ou não completado o terceiro grau e, para o grupo mais jovem (CaGI), informantes entre 18 e 36 anos com o nível superior completo ou incompleto.

Neste trabalho, também será selecionada a dimensão diagenérica, que leva em conta a questão do gênero. Desde o início dos estudos dialetais, o gênero se constitui como um dado relevante, de interesse e de preocupação dos estudiosos. Isso conduziu à atenta observância dos usos linguísticos de homens e mulheres, para que se tornassem objeto de documentação, tal como nos informa Cardoso (2010, p. 51-52). Assim, são escolhidos homens e mulheres, conforme mostra o Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** perfil dos informantes.

CbGI	Um (01) jovem e uma (01) jovem de 18 a 36 anos, com escolaridade até o nível superior incompleto.
CbGII	Um (01) senhor e uma (01) senhora com idade de 55 anos em diante, analfabetos ou que tenham concluído o ensino médio.
CaGI	Um (01) jovem e uma (01) jovem de 18 a 36 anos, com escolaridade até o nível superior completo ou incompleto.
CaGII	Um (01) senhor e uma (01) senhora com idade de 55 anos em diante, com escolaridade até o nível superior completo ou incompleto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando o total de 08 informantes, conforme o Quadro 1 anterior e a rede de pontos composta de 05 localidades selecionadas: Barra, Cotegipe, Angical, Barreiras e Santa Rita de Cássia, o cômputo geral será de 40 informantes.

## 5 A coleta dos dados

Para a construção do *Atlas Linguístico Semântico-Lexical* da região oeste da Bahia, este estudo adota a técnica de elicitação semântico-lexical, denominada *Técnica de Efeito Tríplice* (TET), desenvolvida por Figueiredo Junior *et al.* (2021), que prevê a aplicação da “técnica dos TTT”, ou seja, *perguntar, insistir e sugerir*. Essa técnica envolve a presença de uma pluralidade de informantes simultânea ou sucessiva (aqui, a opção é pela última), a etiquetagem do *corpus* semântico-lexical de respostas positivas e negativas e a cartografia de formas.

Para a realização do inquérito de pesquisa, será utilizado um questionário semântico-lexical, cuja aplicação deverá ser cumprida nos seguintes termos pelo inquiridor: (1º) fazer a pergunta da vez do questionário; (2º) insistir em obter a resposta do informante – mesmo que este ofereça uma ou mais formas espontâneas positivas e/ou formas espontâneas negativas; (3º) persistir em mais respostas, a fim de coletar o maior número de variantes possíveis. Para a etapa posterior, o inquiridor deverá apresentar a forma da vez constante da lista de sugestões que acompanha o inquérito. Essa lista será pré-organizada com sugestões lexicais que sejam covariantes. A finalidade dessa ação é verificar se essas covariantes também ocorrem na região e nos lugares investigados. Quando não houver mais formas a serem sugeridas, prossegue-se para a próxima etapa.

Para a construção do atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia, os dados serão coletados a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (CARDOSO *et al.*, 2014), que possui 202 questões distribuídas em 14 campos semânticos, quais sejam:

- a) acidentes geográficos;
- b) fenômenos atmosféricos;

- c) astros e tempo;
- d) atividades agropastoris;
- e) fauna;
- f) corpo humano;
- g) ciclos da vida;
- h) convívio e comportamento social;
- i) religião e crenças;
- j) jogos e diversões infantis;
- k) habitação;
- l) alimentação e cozinha;
- m) vestuário e acessórios e vida urbana.

Acompanharão as questões imagens que representem os referentes semânticos abordados.

Coletados os dados, será possível etiquetá-los e, sistematicamente, cartografar não só formas espontâneas positivas e negativas, mas também de relevância.

## 5.1 Instrumentos de coleta

Depois de analisados os procedimentos metodológicos de vários atlas linguísticos semântico-lexicais, optou-se pela proposta do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALIB 2014), no que concerne aos instrumentos de coleta, quais sejam:

- a) ficha de informante;
- b) temas para discursos semidirigidos; e
- c) questionário semântico-lexical.

A *ficha de informante* é um instrumento importante, porque documenta dados de identificação pessoal, registra domicílios atuais e anteriores, com a respectiva indicação de tempo de permanência em cada um deles, aponta o nível de escolaridade e a profissão, contatos com meios de comunicação e opções de lazer. Há, ainda, algumas informações complementares, como a postura do informante no momento do inquérito, bem como a espontaneidade da elocução e a descrição do ambiente em que ocorre o inquérito, aspectos relevantes para a construção de um atlas linguístico, conforme Cardoso (2010).

O instrumento de pesquisa *temas para discursos semidirigidos* tem “como objetivo buscar o vernáculo na linguagem menos monitorada e informal”. (AGUILERA, 2014, p. 104). Neste trabalho, tal como defende Figueiredo Junior (2019), esse instrumento será utilizado com vistas a facilitar um engajamento interacional produtivo entre inquirido e inquiridor, para a aplicação do questionário semântico-lexical.

É importante ratificar que essa interação será gravada com o mesmo rigor da aplicação do questionário. Os dados coletados poderão ser usados para a complementação de informações, neste estudo, ou guardados, para se tornarem objeto de estudo de futuros trabalhos.<sup>4</sup>

Durante essa interação, será solicitado aos informantes que:

- a) relatem um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro, mortes);
- b) comentem sobre algum programa que gostem de assistir na televisão;
- c) relatem suas atividades diárias de trabalho; e
- d) narrem um caso de assombração, uma lenda das quais já ouviram falar na região.

Após a coleta desses dados, por meio dos instrumentos citados, espera-se que estes traduzirão o comportamento linguístico dos informantes da região. Em seguida a esta etapa de coleta, se procederá à análise para a identificação da norma semântico-lexical da região pesquisada, bem como a construção dos cartogramas.

## Considerações finais

Neste artigo, foram apresentados os critérios adotados para a construção do *atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*, focalizando sua metodologia. Para tanto, buscou-se, inicialmente, evidenciar as disciplinas que destacam a variação linguística e, concomitantemente, traçar a origem do viés pluridimensional nos estudos dialetológicos, demonstrando a relevância de uma metodologia coerente com o objetivo definido para a pesquisa: a descrição da norma semântico-lexical e a construção de um atlas linguístico da região oeste da Bahia.

Nesse percurso, apresentou-se uma metodologia de coleta de dados semântico-lexicais denominada Técnica de Efeito Tríplex (TEF), em que é possível utilizar os três tempos de Thun (2005, 2009): perguntar, insistir e sugerir; ter uma pluralidade de informantes inquiridos de forma sucessiva ou simultânea; atribuir etiquetas qualitativas aos dados do *corpus* (forma espontânea positiva, forma sugerida aceita, entre outras), para, posteriormente, elaborar a cartografia das formas etiquetadas conforme sua relevância.

Acredita-se que um estudo desse porte oferece a chance única de se conhecerem elementos da história e da cultura local da comunidade destacada por intermédio de seu léxico e, principalmente, de contribuir para a descrição da língua falada na região, haja vista a comprovada escassez de pesquisas focalizando o oeste baiano, principalmente, no que tange ao foco escolhido e à temática abordada neste trabalho.

---

4 Projeto aprovado pelo Comitê de Ética, número do Parecer: 5.489.775.

# METHODOLOGICAL PROCESSES FOR THE CONSTRUCTION OF THE SEMANTIC-LEXICAL LINGUISTIC ATLAS OF THE WEST OF BAHIA

**Abstract:** This paper explores the comprehensive methodology deployed in the evolving doctoral research project, “Semantic-Lexical Linguistic Atlas of the Western Region of Bahia”. The methodology seamlessly combines bibliographical research, anchored in the influential works of esteemed academics (Thun, 2005, 2009), and field research, which serves as a rich source of empirical data. Multidimensional and Relational Dialectology takes center stage as the core theoretical-methodological paradigm guiding the research. The process unfolds through key stages such as the careful selection of communities (network points) and informants, rigorous data acquisition, and the application of a semantic-lexical semi-structured questionnaire to collaborators in strategically chosen municipalities. These network points, situated within the historical context of the centennial Rio Grande river basin, each contribute eight informants, leading to a cumulative total of forty participants. As the research is still in progress, definitive conclusions remain forthcoming, signifying the evolving nature of the research.

**Keywords:** Pluridimensional and Relational Dialectology; Linguistic Atlas; Methodology.

## Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* (org.). *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. v. 1.
- ASSOCIAÇÃO DE IRRIGANTES DO ESTADO DA BAHIA. Salvador: AIBA, 2019.
- BARREIRAS. Prefeitura Municipal. *Resumo histórico das nossas origens*. Barreiras/BA, Departamento de Cultura e Assessoria de Comunicação Social, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- BORELLA, Sabrina Gewehr. *Tu dampém fala assim??: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. 2014. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108953/000948325.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 30 julho de 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. v. 1-2.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. Espanholismo no léxico do Brasil Central: contribuições do projeto ALIB. *ALFA Revista de Linguística*, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 133-145. abr./jul. 2013. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/29674-109779-1-pb.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2021.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 635f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 2007. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/publico/TESE\\_ADRIANA\\_CRISTINA\\_CRISTIANINI.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/publico/TESE_ADRIANA_CRISTINA_CRISTIANINI.pdf). Acesso em: 7 fev. 2021.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro. *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2019. 224f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-12072019-155328/pt-br.php>. Acesso em: 7 fev. 2021.

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro *et al.* Metodologia geolinguística: agentes em geral e técnicas de inquérito semântico-lexical em específico. *Cadernos Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 63, p. 1-16, p. e021010, 2021.

GILES, Howard & ORGAY, Tania. Communication Accommodation Theory. In: Whaley, Bryan B & Samter, Wendy (Eds.), *Explaining communication: Contemporary theories and exemplars*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007, p. 293-310.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4941>. Acesso em: 20 mar. 2023.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Maria José Basso; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivado. Metodologia de estudos do contato linguístico no norte de Mato Grosso. *Porto das Letras*, v. 6, n. 3, p. 172-193, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9892>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos. *Oeste da Bahia: modernização com (des)articulação econômica e social de uma região*. 2007. 241 f. (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2007. Disponível em: < [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=98307](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=98307) >. Acesso em: 30 jul. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Cloves Genário Pereira dos. *Avaliação temporal dos parâmetros físico-químicos da água e da concentração de metais em material particulado do Rio Grande, Barreiras, Bahia*. 2014. 92 f. (Dissertação em Química) - Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35030/1/disserta%c3%a7%c3%a3o%20final%20Cloves%20J%c3%banior.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional e a história das línguas. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para a história do português brasileiro*. Londrina: Eduel, 2009. v. 7. t. 2.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboços de um atlas linguístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2013.

*Recebido em 11 de março de 2023*

*Aceito em 20 de abril de 2023*

# RETRATOS DE LINGUAGEM, REPERTÓRIO E *SPRACHERLEBEN*: A VIVÊNCIA LINGUÍSTICA TRANSCULTURAL DE IMIGRANTES BRASILEIROS NA ALEMANHA

Juliana Neves-Müller<sup>1</sup>

Rolf Kailuweit<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo examina, com base na técnica de retrato de linguagem (NEUMANN, 1991; KRUMM & JENKINS 2001; BUSCH, 2012), o repertório linguístico e a vivência de imigrantes brasileiros na Alemanha. Especificamente, o objetivo principal deste artigo é analisar a experiência vivida da linguagem no meio urbano e transcultural da cidade alemã de Düsseldorf, além de discutir a correlação entre processo migratório, identidade e mudança de práticas linguísticas em ambiente marcado pela mobilidade global, pelo contato entre línguas e entre variedades linguísticas. Utilizando a abordagem do retrato de linguagem como base para um estudo empírico e qualitativo, o presente artigo pretende contribuir para as discussões sobre o repertório linguístico e a transculturalidade. Assim, busca examinar especificamente quão relevante é a língua para os imigrantes, dentro e através de experiências em que a bagagem linguística se faz necessária no processo de reconstrução individual, em um novo país.

**Palavras-chave:** Imigrantes brasileiros; retratos de linguagem; repertório linguístico; *translanguaging*; transculturalidade.

## Introdução

O termo alemão *Spracherleben*, utilizado neste artigo, se refere ao fundamento fenomenológico do conceito de *Erlebnis* ou *Erleben* (experiência vivida) (cf. HUSSERL, 1983; BUSCH, 2017), um termo que motiva o debate acerca da relação entre experiência de linguagem vivida e repertório linguístico. A experiência linguística, vivida por imigrantes em países de acolhimento, e sua influência no repertório linguístico, gera novas práticas cada vez mais presentes na vida cotidiana, em ambientes marcados pela mobilidade global e transculturação. Com

---

1 Doutoranda em Linguística pela Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf. Mestrado em Linguística e graduação em Linguística (Psicologia da Linguagem) pela Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf. Graduação em Comunicação Social pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). E-mail: juliana.neves-mueller@hhu.de

2 Professor de Linguística (Línguas Românicas) na Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf. Habilitação pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg. Doutorado pela Freie Universität Berlin. Mestrado em Estudos Românicos e Filosofia pela Freie Universität Berlin. E-mail: kailuwei@hhu.de

o intuito de acessar o repertório linguístico, o método de retrato de linguagem (BUSCH, 2012) possibilita uma reconstrução narrativa e biográfica da aquisição linguística do indivíduo e do seu uso da língua.

Os centros urbanos na Europa, tal como em outras partes do mundo, sofreram grandes alterações demográficas, sociais e culturais nas últimas décadas (cf. BLOOMMAERT, 2010; MARTOS, 2010; LYNCH, 2020). Essas rápidas mudanças têm um impacto relevante nos meios urbanos contemporâneos e geram novos desafios tanto para os grupos migratórios quanto para os países de acolhimento. Tal dinâmica torna-se objeto de diversas áreas, tendo em vista que, além das ciências sociais, também foram afetadas as ciências econômicas e políticas, a área de estudos culturais, a comunicação e a linguística (cf. BLOOMMAERT, 2014). A diversidade cultural e a utilização de recursos linguísticos estão sendo cada vez mais influenciadas pela mobilidade global. Assim, a definição de fronteiras físicas e de identidade, bem como a noção de linguagem em múltiplas dimensões, passam por um processo de constante (re)construção. Uma destas dimensões é a de práticas e referências culturais emergentes que, segundo Baker (2021):

(...) não fazem parte de nenhuma cultura ou, de forma crucial, estão necessariamente entre culturas. Assim, a metáfora tradicional de *inter* para a comunicação intercultural já não é adequada e tal comunicação é melhor abordada como comunicação transcultural onde as fronteiras são transcendidas, transgredidas e, no processo, transformadas (BAKER, 2021, p. 1, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Segundo Zimmermann (2020, p. 25), a consequência do contato entre línguas em ambiente migratório, mesmo em caso de migração massiva, nem sempre é o surgimento de uma nova língua, o desuso imediato ou perda das línguas afetadas. Algo que pode ocorrer no ambiente migratório é o surgimento de novas práticas linguísticas e de uma dinâmica renovada pela influência de novos recursos linguísticos e estratégias de comunicação. Nesse contexto, pode surgir um processo de uso e desuso linguístico, adaptação e reconstrução do repertório linguístico que diferencia muito de indivíduo para indivíduo. Vários fatores estão envolvidos neste processo, entre eles: faixa etária, experiências únicas e individuais, além de diferentes fases da vida.

Levando em consideração que o repertório linguístico vai tomando formas diversas com base no ambiente multilíngue e nas características individuais do falante, o retrato de linguagem possibilita ao pesquisador o acesso ao comportamento e aos recursos linguísticos do indivíduo com relação à construção e reconstrução verbal, numa nova dinâmica da linguagem cotidiana no país de acolhimento.

---

3 Do original: "(...) are neither part of any one culture or, crucially, necessarily in-between cultures. Thus, the traditional metaphor of 'inter' for intercultural communication is no longer adequate and such communication is better approached as transcultural communication where borders are transcended, transgressed and in the process transformed." (BAKER, 2021, p. 1)

A seção 2 deste artigo examina o termo repertório linguístico e a sua relevância no ambiente de (re)construção e adaptação do indivíduo que decide imigrar para outro país. A seção 3 expõe brevemente dados sobre a comunidade brasileira no exterior, com um foco na comunidade brasileira na Alemanha. A metodologia aplicada, neste estudo, será apresentada na seção 4. A seção 5 corresponde à análise de quatro retratos de linguagem de imigrantes brasileiros, membros de uma mesma família, e a seção 6 é dedicada às considerações finais deste estudo.

## 1 Repertório Linguístico

Enquanto a noção original de Gumperz (1964) de repertório linguístico está centrada na perspectiva externa do observador, as abordagens da linguística biográfica enfatizam a perspectiva do sujeito experiente e falante. Sendo assim, a abordagem de Busch (2017) expande o conceito de “repertório linguístico” para o de “experiência linguística”, reforçando as dimensões físicas e emocionais da interação interpessoal relatadas pelo falante. Assim, essa proposição contribui no entendimento do repertório linguístico como reflexão de trajetórias de vida individuais, mundos heterogêneos, discursos sobre linguagem e práticas linguísticas referentes a espaços de tempo específicos (cf. BLOMMAERT, 2009; BUSCH, 2012).

No ambiente de mobilidade global, é possível observar diversas manifestações de estratégias linguísticas geradas pelo contato linguístico e pela transculturalidade. Como aponta Welsch (2010):

A transculturalidade interna dos indivíduos me parece ser o ponto crucial. Não se deve apenas abordar o fato de que atualmente as sociedades lidam com diferentes modelos culturais (“diversidade cultural”), mas centrar-se no fato dos indivíduos serem hoje moldados por vários padrões culturais, transportando diferentes elementos culturais dentro de si mesmos (WELSCH, 2010, p. 47, tradução nossa).<sup>4</sup>

Em um meio marcado pela transculturalidade, o imigrante se depara com situações em que existem variedades linguísticas mais próximas de sua língua original e outras mais próximas da língua da comunidade de acolhimento. Zimmermann (2020) explica que falantes em situações bilíngues constroem os fatores relevantes que os orientam para seu comportamento linguístico de forma individual. Eles tomam os recursos linguísticos disponíveis como repertório de expressão, sem se preocupar muito com noções de pureza (cf. ZIMMERMANN, 2020, p. 24-44). Ou seja, fenômenos como *translanguaging* (cf. LI, 2011, p. 1223-1224; 2018, p. 18-20)

---

4 Do original: “Die interne Transkulturalität der Individuen scheint mir der entscheidende Punkt zu sein. Man sollte nicht nur davon sprechen, dass heutige Gesellschaften unterschiedliche kulturelle Modelle in sich befragen (“*cultural diversity*”), sondern das Augenmerk darauf richten, dass die Individuen heute durch mehrere kulturelle Muster geprägt sind, unterschiedliche kulturelle Elemente in sich tragen.” (WELSCH, 2010, p. 47)

muitas vezes passam a fazer parte da vida dos imigrantes, sem a consideração social e política de fornecer nomes e rótulos a idiomas definidos.

De acordo com Li (2018, p. 19), *translanguaging* significa usar o repertório linguístico além dos limites dos idiomas e variedades linguísticas nomeados, incluindo variedades baseadas na geografia, na classe social, na idade ou no gênero. Entretanto, os falantes estão cientes da existência de fronteiras idealizadas como parte do processo de socialização linguística. Um multilíngue é alguém que está ciente da existência de idiomas nomeados como entidades políticas e adquiriu algumas de suas características estruturais. O falante multilíngue possui um instinto translinguístico que lhe permite resolver diferenças, discrepâncias, inconsistências e ambiguidades, se e quando elas precisarem ser resolvidas, e manipulá-las para ganho estratégico. A percepção acerca de diversas línguas e variedades linguísticas passa a ser moldada pela dinâmica de novas experiências, novos contatos linguísticos e aprendizado de uma nova perspectiva de mundo.

Em um estudo acerca da comunicação pluricêntrica e percepção da acomodação linguística (GILES & ORGAY, 2007) realizado com nativos do espanhol, os autores Amoros *et al* (2021) explicam que, do ponto de vista da sociolinguística aplicada, a pesquisa da comunicação pluricêntrica (KAILUWEIT, 2015) possibilita uma maior consciência e conhecimento de diferentes repertórios, além de criar um espaço de tradução em que falantes de diferentes países de língua espanhola se comuniquem em pé de igualdade. Outro aspecto relevante, apontado no estudo dos autores, é que, dentro do espaço pluricêntrico e marcado pelo *translanguaging*, os repertórios linguísticos (GUMPERZ, 1964; BUSCH, 2012) de cada indivíduo envolvido, incluindo experiências, histórias pessoais, conhecimentos, atitudes e ideologias, servem de base para a comunicação (AMOROS *et al*, 2021, p. 4).

## 2 Imigrantes brasileiros na Alemanha

O registo central de estrangeiros do governo alemão (AZR<sup>5</sup>) define imigrantes como pessoas que não são alemãs na acepção do artigo 116 §1 da Lei Constitucional. Isso também inclui apátridas e pessoas com nacionalidade incerta. Os imigrantes pertencem ao grupo de pessoas com antecedentes migratórios. Uma pessoa tem histórico de migração se ela própria ou pelo menos um dos pais não tiver cidadania alemã por nascimento. Em 2020, a proporção da população com antecedentes migratórios na Alemanha era de 26,7%.

Segundo Faist *et al.* (2022, p. 54), o termo “sociedade com antecedentes migratórios” lembra-nos que a imigração é parte integrante da mudança social através da adaptação, da reconstrução do indivíduo e dos conflitos entre a cultura do imigrante e a do país de acolhimento. Assim sendo, a migração proporciona um impulso para renegociar as relações entre o já estabelecido e o recém-chegado.

---

5 [https://www.bva.bund.de/DE/Das-BVA/Aufgaben/A/Auslaenderzentralregister/azr\\_node.html](https://www.bva.bund.de/DE/Das-BVA/Aufgaben/A/Auslaenderzentralregister/azr_node.html)

Dentro deste contexto, Stelzig-Willutzki (2012) ressalta que as relações sociais desempenham um papel importante para os imigrantes brasileiros em várias partes do mundo, embora não exclusivamente sob a forma de redes familiares e de vizinhanças próximas.

Cerca de 50 mil brasileiros vivem atualmente na Alemanha, e diversos grupos de apoio foram estabelecidos nos últimos anos, como, por exemplo, os núcleos da “Associação Mulheres do Brasil”<sup>6</sup>, em Düsseldorf e o “Conselho de Cidadãos Brasileiros”, em Colônia, que oferecem suporte aos imigrantes brasileiros. Dentro destas organizações, e através de interações informais de redes sociais, muitos brasileiros ajudam outros imigrantes brasileiros com uma enorme quantidade de informação que não estava disponível há anos.

### 3 Metodologia

Os participantes, no presente estudo, foram convidados a representar o seu repertório linguístico através de um retrato de linguagem. As representações visuais recolhidas forneceram diversos dados para uma análise dos recursos linguísticos, bem como dos conceitos avaliativos acerca do repertório linguístico de cada participante. Durante a coleta de dados, os participantes utilizaram uma silhueta corporal (Figura 1) e foram convidados a representar visualmente o seu repertório linguístico utilizando lápis de diversas cores.

**Figura 1:** Silhueta corporal<sup>7</sup> usada como modelo para os retratos de linguagem.



A coleta de dados foi focada na percepção dos recursos de linguagem durante o processo de adaptação dos participantes na Alemanha, em conexão com suas experiências vividas. Os dados, recolhidos através de entrevistas semi-direcionadas,

---

6 <https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/grupo-mulheres-do-brasil-lanca-nucleo-em-dusseldorf-alemanha/>

7 O molde para a silhueta pode ser encontrado em <https://heteroglossia.net/Sprachportraet.123.0.html>.

revelam o julgamento metalinguístico dos participantes. Os mesmos tiveram a liberdade de descrever a relação deles com sua língua nativa, com outras línguas aprendidas no decorrer da vida e com as utilizadas no país de acolhimento.

Os participantes também foram convidados a pensar em formas de comunicação que são relevantes para eles na sua vida cotidiana atual, mas também sobre as línguas que foram importantes no passado ou que poderão tornar-se importantes no futuro. Além disso, eles fizeram uma correlação entre as línguas que utilizam e determinadas pessoas, lugares e situações durante a vida, antes de imigrar e durante a fase de adaptação na Alemanha. Dois equipamentos foram utilizados para a coleta de dados, um gravador digital (Tascam DR-07X) e gravações com o programa Praat instalado num MacBook Air.

## 4 Análise de retratos de linguagem

Neste estudo, o foco é dado à narrativa das experiências migratórias dos membros de uma família do sudeste brasileiro. Os retratos, neste artigo, serão examinados em termos de sua representação visual, onde os significados de cores e símbolos utilizados são decifrados pelos próprios participantes. O método de retratos de linguagem abre espaço para uma narração biográfica linguística (KRUMM & JENKINS, 2001). Os membros da família presentes, neste estudo, são compostos pela mãe (engenheira, 52 anos), pai (engenheiro, 55 anos), filha (estudante, 17 anos) e filho (estudante, 11 anos).

### 4.1 Retrato de linguagem 1

Figura 2: Retrato de linguagem da participante A.



O primeiro retrato analisado no contexto de sua história migratória é o da participante A. Ela nasceu em 1971, em Niterói (RJ), mas mora e trabalha como engenheira em Düsseldorf. A participante morou em São José dos Campos (SP), na tentativa de viver em uma cidade menos violenta ainda dentro do Brasil. Em janeiro de 2019, ela voltou para o Rio de Janeiro, e em junho de 2020, decidiu imigrar para a Alemanha com o esposo e os dois filhos.

O retrato da participante A está dividido em cinco cores: verde, azul, vermelho, lilás e amarelo. Vemos que o verde representa o português e o azul o inglês. Essas são as cores mais dominantes em seu retrato de linguagem, representando as línguas mais presentes em sua vida.

Excerto 1 (00:03:24:01 - 00:04:28:03)

100 PaA: eu coloquei o azul do inglês e o ROxo do francês  
101 EH:: pelo encantamento que eu acho que eu tenho com  
102 esses dois idiomas também (.) NARiz aí, no sentido de  
103 olFato é percepção, a minha memória afetiva  
104 também em CHEIros (.) vem MUIto do Brasil, não  
105 só por alimentos, mas por cheiro de MAR, cheiro  
106 de doce, de MAtO, os cheiros da minha inFÂncia,  
107 os perfumes de alguém NÉ? isso vem muito vinculado  
108 à língua brasileira (.) e na BOca eu coloquei duas  
109 cores (.) o português do Brasil, que eu falo muito  
110 português em casa até hoje e fiz muitas amizades dentro  
111 da comunidade brasileira aqui em Düsseldorf (.) e o inglês  
112 (.) que é o que eu falo a maior parte do tempo por causa do  
113 trabalho(.) e AÍ:: no cérebro eu quis colocar outras cores  
114 também (.) o tempo que eu investi no espanhol, aí foram dois  
115 anos (.) mas HOje eu me pego falando mais portunhol.

As cores estão espalhadas em várias partes do corpo, cada uma das quais se refere a um significado na vida da imigrante. Por exemplo, as duas mãos azuis simbolizam a língua utilizada no seu trabalho como engenheira na Alemanha, o pé direito em verde (simboliza seu país de origem) e o esquerdo em vermelho (simboliza seu país de acolhimento). As flores e pequenas raízes vermelhas representam a sua vontade de fincar raízes na Alemanha.

No Excerto 1, podemos perceber que, como recurso linguístico, o português do Brasil significa muito para ela por estar associado aos seus familiares e amigos (memória afetiva). Também está clara a correlação que ela faz entre a cor verde, o português do Brasil e os sentidos (especificamente o tato, o olfato, a audição e o paladar). Porém a língua alemã ganhou também significado emocional ao longo dos três anos e meio vivendo em Düsseldorf, apesar de ainda não ser um

instrumento predominante de comunicação na vida cotidiana e no trabalho dela. Outro aspecto que deve ser realçado é que a participante A é confrontada com o dilema de “se sentir bem na Alemanha”, apesar de não dominar a língua do país de acolhimento. Isso pode ser visto no Excerto 2:

Excerto 2 (00:05:55:48 - 00:06:11:03)

178 PaA: coloquei o vermelho do alemão  
179 também numa camisa, porque eu me  
180 sinto vestindo de verdade a camisa da  
181 AleMANHA, de querer estar aqui e ficar  
182 aqui para SEMPRE (.) então esse idioma  
183 vai ter que enTRAR (.) e coloquei também  
184 o vermelho no outro pé, porque eu quero  
185 fincar raízes aqui

Vemos que, no caso da participante A, o “se sentir bem na Alemanha” vai além do fato de poder se comunicar com outras pessoas em alemão. Segundo a participante A, não só a língua é relevante em termos de identidade e pertencimento, mas também as diversas formas de interação e o comportamento entre os imigrantes e os indivíduos do país de acolhimento.

Excerto 3 (00:09:50:17 - 00:10:19:18)

309 PaA: E a questão dessa parte  
310 em vermelho esse vermelho no  
311 meu tórax (.) seria essa camisa  
312 alemã que eu me sinto vesTINdo NÉ::  
313 e querendo incorporar esse alemão  
314 em mim (.) e na garganta, muito por  
315 essa coisa gutuRAL que não é uma  
316 coisa agraDÁVEL (.) eu sinto  
317 que eu preciso exerciTAR  
318 a minha capacidade foNÉTica (.)  
319 estudando agora canto no CORAL  
320 e entenDER o nosso corpo, a nossa  
321 voz como um instruMENTO de som

No retrato de linguagem da participante A, vemos simbolizado o sentimento de transculturalidade. Como mostra a Figura 2, cinco línguas estão presentes na região do cérebro dela, mais de uma língua nos olhos e no coração, que, além de ser dividido entre o português (língua nativa) e o inglês (língua ferramenta de

trabalho), está contornado pela cor que simboliza o espanhol (língua que traz emoção positiva). Ela também explica que os pequenos corações, saindo dos ouvidos, simboliza a afinidade, a admiração pelo português, espanhol, francês e inglês. Uma conexão positiva com duas destas línguas está presente na saia verde com barras em lilás desenhada por ela. Segundo a participante, a afinidade cultural com essas línguas é cultivada não só através do contato com falantes em Düsseldorf, mas também através do amor que ela tem pelas músicas nesses idiomas e por essas culturas. Acerca deste relato, pode-se referir ao pensamento de Welsch (2010) que explica:

A transculturalidade não penetra apenas no nível macro da sociedade, mas também no nível micro individual. Isto é subexposto na consciência geral, mas particularmente importante para mim. A maioria de nós é formada culturalmente através de múltiplas origens e ligações culturais. Somos híbridos culturais. A identidade cultural dos indivíduos de hoje é uma identidade emaranhado. (WELSCH, 2010, p. 45, tradução nossa)<sup>8</sup>

Em seu depoimento sobre o sentimento de identidade, a participante A descreve que, na primeira vez que voltou ao Brasil, ela se sentiu fortemente pertencente ao Rio de Janeiro, com vínculos afetivos e saudades da cidade, apesar de ter medo de sofrer violência. Porém, durante as duas outras vezes, ela já não se sentiu pertencendo ao Brasil, e revela: “me sinto em casa em Düsseldorf, apesar de não conseguir me comunicar ainda em Alemão”.

Excerto 4 (00:00:01:00 - 00:00:45:00)

21 PaA: pra mim que tô aprendendo o idioma isso de juntar palavras  
22 eu só consigo compreender quando eu passo a OLHAR a palavra (.)  
23 ver que ela tem mais de uma palavra numa MESMA palavra e AÍ eu  
24 consigo compreender a palavra (.) mas assim que eu olho que eu  
25 vou LÊ me dá uma certa dificuldade (.) mas depois aquilo faz  
26 sentido, né? (.) tem algumas coisas do alemão que são vamos  
27 dizer assim LÓGicas (.) MAS pra mim HOJE o que mais facilita são  
28 paLAvras que é:: uma palavra só consegue substituir várias em  
29 português como o “Termin” por exemplo (.) o restante que te dei  
30 de exemplo é porque soa bonitinho o “Tschüss”, o “Gerne”, o “sehr  
31 gerne”

---

8 Do original: “Transkulturalität dringt aber nicht nur auf der gesellschaftlichen Makroebene, sondern ebenso auf der individuellen Mikroebene vor. Dies ist im allgemeinen Bewusstsein unterbelichtet, mir aber besonders wichtig. Die meisten unter uns sind in ihrer kulturellen Formation durch *mehrere* kulturelle Herkünfte und Verbindungen bestimmt. Wir sind kulturelle Mischlinge. Die kulturelle Identität der heutigen Individuen ist eine Patchwork-Identität.” (WELSCH, 2010, p. 45)

Nos excertos 4 e 5, vemos o depoimento da participante A sobre sua percepção da língua alemã e o uso de seus recursos linguísticos adquiridos por influência do contato com a língua do país de acolhimento, motivados pela prática de tradução. Através do *translanguaging*, a experiência do indivíduo passa a ser moldada de acordo com o espaço entre culturas, gerando o alcance à compreensão e ao conhecimento mais amplos de novas realidades, como consequência do uso de várias línguas (cf. BAKER, 2011).

Excerto 5 (00:00:50:00 - 00:00:82:00)

35 PaA: meu CÉREbro apropriou a palavra “Termin” para qualquer  
36 idioma (.) tanto que eu passei a usar pro português (.)  
37 como “Termin” é uma coisa mais fácil de substituir do quê  
38 a gente tem vários VÁrios substanTIVOS pra descrever o que a  
39 gente faz com “TERmin” né? (.) seria sei lá (.) uma conSULta,  
40 uma reunião, um agendamento de um hoRÁRIO, enfim inúmeras  
41 possibilidades

A falante multilíngue mostra no excerto 5 que seu instinto translinguístico e a prática de tradução possibilitam encontrar soluções que levam em conta a sua percepção de praticidade da estrutura léxica da língua do seu país de acolhimento. Com estratégias individuais, a participante A passa a transferir palavras de um código linguístico e mesclá-las com sua própria língua nativa. A situação descrita no excerto 5 se conecta com a conjectura exposta por Thibault (2017, p. 76) acerca da aprendizagem de línguas. Ele defende que não adquirimos línguas, mas sim adaptamos nossos corpos e cérebros à atividade linguística que nos rodeia, e, durante esse processo, fazemos parte de diversos mundos culturais.

## 4.2 Retrato de linguagem 2

Figura 3: Retrato de linguagem do participante B.



O segundo retrato pertence ao participante B, nascido em 1968 em São Paulo (SP), com mãe nascida em Portugal e com um avô nativo da Inglaterra. Ele morou entre 2016 à 2017 durante a maior parte do tempo no Rio de Janeiro (RJ), mas viveu alguns anos em Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e São José dos Campos (SP). Em 2020, o participante imigrou para a Alemanha com a esposa e os dois filhos.

O retrato de linguagem da participante B está dividido em quatro cores: azul escuro (português europeu), azul claro (português brasileiro), vermelho (alemão) e laranja (inglês). O laranja e o azul claro são as cores mais dominantes em seu retrato de linguagem, simbolizando a presença do inglês e do português brasileiro no seu cotidiano. O participante B concentrou sua narrativa no vínculo emocional relacionado ao seu repertório e aos diferentes recursos linguísticos utilizados por ele.

Excerto 6 (00:00:44:09 - 00:01:54:19)

- 4 PaB: eu gostaria de iniciar pelo português
- 5 língua MÃE (.) né? Português brasiLEIRO né?
- 6 porque eu sou brasileiro (.) então essa região
- 7 num azul mais claro do português brasileiro (.)
- 8 ela é muito, muito EH:: concentrada na minha parte
- 9 de sentimento (.) né?(.) ENTão seriam meus principais
- 10 sentimentos relacionados ao afetivo que eu quis colocar
- 11 mais na região do TÓrax liGADO ao coração ah::
- 12 e essa parte de respiração (.) então eu quero com isso
- 13 dizer o quê? É a parte que eu eh:: me (.) me torna
- 14 ah:: o tempo todo vivo (.) SeRIA o idioma da língua

15 mãe, que é a minha essência de VIDA, né? então por  
16 isso que eu queria relacionar muito ao tórax  
17 (.) respiração (.) coração (.) circulação e um pouco  
18 dentro da cabeça

Embora a língua portuguesa e a inglesa sejam relevantes na vida do participante B, a língua alemã também tem para ele um elevado valor emocional. No Excerto 7, ele descreve os sentimentos conectados com a língua do país de acolhimento:

Excerto 7 (00:07:57:18 - 00:08:43:17)

215 PaB: o meu sentimento é de eh:: identificação  
216 em relação ao idioma (...) um uso cada  
217 vez maior e eh:: é uma satisfação em aprendER  
218 esse idioma cada vez maior (.) NÉ? um lado da  
219 felicidade em relação, uma relação posiTIVA  
220 em relação ao idioma alemão (...) Ja, eu tento  
221 enxergar dessa forma dentro da região, NÉ?  
222 de cor, da cor em relação ao como tá se  
223 mostrando em relação ao meu corpo (.) então  
224 (.) cada vez maior é a tendência até de se tornar  
225 o princiPAL idioma

No retrato de linguagem do participante B, vemos clara a concepção exposta por Zimmermann (2020) acerca da proximidade entre a língua do imigrante e determinadas línguas (Figura 3), assim como da proximidade de algumas línguas com a de acolhimento. Assim, podemos observar que o participante B conecta sua variedade linguística (português brasileiro) com o português europeu, representadas pelo azul (com um tom mais claro e outro mais escuro). Em contrapartida, vemos que o inglês (laranja), língua próxima da do país de acolhimento, se mescla com o alemão (vermelho).

A linguística de contato de línguas deve concentrar-se sistematicamente nesta gama de variedades de contato. Nesta, existem variedades mais próximas da língua nativa dos migrantes e outras mais próximas da língua da comunidade de acolhimento. Os dados empíricos para esta visão são “*spanglish*” e semi-Creole. Tomando o conceito de língua como diassistema, está a desenvolver-se um diassistema reestruturado e, neste sentido, novo (ZIMMERMANN, 2020, p. 25, tradução nossa).<sup>9</sup>

---

9 Do original: “La lingüística del contacto de lenguas debe focalizar sistemáticamente esta gama de variedades de contacto. En esta hay variedades más cercanas a la lengua originaria de los migrantes y otras más cercanas a la lengua de la comunidad de recepción. Datos empíricos para esta visión son el ‘spanglish’ y los semicriollos. Tomando el concepto de lengua como diassistema se está desarrollando un diassistema reestructurado y en este sentido nuevo.” (ZIMMERMANN, 2020, p. 25)

O participante B relatou que a sua maneira de se expressar em português brasileiro sofreu uma forte influência do português europeu, sendo essa uma característica típica quando ele se comunica em sua língua nativa. Ele relatou também essa mesma tendência ao mesclar o inglês com o alemão.

Excerto 8 (00:00:44:16 - 00:0:53:08)

49 PaB: eu sou brasileiro (.) então português  
50 do BRASIL apesar de que eu tive uma  
51 influência sempre da MINha mãe (.)  
52 que até HOje tem um sotaque MUito  
53 forte e mantém MUito o português  
54 de Portugal

Segundo o participante B, a maior influência do português europeu, na maneira de falar dele, fica clara no seu vocabulário e na estrutura sintática que utiliza. Porém, com relação às línguas de origem germânica, a influência só ocorre na área léxica.

### 4.3 Retrato de linguagem 3

**Figura 4:** Retrato de linguagem da participante C.



participante C é autora do terceiro retrato. Ela é filha dos participantes A e B, nasceu em 2005, no Rio de Janeiro (RJ), e morou em São José dos Campos (SP). Em 2020, imigrou para a Alemanha com seus pais e com seu irmão. O retrato da participante C está dividido em três cores: verde (português), rosa (inglês) e lilás (alemão). No caso da participante C, vemos um certo equilíbrio na utilização das três cores espalhadas pela silhueta. Porém, notamos uma leve predominância das cores verde e rosa.

Excerto 9 (00:00:53:22 - 00:01:20:16)

22 PaC: tentei desenhar uma boquinha  
23 também pra mostrar comunicação,  
24 o lábio de cima que é o maIOR português (.) e  
25 o lábio de baixo diviDI entre inglês e alemão,  
26 que eu falo as três línguas no dia a dia (.)  
27 no pé eu fiz o meu pé esQUERDO alemão e  
28 o meu pé direito português (.) porque EU  
29 sinto que os meus pés, tem um pé meu que  
30 está na Alemanha e tem um pé que está  
31 no Brasil (.) eu sinto que os dois  
32 conseguem ser minha CAsa

Acrescentando partes do corpo, como a boca e o cérebro (ambos divididos em três línguas), o coração (completamente verde) e os cabelos (um lado verde e outro rosa), a participante C revela que sua perspectiva pertence a diversos mundos linguísticos. Apesar do lado emocional está aliado à sua língua nativa (coração verde), seus recursos linguísticos, utilizados na comunicação diária (lábios) estão aliados não só ao português, mas também ao inglês e ao alemão.

A cor escolhida para os pés, além de sua explicação de “se sentir em casa” tanto no Brasil quanto na Alemanha, fortalece o conceito de participação em dois mundos, com perspectivas diferentes e utilização de recursos linguísticos diversos. Com base nesses dados, podemos fazer referência ao que Li (2011, p. 1223) afirmou sobre a capacidade do ambiente *translanguaging* de gerar um novo espaço social para o utilizador de várias línguas, ao conectar diferentes dimensões da história pessoal, experiências, espaço, atitude, crenças e ideologias à capacidade cognitiva e corporal. Ao mesmo tempo, a participante demonstra plena consciência quanto aos seus limites de conhecimento nessas três línguas e ao valor afetivo, o que pode ser visto nas bagagens desenhadas com corações (Figura 4). O número de corações, nas bagagens rosa e lilás, representa os anos de acúmulo de conhecimento do inglês (12 anos) e do alemão (3 anos).

## 4.4 Retrato de linguagem 4

Figura 5: Retrato de linguagem do participante D.



O participante D elaborou o quarto retrato. Ele é filho dos participantes A e B, nasceu em 2011, no Rio de Janeiro (RJ), e morou em São José dos Campos (SP). Em 2020, imigrou para a Alemanha com seus pais e com sua irmã.

O retrato do participante C está dividido em três cores: lilás (inglês), vermelho (alemão) e verde (português). Apesar da cor lilás não ser predominante na silhueta, a ligação afetiva com a língua inglesa ficou muito clara no depoimento do participante e na cor do coração. Também a presença desta língua em sua vida foi ressaltada na escolha da hierarquia de cores (lilás no topo).

Excerto 10 (00:17:17:18 - 00:01:41:16)

- 3 PaD: eu escolhi o inglês para
- 4 ser o coração porque::
- 5 eu AMO MUITO inglês (.) ah::
- 6 e também eu falo muito em inglês
- 7 eu gosto de ler coisas em inglês e
- 8 vejo filmes em inglês (.) a maioria

Podemos observar que, enquanto para as participantes A e C as mãos representam a língua inglesa, para a participante A simboliza sua ferramenta de trabalho e, segundo a participante C, significa uma ferramenta utilizada universalmente. O participante D vê nas mãos uma ferramenta complementar no processo de comunicação, em que os gestos contribuem na hora de pôr em prática a língua alemã. A interpretação do participante D da cor vermelha, conectada com o simbolismo das mãos, está no excerto seguinte:

Excerto 11 (00:01:18:24 - 00:01:41:16)

- 11 PaD: as mãos em verMELhos querem  
12       dize::r aleMÃO (.) a explicação  
13       é porque eu faço gestos com as  
14       mãos quando eu não sei faLAR um  
15       neGÓCIO e eu gosto de fazer  
16       cumprimentos e também uso muito  
17       a mão para ler

Outro aspecto relevante, na silhueta elaborada pelo participante D, é seu sentimento de nostalgia aliado ao país de origem. Esse sentimento, além de ficar claro na escolha do verde para a área da cabeça (que foi complementada com os desenhos dos olhos, ouvidos, nariz, boca e cabelo) e pescoço, também fica claro nos desenhos de fundo. O participante D explica, no excerto seguinte, que os desenhos de fundo fazem referência ao Brasil.

Excerto 12 (00:01:50:04 - 00:02:24:09)

- 20 PaD: eu fiz uma árvore com  
21       brinQUEdos, escorrego, uma escada,  
22       balanço que eu sempre aMEI e um  
23       negócio para sentar (.)  
24 En:               e isso é na sua escola?  
25 PaD: isso era no BraSIL (.) e:: eu  
26       fiz isso porque(.) é o passar  
27       de TEMpo pra mim e o coração virou  
28       um sol que começa a se fechar

Com a metáfora do coração, o participante D faz alusão aos seus sentimentos afetivos pelo Brasil e pela língua portuguesa. Isso revela a importância da língua nativa no seu repertório linguístico. O coração também serviu no retrato de linguagem dele para mostrar seu valor afetivo (coração entre duas pessoas) e o sentimento de mudança (o coração se transformando em “sol que começa a se

fechar”), ou seja, dias cinzentos típicos do inverno alemão. Esse sol escuro contrasta com o sol amarelo com nuances de vermelho no topo do retrato (Figura 5) que representa a predominância do calor no país de origem. O participante D não percebe seus recursos linguísticos como duas línguas nacionais unificadas, mas sim vê-se uma clara diferenciação entre um processo já construído (repertório do português), uma conexão forte com um processo em construção (afinidade cada vez maior com o repertório do inglês) e a reconstrução de uma nova perspectiva, com base em novas vivências no país de acolhimento (repertório do alemão).

## Considerações finais

A análise dos repertórios linguísticos, com base nos retratos de linguagem deste estudo, mostrou quão amplamente diversificada é a consciência linguística individual e quão híbrida é a identidade dos participantes. Os participantes exploraram, em seus retratos de linguagem, diversas ferramentas visuais de forma consciente, além de apresentarem sua relação única com os recursos linguísticos disponíveis, associando os mesmos a variadas emoções e experiências de linguagem vividas. Ao fazê-lo, cada um utilizou meios diferentes para categorizar seus próprios recursos, por um lado, e para apresentar significados e avaliações, por outro. Por exemplo, as malas desenhadas pela participante C, com o intuito de representar a aquisição de línguas ao longo do tempo, e a utilização de cores das bandeiras nacionais ou cores favoritas, para enfatizar a ligação emocional associada a partes do corpo (desenhadas pelos próprios participantes). Entre as emoções estão presentes muitas que são positivas (esperança, satisfação, bem-estar e alegria), e poucas que podem ser categorizadas como negativas (sentimento desagradável e sol escuro). Além disso, todos os participantes assumiram línguas e variedades ideologicamente construídas, mas concentraram-se em aspectos diferentes.

A fim de tornar explícitas as condições constitutivas à atividade linguística em contexto migratório, o foco desta análise foi dado ao *translanguaging* como prática que incorpora uma coordenação individual do imigrante no âmbito do país de acolhimento. Para este fim, concentramo-nos na relação entre o comportamento linguístico individual, o conhecimento e a aquisição de outras línguas, como aspectos complementares subjacentes na prática de comunicação humana. Além disso, os participantes, neste estudo, revelaram que a utilização de diversas ferramentas linguísticas gera um mosaico entre vários códigos, revelando-se inovadora e produtiva. Sendo assim, a prática de *translanguaging* e tradução movimenta o indivíduo em espaços regidos por uma nova dinâmica, tornando-os capazes de se orientar com naturalidade e flexibilidade em escala transcultural.

Esperamos que esta reflexão possa contribuir para abrir novos espaços, para que outros estudiosos interessados no tema possam utilizar esse método e desenvolver diferentes análises a respeito do acesso ao repertório individual de imigrantes e suas vivências linguísticas em ambientes transculturais.

# LANGUAGE PORTRAITS, REPERTOIRE AND SPRACHERLEBEN - THE TRANSCULTURAL LINGUISTIC EXPERIENCE OF BRAZILIAN IMMIGRANTS IN GERMANY

**Abstract:** Based on the language portrait technique (NEUMANN 1991; KRUMM & JENKINS 2001; BUSCH 2012), this article explores the linguistic repertoire and lived experience of Brazilian immigrants in Germany. Our central aim is to analyse the lived experience of linguistic interaction in the urban and intercultural environment of the German city of Düsseldorf. We will look at the connections between migration processes, identity and changing language practices in an environment characterised by global mobility and language contact, affecting not only historical languages but also their varieties. Using the language portrait approach as the basis for an empirical and qualitative study, this paper aims to contribute to the discussion on language repertoires and transculturality. It also aims to explore the significance of language for immigrants in and through experiences where linguistic baggage enters the process of identity (re)construction in a new country.

**Keywords:** Brazilian immigrants; language portraits; linguistic repertoire; translanguaging; global mobility.

## Marcas e abreviaturas utilizadas na transcrição

PaA: participante A  
PaB: participante B  
PaC: participante C  
PaD: participante D  
En: entrevistador  
(.) pausa breve  
:: alongamento de vogal  
MAIÚSCULA ênfase ou acento forte

## Referências

AMORÓS-NEGRE, Carla; KAILUWEIT, Rolf; TÖLKE, Vanessa. Pluricentric communication beyond the standard language paradigm: perceptions of linguistic accommodation between speakers from Argentina and Spain in a mobility context. *Sociolinguistica*, 35. Jg., Nr. 1, 2021, p. 141-164.

BAKER, Will. From intercultural to transcultural communication. *Language and Intercultural Communication*, 2021, p. 1-14

BAKER, Colin. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 5th edition. Clevedon: Multilingual Matters, 2011.

BLOOMMAERT, Jan. Language, asylum, and the national order. *Working Papers in Urban Language & Literacies*, Paper 50, p. 2–21. Online. Available from the Centre for Language, Discourse and Communication, Kings College, London, 2009. Disponível em: < [www.kcl.ac.uk/sspp/departments/education/research/lcdc/publications/workingpapers/search.aspx](http://www.kcl.ac.uk/sspp/departments/education/research/lcdc/publications/workingpapers/search.aspx)> Acesso digital em 14 de março 2023.

BLOOMMAERT, Jan. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University, 2010.

BLOOMMAERT, Jan. Infrastructures of superdiversity: Conviviality and language in an Antwerp neighborhood. *European Journal of Cultural Studies*, 17(4), 2014, p. 431-451.

BOERSMA, Paul & WEENINK, David (2023). Praat: doing phonetics by computer [Computer program]. Versão 6.3.10, 2023. Disponível em: < <http://www.praat.org/>> Acesso digital em 11 de fevereiro 2023.

BUSCH, Brigitta. The linguistic repertoire revisited. *Applied linguistics*, 33. Jg., Nr. 5, 2012. p. 503-523.

BUSCH, Brigitta. Biographical approaches to research in multilingual settings: Exploring linguistic repertoires. In: *Researching multilingualism*. Routledge, 2016. p. 60-73.

BUSCH, Brigitta. Expanding the notion of the linguistic repertoire: On the concept of *Spracherleben* - The lived experience of language. *Applied Linguistics*, 38. Jg., Nr. 3, 2017. p. 340-358.

FAIST, Thomas; ECHTERHOFF, Gerald; FRIEDRICHS, Anne; KOHSE-HÖINGHAUS, Katharina; KRÄMER, Walter; NUßBERGER, Angelika; VON SCHELIHA, Arnulf; SCHMIDT, Christoph M.; STICHWEH, Rudolf & THURN, Hans Peter. *Gesellschaft mit Migrationshintergrund*. Nordrheinwestfälische Akademie der Wissenschaften und der Künste [online], 2022. Disponível em: < [https://www.awk.nrw/fileadmin/user\\_upload/img/Publikationen\\_der\\_Akademie/AWK\\_Publikation-Migration\\_165x240\\_K22.pdf](https://www.awk.nrw/fileadmin/user_upload/img/Publikationen_der_Akademie/AWK_Publikation-Migration_165x240_K22.pdf)> Acesso em 14 março de 2023.

GUMPERZ, John J. Linguistic and social interaction in two communities. *American anthropologist*, 66. Jg., Nr. 6, 1964. p. 137-153.

HUSSERL, Edmund. *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy: First book: General introduction to a pure phenomenology*. Springer Science & Business Media, 1983.

KAILUWEIT, Rolf. Los maestros de idiomas: Plurizentrische Sprachräume als kommunikatives Konstrukt. *America Romana: Neue Perspektiven transarealer Vernetzungen*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015. p. 97-119.

KRUMM, Hans-Jürgen; JENKINS, Eva-Maria. *Kinder und ihre Sprachen—lebendige Mehrsprachigkeit: Sprachenportraits*. Vienna: Wiener Verlags. Werkstatt für Interkulturelles Lernen und Deutsch als Fremdsprache, 2001.

- LI, Wei. Moment analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of pragmatics*, 43. Jg., Nr. 5, 2011. p. 1222-1235.
- LI, Wei. Translanguaging as a practical theory of language. *Applied linguistics*, 39. Jg., Nr. 1, 2018. p. 9-30.
- LYNCH, Andrew (Ed.). *The Routledge handbook of Spanish in the global city*. Routledge, 2020.
- MARTOS, Isabel Molina. Procesos de acomodación lingüística de la inmigración latinoamericana en Madrid. *Lengua y migración/Language and Migration*, 2(2), 2010, p. 27-48.
- NEUMANN, Ursula. Ideenkiste: Ich spreche viele Sprachen. *Grundschulzeitschrift* 43/59, 1991.
- STELZIG-WILLUTZKI, Sabina. *Soziale Beziehungen im Migrationsverlauf: Brasilianische Frauen in Deutschland*. Springer-Verlag, 2012.
- THIBAUT, Paul J. The reflexivity of human languaging and Nigel Love's two orders of language. *Language Sciences*, 61. Jg., 2017, p. 74-85.
- WELSCH, Wolfgang. Was ist eigentlich Transkulturalität. In: Darowska, Lucyna, Lüttenberg, Thomas and Machold, Claudia. *Hochschule als transkultureller Raum? Kultur, Bildung und Differenz in der Universität*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2010, p. 39-66.
- ZIMMERMAN, Klaus. Migración y contacto de lenguas: nuevas variedades y reestructuración del diasistema. *LaborHistórico*, 7(1), 2020, p. 24-44.

*Recebido em 10 de março de 2023*

*Aceito em 20 de abril de 2023*

# ENSAIOS

## ALEJANDRA PIZARNIK – LA POESIA, ESA VIAJERA ERRANTE: PROHIBIDO OLVIDARSE DE ALEJANDRA

María Pugliese<sup>1</sup>

**Resumen:** El presente trabajo se originó a partir de los siguientes interrogantes: ¿Cuáles fueron los procesos atravesados por Alejandra Pizarnik (Argentina, 1936-1972) en la elaboración de sus escritos y cuáles fueron los resultados? Las búsquedas de respuestas al primer interrogante nos remiten a referencias bibliográficas y/o autobiográficas que conforman un vasto *corpus*. Para reconocer las respuestas al segundo interrogante debemos abordar las lecturas de las obras. Desde una perspectiva sociohistórica, nos centramos en textos del primer estadio de producción poética, considerando que ya aparecen en ellos marcas de estilo: Pizarnik convierte su *lenguaje interno* en escritos en los que reconocerá el sentido de las palabras, el sentido renovador de las escrituras en diferentes idiomas y por ende el sentido de la vida misma, de la existencia humana. El lenguaje interno consiste en el acto de pensar con significados esenciales, es el lenguaje del silencio, intraducible...fluctúa entre el pensamiento y la palabra. En esta contradicción se gesta y nace el nodo de la poesía de Alejandra y propongo seguir indagando en otras obras acerca de esta dinámica creativa.

**Palabras clave:** Poesía y memoria; Lenguaje poético; Lenguas maternas.

El poemario *La tierra más ajena* (1955) de Pizarnik se edita en Buenos Aires con el sello de *Botella al Mar*, editorial a cargo del español Arturo Cuadrado y de Luis Seoane, quien además lo ilustra. En su tapa rústica y rojiza se lee Flora Alejandra Pizarnik, ésta será la única y última vez que *Alejandra* firmará con su nombre completo.

Flora Alejandra Pizarnik nació el 29 de abril de 1936 en Avellaneda, una ciudad cercana a Buenos Aires. Sus padres Elías Pozharnik (en Argentina será registrado como Pizarnik) y Rejzla Bromiker emigran de la localidad ruso-polaca de Rovne,

---

1 María Pugliese nació en Vicente López, Buenos Aires, Argentina, el 29 de mayo de 1957. Es poeta y ensayista. Profesora Adjunta jubilada (Universidad Nacional de Luján). Miembro correspondiente de la Academia de Letras de Bahía, Brasil. Autora de los poemarios: *De uno y otro lado* (1988); *Viento y cenizas y otros poemas* (1990); *Sobre un puente de cañas* (1990); *Esquirlas* (1990); *Voces como furias* (1996); *Vigías en la noche* (2007); *Cripta de amor* (2017). Contacto: mariapugliese@hotmail.com.

para instalarse en Avellaneda donde residía la hermana de su madre, previo paso por París, donde residía el hermano de Elías.

Su familia la nombraba Buma (flor, en Idish) o Blímele (florcita), las cartas dirigidas a Juan Jacobo Bajarlía<sup>2</sup> están firmadas con estos nombres.

Así como desdeñó sus apodos de la infancia y la adolescencia y el nombre Flora, también lo hizo con los lazos familiares, para comenzar a construir la identidad Alejandra.

Las palabras *adolescencia* y *muriendo* en la cita de Arthur Rimbaud de la primera página, nos anticipan por un lado ciertas rebeldías y transgresiones, y por otro un posicionamiento en la tierra *más ajena* de ese *presente de adultez* que abandona mientras muere *la otra tierra ajena* de la adolescencia – tiene 19 años.

*¡Ah! El infinito egoísmo de la adolescencia,  
el optimismo estudioso: ¡cuán lleno de  
flores estaba el mundo ese verano! Los  
aires y las formas muriendo...*  
(RIMBAUD *apud* PIZARNIK, 2015, p. 5)

Entre las rebeldías crece su obsesión por las lecturas, por las escrituras, por el dibujo y la pintura.<sup>3</sup> Profundiza en los poetas surrealistas René Char y los *beats poets* como Allen Ginsberg, frecuente reuniones literarias y sociales, intenta indagar en el periodismo, escribe artículos, traduce a Paul Eluard y André Breton. Por lo que adquiere una sólida disciplina de estudio que se potenciará en sus estadías en París.

Sin embargo, las funciones y usos del vocabulario, las estructuras gramaticales simétricas, las cadencias rítmicas - en los versos y en la prosa poética - y las repeticiones, con omisiones de signos de puntuación y mayúsculas en varios poemas, dan cuenta de transgresiones que la acercan al surrealismo, pero a la vez del trabajo intencional, meticuloso, premeditado...que la alejan y la hacen cada vez más *ajena, extraña, extraordinaria*.

*La última inocencia* (1956) se editó bajo el sello Poesía Buenos Aires a cargo del poeta y traductor Raúl Gustavo Aguirre<sup>4</sup>. Está dedicado a León Ostrov, profesor de Psicología Experimental en la Universidad de Buenos Aires, con quien mantuvo

---

2 Juan Jacobo Bajarlía (Buenos Aires, 1914-2005). Abogado criminólogo, poeta, cuentista, novelista, dramaturgo y traductor. Amigo personal de A.P. y autor de *Alejandra Pizarnik: anatomía de un recuerdo*.

3 Asiste al taller de Juan Batlle Planas. Alejandra persistirá en la expresión a través de dibujos con la misma vehemencia con que se manifestará en sus escritos. Roberto Aizenberg fue discípulo de Batlle Planas y amigo de Alejandra. La portada de *Los trabajos y las noches* (1965) editado por Sudamericana, es de su autoría.

4 En 1976 ediciones Botella al Mar reeditó este libro junto a *Las aventuras perdidas* en un mismo volumen, incluyendo el prólogo escrito por el poeta y pintor Enrique Molina. Dicha edición cuenta con grabados en madera realizados por Luis Seoane.

una comunicación especial y una correspondencia a la distancia que duraría años<sup>5</sup>, compartían su ascendencia judío-rusa, la sensación de vivir en errancia constante y el amor por la poesía.

En el conjunto de estos versos podemos reconocer cierto tono de complicidad, a modo de confesión, con la intención de darnos a conocer que hay una decisión tomada.

La palabra última, del título sugiere una partida, por ende la despedida, pero en qué consiste el viaje?... hacia dónde?

En el siguiente poema, cuyo título da nombre al libro, la decisión se explicita a modo de monólogo interno. En cada estrofa refuerza sus argumentos y sentimos que dialoga con nosotros, ya que *las miradas*, *las piedras opresoras*, *la inercia bajo el sol*, *la sangre anonadada* y *la fila para morir*, refieren a nuestro vivir ordinario, cotidiano: nuestra lengua, nuestro país, nuestras acciones, nuestros tiempos y espacios.

“La última inocencia”

Partir  
en cuerpo y alma  
partir.

Partir  
deshacerse de las miradas  
piedras opresoras  
que duermen en la garganta.

He de partir  
no más inercia bajo el sol  
no más sangre anonadada  
no más formar fila para morir.

He de partir  
Pero arremete, ¡viajera!  
(PIZARNIK, 2015, p. 61)

---

5 OSTROV, Andrea. *Alejandra Pizarnik/León Ostrov. Cartas*. Buenos Aires: Ed. Andrea Ostrov, 2012.

El último verso exhortante, *arremete* contra esos argumentos, es un imperativo a sí misma, el sujeto de la enunciación coincide con el sujeto del enunciado, el yo se diluye y sólo queda un nombre:

“Solo un nombre”

alejandra alejandra

debajo estoy yo

Alejandra

(PIZARNIK, 2015, p. 65)

Alejandra concibe al lenguaje como representación de una realidad “ajena” – incompatible con la cotidianeidad, con lo normal, con la vida conocida por todos –, que al enunciarse constituye una nueva realidad: cada vez que se escribe y cada vez que se lee. Desde esta perspectiva, exiliada de la realidad, viajera errante, exploradora de significados, asume de ahora en más formas expresivas que constituirán las marcas de su estilo: el poder de ofrecer sugerencias cada vez más ricas en lecturas...y éste es sólo su segundo libro, la trilogía se completará con *Las aventuras perdidas* (1959), constituyendo así el primer estadio de una vasta obra en una vida breve.

Al decir de César Aira<sup>6</sup>, “El proceso mismo ya es resultado”. Y cuál es el resultado? Alejandra convierte su *lenguaje interno* en escrituras, reconocerá en ellas el sentido de las palabras, sin ese sentido renovador de la escritura, la existencia no tiene sentido.

El lenguaje interno consiste en el acto de pensar con significados esenciales, es el lenguaje del silencio, el intraducible...Es dinámico, inestable, variable, fluctúa entre la palabra y el pensamiento. El pensamiento no coincide no sólo con la palabra, sino con los significados de la palabra. Su regazo fue la lengua materna: las lenguas maternas gestan nuestros rasgos identitarios, se alimentan de los cuerpos, de los espacios y de las manifestaciones de afecto del entorno inmediato, nos asisten entre arrullos, comidas, aromas, narrativas ancestrales.

Las palabras no expresan nada sin las miradas, las caricias, *sin los otros*. El pensamiento no es sólo palabras, sin embargo pensamiento y palabras, evocan siempre significados. Y escribir nos enfrenta al deseo de expresarnos en soledad.

Tal vez éste sea el nodo de la tensión dramática pizarnikiana, el intento y la decepción ante la no concurrencia entre ambas dinámicas. No obstante lo intentará, por ejemplo explorando las potencialidades de los idiomas.

La poesía no surge por lo tanto de sí, sino desde sí, del recuerdo de experiencias ancestrales, de los conocimientos y vivencias que la autorizan para revisar y

---

6 AIRA, César. *Alejandra Pizarnik*. Rosario: Viterbo, 1998.

reconstruir los residuos del pasado en el presente de la memoria *con* la palabra, como obediencia a un impulso vital por satisfacer necesidades. Poesía y memoria, flujo y reflujo en constante movimiento: pensamiento y belleza.

“...La memoria es océano. Un río-océano circular e infinito. Y mi sangre es memoria regresando al caos, reinventándose a sí misma en cada sucio enigma, una esfinge sin cabeza y sin ninguna respuesta” (FRAGA, 1981). La cita pertenece a la escritora brasileña Myriam Fraga<sup>7</sup>, el lenguaje para ella es testimonio, registro, memoria. En nuestro último encuentro en la Academia de Letras de Bahía (2015), conversamos acerca de Alejandra, le dije que tenían varios puntos en común, se sonrió – la conocía – y nos despedimos bajo la promesa de que escribiría para demostrarlo.<sup>8</sup>

Alejandra Pizarnik y Myriam Fraga coinciden en la aguda conciencia acerca del valor de las palabras en cuanto a la construcción de identidades: escrituras y memorias se trenzan con los hilos del lenguaje.

“Canto”

el tiempo tiene miedo  
el miedo tiene tiempo  
el tiempo  
pasea por mi sangre  
arranca mis mejores frutos  
devasta mi lastimosa muralla

destrucción de destrucciones  
sólo destrucción

y miedo  
mucho miedo  
miedo.

(PIZARNIK, 2015, p. 54)

La palabra adquiere sentidos en su contexto, y cambia de sentido en contextos diferentes. El sentido de las palabras es una construcción compleja y dinámica, se modifica constantemente de un hablante a otro, aún para un mismo hablante. En el poema anterior una misma palabra repetida varias veces absorbe diferentes unidades de sentido. Es lo que sucede en cualquier situación comunicativa, con o

---

7 Myriam Fraga (Salvador de Bahía, Brasil. 1937-2016)

8 En la Academia de Letras de Bahía expuse el texto *Las voces de las memorias en la poesía de Myriam Fraga* (2013).

sin intención estética. Pero en el lenguaje interior, cada palabra/imagen contiene el sentido de las palabras anteriores y posteriores en tiempo y espacio, casi ilimitadamente, a través de las evocaciones como si fueran ondas concéntricas expansivas.

Pizarnik aborda ese instrumento inacabado e inasible para los escritores con la misma actitud de un sujeto que aprende a hablar: los sonidos serán matriz de exploración, las diferentes intenciones serán motivo de juego, cada palabra con significados será un desafío para la multiplicación de mundos, cada repetición será una nueva resignificación. Por ende cada uno de sus libros, es un objeto integral en el que cada detalle es parte de un todo y ese todo el detalle de su *estilo*.

El 15 de agosto de 1958 se edita *Las aventuras perdidas* en Ediciones Altamar, que integra la Colección Nuestro tiempo, Serie de poesía dirigida por Raúl Gustavo Aguirre y Rubén Vela, este último director de la revista *Poesía Buenos Aires*, donde se habían publicados algunos poemas de Alejandra.

La edición tiene una portada de color blanco con dibujo y sello editorial en azul aciano. La ilustración de Paul Klee representa una mujer con un paraguas dibujado en la cabeza y una pluma de pavo real entre las manos.

Los poemas son veintidós –la misma edad con la que contaba Alejandra,<sup>9</sup> tienen título y están encabezados por la dedicatoria a Rubén Vela, en la primera hoja, en el centro, con margen hacia la derecha. En la contracara de esa hoja, abajo con margen hacia la derecha, un epígrafe de G. TRAKL.<sup>10</sup> Indicios que nos anticipan el cuidado tanto en la disposición de los textos como en los detalles espaciales y gráficos (los títulos se destacan en tipografía *negrita minúscula*, por ejemplo).

## Los senderos de la errancia

El ejemplar que utilicé como referencia es uno de los que Alejandra tenía en su biblioteca, me lo obsequió el poeta Pablo Ingberg en el año 1990, tal vez porque en ese tiempo se había difundido en una revista literaria la primera versión de un artículo de mi autoría en el que abordaba las ausencias y el silencio en los *Textos de sombra y últimos poemas*, libro editado por Sudamericana en 1982, y en el que se incluyen poemas y textos en prosa ordenados y supervisados por Olga Orozco y Ana Becció a partir de manuscritos fechados por A.P. en 1972 y publicaciones en revistas previas a esa fecha.

El artículo al que hice referencia en el párrafo anterior se tituló *Ausencia y silencio en la poesía de Alejandra Pizarnik*; tracé un recorrido por las unidades semánticas en su poemario que se encadenan en forma recurrente. Para su reconocimiento analicé los recursos expresivos y reconocí los procedimientos genuinos de la poesía, tales como las imágenes o las metáforas con un vocabulario innovador, emotivo y con una disposición en el espacio – papel – protagónica. Desde entonces, no sólo

---

<sup>9</sup> *La tierra más ajena* cuenta con veintidós poemas, y *La última inocencia* con diecisiete.

<sup>10</sup> De este modo, con la inicial y en letra mayúscula, es como firma el epígrafe.

reincidí en las lecturas de sus obras y en los materiales bibliográficos, sino que la comprensión de los mismos se alimentó año tras año entre conversaciones y lecturas compartidas en amistad con Olga Orozco, Antonio Requeni, Arturo Carrera, Roberto Aizenberg y una pintora amiga de Myriam Pizarnik, la hermana mayor. Y por supuesto, en encuentros y rondas lecturas con otros tantos poetas queridos.

El artista polifacético Fernando Noy la conoció en 1971, y cada vez que la evoca manifiesta calidez y mucho afecto hacia Alejandra. En las líneas que siguen, y con pocas palabras, no sólo expresa el vínculo afectivo entre ambos sino también su personalidad:

En esa etapa de su vida Alejandra estaba muy ajena al traqueteo literario, pero escribía tres libros al mismo tiempo. Ciertos amigos no soportaban su velocidad y había quedado un poco a la deriva...me tenía como uno de los pocos capaces de acompañarla... primero en su departamento de la calle Montevideo y después de internada, ir a buscarla al Hospital Pirovano para pasar los fines de semana juntos.<sup>11</sup>

Por esos senderos de búsqueda, aparecieron las cartas que la poeta Ivonne Bordelois recopila acudiendo a diferentes fuentes<sup>12</sup> y que nos susurran otras voces, otras versiones de Alejandra en vida:

Recuerdo la noche en que la conocí en París, allá por los sesenta, en un modesto restaurante de la rue Saint Michel, frente al Luxemburgo [...]. [...] aquella muchacha vestida con exagerado y afectado desalineo, que hablaba en el lunfardo más feroz, salpicando su conversación con obscenidades truculentas o deliberadas palabrotas. (BORDELOIS, 1998, p. 13-14).

Están ordenadas por destinatarios – no en forma cronológica, ya que en su conjunto reconstruyen no sólo las relaciones personales y las características de la época, sino también los trayectos y proyectos que la impulsaban a los traslados. Por lo tanto se podrían agrupar teniendo en cuenta:

- las que fueron escritas previamente a la experiencia europea;
- las que aluden a su viaje a París y estadía (1960-1964);
- las referencias al regreso a Buenos Aires;
- el otorgamiento de la beca Guggenheim (1968), que le permite viajar a New York y volver a Buenos Aires, luego de un corto pasaje por París (1969).

---

<sup>11</sup> NOY, Fernando. “Soy un sobreviviente de cuatro décadas”, por Flavia Fernández. Publicado en el Diario de La Nación el 17 de septiembre de 2017.

<sup>12</sup> BORDELOIS, Ivonne. *Correspondencia PIZARNIK*. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.

En estos registros Alejandra deja entrever que del intenso París de sus deseos y recuerdos, no queda nada... Su única Patria será de ahora en más el lenguaje...

En el Prólogo, Bordelois menciona una entrevista que Ana Calabrese realiza a Enrique Pezzoni<sup>13</sup> en la revista *El Porteño*. Enrique dice que en Alejandra había:

[...] esa compulsión al juego de palabras, ese juego que viene de la tradición surrealista, eso de “les mots font l’amour” para ella absolutamente encarnada. Pero a la vez vos veías que todo eso encubría una zona central de silencio que era muy preocupante y muy fascinante a la vez. Es decir: es una poesía maravillosa la de Alejandra y su vida es una vida poética muy maravillosa –pero a veces da la impresión de que eran borradores de la vida, borradores de poesía para enmarcar esa zona central de silencio. (BORDELOIS, 1998, p. 17).

Y como borradores de vida, escribí cientos de páginas en decenas de cuadernos, escritos, dibujados, copiados nuevamente y reescritos, a modo de “diario de escritora” como ella misma los anunciaba:

El corpus de la obra diarística de Alejandra Pizarnik, conservado en la Universidad de Princeton, consta de un total de treinta documentos: diez libretas, o cuadernillos como ella los llamaba, correspondientes a 1954, 1955, 1956, 1961 y 1972; catorce cuadernos, y seis textos mecanografiados: el «Journal de Châtenay-Malabry», de cuarenta y ocho hojas; 2 cuatro hojas sueltas de 1961; doce hojas encarpadas con correcciones a mano;<sup>3</sup> diez hojas grapadas con la mención «antes de 1960»; treinta y dos hojas grapadas con la fecha 1961-1962, y ochenta y cuatro hojitas tamaño libreta, que probablemente estuvieron dentro de una carpeta de anillas, divididas por la autora en dos partes con la mención «París 1962» y «1963». En sus diarios, como en su correspondencia con Ostrov, Pizarnik hace referencia a un diario anterior a 1954 y a un cuaderno desaparecido de 1960. En varias oportunidades, menciona que rompió, o que desea romper, ya sea sus poemas o su cuaderno. Ello podría explicar los períodos de escasa o nula escritura de su diario, notorios a partir de 1960, aunque también podría ser que, ocupada con su poesía, no escribiera en su diario con asiduidad y regularidad, como se observa a partir de 1965.

Entre los cuadernos posteriores a 1960, hay uno que lleva por título «Resúmenes de varios diarios, 1962-1964». Es el cuaderno en el cual, a su regreso de París en marzo de 1964, Pizarnik empezó a copiar, reescribiéndolos, los cuadernos que había escrito durante su estancia en esta ciudad. Este cuaderno y los textos mecanografiados correspondientes a este período son muy importantes, pues dan cuenta de su método de escritura y revelan las intenciones predominantemente literarias de Alejandra como diarista. (BECCIÚ *in* PIZARNIK, 2021, s/p).

---

13 Cursé el Seminario de Literatura Contemporánea con Enrique Pezzoni en el Instituto Nacional del Profesorado “Joaquín V. González” en los años 1978 y 1979 como alumna oyente y en 1980 como regular. Una de las invitadas era Josefina Ludmer, entre otros y Delfina Muschietti su ayudante. Nos acercó a Silvia Molloy.

Podríamos además, recorrer los escritos por los senderos de los elementos paratextuales (las citas, los epígrafes, las dedicatorias, las diferentes tipografías, los espacios en blanco, los índices, los dibujos). Observemos por ejemplo, el índice:

**La jaula**

**Fiesta en el vacío**

**La danza inmóvil**

**Tiempo**

a Olga Orozco (1920-1999)

**Hija del viento**

**La única herida**

**Exilio**

a Raúl Gustavo Aguirre (1927-1983)

**Artes invisibles**

**La caída**

**Cenizas**

**Azul**

**La noche**

**Nada**

**El miedo**

**Origen**

**La luz caída de la noche**

**Peregrinaje**

a Elizabeth Azcona Cranwell (1933-2004)

**La carencia**

**El despertar**

a León Ostrov (1909-1986)

**Mucho más allá**

**El ausente**

**Desde esta orilla**

a W. Blake (1757-1827) - quien concibe la poesía y artes visuales como dos medios inseparables de un mismo esfuerzo espiritual o integral.

### ***Las ausencias y el silencio***

El lenguaje, ese instrumento inacabado, a veces vacío, inasible y siempre insuficiente, abierto, es para Alejandra *sonido e imagen*.

A modo de respiro, se suceden en sus escritos versos y citas en diferentes idiomas, neologismos, pausas, repeticiones... Como si la lengua adquiriera en su cuerpo, en su boca y a través de su voz matices nuevos. Al decir de la propia Alejandra, prefería leer en “voz viva”, para percibir el misterio musical del lenguaje.

Quienes la conocieron y/o presenciaron sus exposiciones, resaltan el impacto hipnótico que causaba oírlos, su extraordinaria dicción, la modulación, los vaivenes en velocidades e intenciones.

Las palabras elegidas para ese cuerpo presente que es el poema, se disponen, suceden y fluyen en el espacio asignado en el que adquirirán una imagen concreta, con autonomía estética. En ella habitarán mundos perceptibles pero no tangibles, que dejarán atrás el mundo real en la intimidad de la evocación; mundos tal vez asociados a los recuerdos de la infancia, al estado de inocencia, a las identidades de la *tierra prometida*, al reposo como fin de la errancia.

Con una gran variedad de instrumentos y soportes, los representó en pizarras, paredes, papeles de todos los tamaños, en cartones y cajas, con lápices y lapiceras de diversos colores...siempre con una gran expectativa...siempre con la certeza de la decepción. Espacios por los que se deslizó su caligrafía pareja, pequeña, con rasgos cuidados, por ejemplo el rulo de la o final de palabra, las pancitas de las s, p, q y los ganchitos de las z y de las y. Caligrafía que podría remitirnos a un niño o niña en escolaridad primaria.

“La palabra que sana”

Esperando que un mundo sea desenterrado por el lenguaje, alguien canta el lugar en que se forma el silencio. Luego comprobará que no porque se muestre furioso existe el mar, ni tampoco el mundo. Por eso cada palabra dice lo que dice y además más y otra cosa.<sup>14</sup>

“En esta noche, en este mundo”

.....

no

las palabras

no hacen el amor

hacen la ausencia

si digo agua ¿beberé?

si digo pan ¿comeré?

.....

ninguna palabra es visible.<sup>15</sup>

El lenguaje evoca lo ausente y lo nombra. Tiene morada y cuerpo propio. El silencio es incapaz de enunciarlo, es lo no dicho, lo que queda después de....

---

14 PIZARNIK, Alejandra. Publicado en *El infierno musical*, 1971.

15 PIZARNIK, Alejandra. Publicado en La Gaceta del F.C.E. México, Nueva Época, Nro. 19, julio de 1972.

es la insinuación, lo poético, lo genuino y subversivo. El silencio es el lenguaje travestido, el que no se puede traducir:

“Llega un día en que la poesía se hace sin lenguaje, día en que se convocan los grandes y pequeños deseos diseminados en los versos, reunidos de súbito en dos ojos, los mismos que tanto alababa en la frenética ausencia de la página en blanco.”

“Enamorada de las palabras que crean noches pequeñas en lo increado del día y su vacío feroz”.<sup>16</sup>

En la portada del libro *Las aventuras perdidas* que Alejandra le obsequia a su amiga y compañera de estudios Elizabeth Azcona Cranwell, se inscribe una dedicatoria y en ella su propia voz que enuncia el resultado del proceso que transitaba:

*para Elizabeth, que sabe que las aventuras perdidas son:*

*una niña en busca de su nombre secreto*

*una muchacha corriendo detrás del amor*

*o, tal vez,*

*una mano blanca que toca el cielo –ya está llegando–*

*si no fuera por una palabra que lo impide. Por eso tú*

*pierdes las aventuras. Por eso yo las he perdido. Hemos perdido sin haber empezado.*

*Es que no hay comienzo. Ni fin. Sólo hay la palabra, la única palabra, la gran impedidora, la que nos encadena en una sed sin desenlace. No obstante, la única palabra por la que vale el vivir. Y ahora, Elizabeth,*

*PROHIBIDO OLVIDARSE*

*de*

*alejandra*

*25 de agosto de 1958*

La palabra no alcanza porque no es sólo representación sino también evocación, reminiscencia. La palabra es memoria, pasado y futuro. El presente es la Alejandra que escribe, lee, traduce, recita, canta, calla... A algunas las repite (a veces en un mismo texto, a veces en varios), las representa con diferentes tipografías, tamaños. Si las rastreáramos con la intención de relacionarlas por asociaciones semánticas, por ejemplo, reconoceríamos que la poesía de Alejandra fue construida como si fuera un edificio por el que cada uno de nosotros con cada lectura a 51 años de sus últimas líneas escritas, aún puede transitar de manera errante.

---

16 *Pequeños poemas en prosa*. Publicados en La Nación, Buenos Aires, el 21-III-1965.

## **ALEJANDRA PIZARNIK – A POESIA, ESSA VIAJANTE ERRANTE: PROIBIDO ESQUECER-SE DE ALEJANDRA**

**Resumo:** O presente trabalho partiu das seguintes questões: Quais foram os processos percorridos por Alejandra Pizarnik (Argentina, 1936-1972) na elaboração de seus escritos e quais foram os resultados? As buscas por respostas à primeira questão nos remetem a referências bibliográficas e/ou autobiográficas que compõem um vasto corpus. Para reconhecer as respostas à segunda questão devemos nos dirigir às leituras das obras. A partir de uma perspectiva sócio-histórica, nos debruçamos sobre os textos da primeira fase da produção poética, considerando que neles já aparecem marcas de estilo: Pizarnik converte sua linguagem interna em escritos nos quais reconhecerá o sentido das palavras, o sentido renovador dos escritos em diferentes línguas e, portanto, o sentido da própria vida, da existência humana. A linguagem interna consiste no ato de pensar com significados essenciais, é a linguagem do silêncio, intraduzível... ela flutua entre o pensamento e a palavra. Nessa contradição se gesta e nasce o nó da poesia de Alejandra e proponho continuar investigando em outras obras sobre essa dinâmica criativa.

**Palavras-chave:** Poesia e memória; Linguagem poética; Línguas maternas. La poesía

### **Referências**

BORDELOIS, Ivonne. *Correspondencia PIZARNIK*. 2da. Edición. Buenos Aires: Ed. Seix Barral, 1998.

CHITARRONI, Luis. Prólogo: Alejandra Pizarnik: la poesía como destino. In: PIZARNIK, Alejandra. *Diarios*. Nueva Edición de Ana Becciu. Buenos Aires: Lumen, 2022.

PEZZONI, Enrique. *El texto y sus voces*. Buenos Aires: Editora Eterna Cadencia, 2009.

PIZARNIK, Alejandra. *Las aventuras perdidas*. Buenos Aires: Editorial Altamar, 1958.

PIZARNIK, Alejandra. *Poemas*. Buenos Aires: Ediciones “equis”, 1960.

PIZARNIK, Alejandra. *Textos de sombra y últimos poemas*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1982.

PIZARNIK, Alejandra. *Poesía completa*. Edición a cargo de Ana Becciu. 12da. edición en Argentina. Buenos Aires: Ed. Lumen, 2015.

*Recebido em 30 de março de 2023*

*Aceito em 24 de maio de 2023*

# LA POESÍA DE LUIZ CORONEL<sup>1</sup>

María Ascensión Rivas Hernández<sup>2</sup>

**Resumen:** Este ensaio es un acercamiento a la obra poética de Luiz Coronel, un escritor brasileño nacido en Rio Grande do Sul y autor, asimismo, de relevantes libros en prosa. La poesía de Coronel es profundamente brasileña y recoge el sentir del escritor en versos fácilmente comprensibles por los lectores. Es, además, infancia y ternura, pero también amor carnal y dolor social, y nos invita a descubrir un mundo de sonidos y de vida bajo la luz de un domingo soleado, atemporal y abierto tanto a los placeres de la vida como a sus sinsabores.

**Palabras clave:** Luiz Coronel; poesía; comentario; temática

En la Primera de las *Cartas literarias a una mujer*, decía Bécquer que son las mujeres quienes mejor conocen a los poetas porque unas y otros miden la realidad por medio del sentimiento<sup>3</sup>. En su apreciación, Bécquer generaliza y seguramente se equivoca. Lo que quería, en realidad, era relacionar el eterno femenino con su concepto de la poesía, que para él se identifica con el sentimiento. También, dicho sea de paso, llamar la atención de una mujer que quizá le correspondía o quizá no.

En el caso del poeta Luiz Coronel, probablemente quien mejor lo conoce es otro poeta. Me refiero a Carlos Nejar.

En 2001, Nejar escribió un Prólogo hermosísimo y muy acertado para la antología *Concerto de Cordas* que tiene por título “Poesía de Domingo”. El texto comienza así: “A poesia brasileiríssima de Luiz Coronel é de um domingo ensolarado”<sup>4</sup>, y esas

---

1 El texto que se ofrece a continuación está vinculado al Grupo de Investigación Reconocido “ELBA” (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirijo en la Universidad de Salamanca.

2 Professora da Universidade de Salamanca (Espanha). Possui doutorado em Filologia pela Universidade de Salamanca (1992). Área de conhecimento: Estudos Literários, sobretudo, em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. E-mail : sisina@usal.es

3 M<sup>a</sup> Luisa Bruguera, *Textos clásicos de Teoría de la Literatura*, Madrid, Cátedra, 2005, pp. 199-201.

4 Carlos Nejar, “Poesía de domingo”. En Luiz Coronel: *Concerto de Cordas. Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Imago, 2011, pp. 9-12.

son, en efecto, las primeras sensaciones que tiene el lector, que se trata de una obra muy brasileña (curiosamente también universal, porque toca sentimientos humanos) y que sus poemas desprenden la luz de un domingo soleado. Yo añadiría un dato referido al tiempo o, al menos, esa es la impresión que inicialmente la lectura causó en mí: de un domingo soleado en un tiempo de infancia.

Además, como ya decía Nejar con absoluta razón, el verdadero poeta es aquel capaz de establecer una nueva conexión entre las palabras, otorgando un sentido inédito a lo cotidiano, provocando los límites entre el sueño y la realidad, entre la fantasía y la experiencia. Y esto es lo que sucede con la poesía de Luiz Coronel. Nos encontramos, por lo tanto, ante un verdadero poeta cuya poesía recuerda a un domingo soleado en tiempo de infancia.

Coronel nació en Bagé, un municipio de Rio Grande do Sul que se encuentra a orillas del río Camacué, cerca de la frontera con Uruguay, lugar que habitaron los jesuitas españoles a finales del siglo XVII. Se formó en Derecho y en Filosofía, ha sido magistrado y profesor, pero las profesiones de publicista, compositor y, sobre todo, escritor, se imponen sobre las demás. A lo largo de su vida, ha tenido una fuerte ligazón con la música popular, de modo que ha sido letrista de importantes autores gaúchos. Ha publicado más de 70 libros y su presencia constante en recitales de poesía, en periódicos y en la TV, han hecho de él un escritor de gran visibilidad en Brasil, sobre todo al sur del país.

Como señalaba líneas arriba, y por centrar el discurso en la faceta poética, Luiz Coronel es fundamentalmente poeta, y como tal ha publicado obras muy significativas, distinguidas por la crítica y aclamadas por otros escritores. Entre ellas, destacaría dos: *Concerto de Cordas* (2001), que es una antología indispensable para conocer su obra, y *Vou atar meu coração na cauda d'uma pandorga* (2014), hasta la fecha el último poemario del autor.

Pero Coronel, además, es autor de obras infantiles y de una serie de textos sobre la tradición campera recogidos bajo el título de *A Comédia Gaúcha*, que es un anecdotario popular sobre el mundo gaúcho; entre ellos destaca el celebrado *O Cavalo Verde*. Hay que citar también su colección de *Dicionários*, en los que trabaja un elevado número de profesionales, dedicados a escritores universales como Machado de Assis, Cervantes, Guimarães Rosa, García Márquez, Shakespeare, Fernando Pessoa, Clarice Lispector o Carlos Drummond de Andrade. Y también es significativo su libro de memorias *Um Cronista Inesperado*, en el que recoge situaciones de infancia, anécdotas y momentos de su vida con una sensibilidad extraordinaria, y en el que se revela como excelente cronista de un tiempo pasado que corre el riesgo de desaparecer en las nieblas del olvido. Coronel recuerda aquí desde el corazón, y lo hace con un humor que a veces es hilarante y que siempre deja una sonrisa en los labios del lector. Sirva como ejemplo el primer poema, que compuso cuando solo contaba siete años. En el texto se refleja la ternura de su corta edad y el esbozo de escritor que ya latía en él, lo que se observa en los juegos fónicos y en las estructuras paralelísticas que más tarde serán elemento

importante de su quehacer poético. El poema está dedicado a las piernas de su profesora y dice así:

As pernas da professora  
são ternas e eternas.  
São eternas e ternas  
as pernas da professora.

La poesía de Luiz Coronel no es excesivamente alambicada e intelectualizada, es decir, la suya no es una obra que nace para unos pocos iniciados. Pero tampoco puede ser calificada de simple. Es, más bien, una poesía de la experiencia cotidiana, que pone el acento en las cosas del día a día, en situaciones y circunstancias habituales del individuo, de su vida familiar, amorosa, de sus recuerdos, de lo que ve cuando pasea si tiene los ojos abiertos, de niños de la calle en actitud de adultos, de lo que hacen dos amantes cuando están solos, de la amistad, de la poesía, de las ciudades queridas, de los objetos domésticos, de las calles de la infancia, de la infancia misma, de los recuerdos o de la *saudade*. Y como corresponde a una escritura que trata estos temas, tiene importantes resonancias líricas.

Es, al tiempo, una poesía que retrata situaciones del alma humana y que lo hace a la luz del día, no bajo los velos de la oscuridad, mostrando al tiempo el estado del corazón del individuo. Un individuo, por lo general, no triste, a pesar de las amarguras de la vida, sino más bien esperanzado porque es capaz de encontrar el lado bueno que tiene cualquier circunstancia, por difícil que sea. Además, la suya es una poesía que se hace preguntas sobre la realidad ordinaria, exponiendo los problemas con los que nos encontramos, ofreciendo para cada cuadro que dibuja diferentes puntos de vista que consiguen hacer de ellos cuadros distintos. En muchos poemas sitúa cada trance al margen, o más allá, de lo esperado, desautomatizando las situaciones y haciendo decir a esas situaciones y al lenguaje que las sustenta no lo que se espera de ellos, sino una suerte de extrañamiento, como propugnaban los formalistas rusos. Por todo ello, además, no sorprende que Luiz Coronel tenga un amplio espectro de interlocutores. Él sabe cómo llegar a ellos y decirles las cosas que les interesa escuchar, y sabe hacerlo, además, para que le entiendan.

Estoy de acuerdo con Carlos Nejar cuando clasifica la poesía de Luiz Coronel en cuatro grandes vertientes temáticas: los poemas sobre la pampa, las Misiones de los jesuitas y la bravura que se vive en las fronteras y en las zonas de combate; los poemas amorosos y eróticos; los textos de corte social entre los que abundan temas como la gente sin trabajo, los niños de la calle, las drogas y la falta de solidaridad; y los poemas que tratan sobre la memoria, el recuerdo del pasado, los familiares que ya no están y el mundo de la infancia.

He seleccionado algunos textos de los 3 últimos grupos temáticos porque sin duda son los más universales y, por lo tanto, los que pueden interesar más al lector. En todos ellos, además, se refleja muy bien la poética del autor.

De la última etapa señalada, son muy destacables dos poemas, uno dedicado al padre y otro a la madre, en los que se muestran las diferencias entre estas dos figuras esenciales en la vida de cada uno de nosotros:

### A MÃE

Mãe,  
peixe,

sim, peixe  
fui em teu aquário.

Pássaro implume  
em teu ninho.  
Cordeiro  
em teu estábulo.

Ah, esse aroma de favos  
de teu colo,  
incenso em minha infância...

A Grande Fada  
transforma em riso  
o grito,  
descoberta do mundo  
Mãe é flor na sala,  
lençóis limpos  
e mesa pronta.

A mãe batiza os objetos.  
A jarra de água fresca,  
as toalhas.  
O termômetro.

A mãe espera  
até que a aurora  
entregue o pão e o leite  
no portal.

Eis a mãe,  
com seus presságios  
e sobremesas...

Eis o filho,  
guardião de uma esperança de amor  
protegida à sete chaves  
lá, onde residem  
as mais cálidas lembranças  
e os máis ásperos segredos...

De la figura de la madre, depositaria de la estabilidad de la vida familiar, se distingue una relación interna con el hijo, que como un pez en su acuario bucea en el interior de ella cuando los dos eran uno. La madre es el aroma de la infancia, el hada de la risa, la que descubre la realidad y la nombra (con lo importante que es presentar las cosas y darles nombre), la ropa limpia, el orden del mundo, la que alimenta y se preocupa de que todo esté listo, sin importarle el sacrificio que tenga que hacer para ello. La madre es, ante todo, origen, generosidad, alegría y amor sin fronteras.

## **O PAI**

Nossa mão pequena  
em sua mão  
semente no fruto  
ou fruta em seu cacho.

Nossos brinquedos  
cabiam em seus sapatos.

O pai tem gestos brandos  
e olhar incisivo.

Quando o pai sorri,  
o sol se impõe  
sobre a neblina.

O pai não teme a treva  
nem os barulhos  
do pátio.

Na ausência do pai,  
as portas  
têm tramelas.

O pai é o pai,  
O pão e o vinho  
na cabeceira da mesa.

Com a camisa suada  
regressa o pai  
com seus humildes presentes.

Um dia nossas mãos  
sustentam o corpo do pai  
que viaja sem malas  
ou regresso.

Só nos resta  
tomar a mão de nossos filhos  
e seguir  
a trilha curva do tempo.

Frente a la madre, el padre es una figura grande, de mirar incisivo, mezcla de dureza y suavidad, capaz de borrar la niebla con su sonrisa, el que no teme a nada, pero puede estar ausente, el que dirige la vida, casi sin hablar, el que trabaja fuera de la casa y regresa humilde con el fruto de su sudor. El final del poema revela el sentido circular de la vida, y las mismas manos que sujetan el cuerpo del padre que muere son las que ayudan a los hijos a continuar, ya que ellos harán lo mismo tiempo después, con lo que se cumplirá el sentido en el que están hechas las cosas. Nótese que es en el poema del padre en el que se dice que las manos del hijo son

las que sustentan en el momento final. Esto no se dice de la madre, que parece todopoderosa, capaz por sí misma de sostenerse, si hiciera falta.

Dentro de los poemas de corte social, resulta interesante un texto muy celebrado de Coronel. Se titula “Menino da sinaleira” y en él se recoge una situación que se da en las grandes ciudades de Brasil, pero también en las de cualquier otro país del mundo. Por desgracia, la imagen es de sobra conocida:

### **MENINO DA SINALEIRA**

Há um menino  
na sinaleira.

A idade se conta  
nos dedos das mãos.

(E sobram dedos  
para apontar os culpados).

O menino  
tem um tribunal às costas  
e um shopping pela frente.

Noite alta  
o pisca-pisca amarelo  
libera o menino.

Teríamos prantos  
de lavar o pára-brisa  
fosse um só menino  
na sinaleira.

Em todas as sinaleiras  
há um menino.

O coração petrifica-se.

O menino quer comprar  
pão,  
leite  
e cola para cheirar.

Passam doutos  
e preclaros.

Telefonia celular  
e som digital.

E todos sabem  
que não há sinal/verde  
para este país  
enquanto houver  
um menino na sinaleira.

El niño del semáforo vive inmerso en un mundo culpable que se ha desentendido de su infancia y de sus necesidades. La vida continúa al margen de él, con sus organismos públicos (el “tribunal”) y sus espacios sociales (el “shopping”), donde la gente entra y sale sin reparar en su figura, que espera al lado del semáforo, invisible para el resto de la sociedad. Si ya es terrible que haya un solo niño en un semáforo, el problema alcanza proporciones descomunales cuando descubrimos que los desasistidos se multiplican como los semáforos en las ciudades. Por eso el corazón se petrifica. Nótese que lo que el niño quiere comprar es pan y leche, que son los alimentos que debería darle su madre, como sucede en el poema dedicado a ella. Pero además, y por si fuera pequeño el problema de no tener una madre que le cuide, este niño, ajeno y perdido en el mundo, también quiere comprar “cola para esnifar”. Es ahora cuando la crítica social se intensifica y revela la crueldad y la injusticia de la situación. Mientras tanto, la vida sigue indiferente, y al lado del niño pasan “doutos e preclaros”, que se relacionan con el tribunal del verso anterior. También telefonía móvil y sonidos digitales, que de nuevo traen al texto la realidad consumista vinculada al centro comercial citado en un verso anterior, mundos ambos extraños a la situación del niño.

La última estrofa del poema universaliza la escena dibujada y desplaza el problema desde el niño y la sociedad en general hacia el país concreto. La situación, por lo tanto, se describe en el texto desde una triple perspectiva: la del muchacho, la de la sociedad que vive ajena a él y la de un país que no podrá avanzar realmente mientras haya un niño que mendiga en un semáforo.

Los poemas amorosos y eróticos de Coronel son de los más significativos de su amplísimo repertorio. Veamos este, titulado “Locação”:

### LOCAÇÃO

Percorro as dependências de teu corpo  
que sei amplo, claro e disponível.  
Dos andaimes de teu dorso é suscetível  
de seres vista em tuas saliências e declives.

A claraboia dos cabelos te ilumina  
bastasse, embora o teu riso para tanto.  
No aconchego de teus íntimos recantos,  
há um cómodo convite de demora.

Tuas vestes lembram bem um arvoredor  
e teu silêncio externo não diz nada  
dessa alegria que tens, quando morada  
do amado tu te tornas. E então te despes.

Como sucede en este texto, en la poesía de Luiz Coronel el cuerpo de la mujer es a menudo una especie de ciudad conocida que el sujeto lírico transita con calma, y en la que se siente acogido, como en casa. El cuerpo femenino es, así, un espacio que el sujeto lírico comprende y en el que es comprendido, un lugar donde a menudo sobran las palabras. Aquí, además, el cuerpo amado está abierto a recibir las caricias, es “amplo, claro e disponível”, e invita a ir con placidez, a demorarse, a permanecer tranquilo en los afectos y a disfrutar del momento.

Frente al silencio externo del principio, además, en la segunda estrofa se sitúa la risa y la alegría del apogeo amoroso, cuando el cuerpo muestra su disponibilidad para el amado y se torna morada suya. Pero todavía no ha comenzado el juego definitivo, porque es entonces cuando ella se desviste. El poema, como sucede en tantas otras creaciones de Coronel, da un vuelco final, porque cuando pensamos que se ha llegado al clímax del éxtasis amoroso, es cuando percibimos que en realidad la situación no ha hecho más que empezar, que es ese el momento en el que la amada empieza a quitarse la ropa.

Otro texto significativo de esta temática es el titulado “O beijo”, que difiere de los que hemos visto hasta este momento. En él, los versos son muy breves, las palabras muy sonoras y todo en ellos es significativo.

## O BEIJO

O beijo  
é ignição.

Chama,  
Enquanto paixão.

Se o beijo some,  
resta o fome.

Ou seja:  
só se beija  
quando ama  
ou deseja.

Se o beijo  
não estala,  
o coração  
cala.

Como se puede observar, los términos que en el poema se relacionan con “beijo” pertenecen al campo semántico del fuego, que, como se sabe, es una metáfora muy utilizada en poesía para representar la pasión amorosa: “ignição”, “chama”, “paixão”.

En la segunda estrofa observamos un juego de palabras entre los verbos “sumar” y “restar”, que tienen un tinte infantil porque recuerdan nuestras primeras clases de matemáticas, cuando de niños aprendíamos las reglas básicas. La pasión, entonces, se enternece aquí porque se torna, en parte, candorosa e ingenua, o al menos hace referencia a un tiempo de sentimientos no adultos. Aunque también mantiene viva la pasión, que se refleja en el hambre, que es hambre del cuerpo del otro, deseo carnal del otro. Esto queda claro en la cuarta estrofa, cuyo carácter es fundamentalmente explicativo: Ou seja: / só se beija / quando ama / ou deseja.

La última estrofa enlaza directamente con las 3 primeras: se habla de un beso que estalla (que no estalla en realidad), término que recuerda a las palabras utilizadas al principio para subrayar la pasión amorosa. “Estala” enlaza con “ignição”, “chama” y “paixão”, pero al mismo tiempo, se relaciona con “coração” por el color (todos los términos connotan el color rojo), y porque el corazón es el lugar en el que estalla la pasión.

Sin embargo, si el beso no estalla, es decir, si no sucede, se queda dentro y el corazón se queda mudo, mudo de pena y de amor interior que resulta abortado, sin pronunciarse, sin salir de donde debería para proclamarse a los cuatro vientos y ser.

La poesía de Coronel, que es infancia y ternura -pero también amor carnal y dolor social- nos invita a descubrir un mundo de sonoridades y de vida bajo la luz de un domingo -de “um domingo ensolarado”- atemporal ya, abierto a los placeres y sinsabores de la vida. Es, como afirma Carlos Nejar (2011: 9), una obra para ser leída, para tenerla cerca y apta para “passar de ouvido em ouvido como um conselho necessário”, es decir, una obra para tenerla cerca de las manos y del corazón.

## **A POESIA DE LUIZ CORONEL**

**Resumo:** Este ensaio é uma aproximação à obra poética de Luiz Coronel, escritor brasileiro nascido no Rio Grande do Sul e igualmente autor de importantes livros de prosa. A poesia de Coronel é profundamente brasileira e capta os sentimentos do escritor em versos de fácil compreensão para os leitores. Ao mesmo tempo é infância e ternura, mas também amor carnal e dor social, e nos convida a descobrir um mundo de sons e de vida sob a luz de um domingo ensolarado, atemporal e aberto tanto aos prazeres quanto às dores da vida.

**Palavras-chave:** Luiz Coronel; poesia; comentário; temática.

## **Referências**

BÉCQUER, Gustavo Adolfo. *Cartas literarias a una mujer*. E-Bookarama, 2022.

BRUGUERA, Maria Luisa. *Textos clásicos de Teoría de la Literatura*. Madrid: Cátedra, 2005. p. 199-201.

CORONEL, Luiz, *Concerto de Cordas: Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

CORONEL, Luiz. *Vou atar meu coração na cauda d'uma pandorga*. Santa Cruz do Sul (RS): Editora Gazeta, 2014.

NEJAR, Carlos. Poesia de domingo (Prólogo). In: NEJAR, Carlos. *Luiz Coronel: Concerto de Cordas*. Antologia Poética. Rio de Janeiro: Imago, 2011. p. 9-12.

*Recebido em 05 de fevereiro de 2023*

*Aceito em 11 de abril de 2023*